



Lorena de Macedo

Uma
Janela

no
Tempo

Iterata

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Copyright ©2014 – Todos os direitos reservados

Revisão: Alexander Dias Siqueira Imagem de Capa: Kinga Britschgi
Arte de capa e ilustrações: Renato Klisman Diagramação: Gisele G.
Garcia (Studio Sanardi)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lorena de Macedo

Uma janela no tempo -- 1. ed. - Praia Grande, SP: Editora Literata,
2014.

CDD

ISBN:

Todos direitos desta edição reservados à: Editora LITERATA
Rua Jundiá - Boqueirão - Praia Grande - São Paulo

Impresso no Brasil pela Editora Literata –
<http://www.editoraliterata.com.br>

O tempo é o melhor autor. Sempre encontra um final perfeito. Charles Chaplin Para Alexander e Alcione. Sempre haverá uma boia ao mar para cada um de vocês.

Em 1933, por conta de sua origem judaica e postura pacifista, soldados nazistas revistaram o apartamento do cientista Albert Einstein em Berlim, na Alemanha, supostamente à procura de documentos sub- versivos e pistas de experimentos secretos com potencial bélico. Mas Einstein se antecipou ao golpe que lhe desvelou aquele que deveria ser o mais sagrado refúgio de um homem, transferindo clandestinamente para a embaixada da França todos os documentos de importância relevante. Contudo, a verdadeira motivação que impeliu a desvairada e mal sucedida operação de devassa, consistia na busca e apreensão de um objeto relegado aos cuidados de outro estudioso pouco conhecido no cenário mundial, mas que passou a carregar consigo a chave para o passado.

O objeto de desejo dos nazistas nunca saiu da Alemanha, até o final de 1945 quando, por obra do destino, ou simplesmente por conta do apelo do sangue que seu guardião carregava nas veias, foi levado para o Brasil pelo cientista que ajudou a criá-lo e o protegeu da cobiça cega, mas que não viveu o suficiente para desfrutar de seus encantos.

Prólogo

Lulu havia parado de chorar, e seus pequenos olhos de jabuti - caba fitaram a mãe, bem abertos e receptivos à explicação desejada. Carmélia suspirou mais uma vez enquanto tentava resgatar alguma coisa das aulas de catecismo que tivera na adolescência. Lembrou-se rapidamente dos vestidos rodados que usava na missa de domingo e de como os garotos da paróquia adoravam brincar de bolinhas de gude bem perto de onde as moças se reuniam para conversar, a fim de que a inocente brincadeira de criança servisse de subterfúgio para investidas de ordem hormonal. O conteúdo que se escondia por debaixo das saias das mulheres era tema de indubitável interesse entre os exemplares do sexo masculino ainda em fase de formação.

— Deus tem um plano para todos os seres. — Começou a mãe, tentando dar à filha uma explicação que aplacasse a tristeza sentida pela morte de Solitário, seu peixinho dourado. — Cada um de nós vem ao mundo com um objetivo. E quando acabamos de fazer o que nos foi determinado, Deus nos chama de volta, para ficar ao seu lado.

— Deus não gosta de ficar sozinho. — Afirmou Lulu.

— Não querida. Ele não gosta. Por isso é que se cerca de anjos de todos os tipos, formas e cores.

A pequenina franziu a testa em sinal de confusão.

— Solitário virou anjo?

— Isso só você pode me dizer. — Carmélia desistira de ressuscitar os ensinamentos religiosos de renomada cátedra, pronunciados pausadamente por um clérigo mumificado que insistia em começar seu discurso dominical com uma cacofonia de pigarros arrancados das profundezas de suas entranhas. Preferiu recorrer à intuição, que no seu caso, caminhava junto à fé.

— Solitário foi um bom amigo para você?

— Sim, mamãe. O melhor de todos os peixes. — Lulu abriu os braços e desenhou um arco no ar, pronunciando a frase com vagareza.

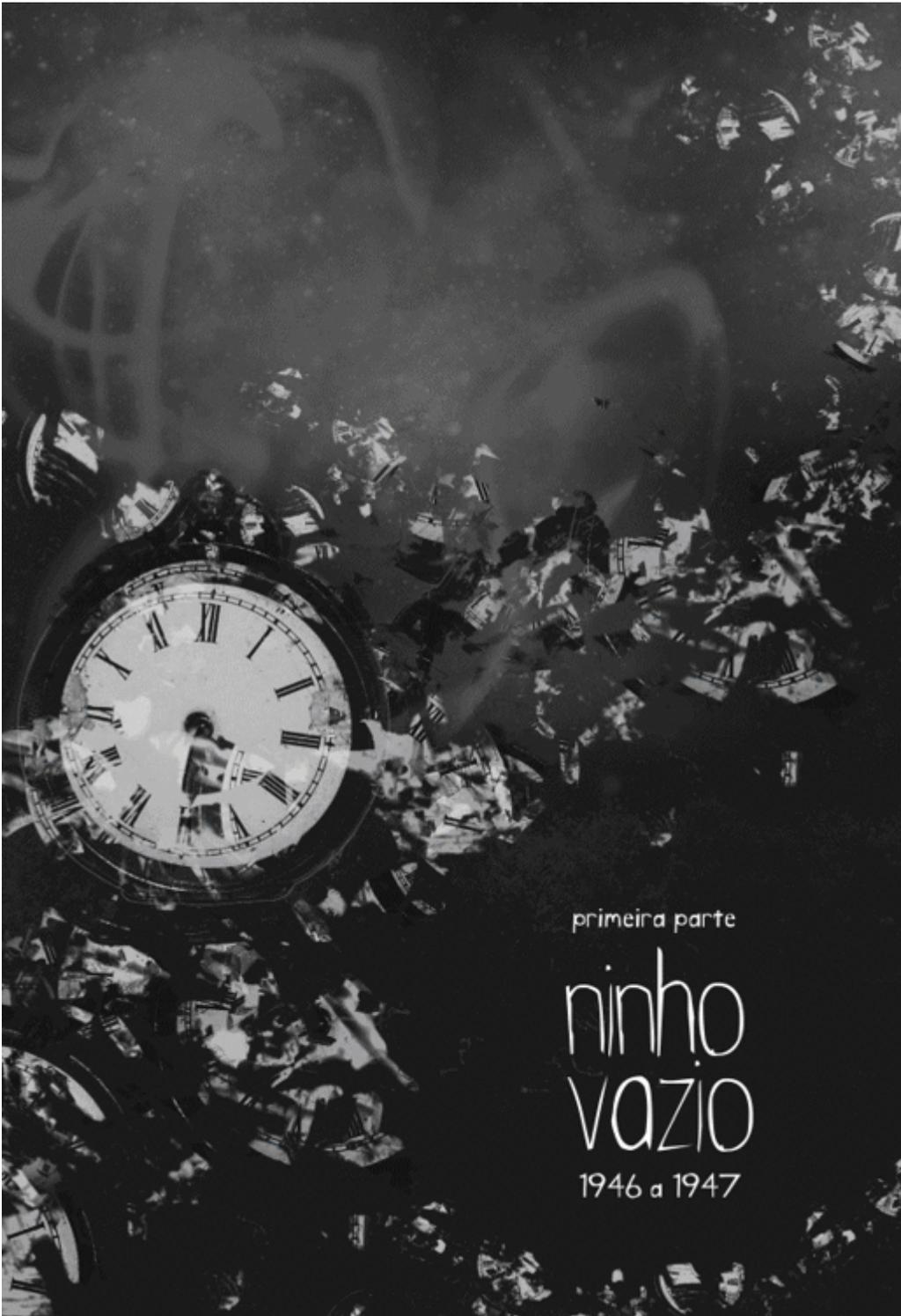
— Então agora Solitário virou um anjinho e está ao lado do Pai. E é assim que os anjos nascem, pequenininha. Se você se comportar bem em vida, se amar sua família e não fizer mal a ninguém, quando morrer Deus irá ao seu encontro e vai transformá-la em um lindo anjo de asas bem compridas e brilhantes.

Lulu ponderou por alguns segundos e depois soltou uma gargalhada sapeca.

— Um peixe de asas deve ser engraçado.

A mulher fitou aquele rostinho arredondado, enternecida pela doçura de seu comentário, e por um átimo enxergou a si mesma através daquele sorriso de janela.

— Muito engraçado, querida. Muito engraçado.



I

O verão daquele ano foi marcado por um temporal sem precedentes que mergulhou a cidade de Esplendor em uma limosidade perigosa. O lodo verdejante que crescia ao sabor da chuva espalhava-se pelos rejuntas enegrecidos dos velhos quintais, convidando ao tombo, distraídos e apressados. Em alguns pontos da cidade, as copas das árvores mais altas carregadas de orvalho e vida, pareciam abraçar-se acima dos fios elétricos, entrelaçando galhos para formar uma espécie de firmamento natural. Roupas de todos os tipos amanheciam nos varais, encharcadas e esquecidas, ou simplesmente abandonadas pela dona de casa que já não aguentava lidar com elas. Crianças eram mantidas em cativeiro, entregando-se a brincadeiras limitadas pelas paredes de seus lares em um entediante vagar de horas, enquanto as nuvens se desfaziam em água do outro lado da janela embaçada. O crepúsculo trazia a brisa que tremulava cortinas e todas as noites, a temperatura caía uns bons graus.

Sentado no assoalho do corredor que dava para os quartos, Daniel rodopiava um pião de madeira, insatisfeito com a determinação de sua mãe depois da última escapada que lhe rendera pegadas lamacentas no piso da cozinha.

— Rapazinho! — Carmélia chamou pelo filho assim que avistou a prova inequívoca de sua desobediência. — Você não me escuta mesmo. Já lhe disse mil vezes que não lhe quero lá fora nessa chuva, Dani!

Daniel tentou disfarçar, afirmando que não havia saído do quintal, mas Carmélia sabia que o filho costumava se aventurar na floresta que circundava o bairro onde moravam pelo lado leste, com trilhas bem próximas ao antigo palacete dos Pope. Uma imponente construção em estilo eclético com traços provenientes do

renascentismo italiano e que fora projetada no início do século XX para ser a residência da família Vander Pope. Carmélia bufou impaciente enquanto pensava no castigo que daria ao filho. Contudo, a mãe sabia que não havia flagelo maior do que a reclusa infringida a ele pelo temporal que o impedia de sair de casa. Sua bicicleta juntava poeira na garagem e os brinquedos guardados no baú ao pé da cama já não lhe distraíam com a mesma satisfação. Carmélia encarou Daniel por alguns segundos e depois buscou a filha com os olhos. Lulu estava sentada em uma das cadeiras que compunham a mesa de uma pequena copa comumente utilizada pela família para as refeições do dia-a-dia. A mãe colocara uma almofada no assento para que a garotinha ficasse mais alta e pudesse alcançar melhor a tigela de mingau. Ela balançava as perninhas protegidas por uma fina meia-calça de cor opaca, e dos cabelos trançados pendiam fitas coloridas. Ao seu lado, a boneca de pano que ganhara da avó em seu último aniversário aguardava pacientemente até que terminasse de comer. Lulu sorriu para o irmão, enrugando o nariz e ocupando a boca com uma generosa colherada de mingau de milho verde.

— Você já está sendo castigado pela chuva, não é mesmo? — Constatou Carmélia ao perceber que o filho não se importava com a censura que a mãe pudesse lhe impor, pois sabia que nada poderia ser pior do que passar o dia enfurnado dentro do casarão. Por fim, a mãe resolveu relevar a escapadela, mas foi enfática ao lembrá-lo de que o mesmo estava proibido de se aventurar fora de casa até que o período chuvoso se abrandasse. Afinal de contas, não era prudente brincar na floresta em meio a um temporal, com rajadas de vento que seriam capazes de derrubar árvores e carregar em seus redemoinhos meninos desobedientes e fujões.

O garoto estava tão entediado que não se deu conta do trajeto desenhado pelo pião em seu último rodopio antes de despencar escada a baixo. O brinquedo chegou ao chão com tamanha violência que o barulho provocado pelo choque na madeira abafou as primeiras batidas na porta de entrada.

— Aí! — Daniel franziu o cenho e levou as mãos à cabeça em um gesto de lamentação pela perda do brinquedo. Lá fora um estrondo rai- voso rasgou o céu amarelado, e novas batidas chamaram-lhe atenção.

Daniel desceu as escadas rapidamente, vencendo os últimos degraus com um salto que o impulsionou diretamente para o rol de entrada. Carmélia estava ajudando a caçula a tomar banho e não se deu conta de que alguém havia chegado. Lulu pairou as mãos em conchas abaixo da torneira acobreada para reter um pouco de água quente. Queria lavar sua boneca de pano a todo custo. Mas com jeitinho, a mãe demoveu-lhe da ideia enquanto esfregava suas costas.

Os vitrais filigranados que adornavam o portal de madeira escura tremularam ao som de mais uma saraivada de descargas elétricas. O garoto teve a impressão de que o homem que o escrutava com olhos ejetados estava sendo anunciado pela trovoada. Daniel engoliu em seco no momento em que se deparou com a figura de quase dois metros de altura parada no umbral. Um homem esguio, de ossatura larga. Trajava um paletó de gabardina bem gasto, um colete de linho em um tom mais escuro que o paletó e calças de alfaiataria. Para completar, um cache- col xadrez de matizes amareladas envolvia seu pescoço em uma volta, com pontas desfiadas caindo abaixo da cintura. Os sapatos de bico arredondado estavam sujos de musgo e restolhos de relva, aparentando uma recente caminhada pela floresta. A mão direita estava parcialmente encoberta por uma faixa de tecido encardida que ocultava um ferimento. Com a outra mão, o homem segurava uma valise de couro claro. Os olhos curiosos do garoto foram atraídos imediatamente para o rosto daquela figura estranha. Daniel reparou em sua vasta cabeleira, mesclada por fios castanhos e prateados, e nas grossas costeletas que pareciam pesadas demais para o rosto fino. Um ossinho destacava-se do nariz proeminente. Um desvio de nascença que não o incomodava. Seus olhos eram pequenos e vívidos, envoltos por linhas de expressão bem marcadas

que ajudavam a contar sua história de vida, ainda que por força de circunstâncias alheias à sua vontade, ele não fizesse questão de revelá-la.

O homem pendeu a cabeça levemente para o lado e resolveu irromper o silêncio estabelecido entre ele e o garoto com algo mais do que o assobio da ventania preludiando a tempestade.

— Seu pai está em casa? — Perguntou a Daniel.

O garoto meneou a cabeça negativamente.

— O gato levou-lhe a língua? — Inquiriu-lhe o homem com uma pitada de zombaria.

— Não temos gatos em casa, senhor. — Daniel surpreendeu-o ao responder de forma tão espirituosa.

O homem deixou que um discreto sorriso escapasse pelo canto da boca.

Daniel quis sorrir em resposta, mas o incômodo daquela presença totalmente desconhecida o impedia de agir com naturalidade.

Certa vez seu pai lhe dissera que estranhos devem ser tratados com estranheza até que se tornem suficientemente conhecidos. Daniel ainda

não sabia, mas aquele homem, cujos olhos focavam-se nele como se não houvesse mais nada a ser visto, aquela figura desgrenhada e que

fora dada como morta por seu pai há alguns anos, fazia parte da história de sua família.

— Querido... — Carmélia foi ao encontro do filho enquanto lulu esperava no alto da escada, envolvida por um roupão de mangas compridas com delicados adornos bordados nos punhos e na bainha, arrematando a peça. A mãe colocou-se entre o homem e Daniel, enca-

rando a figura com desconfiança e receio.

— Em que posso ajudar? — Perguntou Carmélia.

— Ele está procurando por papai. — Daniel adiantou-se na

resposta.

— Ergueria uma das mãos para cumprimentá-la se pudesse. Mas como pode ver — o estranho levantou a palma da mão direita para evidenciar o ferimento encoberto —, estou machucado.

Os olhos de Carmélia foram atraídos rapidamente para valise que o homem trazia junto ao corpo. O estranho apertou com mais força a alça da maleta.

A valise será entregue somente ao meu sobrinho, e a mais ninguém

— Pensou ele, e o objeto que jazia no acolchoado do forro de cetim, oculto pelo couro trabalhado em relevos disformes, pareceu duplicar de tamanho.

— Meu marido não está em casa.

O homem pigarreou.

— Meu nome é Erick Vander Pope, e acredito que a senhora já tenha ouvido falar de mim.

Carmélia arqueou as sobrancelhas e aguçou os sentidos para digerir melhor o que acabara de escutar. Daniel, que se mantinha a um

passo atrás da mãe, estreitou os olhos quando o sobrenome de sua família foi mencionado. Carmélia não o conhecia, mas certamente já ouvira falar dele. Seu marido lhe contara algo a respeito do irmão mais

novo de seu pai que, ao completar dezoito anos, fora enviado pelos pais para estudar em Portugal. Mas o curioso, o que a fizera reagir com certo espanto quando o homem se apresentou, era o fato de que

a família Pope pensava que Erick estava morto. Morto pelos alemães durante a guerra.

— Senhor Pope... — Carmélia deu um passo à frente e abraçou o homem. Os que a conheciam intimamente não se surpreenderiam com

a cordialidade que expressara de forma tão espontânea. O abraço não

durou mais que uns segundos, mas foi o suficiente para relaxar alguns

músculos tensionados pelos percalços da viagem empreendida pelo tio de seu marido. Carmélia teve que ficar na ponta dos pés para alcançar os ombros de Erick. Sua pele cheirava a suor e relva molhada. — Venha. Vamos entrar. — Convidou-o prontamente, abrindo caminho para que o mesmo entrasse em sua casa. Erick Pope relaxou os ombros e cruzou a soleira da porta com uma cautela estampada no esforço que fazia para delimitar seus gestos. Limites físicos e emocionais compunham-lhe o comportamento contido. Era preciso manter-se equilibrado ou tudo à sua volta poderia desabar. — O senhor não tem nada? Onde estão suas malas? — Inquiriu-o enquanto procurava junto à porta por algo que pudesse carregar para dentro. — Não seja indelicado, Dani. — A mãe repreendeu-o. Erick não respondeu de imediato à indagação de Daniel. Preferiu inspirar profundamente o aroma reconfortante que lhe arrebatou o sentido assim que a porta se fechou atrás de si. Cheiro de casa limpa, lareira crepitante e café fresco no bule de latão esmaltado. Lembranças da juventude vivida naquele lugar iam, pouco a pouco, destorcendo os parafusos imaginários que pareciam apertar-lhe o crânio. Lulu desceu as escadas, segurando no corrimão para não tropeçar na barra do roupão. Ela nunca havia se deparado com um homem tão alto e quando chegou bem perto de Erick, jogou sua cabeça para trás em um impulso exagerado. — Olá. — Lulu esticou uma das mãos parcialmente encoberta pela manga do roupão. Erick sorriu com surpresa e encarou aquela criaturinha tão pequena e faceira que se apresentara diante dele com

uma desenvoltura típica da idade.

— Como vai pequena *mädchen*? — O homem curvou-se e retribuiu a cortesia com os dedos da mão enfaixada. Erick não tivera filhos, e não estava acostumado a lidar com trejeitos infantis. Ele não se casou

e não saberia falar de amor caso fosse questionado. Provavelmente recitaria sonetos de Shakespeare, trechos eivados de saudade e súplicas, mas se questionado a falar de si mesmo, não haveria muito a

contar. A não ser que estivesse disposto a retirar alguns esqueletos de

seu armário pessoal e espanar a poeira que somente o passar do tempo

é capaz de acumular.

Lulu sorriu para ele e como era de costume, seu sorriso iluminou o ambiente. Pequenos lábios carmesins que pareciam desenhados em

fina seda perolada.

— Estes são meus filhos, Sr. Pope. Daniel e Lucinda. — Vejo que Alexander construiu uma bela família.

Carmélia meneou a cabeça em sinal de agradecimento. — Sente-se

aqui, vou lhe trazer um chá — A mulher ponderou

enquanto Erick acomodava-se em uma poltrona de tecido violáceo

junto à lareira —, ou talvez o senhor queira beber algo mais forte. —

Qualquer coisa quente.

Carmélia esfregou as mãos sem saber ao certo o que fazer.

Estava sozinha naquele casarão imenso, com dois filhos pequenos e um

homem amarrotado que alegava ser o irmão caçula de seu sogro.

Um

homem que todos julgavam ter morrido. Contudo, suas vestes puídas,

os sapatos lamacentos e o cabelo desgrenhado eram apenas aspectos

da aparência de alguém que não lhe parecia ser perigoso, mas apenas

solitário e desnorteado.

— Não trouxe nada comigo. — Erick finalmente respondeu ao que Daniel lhe perguntara.

Carmélia alcançou uma caneca de louça no armário à cima da pia e esperou até que o líquido encorpado atingisse o ponto certo. Desligou a chama do fogão e encheu a caneca com uma generosa porção de chocolate quente. Cogitou acrescentar um pouco de canela e raspas de chocolate, mas não sabia se Erick aprovaria o incremento. Ela estava confusa, mas não se arrependera de tê-lo deixado entrar, pois vira em seus olhos o mesmo verdor dos olhos de seu marido e filho, e isso fora o bastante para convencê-la. Alexander apaixonara-se pela singeleza impregnada na forma como Carmélia enxergava a vida e as pessoas à sua volta. Estava longe de ser simplória, apenas escolhera presumir a inocência e evitar julgamentos precipitados.

Daniel esquadrinhou a figura que se aquecia junto à lareira, um luxo totalmente dispensável ao clima da região, mas que fora acrescentado à planta original do casarão pelo arquiteto de origem européia, que se recusou a projetar um palacete de requintadas referências renascentistas sem que no mesmo houvesse lareiras e uma fonte no jardim. Reparou em seus dedos longos e magros e no ranger das juntas quando Erick os estralou. A valise fora colocada no chão entre as pernas. Erick apertou os olhos com força esperando que ao abri-los, um novo cenário se descortinasse à sua frente. Mas era inútil desejar qualquer tipo de manipulação da realidade, a menos que estivesse disposto a valer-se do objeto que trouxera na bolsa de couro.

— Do que o senhor a chamou? — Perguntou-lhe Daniel. O homem ergueu as sobrancelhas.

— Antes. O que o senhor disse para Lulu?

— *Mädchen*. Significa “moça”, em alemão.

— O senhor fala alemão? — Inquiriu-lhe o garoto.

— Sim — Erick respondeu calmamente e percebendo genuíno

interesse na pergunta que lhe fora dirigida, resolveu alongar-se —, e também sou fluente em inglês. Gosto muito de me aventurar na língua francesa, ainda que não leve jeito para biquinhos e suspiros. Mas não suporto o italiano e suas interjeições escandalosas.

Daniel não sabia o que *interjeição* significava, mas achou engraçada a resposta obtida.

O relógio de parede herdado dos pais soou dezenove horas, propagando o repique de badaladas arrastadas e anunciando a chegada de seu dono. Alexander pendurou o guarda-chuva preto em um dos ganchos da chapeleira talhada em peroba rosa e embelezada com arabescos trabalhados em ferro fundido, formando galhos, folhas e flores de tamanho desproporcional. Do vestíbulo parcamente iluminado, avistou uma figura de cotovelos ossudos, debruçada sobre o próprio colo em sua poltrona preferida. Um arrepio gélido e agourento cortou-lhe a espinha. O palacete estava mergulhado em um silêncio incomum. — *Onde estariam seus filhos? E o sorriso maroto de Carmélia?* — Dois passos involuntários em direção à sala para visualizar melhor a figura amparada pelo calor da lareira. Alexander percebeu logo que se tratava de um homem. Retirou o chapéu e garreou a aba com força. Teria sido apreensão o sentimento que o impelira amassar o chapéu entre as mãos, ou fora o tino para o que aconteceria a seguir? O homem moveuse alguns centímetros para a direita e os contornos de sua face foram delineados por uma luminosidade afogueada. Suas mãos trabalhavam rapidamente, os cotovelos apoiados nas coxas e a coluna descrevendo um arco sob o paletó puído.

Alexander alcançou a maçaneta de uma das duas gavetas que compunham um aparador de mogno e puxou com vagareza para evitar que o ranger da madeira denunciasse sua localização. Do interior da gaveta, retirou cuidadosamente um punhal tauxiado em prata e marfim, presente de casamento. Uma peça decorativa comumente utilizada para abrir envelopes de correspondência. Agradeceu intimamente à Carmélia por não tê-lo guardado em outro

lugar. Camuflou a arma branca sob o chapéu e preparou-se para interpelar o suposto visitante.

— Boa noite. — Alexander dirigiu-se ao homem com cautela. Ele estava certo de que não aguardava visitas e não entendia o porquê da ausência de sua família e da quietude da casa que, àquela hora costumava encher-se de movimento, com seus filhos recebendo-o na porta e sua esposa entremeando carinhos e repreendas por alguma peripécia infantil. Ele não hesitaria em valer-se do punhal caso fosse necessário.

O estranho endireitou a postura, inspirou uma grande quantidade de ar e ergueu-se da poltrona para encarar o sobrinho. Erick não tivera tempo para arquitetar um discurso que pudesse justificar a contento a ausência de notícias nos últimos anos.

— Usei o jornal de hoje para fazer a dobradura. Espero que não se importe. — Dizendo isso, Erick ofereceu ao sobrinho um sapo construído com o caderno de culinária do jornal local.

Alexander enrugou a testa e enrijeceu a postura. Ele não reconhecera de imediato o homem à sua frente, mas algo o fizera lembrar-se de seu pai já falecido. O estômago comprimiu-se em um espasmo de ansiedade.

— Olhe só para você. — Erick abandonou a distração feita de papel e examinou o sobrinho com saudosismo. — A última vez que nos vimos você era um rapazote afoito e desajeitado.

— Já nos conhecemos? Quem o recebeu à porta?

— Fui eu, querido. — Carmélia alcançou o interruptor e as luzes da sala de estar animaram a atmosfera sombreada — Estava lá em cima colocando as crianças na cama. — Um beijo cálido em uma das faces de Alexander amainou seu coração, mergulhado até então, em uma estranheza desagradável.

— Sua deslembração não me surpreende. Afinal, já se passaram quase vinte anos. — Erick desenrolou o cachecol de seu pescoço e

caminhou até o sobrinho. Largou o colarinho e retirou um fino cordão de ouro com uma plaquinha de igual metal que pendia de seus elos. Carregava-o consigo desde sempre.

— Sua avó me deu isso há tanto tempo que me parece ter sido em outra vida. — Erick indicou a Alexander a inscrição gravada no verso da medalhinha. Na outra face foram gravadas as iniciais de seu nome.

Sua Origem H.P e O.P

— Tio Erick? — Inquiriu-lhe o sobrinho, oscilando entre a desconfiança que ainda pairava espessa no ar, e o atordoamento infringido a quem se surpreende com algo totalmente inesperado. O homem apenas meneou a cabeça e sorriu de forma canhestra. Alexander mal percebeu quando Carmélia retirou os objetos de suas mãos, deixando-o livre para reagir como quisesse. Alexander apertou os braços de Erick com firmeza para certificar-se de que não estava diante de um espectro, mesmo não acreditando em fantasmas. O tio respondeu trazendo-o junto ao peito e ambos golpearam-se as costas gentilmente.

— Pensamos que estivesse morto. Como é possível? — Conduzi-os a isso e peço desculpas. — Erick suspirou profundamente, tentando dissimular a preocupação gravada nas rugas de seu rosto. — Tenho muito a dizer, mas não disponho das horas como gostaria. Há muito que não disponho de quase nada.

O homem sentou-se novamente na poltrona que vinha ocupando desde que chegara. O desalento pesava em seus ombros como sacos de cimento petrificados. Pairou os olhos sobre a palma da mão enfaixada, desejando averiguar o corte.

Carmélia e o marido entreolharam-se confusos. Por fim, a esposa resolveu deixá-los a sós com a desculpa de que precisava dar andamento ao jantar. Alexander assentiu com a cabeça, despiu-se do paletó e o entregou à esposa para que a mesma guardasse junto ao chapéu. O punhal voltou para gaveta de origem, imaculado e belo. Alexander ainda a deteve pelo braço antes que se afastasse e

sibilou receoso:

— Como saberemos se ele realmente é quem diz ser?

— Você não o reconhece?

— Meu pai foi enterrado com uma medalhinha idêntica à que nos mostrou — Alexander enviesou o olhar para as bandas do suposto tio —, mas já se passaram vinte anos! Além do mais, até ontem achá- vamos que estava morto.

— Conheço você a mais de dez anos e posso dizer que não mudou quase nada. — A esposa tentava banalizar a situação para não causar um alarde desnecessário — E quanto à suposta morte, só nos cabe a satisfação em saber que está vivo.

— Quero muito acreditar que estou diante do irmão mais novo de meu pai.

— Então acredite. — Carmélia lançou-lhe uma piscadela e desvencilhou-se de seu toque. — Estarei na cozinha se precisar de mim. Francisca está de folga hoje e Lacrimosa já se recolheu, pois não estava se sentindo muito bem.

— O que houve? — Alexander inquiriu com evidente preocupação, pois o estado de saúde da senhora que o criara como uma mãe desde o nascimento era algo valioso para ele.

— Dores de cabeça. Mas não se preocupe, pois eu já cuidei dela. Alexander liberou uma lufada de ar e entregou-se ao inevitável. Arregaçou as mangas da camisa na altura dos antebraços e acomodouse próximo a Erick, em uma banquetta de estofamento ocre e franjas douradas.

— Não tenho a intenção de assustá-lo, mas receio que o motivo de minha aparição repentina não seja o que você espera em seu íntimo.

— Erick iniciou a conversa depois de alguns minutos contem- plando a mão machucada.

— Confesso que estou atordoado.

— Há três anos você recebeu uma carta comunicando o falecimento de Erick Vander Pope em virtude de uma explosão ocorrida em um dos prédios da Universidade de Berlim. Correto?

— Sim.

— Eu enviei a carta.

— Como é? Você a enviou?

— Há tantas coisas que gostaria de lhe explicar sobrinho.

Alexander mordeu o lábio inferior. Enquanto trocavam as primeiras frases de uma conversa carregada de boas intenções, mas sem o menor prelúdio de como terminaria, uma figura curiosa os espreitava na penumbra, cuidando para que nem mesmo sua respiração pudesse denunciar a clandestinidade de sua presença.

— Não sei se será possível lhe contar em pormenores, com todas as vírgulas e interjeições que comumente nos transmitem sentimentos, mas tentarei não me desprender do que realmente importa. Subitamente, Erick apanhou a maleta do chão e colocou-a com cuidado em seu colo. Alexander não percebera a existência da valise até aquele momento. O tio pousou as mãos sobre o couro estriado acariciando o feche de metal. As pontas de seus dedos tremulantes contornavam o relevo dos bordados marchetados na couraça amarronzada.

— O senhor está bem? — A tremulação de Erick, ainda que esparsa e discreta, não passou despercebida ao sobrinho.

Mas o visitante ignorou a preocupação de seu anfitrião. Erick inspirou uma grande quantidade de ar e um segundo depois, seus olhos assumiram uma profundidade desconcertante. Pequenos olhos esverdeados, obtusos e misteriosos.

— Diga-me me uma coisa, sobrinho. O que você mudaria em sua vida se pudesse voltar no tempo e fazer de novo?

— Eu não penso muito sobre isso, já que não é possível reviver o passado. — Alexander engoliu em seco, pois suas palavras soaram inverídicas no momento em que as disse. Um pensamento lhe ocorreu de supetão, mas não se lembrou da autoria com o mesmo efeito. Sabia apenas que se tratava de uma frase que Carmélia gostava de repetir para evitar lamúrias relacionadas ao que não pode ser mudado

“O pretérito será sempre imperfeito aos olhos do descontente, que busca no futuro o que com frequência poderia viver no presente, se não fosse a cegueira de sua insatisfação”.

O tio voltou-se para a valise, destravou o feche e retirou de seu interior uma pequena caixa.

— Nenhum homem é suficientemente realizado, ou consciente de

suas limitações, ou completamente resignado perante as escolhas que fez na vida para ignorar a hipótese de que o passado, se manipulado, poderia transformar aspectos de sua realidade. Não que isso seja necessariamente uma coisa boa.

— Não estou dizendo que minha vida é perfeita... —, Alexander mal começou a argumentar e Erick o interrompeu avidamente.

— O que vou lhe mostrar é algo simples aos olhos, comum à compreensão primária, pois até mesmo uma criança sabe de sua utilidade. Contudo, você não será capaz de acreditar no engenho que beira a fantasia, a menos que o experimente. — Dizendo isso, Erick abriu a caixa e inclinou-se na direção de Alexander para mostrar-lhe seu conteúdo. Um relógio de pulso jazia inerte, incrustado em um nicho de cetim prateado.

Daniel recordou-se da última frase que ouvira da conversa entre seu pai e o tio na noite passada, antes de interromper a bisbilhotice por medo de ser flagrado pela mãe.

“Ele não anda para frente, e só é possível voltar ao que se viveu.”

O garoto não compreendeu muita coisa do que foi dito à meia luz, entre os protagonistas de um intrincado reencontro. Mas as palavras derradeiras ficaram gravadas em sua memória, como delicados bordados em tecido fino. Se ele não cuidasse da lembrança, repetindo sistematicamente a frase proferida por Erick até fixá-la nas profundezas de sua cabecinha juvenil, o contexto poderia desfazer-se em palavras desconexas, fragmentos de ideia, até que tudo não passasse de um borrão. Concluiu então, que o melhor seria escrever o que ouvira. Apanhou o caderno escolar, rasgou uma folha e registrou a frase.

Ao acordar no dia seguinte, depois de uma madrugada repleta de sonhos sem pé nem cabeça, o garoto sentiu-se estranhamente aliviado ao se certificar de que o papel dobrado em quatro partes e malocado dentro de uma meia encardida estava exatamente onde o deixara. Ele costumava guardar coisas em lugares inusitados e suas

meias eram constantemente utilizadas como esconderijo. Daniel não se preocupou em entender o porquê de seu interesse por aquela conversa. A curiosidade, sarna que atíça os sentidos, o motivou a levantar-se da cama, esgueirar-se pela escadaria, irrompendo degraus com um cuidado num antes empreendido. Daniel ouviu pouco, mas foi o suficiente para sedimentar o juízo que fizera de Erick Pope – o homem mais estranho que já conhecera.

Enquanto calçava os sapatos abotinados, o garoto desejou ardentemente que o dia que se desdobrava em coloridos halos de luz solar refratados pelo vidro da janela entreaberta pudesse lhe oferecer alguma aventura. Daniel desdobrou o papel e releu as palavras escritas com uma letra miúda que somente ele conseguia entender, mas cujos caracteres caligráficos que o acompanhariam por toda vida já começa- vam a tomar forma, e um detalhe lhe saltou aos olhos. Abaixo da frase registrada na noite anterior, havia um esboço de escrita. Uma letra deitada que ele não conhecia e que se esparramava por toda extensão do papel, delineando duas palavras curtas.

Não? — O garoto pronunciou a primeira palavra em tom duvi - doso. *Sssssaia...* — A segunda palavra foi mais difícil de compreender. Daniel investigou o papel, frente e verso. Não havia mais nada. *Não saia.* — Finalmente entendera o que o garrancho signifi- cava. Tateou a frase com a ponta do dedo indicador, detendo-se na voltinha do S grafada com peculiaridade. Uma força excessiva fora despendida para escrever tais palavras. O garoto não se preocupou em questionar a origem daquela frase, mesmo sabendo que ele não a escrevera. E mais, Daniel recordava-se com uma inquestionável lucidez, do momento exato em que arrancara uma folha em branco do caderno da escola, a fim de registrar a frase que ouvira Erick Pope dizer e que julgava de extrema importância. Se ele não estivesse tão excitado para desfrutar dos benefícios que a repentina mudança climática oferecia, talvez tivesse concluído que alguém entrara em seu quarto no meio da noite, descobrira o bilhete escondido em sua meia e escrevera nele uma frase aparentemente

sem sentido. Mas Daniel não se daria ao trabalho de raciocinar a esse respeito, trocando sua bicicleta e um dia inteiro de aventuras, por duas palavras tolas.

II

Um manto vaporoso e aconchegante espalhava-se timidamente pelas ruas de Esplendor, com lufadas de brisa morna que se desfaziam em carícias respeitosas. Há dias que não se via um céu tão limpo e convidativo a prometedoras conjecturas sobre o tempo e suas intem- péries como naquela manhã, que se apresentava completamente nua e vívida.

O inspetor Lancelin Honório Callado bebericou alguns goles do café que lhe fora servido com esmero pela proprietária do Café Flor de Liz, um estabelecimento em estilo colonial localizado ao pé de uma das muitas ladeiras que faziam do Bairro Lídice, uma região para os bem-dotados de fôlego e tônus muscular. Cármina Cruz ofereceu-lhe ainda, uma generosa porção de pão húngaro embebidos em leite con- densado, torradas de pão preto com geleia de morango, queijo fresco temperado e uma maçã envolvida em uma folha de jornal para servir de acalento quando a fome apertasse no meio da manhã. Cármina Cruz empenhava-se em adular o inspetor por motivos discretamente espe- culados pela maledicência alheia. Os cuidados restringiam-se ao que a mulher sabia fazer de melhor: cozinhar. Cármina era uma confeitadeira especializada em quitutes e miudezas incrementadas por caldas, cremes e todo tipo de mistura tentadora, que aguçava a saliva dos frequentadores do estabelecimento fundado originalmente pelo pai de seu falecido marido, como um empório de variedades. A invejada aptidão para seduzir pelo estômago transformara Cármina em uma profissional requisitada pelas famílias mais abastadas de Esplendor, cujas encomendas variavam desde o desjejum até a mais fabulosa mesa de doces oferecida em uma celebração qualquer. A confeitadeira entregava-se com satisfação ao trabalho que lhe rendia bons frutos, permitindo cuidar do filho único com dignidade. O fato que desencadeara em Cármina uma profunda gratidão em relação ao inspetor Callado, e

que servia de assunto para os esquecidos da própria vida, era mantido em segredo perpétuo. O teor dos acontecimentos que se desenrolaram entre a fada dos quitutes e floreios açucarados e um dos mais respeitados inspetores da Polícia Civil de Esplendor, era algo tão *cabeludo* que Cármina não se importava que destilassem, vez por outra, comentários viperinos a respeito de uma suposta relação de cunho carnal, já que preferia fechar os olhos para a esguelha dos curiosos a permitir que a verdade viesse à tona.

Lancelin Honório Callado recusou a comida, poupando apenas a maçã que fazia questão de levar consigo, apenas porque sabia que se não o fizesse, a confeitaria o recriminaria publicamente pela completa falta de zelo com a própria saúde. Forçou-se a ingerir mais um gole de café amargo, pois ainda que detestasse a combinação de muito pó e nada de açúcar, a mistura era a única coisa capaz de despertar seu intelecto àquela hora da manhã. Callado atentou-se para a parede oposta ao balcão em que se apoiava e ergueu as sobrancelhas em uma expressão de zombaria quando se deparou com três pequenos quadros dispostos um ao lado do outro. Eram fotos em preto e branco de Orlando Silva, Francisco Alves e Vicente Celestino, cantores do rádio que exibiam sorrisos pomposos e galanteadores. O primeiro, conhecido como o cantor das multidões, tinha os olhos fechados e uma aura apaixonada pelo microfone que brandia junto ao rosto. Pareciam enamorados. Callado tentou disfarçar o escárnio, contraindo os lábios para demonstrar que o café amargo corroía-lhe o paladar, mas Cármina percebeu um sorriso irônico atrás da xícara.

— Ainda é cedo para ironias. — A confeitaria lançou-lhe um olhar de esguelha enquanto servia a outro freguês uma chávena de leite morno.

— Como é? — Callado se fez de desentendido. — A senhora está falando comigo?

— E quem mais debocharia da minha decoração?

— Eu não me atreveria. — O inspetor sorriu de forma canhestra e se

preparou para deixar o Café.

— Não se esqueça de levar a maçã!

O inspetor Callado, fosse pela ironia semântica do sobrenome paterno, ou simplesmente pela carga de personalidade que trouxera consigo ao nascer, não ostentava uma oratória prodigiosa entre o rol de qualidades que o definia. Ele sabia fazer as perguntas certas e dar a elas uma interpretação adequada, a fim de que o novelo investigativo não lhe parecesse mais rocambolesco do que o estritamente necessário. Contudo, jogar conversa fora não lhe parecia um bom jeito de matar o tempo. Guardou a maçã no bolso do casaco de tweed, apanhou o chapéu sobre o balcão e despediu-se da confeitaria com uma piscadela. Lancelin Honório Callado, cujo prenome fora retirado de um romance espírita, franziu o cenho quando a claridade do dia abarcou-lhe a visão. Detendo-se por um instante em frente à porta do Café Flor de Liz, o inspetor reparou no movimento à sua volta. Olhou a esmo para os lados, esquadrinhando rostos conhecidos que o cumprimentavam com um meneio de cabeça. Um ônibus Bulldog recém-pintado de vermelho, assim chamado por conta da frente achatada, passou à sua direita na Avenida Pinheiros. Aqueles cuja fisionomia ele ainda não registrara em seu acervo mental, mas que o reconheciam sem pestanejar em virtude da notoriedade trazida pelo cargo que o mesmo ocupava, recebiam em troca um meio-sorriso enviesado. Mas o rosto que o encarou assim que deixou o Café há muito lhe era familiar, fosse pela peculiaridade de uma deficiência física que lhe rendera um apelido perpétuo e uma pequena cicatriz no canto de um dos olhos, ou simplesmente pela totalidade da figura cujos modos e vestimentas pareciam reforçar uma personalidade forjada a duras penas. Lacrimosa, como era conhecida a senhora que trabalhava no palacete dos Pope desde mocinha, dirigiu-lhe um rápido bom-dia. Callado respondeu-lhe da mesma forma, desejando intimamente que o dia não lhe apresentasse surpresas, pois o ânimo titânico que o impelia a aventurar-se por enredos desconhecidos em uma época pretérita, já não corria em suas veias com a mesma intensidade.

Carmélia sentou-se ao piano e deixou que seus dedos corressem desobrigados. Arriscou uma valsa de Pixinguinha, que de tanto ser executada, acabou caindo nas graças de Lulu. Uma borboleta amarela aventurou-se pela fresta de uma janela entreaberta e bamboleava ao redor da pequena *mädchen*. Lulu, por sua vez, cirandava ao embalo da melodia com sua boneca de pano a tira colo. Vestia um bolerinho rendado sobre o vestido de lã branco com fitas no barrado. Carmélia estava longe de ser uma exímia pianista, mas tocava o suficiente para agradar a família e fazer com que seu marido se recordasse de uma época em que seu coração agigantava-se dentro do peito com tamanha ferocidade que chegava a doer. A época em que se conheceram e se apaixonaram sem medo ou medida. Carmélia deteve-se por um instante ao perceber ao longe, o ruído de um rádio ligado. Francisca, uma jovem aspirante à cantora que trabalhava de copeira no palacete há pouco mais de um ano, rodopiava ao som de uma voz encorpada que lhe provocava arrepios enquanto suas coxas rechonchudas espremiavam o cabo de uma vassoura, tomada como par dançante. A jovem senhora sorriu ao entrever a silhueta levemente avantajada da copeira do outro lado do salão oval, onde o piano se encontrava, oscilando entre uma quebrada de quadril e a tarefa de varrer o chão. Contudo, Lulu não demorou a protestar e mãe tornou a dedilhar uma valsa.

Certa vez, durante uma das primeiras exposições de Carmélia depois de casados, Alexander dissera à esposa que a paixão pela música iniciara-se na infância, quando ainda era apenas uma criaturinha cambaleante que trançava as pernas e não dava mais do que dois ou três passos seguidos. Lacrimosa tocava para ele sempre que se encontravam sozinhos no palacete. Seu nome de batismo era Lúcia Cambré, mas um defeito congênito que afetou seu olho direito contribuiu de forma determinante para que lhe atribuíssem um apelido que jamais a abandonaria.

III

Lúcia Cambré existia apenas nos campos pontilhados de formulários e documentos meramente burocráticos e de pouca serventia quando se tratava de uma senhora solteira e sem familiares próximos. Lacrimosa veio ao mundo sob o piar agourento de um caburé de pelugem escura, que pousou no parapeito da janela do quartinho pouco iluminado e cheirando a mofo que seus pais alugavam em uma pensão de reputação duvidosa, localizada em um bairro pobre da periferia de Esplendor. Os moradores referiam-se ao lugar como a Vila dos Esquecidos, pois diziam que a pobreza material que os assolava impiedosamente só não era maior que a incapacidade de se fazerem notar. Deus se esquecera deles, e aqueles que se arraigavam do outro lado dos trilhos do trem, desafiando ladeiras com suas imponentes residências, fossem por conveniência ou simplesmente por indiferença, não se atreviam a reparar nas luzes salpicadas das velhas construções da Vila dos Esquecidos, que cutucavam a espessa neblina das noites mais frias ao mesmo tempo em que tentavam, sem grande sucesso, aquecer os corações dos que não eram lembrados.

O parto ocorreu em condições precárias e sob a supervisão de uma parteira da região acompanhada da dona da pensão, uma senhora corpulenta que vivia sempre com um lenço na cabeça para ocultar a perda de cabelo. Verônica, a mãe de Lacrimosa, faleceu horas depois de dar à luz em virtude de uma hemorragia que dificilmente poderia ser estancada ainda que a mesma recebesse cuidados adequados. O infortúnio foi atribuído ao piar fúnebre do caburé que bateu asas assim que o último sopro de vida se esvaiu da pobre mulher. Um médico que morava a poucos metros dali, em outra pensão de aspecto degradante, foi chamado para examinar a recém-nascida.

Dr. Quimeras, nome adotado quando de sua vinda para Vila dos Esquecidos, teve o diploma caçado anos antes, ao ser pego

contrabandeando drogas ilícitas para sustentar seu vício por morfina e outros atrativos. Ele passou anos dilapidando o patrimônio herdado dos pais, sem se dar conta de que estava aniquilando sua carreira e a vida que tinha pela frente, pois sua excursão ao universo dos narcóticos começou ainda na juventude. Banido do convívio social por aqueles que assistiram sua degradação, especialmente por seu irmão que se valeu de manobras legais para tomar o pouco que lhe restava do patrimônio herdado, Quimeras refugiou-se na Vila dos Esquecidos. Costumava vender o almoço para comprar o jantar e seus dias eram consumidos pelo martírio da fissura. Contudo, vez por outra, lampejos de consciência e lucidez lhe permitiam exercer a profissão que escolhera para si, ainda que de forma precária.

Os exames preliminares realizados em Lacrimosa não constataram qualquer defeito aparente. Antes de se retirar, Dr. Quimeras repassou ao pai da menina, instruções relacionadas à amamentação e outros cuidados. Mas ambos sabiam que o destino da recém-nascida era tão incerto quanto o paradeiro do caburé agourento. Fabiano Silvério, um homem embrutecido pelas mazelas de uma existência miserável, não titubeou quando percebeu o azedume do problema que a vida tentava lhe enfiar goela abaixo. Em um primeiro momento, Fabiano considerou a Roda dos Expostos do Convento de São Francisco das Chagas, um mecanismo de acolhimento de bebês enjeitados utilizado durante séculos. Mas depois de saber que o subterfúgio caíra em desuso há mais de cem anos, resolveu entregar a menina aos cuidados de uma tia de sua esposa. Lacrimosa não conheceu a mãe e foi renegada pelo pai com apenas alguns dias de vida.

Dália Cambré recebeu a sobrinha-neta em uma tarde de fina garoa. Envolta por uma manta encardida e com os pés desprotegidos, a menina parecia mais frágil que uma boneca de louça. O pai jamais voltou a vê-la. Deixou-lhe apenas uns tostões que mal deram para dois cueiros, e um xale de Tonquim, único objeto de valor que a mãe de Lacrimosa possuiu durante toda a vida e que fora encontrado esquecido em um quarto de hotel onde a mesma trabalhou como

camareira. Quando Dália perguntou do funeral da sobrinha, Fabiano respondeu apenas que contara com o assistencialismo da prefeitura municipal. A senhora quis saber ainda o nome da menina, mas Fabiano deu de ombros e disse-lhe que não havia lhe dado um nome porque não queria ter do que se lembrar.

A senhora trabalhava como governanta na casa de um *bon vivant*, que depois de se fartar exaustivamente dos mais variados prazeres mundanos, escolheu passar o tempo ensinando o que sabia fazer de melhor: tocar piano. Laudelino Palhardo recebeu uma herança que lhe permitira viver rodeado de regalos, e ele não se poupou de nada. Mas quando a idade chegou, e a saúde negligenciada começou a lhe cobrar a conta das noitadas e dos prazeres carnavais que muitos desejam, mas que poucos possuem coragem para admitir, Laudelino abandonou alguns hábitos, e os teclados do seu Romhildt Weimer, juntamente com os charutos Havana que aprendera a apreciar ainda na juventude e cuja degustação desencadeava tórridas lembranças de inquestionável censura, passaram a ser sua principal distração. A governanta da sumptuosa cobertura que Palhardo possuía na Avenida Pinheiros conhecia seu patrão o suficiente para saber que ele não se importaria com a presença de Lacrimosa. Laudelino apiedou-se da pequena órfã desde o primeiro instante e não ofereceu qualquer resistência. A menina representava o único vínculo familiar que ainda restava à governanta.

LORENA DE MACEDO

Nas duas semanas seguintes, a menina recebeu cuidados extremos. Laudelino fez questão de arcar com as despesas médicas e pediatras foram chamados para examinar Lacrimosa. Uma mãe de leite passou a dividir com Dália o pequeno quarto que a mesma ocupava nas dependências dos empregados. Laudelino Palhardo não mediu esforços para ajudar a cuidar da sobrinha-neta de Dália Cambré, pois possuía uma imensa gratidão pelo zelo com que fora tratado durante os quinze anos de convivência, e pelos préstimos

afiados que faziam de Dália uma cúmplice diária. Por sua vez, a governanta se esmerava para não deixar que as atribuições trazidas pela maternidade forçada, mas não menos desejada, prejudicassem as inúmeras tarefas desempenhadas diariamente no exercício da profissão. Um mês após sua chegada à cobertura de Palhardo, a menina foi diagnosticada com uma deficiência no olho direito. A princípio pensaram tratar-se de uma alergia, pois a recém-nascida não parava de lacrimejar, mesmo durante o sono. A pequenina fora transferida para um quarto mais arejado e o enxoval que sua tia-avó providenciara para ela fora lavado, fervido, e posto para secar ao sol. Contudo, as medidas voltadas para limpeza e purificação do ambiente não obtiveram sucesso. Por fim, e depois de exames minuciosos realizados por um oftalmologista pediátrico que Palhardo descobrira de passagem pela cidade em virtude de uma conferência médica, concluíram se tratar de um entupimento no ducto lacrimal. A essa altura, Palhardo já a chamava carinhosamente de Lacrimosa.

Dália Cambré desesperou-se ao ouvir do médico um prognóstico desfavorável. Lacrimosa poderia ficar cega de um olho. Refugiando-se em seu quarto, a senhora debruçou-se sobre o pequeno altar religioso que mantinha em um canto do cômodo e tocou o manto de renda perolada que envolvia a pequena imagem de Nossa Senhora de Fátima com as mãos voltadas para o alto. Em seguida, retirou de uma gaveta um par de velas e as colocou nos castiçais de alpaca em estilo *art nouveau*¹ que balizavam a imagem, presente de Laudelino. Chorou por mais de meia hora, entremeando gemidos e orações que não conseguia levar até o fim. Subitamente, lhe ocorreu a hipótese de uma promessa. Dália Cambré batizaria a sobrinha com o nome de Lúcia, em homenagem a Santa Lúcia de Siracusa, a padroeira dos oftalmologistas e dos que possuem problemas de visão.

De um salto, a governanta levantou-se e correu até a biblioteca para comunicar ao patrão a decisão tomada. Laudelino soltou uma gargalhada espontânea, mas ao se deparar com a firmeza do semblante de Dália, seus olhos negros fixos nos dele, percebeu que ela não

estava brincando. Laudelino engoliu em seco e concordou com a decisão.

¹Pronúncia francesa - é um estilo arquitetônico e decorativo que surgiu na Europa no século XIX.

— Curto. Discreto. Um belo nome. — O patrão mordeu o lábio inferior e concluiu — Singelo.

A governanta relaxou os ombros e desalentou-se no braço de uma poltrona.

— A história conta que Santa Lúcia, ao se encontrar em uma situação de opressão, arrancou os próprios olhos e entregou-os ao carrasco, preferindo a cegueira a renegar a fé em Cristo.

— Conveniente. — Afirmou-lhe o patrão.

— A coitadinha não conheceu a mãe, e o pai não quis saber dela. Aquele miserável! E como se não bastasse tamanho infortúnio, a pobre corre o risco de ficar cega. Não sei o que fazer senhor Palhardo, mas não posso permitir uma coisa dessas.

O *bon vivant* soltou um pesado suspiro e balançou a cabeça negativamente.

— Suponho que uma boa promessa possa resolver a questão.

— Não zombe de minha fé senhor Palhardo. Não duvide do que não pode sentir, só porque não se dá com Deus. — Dália Cambré ergueu-se da poltrona, visivelmente perturbada. Tomou o comentário do patrão como uma ofensa descabida e já ia se preparando para deixá-lo a sós, quando Palhardo começou a se redimir.

— Ora, por favor, Dália. Não de ouvidos aos meus despautérios. Não é você quem vive dizendo que eu não digo nada que valha a pena?

— Palhardo ergueu as sobrancelhas e sorriu de forma abobalhada.

— Venha aqui, venha. Sente-se novamente e me diga como será essa promessa.

A governanta não ofereceu resistência e passou os minutos seguintes explicando ao patrão como o acordo com a Santa seria firmado. Ao final, o *bon vivant* franziu os lábios em um bico exagerado e concordou simplesmente, preferindo ocultar suas reais

conclusões.

— Sabemos que ela não se livrará do apelido com facilidade. — A governanta suspirou resignada.

— É provável que nunca se livre.

IV

Daniel passou a manhã distraído no jardim. Após o almoço, apanhou a bicicleta e embrenhou-se pela floresta, deixando rastros no solo umedecido. Buscou a companhia de seu melhor amigo como era de costume, mas o garoto, Fernando Godinho, encontrava-se acamado por conta de uma virose em fase inicial que lhe rendera uma semana de repouso absoluto. Mais conhecido como Fernando Gordinho, o menino possuía o hábito de estar sempre comendo alguma coisa, em qualquer ocasião. Tornaram-se amigos inseparáveis desde o jardim de infância, quando Fernando comeu todo o lanche de Daniel no primeiro dia de aula.

Carmélia saíra com Lulu para ir ao mercado. Mas antes de entrar no carro, a mãe recomendou a Daniel que não se afastasse de casa. — Quero ver você aqui quando voltar. — Beijou-lhe a testa e passou a mão pelos cabelos desganhados do filho mais velho. Lulu entrou no carro carregando a boneca de pano, e quando a mãe sugeriu que entregasse o brinquedo para a cozeira guardar, a menina apertou a boneca contra o peito e uma cara de choro começou a tomar conta do seu lindo rostinho. Levou a boneca consigo como sempre o fazia desde que a ganhara.

Alexander Pope encontrava-se em seu escritório. Uma sala comercial alugada no centro da cidade há pouco mais de cinco anos. Carmélia insistira em decorar o ambiente e cuidar do vaso de plantas no rol de entrada. Refastelado em uma poltrona de matelassê com bordados em jacquard, o homem escrutava a caixa que seu tio lhe entregara na noite anterior. Erick Pope ressuscitara dos mortos, trazendo consigo a demência dos que passam a vida enxergando o mundo sob a ótica de um microscópio. Alexander abriu a caixa e retirou o relógio de pulso. Lembrou-se das palavras do tio ao lhe explicar o que viera fazer em sua casa. A banalidade do objeto dissimulava seu verdadeiro propósito, um engenho miraculoso e

impossível aos olhos do mesmo. A mecânica não lhe causou estranheza. Apenas o excessivo peso do relógio lhe chamou a atenção. Os ponteiros estavam parados. Três pinos acoplados na extremidade. Conforme seu tio lhe explicara, os dois primeiros pinos representavam mecanismos encarregados de acertar hora e data. O cientista mostrou-lhe ainda, como o terceiro pino deveria ser pressionado a fim de abrir o compartimento secreto onde o pequeno frasco contendo a substância radioativa deveria ser colocado.

"Cada viagem consome um frasco inteiro. Ele não anda para frente, e só é possível voltar ao que se viveu."

Alexander acionou o mecanismo, e a parte traseira do relógio se abriu com um clique quase inaudível. Um frasco, que não devia ter mais do que três centímetros estava encrustado em uma fenda estreita, e de suas extremidades brotavam fios extremamente finos.

"Não vou lhe explicar os meandros da invenção. Tudo o que há para saber a respeito do mecanismo de viagem no tempo, bem como da substância que o aciona está guardado em um lugar desconhecido até mesmo para mim. Albert ficou com todo o material. Nossas anotações, os estudos detalhados que fizemos ao longo da última década. Absolutamente tudo. Antes de nos despedirmos, no dia em que precisei me refugiar do mundo para proteger o relógio, Albert me disse que pretendia queimar todo o material. Ele não permitiria que as instruções necessárias à confecção do invento caíssem em mãos erradas. E nesse caso, ainda que minhas intenções motivadas pelo rigor científico fossem as melhores possíveis, eu sempre acreditei que não haveria no mundo mãos certas para lidar com uma revolução científica de proporções catastróficas, nem mesmo as minhas. O mundo sempre estará em guerra, por um motivo qualquer, e não me parece sensato popularizar uma invenção que fatalmente se transformaria na mais poderosa de todas as armas. Mas não creio que ele tenha se desfeito de tudo. É fato que a vaidade não foi capaz de lhe trair o juízo, fazendo com que se vangloriasse de um feito que poderia colocar em risco o futuro da

humanidade. Contudo, Albert não destruiria as comprovações de um estudo que poderia consagrá-lo um ícone perpétuo. Estão em algum lugar. Sei que estão."

O frasco estava cheio de um líquido reluzente, azul anil. Tão atraente quanto mortal. Alexander fechou a parte traseira do relógio e o depositou em cima de sua mesa de trabalho. Suspirou e ascendeu um cigarro. Uma profunda tragada antes de voltar os olhos novamente para a caixa.

"A caixa é revestida com chumbo e também possui um compartimento secreto. O segredo é a fórmula. É necessário combinar os símbolos que estão gravados na parte superior da tampa. É como um segredo de cofre. A senha é a fórmula química da substância. Dentro do compartimento estão guardados quatro frascos. Quatro viagens no tempo. No relógio também há um frasco cheio que está pronto para ser usado."

Erick Pope não foi capaz de convencer o sobrinho da veracidade de suas palavras. Mas o cientista já esperava que assim o fosse. Viajar no tempo e espaço, voltar ao passado e ter a oportunidade de recriar o futuro, era algo difícil de acreditar. Alexander concordou em guardar o objeto e não dizer nada a ninguém. Nenhuma palavra sequer. Erick o fez prometer ainda que o mesmo sustentaria a história de que o cientista estava morto.

"Você tem sorte de não saber o que é uma guerra, meu sobrinho. A vida lhe foi generosa. Há alguns anos presenciei o fuzilamento de três jovens na Universidade de Berlim. Um grupo de estudantes judeus foi alvejado por "tropas de assalto" da milícia paramilitar nazista durante a madrugada. Eu costumava trabalhar até tarde e assisti a tudo de camarote, da janela do laboratório. Durante o período de poder do regime Nacional Socialismo, todas as universidades alemãs foram transformadas em instituições nazistas de ensino. Muitos livros foram queimados, professores expulsos, alunos deportados."

Quatro cápsulas jaziam camufladas. Alexander desdobrou o papel onde o cientista escrevera a fórmula química da substância, a senha de acesso. Ele não se deu ao trabalho de compreender o que aquela combinação de números e letras significava. Assim como não deixou que os devaneios de seu tio o seduzissem. Seu pai, Levi Vander Pope, sempre dissera que o irmão mais novo não passava de um alienado. Um louco que se julgava estudioso, mas que vivia perdendo tempo com destemperos absurdos.

"Não conte a ninguém o que acabou de ver e ouvir. Se vierem atrás de você, jure minha morte com veemência. E lembre-se: o buraco é o caminho."

V

O garoto não estava em casa quando Carmélia regressou do mercado. Lacrimosa também não se encontrava no palacete. A mãe procurou pelo filho, mas concluiu rapidamente, ao constatar que a bicicleta não estava em seu lugar de costume, que Daniel estaria se aventurando nos arredores da propriedade. Pediu a Francisca que ajudasse Lulu a tomar um banho. Tentou telefonar para o marido, mas o telefone não estava funcionando. A campainha tocou. O inspetor Lancelin Honório Callado apresentou-se rapidamente. Sua expressão denunciava que o mesmo não era portador de boas notícias.

— Senhora Pope?

— Sim. O que deseja?

— Sou Lancelin Honório Callado, inspetor de polícia, e estou

aqui porque preciso que me acompanhe até a delegacia.

Carmélia meneou a cabeça negativamente e quis saber do que se tratava.

— O que está acontecendo?

— Recebemos um ofício do comando da Polícia Civil da Capital solicitando a coleta de informações a respeito de Erick Vander Pope. Tentamos ligar para senhora, mas ao que parece os telefones estão mudos nesta parte da cidade. Seu marido já está na delegacia. Por favor, venha comigo.

O estômago da mulher contraiu-se em um espasmo de ansiedade.

— Por favor, seja mais claro. O que Alexander está fazendo na delegacia? Meu marido está preso?

— Não se precipite senhora. Seu marido está apenas nos ajudando a esclarecer algumas questões. Fomos à sua procura no escritório da Avenida Don Pedro. O senhor Pope não ofereceu qualquer resistência.

Carmélia prendeu a respiração e mordeu o lábio inferior, tentando decidir o que fazer. Por fim, concordou em acompanhar o inspetor. — Aguarde um minuto. Vou pegar minha bolsa e avisar à copeira. A mulher subiu as escadas apressadamente, chamando por Francisca. Carmélia adentrou o quarto de Lulu visivelmente perturbada. Ordenou à copeira que tomasse conta de seus filhos. — Irei ao encontro de Alexander. Não se preocupe, pois não pretendo demorar.

— Senhora Pope —, Francisca perseguia Lulu pelo quarto, tentando fazer com que a menina enxugasse o cabelo — Daniel ainda não voltou. Devo procurá-lo?

— Fique no palacete e tome conta de Lulu. Quando Lacrimosa chegar, se Daniel ainda não estiver aqui, peça a ela que vá atrás dele. Tenho certeza de que deve estar nos arredores, aprontando alguma traquinagem.

Carmélia segurou a filha pelas mãos.

— Querida, escute a mamãe. Francisca tomará conta de você por algumas horas. Seja obediente.

— Por quê? A senhora vai sair?

— Sim. Vou buscar o papai.

— Posso ir junto? — Lulu arqueou as sobrancelhas.

— Outra hora querida. Outra hora.

O policial abriu a porta dianteira da viatura. Carmélia agradeceu e se acomodou no banco do passageiro.

— Como ele está? — Perguntou-lhe o inspetor ao dar a partida.

— Ele quem?

— Erick Vander Pope. Ele está bem?

Carmélia estreitou os olhos por um átimo enquanto ensaiava mentalmente uma resposta convincente. Alexander lhe explicara a promessa que fizera ao tio. Não deveriam mencionar sua visita. Para todos os efeitos, o cientista estava morto.

— Erick Vander Pope está morto inspetor. Recebemos uma carta acerca de três anos nos informando do ocorrido. — A mulher desviou os olhos para o lado. Não houve mais perguntas durante o caminho percorrido até a delegacia. Callado não se convencera da resposta obtida, mas estava certo de que a visita que os aguardava

na sala de interrogatório se empenharia em desvelar a verdade dos fatos.

Um homenzinho troncho e que cheirava a hortelã, ofereceu a Alexander uma bala de menta. Usava uma luva de couro escuro na mão esquerda e percebia-se claramente que havia algo errado com seus dedos. Encarou-o por cima dos óculos arredondados, olhos de rapina analisando meticulosamente a reação da presa eleita. Alexander recuou a bala e acendeu um cigarro. Incomodava-o estar sozinho naquela sala fria e sem janelas com um homem que alegava ser um agente vinculado a Agência de Serviços Estratégicos Norte-Americana (OSS)², atuando em uma divisão especial cujo nome o mesmo não era autorizado a informar. O oficial mostrou-lhe a insígnia. Alexander remexeu-se na cadeira de metal. O americano chegara a Esplendor escoltado por dois policiais da capital brasileira que o ajudavam a driblar o idioma

² Sigla em inglês.

UMA JANELA NO TEMPO

e a burocracia. Wallace Hoover encontrava-se em uma missão cujo propósito imediato justificava sua visita ao Brasil. Estava à procura de Erick Vander Pope.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o serviço de inteligência norte-americano interceptou mensagens criptografadas entre um político do alto escalão do partido nazista e a Gestapo³. Depois de decodificadas, as mensagens mencionavam a existência de uma divisão especial do exército prussiano encarregada de investigar e arregimentar artefatos com potencial bélico em diversas partes do mundo. Inúmeros cientistas de expressiva relevância no cenário acadêmico tiveram seus trabalhos devassados. Anos antes, o apartamento que Albert Einstein possuía em Berlim foi invadido por soldados alemães, mas nada foi encontrado. Todos os documentos relevantes, incluindo o trabalho que desenvolvera ao lado de Erick

Pope estavam em segurança. Os nazistas procuravam algo especial, ainda que não soubessem exatamente o que era. O relógio fora relegado aos cuidados de Erick, permanecendo incógnito aos olhos alemães durante toda a Guerra.

Contudo, a espionagem norte-americana desvelou a existência de uma ligação entre Albert Einstein e outro físico que ainda não havia sido identificado pelo Estado Nazista. Um cientista que trabalhou com Einstein durante anos, mantendo sua identidade no mais absoluto segredo. Sabiam que este homem existia, mas não havia documentos comprobatórios que pudessem lhe dar uma cara e um nome. Começaram a esquadrihar a vida de todos os que, até aquele momento, cruzaram o caminho do célebre físico, cuja fama mundialmente reconhecida servira-lhe de escudo contra a ganância de homens inescrupulosos.

Wallace Hoover não estava convencido da morte de Erick Vander Pope. Suas suspeitas alicerçavam-se na transcrição de uma conversa telefônica entre Einstein e um homem que atendia pelo nome de Galeano Bonanova. O serviço de inteligência grampeara o telefone do cientista. Durante a conversa, Einstein perguntava a Galeano se o mesmo retornaria ao Brasil e se o artefato estava seguro. Outros trechos do telefonema evidenciavam a origem brasileira de Galeano Bonanova e a existência inequívoca de um objeto extremamente importante para ambos. Começaram então a procurar por parceiros profissionais de Albert Einstein de nacionalidade brasileira e descobriram que, durante os anos vinte, Einstein mantivera contato com um físico teórico brasileiro chamado Erick Vander Pope.

Alexander e Carmélia foram colocados em salas separadas. A mulher, interpelada pelo inspetor Callado, aguardou a liberação do marido com impaciência e receio. Horas antes, Callado argumentara junto ao oficial norte-americano que se encarregaria de conversar com a senhora Pope.

³ Polícia secreta criada na Prússia em 1933 com forte atuação no Estado Nazista.

Irei buscá-la pessoalmente.

Hoover concordou a contragosto, reftreando seus instintos contestatórios e extremamente nocivos, pois se quisesse contar com a colaboração dos policiais brasileiros, o mesmo deveria respeitá-los. O Governo Norte-Americano o enviara pessoalmente para apurar os fatos que rondavam a suposta morte de Erick Vander Pope e a ligação que este possuía com os familiares no Brasil. Uma ave de rapina com métodos pouco ortodoxos de persecução de seus objetivos. O casal Pope sustentou a versão já conhecida por todos. Uma carta fora enviada pela Universidade de Berlim informando da morte do físico teórico brasileiro Erick Vander Pope em uma explosão. Não havia cadáver. Meses depois, a família recebeu um baú de madeira contendo objetos pessoais do falecido. Nada foi conservado.

VI

O garoto tentou abrir os olhos, mas suas pálpebras resistiram firmemente ao impulso. Pensou que as costureiras remelas estivessem grudadas em seus cílios de tal forma, que ele não seria capaz de enxergar a menos que lavasse o rosto. Fez menção de esfregar os olhos com a mão esquerda, mas para sua surpresa, ele não conseguiu levantá-la. Enfrentou novamente o peso das pálpebras que mais pareciam pedras, e suas pupilas esverdeadas contraíram-se ao choque da claridade. Enxergou uma luminária de metal que pendia do teto. Piscou lentamente e o contorno de uma grade, uma espécie de encosto pintado de branco, foi aos poucos se delineando. Entendeu então que se encontrava em uma cama. Abriu a boca para falar, mas a sequeidão de sua garganta queimou-lhe os lábios amolecidos e esbranquiçados. Tudo o que conseguiu exprimir foi um ruído frouxo, o suficiente para chamar a atenção da mulher que se encontrava em um canto do quarto, encolhida em uma poltrona de assento rasteiro e com as pernas envoltas por uma manta que trouxera de casa.

Carmélia Pope prendeu a respiração por um átimo. Amparou os cotovelos nos braços da poltrona e ergueu-se lentamente. Seu coração estava disparado. Deixou que a velha manta esparramasse pelo chão frio e aproximou-se da maca. Daniel estava ficando agitado. Tentava puxar os fios que o mantinham ligado aos aparelhos de monitoramento dos sinais vitais. Carmélia segurou a mão direita de Daniel com tanto amor que o garoto aquietou-se de imediato. O calor daquele toque acalentou-lhe a alma. Seus olhos encontram os da mãe que, marejados de lágrimas, haviam recoberto o ânimo e a esperança.

— Mãe... — Finalmente Daniel vencera a inércia de suas cordas vocais.

A mulher afagou-lhe os cabelos, beijou sua testa e o dorso das

mãos. Ao cair da noite, antes de se amontoar no sofazinho de canto, ela o escrutou atentamente, imaginando o que seria de sua família se o filho não acordasse. E agora que Daniel estava desperto, Carmélia mal conseguia conter a emoção. A felicidade só não era completa porque a outra metade de seu coração de mãe comprimia-se em espasmos de ansiedade e dor. Lulu estava desaparecida. Sua menininha querida havia sumido no mesmo dia em que Daniel fora encontrado ferido e desacordado em uma trilha da floresta. Carmélia chamou pelo médico. Daniel foi examinado enquanto a mãe se desfazia em lágrimas e risos. Alexander entrou no quarto e abraçou a esposa, entregando-se à emoção provocada pela recuperação do menino. Um lampejo de felicidade ameaçava resgatá-los da obscura e torturante realidade em que se encontravam. Lucinda Maria Pope estava desaparecida havia quatro dias, e a angústia que massacrava seus pais só não era maior que a satisfação sentida pelo despertar de Daniel.

O inspetor bateu três vezes antes de entrar. A porta do quarto estava entreaberta e assim que o viram, Alexander e Carmélia enxugaram as lágrimas e foram ao seu encontro. No corredor da enfermaria do Hospital Santa Clara, Lancelin Honório Callado informou-lhes que o grupo de busca enviado para procurar Lucinda retornara da floresta sem notícias, mais uma vez. Carmélia cobriu o rosto com as mãos, pressionando os olhos com força. O inspetor não descartava a hipótese de sequestro. Fizera uma varredura pelos hotéis da cidade, interpelando hóspedes e funcionários à procura de um maníaco em potencial. Procurara também em *inferninhos* comumente frequentados por suspeitos de toda ordem.

Após a conversa que tivera com Alexander e a esposa na delegacia, um interrogatório sem maiores pretensões e cujo tema focara-se em Erick Vander Pope, Callado se oferecera para levar o casal em casa. Francisca aguardava na varanda e ao avistar a viatura policial começou a chamar por Lacrimosa, gritando histericamente. A senhora veio correndo do interior do palacete e quando seus olhos encontram os de Carmélia, uma onda gélida retesou-lhe os

movimentos. Ela narrou rapidamente os fatos, e Carmélia desesperou-se a ouvir que sua filha estava desaparecida. Imediatamente, o inspetor se prontificou a ajudar e embrenhou-se pela floresta à procura da menina. Instantes depois, Lancelin encontrou Daniel em uma trilha próxima ao palacete dos Pope, sua bicicleta estirada há poucos metros de distância. Concluiu que o garoto caíra da bicicleta e batera a cabeça em uma pedra. Havia uma passagem, um portão nos fundos do jardim que dava acesso à trilha utilizada pelo garoto. Mais algumas pedaladas e ele teria chegado ao palacete. O inspetor se perguntava o que o fizera correr tanto. Ele estava correndo, e por isso não viu o buraco que tragou a roda dianteira da bicicleta fazendo com que a mesma empinasse, arremessando-o contra o chão.

Nos dias que se seguiram, Callado sabatinara a família Pope com perguntas que se estenderam aos empregados, vizinhos e amigos frequentadores do casarão. Lacrimosa desesperou-se ao ouvir a palavra sequestro.

— Lembro-me da senhora no Café Flor de Liz, no dia do desaparecimento das crianças. O que estava fazendo lá? — Lacrimosa enxugou algumas lágrimas e pigarreou antes de responder.

UMA JANELA NO TEMPO

— É o melhor lugar da cidade, para quem gosta de sonhos de creme.

— Então estava lá pelos sonhos?

— Fui ao Café comprar sonhos para Lulu. Alexander e a filha adoram sonhos pela manhã.

— A quem diga que os sonhos são melhores durante a madrugada. Callado sorriu de forma canhestra, mas Lacrimosa não se deixou enredar pela piada. Lançou-lhe um olhar ressentido, demonstrando claramente que não se sentia confortável naquela situação. Estava sendo interrogada, assim como todos os outros.

Daniel chamou pela mãe, mais uma vez. Do corredor puderam ouvir a voz rosca de um garoto de nove anos que ficara inconsciente por quatro dias. Ele não sabia que a irmã estava desaparecida.

— Lulu... — Balbuciou com dificuldade.

Carmélia debruçou-se sobre o menino, o ouvido roçando em seus lábios.

— Ela. Está. Bem? — Levou quase um minuto para concatenar a frase. A respiração estava fraca e o médico recomendou que não o deixassem fazer esforço.

Alexander segurou a mão do filho e suspirou profundamente.

Carmélia beijou sua testa. Mas Daniel precisava falar.

— Encontraram? — Dessa vez sua voz soou mais forte e todos à sua volta compreenderam o que o garoto dissera.

Callado deu um passo à frente.

— O que foi meu filho? O que você está tentando nos dizer?

Daniel umedeceu os lábios com a língua e se esforçou para repetir.

— Lulu. Estava. Na. Floresta.

Mais um passo à frente.

Carmélia encarou Alexander com desespero. Ela mal podia acreditar no que acabara de ouvir.

— Filho! Você sabe onde está sua irmã?

Daniel fechou os olhos e o rosto da irmã caçula inundou sua mente.

O sorriso de Lulu brilhou como um amanhecer fulgurante. Uma manhã que ele ainda não presenciara, pois nunca vira o sol nascer.

O tombo. Apertou os olhos com força e a recordação clarificouse.

Lulu embrenhara-se pela floresta para procurar pelo irmão, pois julgava que o mesmo estivesse escondendo sua boneca de pano. A menina escorregou na relva lamacenta e caiu em um veio d'água.

Daniel tentou resgatá-la, mas não conseguiu erguê-la sozinho.

Decidiu então voltar para casa para buscar ajuda. Não estavam muito longe do palacete. Dois tombos fatídicos que selaram o destino da família Pope. O escorregão sofrido pela irmã, e o buraco que se materializou diante de Daniel fazendo com que caísse da

bicicleta e batesse a cabeça. Exatamente como concluirá o

inspetor.

Horas depois, já completamente desperto, o convalescente explicou a todos o que havia acontecido. Indicou o local onde Lulu se acidentara. Callado e Alexander dirigiram-se para o ponto da floresta indicado, deixando Carmélia na companhia do filho, com a promessa de que seria a primeira a ser avisada quando Lulu fosse resgatada. Ela não conseguia disfarçar a excitação. Mas uma garra imaginária comprimia sua garganta, alertando-a do sofrimento que ainda não havia sido estancado. Há dias que não respirava normalmente e as batidas de seu coração só viriam a se normalizar quando sua filha estivesse em seus braços.

Quem, como pessoa, falível e desprovida de defesas, é capaz de suportar a perda de um pedaço de si mesma? — Ao avistar o marido, estagnado na outra extremidade do corredor, Carmélia sentiu uma dor aguda acima dos olhos. Alexander trazia nas mãos o sapato da filha. Ele não se movia. Apenas a encarava com um olhar vazio, desfocado por lágrimas doídas que espetavam seus olhos como lanças. A menina não fora encontrada. Carmélia apoiou-se contra a parede e deixou que seu corpo deslizesse até o chão. Seu coração batia descompassado e um leve tremor começou a sobrepujar seus movimentos. Encontram apenas o pé esquerdo do par de sapatos que a menina estava usando. Callado aproveitou a incursão na floresta para mais uma varredura no perímetro ao redor do local indicado por Daniel.

O garoto saiu do hospital uma semana depois. A polícia solicitou aos pais que o deixassem participar de uma reconstituição dos fatos ocorridos no dia do desaparecimento de sua irmã. Daniel não compreendia porque Lulu desaparecera. Em seu depoimento inicial, Francisca dissera que se descuidara da menina por alguns minutos, pois precisou atender à porta. Um homem de meia-idade havia encontrado a boneca de Lulu no estacionamento do mercado onde Carmélia estivera com a filha horas antes. A avó da menina costurara uma etiqueta com o nome de Lucinda e o endereço da família no corpo da boneca. A polícia cogiu a hipótese de ter sido

este senhor, um desconhecido que se abalara até o Largo das
Mansões para devolver uma boneca de pano achada no
estacionamento de um mercado, o sequestrador da menina. Mas
Daniel explicara a todos que Lulu se embrenhara pela trilha da
floresta atrás dele, pois o acusava de estar escondendo sua boneca.

VII

Do outro lado da cidade, o pintor Edmund Hans Shume ouvia no rádio notícias sobre o desaparecimento de Lucinda Maria Pope. Ele estava se preparando para deixar o Brasil, juntamente com sua esposa e filha. Iriam retornar a Paris, lugar onde viveram por quase vinte anos. Edmund e Erick estudaram juntos no mesmo colégio e foram amigos durante a adolescência. Ele conheceu o pai de Alexander e também seu avô, Hiram Vander Pope. Mas há muito que perdera o contato com a família Pope.

Mudou de estação ao perceber que alguém se aproximava. Helena tocou seu ombro e lhe ofereceu uma xícara de café. No tor-reão, sua esposa encontrava-se arrumando a mala.

— Isadora não quer levar muita coisa. — Disse-lhe a senhora de cabelos presos em um coque displicente.

— Não sei por quanto tempo vamos ficar fora. Mas não acho que seja preciso carregar tudo. Deixemos que a vida se encarregue de nos mostrar o que é necessário realmente.

— A vida não será capaz de nos oferecer o que precisamos Edmund. Aquilo que mais desejamos e que nunca tivemos.

— E o que seria isso, Helena?

— Paz.

Edmund segurou a mão da senhora com firmeza. Os olhos de Helena pareciam mais cansados do que de costume. Beijou-lhe o dorso das mãos delicadamente para sacramentar a cumplicidade da relação que possuíam. Um gesto velado de agradecimento.

— Acho que paz não é algo que conheceremos em vida. Não nesta vida, minha cara.

Uma valsa de Chiquinha Gonzaga começou a tocar e o locutor anunciou o início da radionovela *Em Busca da Felicidade*. Edmund sorriu ironicamente ao ouvir o nome da atração. Lá fora os galhos de

uma Sibipiruna farfalharam em resposta aos assobios agourentos de uma rajada de vento.

VIII

Dois meses após o desaparecimento, o delegado responsável pelo departamento de polícia civil da cidade de Esplendor decidiu arquivar o caso. Callado protestou, mas seus argumentos não foram suficientes para convencer o chefe, um fanfarrão de caráter corruptível que cheirava a naftalina. O delegado designou Lancelin para ser o porta-voz de sua decisão junto aos pais de Lucinda. Intimamente, Callado desejou que o demônio o esfolasse vivo. Ele não saberia amainar suas palavras ao ponto de torná-las menos estúpidas aos ouvidos do casal Pope.

Carmélia o esbofeteou duas vezes antes que o mesmo concluísse a primeira frase. Callado permitiu que ela o agredisse. A mulher voltou-se para o marido que se apoiava no corrimão da escada e como se tivesse sido atingida fisicamente, levou as mãos ao ventre e gemeu de dor. Cambaleou até a sala onde se encontrava o piano e se jogou sobre as cortinas, arrancando-as da base. O desespero transbordava de seus olhos empapuçados e vermelhos, e os gritos que lhe queimavam a garganta, podiam ser ouvidos em todos os cantos da casa.

Ao ouvir a conversa entre seus pais e o policial, Daniel correu para o quintal e apanhou sua bicicleta. Desde que saíra do hospital, o garoto percorria diariamente o mesmo caminho que o levava até o ponto na floresta onde vira a irmã última vez. Primeiro a pé, pois o médico o proibira de usar a bicicleta durante o período de recuperação. Daniel se esforçou ao máximo para chegar ao local em tempo recorde. Em seu coração o menino carregava a sensação de que a irmã o estava esperando. A polícia não precisaria mais investigar, pois ele iria resolver a situação. Ele encontraria Lucinda e a traria de volta. O garoto saltou da bicicleta e agachou-se sobre a relva, pendurando meio corpo no barranco para olhar o veio d'água. Lucinda deveria estar lá embaixo. Fora lá que ele a deixara. Daniel

apertou os olhos e começou a tossir. Ergueu o dorso e tentou normalizar a respiração, mas parecia não haver ar suficiente. Subitamente começou a chorar. Um choro que repersara por vários dias, mas que agora irrompia de seus pulmões com tanta força que lhe causava dor. Ele não se perdoava por tê-la deixado sozinha.

Você é pequena. Tão pequena. Boba. Bobalhona. Por que veio atrás de mim, sua bobalhona? Mamãe quer você de volta. Eu quero você de volta.— Daniel permaneceu ali por vários minutos, chorando e conversando sozinho. Pedindo a Deus que lhe ajudasse a encontrar

UMA JANELA NO TEMPO

sua irmã e não deixasse que seus pais sentissem raiva dele por tê-la abandonado.

Mas a menina não voltou, e as lembranças de Lulu arraigaram-se no assoalho polido de seu quarto de menina. E a saudade alastrou-se como erva daninha, sobrepujando paredes e selando todas as frestas das portas e janelas que o tempo ainda se encarregaria de empenar.

Carmélia deitou-se na cama desfeita. Sete meses haviam se passado e Deus não se dignava a ouvir suas preces. O tempo roubaralhe a vivacidade e ela não conseguia equilibrar-se sobre os escombros da tragédia que devastara sua família. Julgara ser forte, mas deixara de ser a mãe que Daniel precisava. O garoto arrumava sempre uma desculpa para não ir à escola, e seu rendimento havia caído muito nos últimos meses. Carmélia fingia não perceber, mas sabia que Daniel estava se esforçando para cuidar dela. O menino se esgueirava pela casa à sua procura, vigiava seu sono quando a mãe adormecia em um canto qualquer, exausta de tanto chorar. Ele também costumava trazer-lhe comida a todo tempo. Daniel estava sempre insistindo para que Lacrimosa assasse bolos e biscoitos, e fizesse os pratos preferidos da mãe. Mas quando chegava a hora, o menino sumia por um tempo, e todos na casa sabiam onde o

mesmo se encontrava. Todos os dias, sempre à mesma hora. Daniel não parara de desejar a volta da irmã.

Era aniversário de Lulu e Carmélia passara o dia tentando respirar normalmente. O primeiro aniversário desde o sumiço. Lembrou-se de seus pés gordinhos. Da pequenez dos dedões cabeçudos e da pintinha que a menina trazia em um dos dedos. O desejo de estar com ela consumia-lhe a alma com um furor insuportável. No criado mudo, um frasco chamou-lhe a atenção. Há meses que só conseguia adormecer sob o efeito de calmantes. Em seus sonhos, conduzidos pelo torpor de narcóticos milagrosos, a menina aparecia para ela como um anjo. Ingeriu três comprimidos de uma vez. Só para ter certeza de que a dor passaria. Daniel não estava na casa.

Horas depois o marido a encontrou refastelada. Inerte. Olhos abertos. Arregalados. Um ataque cardíaco fulminante ceifara-lhe a vida. Alexander beijou sua boca com delicadeza. Deitou-se ao lado da esposa e afagou seus cabelos espalhados no travesseiro. Pediu-lhe perdão pela ausência consentida, que o fizera alheio ao sofrimento de sua esposa e filho. Alexander construía em volta de si uma fina crosta de coragem e aparente superação, que aos poucos ia rachando e expondo seus verdadeiros sentimentos. Ele julgara que a firmeza necessária para enfrentar a crise familiar dependia da frieza de uma postura de homem da casa. Não demonstrar fraqueza, estar sempre focado no trabalho e em todos os assuntos corriqueiros era o certo a se fazer.

LORENA DE MACEDO

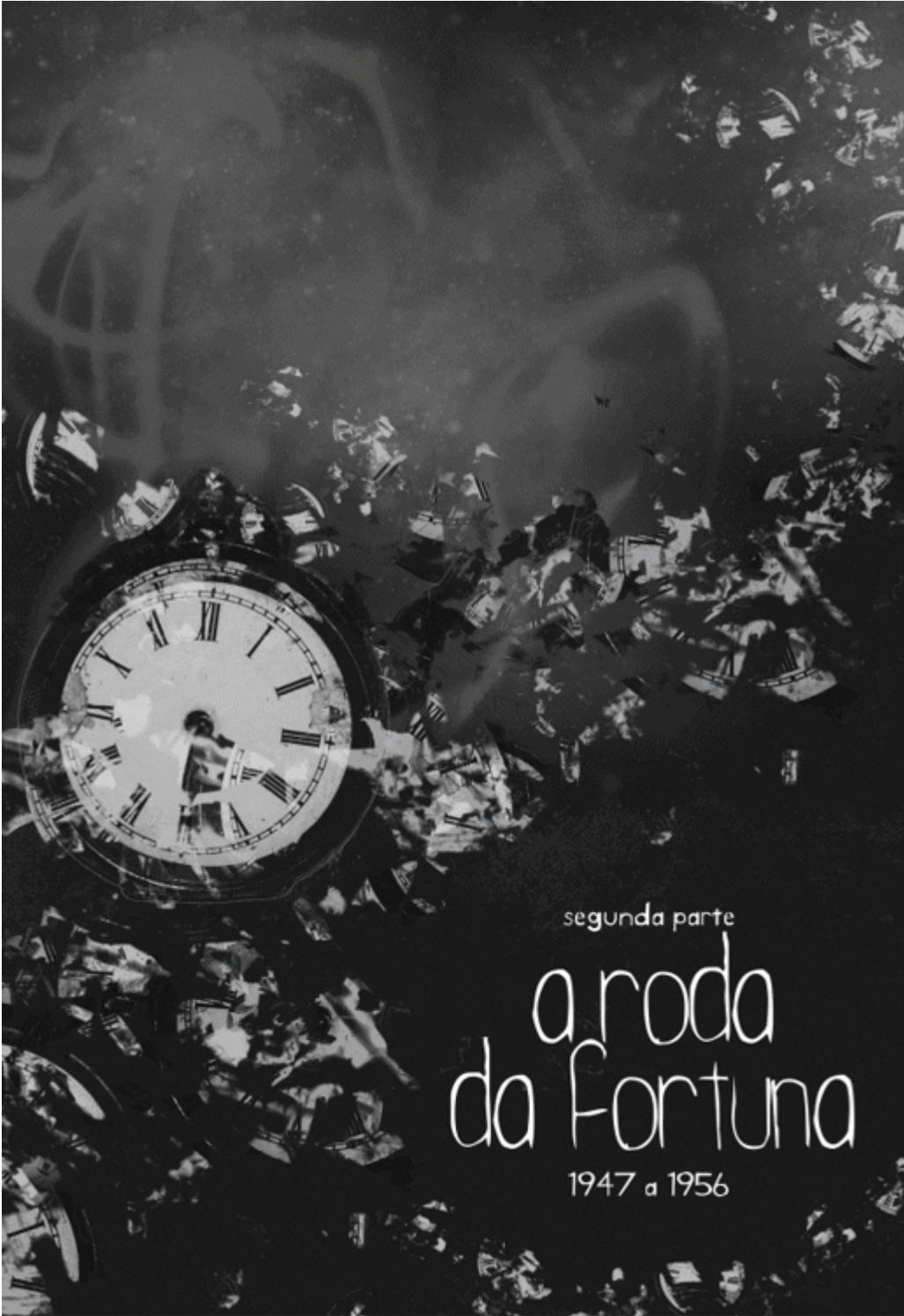
Minimizar o sofrimento de Carmélia e mostrar-lhe que ainda lhes restavam um filho. Mas ao contrário do que pensara ele, a esposa jamais ignorou Daniel. Vez por outra, Carmélia velava-lhe o sono, e quando conseguia vislumbrar um lampejo de equilíbrio emocional, a mãe colocava o filho no colo e afagava seus cabelos castanhos. Alexander não presenciara tais manifestações de afeto, pois estava

sempre trabalhando. Sempre fora de casa, fugindo da realidade que o esperava no interior do palacete.

Como saber o que nos espera, se a única certeza que temos é a de que não devemos esperar absolutamente nada? Se o fim de todos nós é sempre o mesmo, porque tantos caminhos? — Alexander jamais conseguiria responder às perguntas que sua mente perturbada se encarregaria de fazer pelos anos de vida que ainda possuía pela frente. A ruína de sua família estava completa. Amaldiçoou a Deus pela desgraça que se alastrara em sua casa. Enquanto se empenhava em organizar seus pensamentos e encontrar uma forma de contar ao filho que a mãe havia morrido, uma figura masculina espreitava o palacete, esquivando-se na penumbra noturna como uma sombra que espalha seus tentáculos metedidos sobre o alvo desejado. Wallace Hoover movia-se como um urubu, farejando a carne ainda fresca da pobre senhora Pope.

Daniel aproximou-se e contemplou o manto de rosas brancas que cobria sua mãe até a altura do peito. Suas mãos estavam cruzadas e havia um rosário de contas peroladas entrelaçado nos dedos. Ele tremia dos pés à cabeça, e seu coração ameaçava sair pela garganta. Sentiu-se envergonhado por achá-la tão bonita naquele momento.

— Desculpa mãe. Desculpa. — Sua voz embargada mal podia ser ouvida. — Eu tentei mãe. Todos os dias. Mas ela não apareceu mãe. Não sei onde procurar. Não sei. Eu fiquei lá esperando ela voltar. Todo dia mãe. Todo dia. — Ele mal conseguia se mexer. Lacrimosa estava a alguns passos de distância e observava a cena com uma tristeza inmensurável. Havia se passado três décadas desde a última vez em que se sentira tão arrasada. E ela se lembrava de cada detalhe da noite em que lhe arrancaram um pedaço de sua alma, quando tinha apenas dezessete anos e uma vida inteira pela frente. Tomaram-lhe o filho e também a dignidade.



segunda parte

a roda da Fortuna

1947 a 1956

I

Erick Vander Pope escolheu se aventurar por caminhos prometedores, ao aceitar, no final de 1924, um convite para integrar uma equipe multidisciplinar vinculada ao Departamento de Física da Universidade de Berlim. Naquela época, o físico teórico estava lecionando em Portugal, lugar onde iniciara sua trajetória universitária e sedimentara a carreira que escolhera para si. A velha capital prussiana descortinou -se para ele como um espetáculo de ambiguidades múltiplas, onde o contraste entre o sistema republicano parlamentarista democrático em vigor desde o final da primeira grande guerra e os ideais anti-semitas que culminariam com a ascensão de Adolf Hitler e a implantação do nazismo, estendia-se sobre o céu alemão como uma nuvem carregada de infaustos presságios. Um cenário dramático, construído sob a sombra de arranha-céus impossíveis, uma paisagem forjada com o ferro de sua própria sucata. Mas antes que Berlim o capturasse em sua teia de vielas tortuosas e guetos obscuros, e ele não soubesse mais distinguir o limiar entre a racionalidade pura e incredulidade das teorias mágicas que faziam dele um cientista malucado pela glória invisível dos que trabalham nos bastidores do espetáculo, Erick resolveu atender ao pedido de sua mãe, e retornar ao Brasil para uma visita familiar.

Naquela época, Albert Einstein, então diretor do Instituto Kaiser Wilhelm de Física e professor na Universidade de Berlim, já havia recebido o prêmio Nobel e sua fama propagava-se mundialmente em virtude de suas viagens ao redor do mundo e das reportagens difundidas pela publicação de artigos em jornais e revistas, os quais traziam sua imagem vinculada. E foi durante a visita que fizera à América do Sul, em 1925, que o aclamado cientista viria a conhecer aquele que se tornaria o guardião de sua maior invenção. A palestra que realizara no Clube de Engenharia Militar, cuja maioria dos

presentes não combinava em absoluto com o tema proposto, não havia sido um fiasco completo, ao contrário do que fizera questão de demonstrar o cientista em relatos posteriores.

Não há probabilismos, a realidade não deve se resumir a um emaranhado de coincidências imprevistas, aleatoriedades, sorte, ou qualquer outro tipo de imprevisibilidade que nos coloque à mercê do incalculável.— Diria Einstein caso lhe fosse perguntado a respeito da conspiração factual que o levava a se encontrar com Erick Pope na cidade do Rio de Janeiro, em um cenário caracterizado por transformações sociais, políticas e econômicas.

Anos antes, na capital brasileira, um episódio de pretensões políticas encabeçado pelo capitão do exército Euclides Hermes da Fonseca e que ficou conhecido como *Revolta dos 18 do Forte de Copacabana*, deu origem a uma série de levantes tenentistas que fomentaram o cenário político da década de 20. Os pilares oligárquicos da República Velha começavam a apresentar rachaduras que se estenderiam pouco a pouco por toda a base do regime vigente. Mas ainda que os ideais defendidos pelos militares fossem legítimos e plenamente justificados, a inconsistência ideológica que impregnara os meandros do movimento não permitia que significativas parcelas da população fossem lembradas.

Paralelo ao descontentamento que alavancava questões políticas e econômicas, o Teatro Municipal da cidade de São Paulo foi palco de um movimento vanguardista de ruptura cultural cuja ânsia de desprendimento dos velhos conceitos alimentava o ânimo dos artistas mais ousados. A Semana de Arte Moderna aconteceu em fevereiro de 1922, mas ainda que fosse chamada de semana durou apenas cinco dias. Cinco dias que marcaram o início do modernismo no Brasil. Um desenhista brasileiro refugiado em Paris há quase dois anos fora convidado pela pintora Tarsila do Amaral para retornar ao Brasil e participar da Semana de 22. Mas o jovem Edmund Hans Shume se encontrava em início de carreira e faltou-lhe coragem para encarar o retorno à pátria. Tarsila acabou por não participar, mas

isso não a impediu de se consagrar como uma das maiores representantes do antropofagismo nas artes plásticas.

O agente vinculado ao Departamento Federal de Investigação Norte-Americano, Wallace Hoover, um espião atarracado tanto em estatura quanto em caráter, permanecera no Brasil após o sumiço de Lucinda. A morte de Erick Vander Pope, jurada de forma veemente pelos familiares que encontra em Esplendor, não lhe convencera o faro quase canino acostumado a ludíbrios de toda ordem. Rondou o palacete dos Pope durante meses, convicto de que o protagonista de sua investigação apareceria, cedo ou tarde. Mas Erick Vander Pope jamais voltou ao palacete de sua família. Na noite em que entregara o relógio ao sobrinho, o cientista saiu a esmo pela cidade e vagou oculto pelo manto de escuridão noturna, até se embrenhar por um caminho que o conduziria ao fim de seus dias.

Depois de quase um ano de fracassada vigília, Wallace Hoover foi convocado a retornar ao seu país, ceifando temporariamente o ramo da investigação que o trouxera a Esplendor. Ele não se conformava com a prematura desistência do propósito que lhe fora confiado, e por isso jurou que voltaria ao Brasil para terminar o que havia começado.

Acreditarei na morte de Erick Vander Pope quando vermes asquerosos embrenharem-se por todos os orifícios de sua carcaça putrefata. Enquanto não constatar, com meus próprios olhos, que o cientista está morto, não me convencerei deste fato. — Afirmou a si mesmo, o lábio superior tremendo levemente.

Alexander, Lacrimosa e o filho mudaram-se do palacete seis meses após a morte de Carmélia. O mesmo lhes pareceu estranho e descomunal. Não havia necessidade de tanto espaço. Infinitas portas cujo destino não mais importava. Alexander julgava ser melhor afastar o filho das lembranças que inundavam o palacete como água em um navio atingido por um iceberg. Alexander não voltou a dormir na cama que partilhara com a mulher. Ele perambulava pelos

corredores do casarão, contando passos, bebendo uísque e conversando com seus fantasmas. Rosas brancas eram colocadas semanalmente sobre a lápide da sepultura onde também foram enterrados seu bom humor e o oti- mesmo. Vez por outra, ele deixava que o filho o acompanhasse durante as visitas ao cemitério. Nas outras vezes, o filho o seguia sem ser notado, ficando à espreita para observar o pai que se sentava ao lado do túmulo e esquecia-se do mundo. O palacete da família Pope foi colocado à venda, mas ninguém apareceu para comprá-lo. Transformou-se em uma espécie de mausoléu de lembranças e de sombras que se arrastavam pelas paredes nuas e insípidas. Um suntuoso sepulcro de relíquias abstratas e caquéticas. Alexander alugou um pequeno sobrado no bairro das Ladeiras, vulgarmente conhecido como Coxa Bamba, em alusão ao esforço físico praticado pelos pedestres que se atreviam a enfrentar as ladeiras do lugar. Anos depois, ele o comprou por um preço irrisório, pois o mesmo era motivo de uma pendenga judicial, por conta de um inventário que se arrastava de forma tortuosa.

Daniel cresceu a olhos vistos, assim como a culpa que cultivava pelo sumiço da irmã. Ele não se conformava com o tombo que levara na floresta, deixando-o desacordado e incapaz de pedir ajuda. A morte da mãe também o assolava sem piedade. O garoto foi se embrenhando por um caminho espinhoso e amargo que o impelia a transformar a sua dor em rebeldia. Primeiro começou a cabular o colégio. Aos doze anos, roubou um maço de cigarros do pai e convidou seu melhor amigo para experimentar a novidade em um beco fétido, nas proximidades da escola. Fernando Godinho titubeou, tremendo nas bases só de pensar em arrumar encrenca. Mas Daniel o desafiou a ter coragem, blefando ao afirmar que não precisava de sua companhia. Intimamente o garoto sabia que estava desafiando a si mesmo.

— Já fiz isso antes. Não é grande coisa.

— Tudo bem. Vamos lá.

Amoítaram-se atrás de uma pilha de lixo e restos de madeira - mento apodrecido e acenderam um cigarro. Fernando quis comer um chocolate antes. O acesso de tosse que se seguiu à primeira tragada do amigo provocou em Daniel uma crise de risos. Fernando se descontrolou e tropeçou em uma viga de madeira que se moveu, derrubando a pilha acima dela. O barulho escandaloso, um misto de tosse, risadas e tranqueiras se espalhando pelo chão, chamou a atenção de uma mulher que estendia peças íntimas em um varal improvisado na minúscula varanda de seu apartamento, com vista para o beco. Eles não perceberam sua presença enquanto ela os observava do alto. Minutos depois, a mulher os abordou.

— Posso fumar também? — Perguntou, com um sorriso envolvente brotando de seus lábios finos, pintados de bordô. Um rosto de trinta e poucos anos.

Os garotos entreolharam-se apreensivos. Daniel reparou em seu decote avantajado, na protuberância de seus seios voluptuosos estendendo-se sobre o colo amorenado. Fernando engoliu em seco ao ver a mulher balançar em sua direção, debruçando-se ligeiramente sobre ele e apanhando o cigarro de sua mão.

— Vou mostrar a você como se faz.

Fernando permaneceu estático, com cara de abobalhado. Um trago demorado, seguido de uma lufada de fumaça

esvaindo-se pela narina e cantos da boca.

— Agora vocês. Tentem.

Daniel retirou outro cigarro do maço e caprichou na tragada.

Ele não queria fazer feio, e se passar por um garoto inexperiente e tolo. Mas não havia como disfarçar a imaturidade de seus atos. Daniel começou a tossir e escarrar, em um acesso muito pior do que o de Fernando. A mulher tentou ajudá-lo, pedindo que respirasse calma- mente, mas ele não conseguia regularizar a respiração.

— Venha. Vamos levá-lo lá pra cima. — Disse-lhes já tomando Daniel pelo braço. — Vou lhe dar um copo com leite.

Subiram até o apartamento da desconhecida. Uma quitinete cheirando a mofo, inundada por fios de luz diurna que penetravam pela janela da cozinha. Os amigos examinaram o ambiente com uma indiscrição típica da idade. Sentaram-se no sofá puído, acomodando-se em almofadas de crochê. A mulher ofereceu uma caneca de leite a Daniel. Fernando reparou nos objetos espalhados pela mesinha de centro. Uma garrafa de cachaça, dois maços de cigarro, papéis embo- lados, restos de comida e um baralho com figuras estranhas. Ele nunca tinha visto um baralho como aquele. Daniel foi recuperando o fôlego aos poucos, enquanto bebia o leite que lhe fora oferecido pela dona dos seios mais lindos que já vira na vida.

— O que é isso? — Perguntou Fernando.

— Isso o que?

Fernando apontou para o baralho pitoresco.

A desconhecida apanhou as cartas e embaralhou-as lentamente. — Você nunca viu um baralho antes?

— Não deste tipo. — Fernando deu de ombros.

A mulher sentou-se no chão, de frente para mesinha de centro.

Abriu espaço entre os objetos e escrutou Daniel.

— Isto é um baralho cigano. — Franziu os lábios e os desafiou com o olhar. — Algum de vocês quer tentar?

— Você é bruxa ou coisa assim? — Fernando não se conteve, mas Daniel o reprimiu com um chute na canela.

— Que coisa estúpida de se dizer!

A mulher soltou uma gargalhada.

Os garotos permaneceram em silêncio, observando-a manusear as cartas coloridas com destreza e mistério.

— E então, quem será o primeiro?

Não houve resposta.

— Mas o que é isso garotos! Vocês são novos demais para terem medo de ouvir o que não querem. O desconhecido é para os fortes. Deixem o medo com os fracos.

Daniel olhou para o amigo de esguelha. Inspirou uma grande quantidade de ar e esparramou-se no chão, na outra extremidade da

mesinha.

— O que eu devo fazer?

— Embaralhe as cartas e divida em três montes.

O garoto demorou quase um minuto para misturar o baralho.

Fernando sentou-se ao seu lado e começou a lascar a cutícula de um dos dedos com os dentes.

A mulher retirou a primeira carta. Mordeu o lábio inferior e retirou mais três cartas.

— Eu não sei bem o que te dizer. — Retirou mais uma carta e colocou sobre a mesa. A Roda da Fortuna. Daniel examinou a figura complexa, metade anjo e metade diabo.

— É como se não houvesse um futuro a ser visto. — A mulher meneou a cabeça negativamente e o encarou com apreensão. — Não estou falando de morte. Eu vejo você. Vejo você em uma espécie de limbo, perdido entre um momento e outro. Há uma menina. E uma mulher também.

Daniel arregalou os olhos, e já ia se preparando para perguntar o que significavam todas aquelas cartas, quando subitamente um barulho na fechadura da porta de entrada chamou-lhes a atenção. Levantaram-se todos e aguardaram.

Um homem truculento esquadrinhou-os dos pés à cabeça.

— Quem são vocês? E o que estão fazendo aqui? — O homem reparou no baralho esparramado na mesinha de centro e ofereceu à mulher um olhar enervado.

— Encontrei esses garotos lá em baixo. Estavam fumando escondido. Não é nada demais. — Gaguejou a mulher, visivelmente intimidada.

Uma profunda cicatriz marcava-lhe o lado direito do rosto alongado.

— Você fez de novo. Eu já lhe disse para não mexer com essa merda!

— Não foi importante. É só uma brincadeira.

O homem desferiu uma bofetada dura no rosto da mulher. Daniel e Fernando assustaram-se com o golpe, uma demonstração de covardia e opressão.

— Saiam daqui! — Vociferou o homem, cuspidando saliva embebida em cachaça. Saiam, ou serão os próximos.

Os amigos dispararam escada abaixo, trombando um no outro. Mas antes de deixar a quitinete, os olhos de Daniel procuraram os da desconhecida uma última vez.

— Boa sorte. — Murmurou ela.

Dias depois, o garoto voltou ao beco na esperança de reencontrá-la. Não havia roupas penduradas no varal da pequena varanda. Não havia nada. Tudo estava estranhamente quieto. Daniel olhou a esmo para os lados e não acreditou quando seus olhos identificaram um envelope pardo com seu nome escrito no verso, deixado no local onde se escondera com o amigo para fumar. Dentro dele, apenas uma carta de baralho. O menino ficou se perguntando como ela descobriu seu nome, pois nenhum nome fora dito na ocasião em que se conheceram. Lembrou-se das curvas de seu decote, da bofetada que lhe arrancara o equilíbrio e a dignidade, e dos seus lábios vermelhos desejando-lhe boa sorte.

— Boa sorte. — Gritou Daniel na direção da varanda. — Você também vai precisar.

Tempos depois, Alexander foi chamado a comparecer no gabinete do diretor responsável pelo colégio onde seu filho estudava. Daniel, já rapazote e com fiapos de barba aloirada no queixo, havia quebrado o nariz de um colega de classe durante uma briga, por conta de uma partida de futebol. Lacrimosa acompanhou-o durante o caminho até a escola, na esperança de acalmar-lhe os ânimos. Um misto de culpa e desapontamento comprimia-lhe o peito. Antes de dar o primeiro passo em direção à escadaria do colégio, Alexander tomou um gole da bebida que trazia malocada em um dos bolsos do paletó.

Lacrimosa fingiu não perceber aquele gesto, mas em seu íntimo temia que o desequilíbrio causado pelo torpor alcoólico o impelisse a cometer uma imprudência qualquer. A bebida estava se tornando um subterfúgio cada vez mais presente em seu cotidiano, assim como o hábito de reprimir suas emoções quando estava na presença do filho. Aos poucos a decadência de seu espírito manifestou-se no físico, alastrando-se por todos os aspectos de sua vida. Alexander envelheceu bruscamente. Seus olhos não brilhavam mais, e a única

motivação que ainda o impelia a levantar-se da cama todos os dias era saber que lhe restara um filho para criar. Não tinha ânimo para o trabalho, e os poucos clientes que ainda possuía mantinham-se fieis a ele por pura piedade.

O diretor, um homem esguio e narigudo, com profundas entradas que evidenciavam uma indesejada propensão à calvície, recebeu-o em sua sala com ares de solenidade forçada. Ele não demonstrou impaciência, mas foi certo ao abordar francamente o assunto que os colocara naquela situação. Começou dizendo a Alexander que lamentava o ocorrido e que se compadecia da tragédia familiar que certamente os afligia. Contudo, ele não permitiria que episódios como aquele se repetissem. Daniel serviria de exemplo para os alunos. Um bode expiatório que carregaria o exemplo da punição merecida por aqueles que se desviam das regras imprimidas ali. Alexander tentou argumentar, mas foi interrompido na segunda frase. Novamente o diretor mostrou-se compreensivo em relação aos fatos pretéritos que influenciavam o comportamento desrespeitoso e insurgente do menino, mas a firmeza de sua diligência deveria ser mantida. Ele não relevaria o comportamento de Daniel, pois se tratava de uma reincidência vergonhosa. Daniel se envolvera em situação semelhante, e só não havia sido punido a contento porque o fato ocorrera fora das dependências do colégio, após o horário de aula. Do lado de fora do gabinete, Lacrimosa riscava o assoalho de madeira escura, andando de um lado ao outro da saleta onde se encontrava a mesa da secretária e duas poltronas gêmeas. Minutos depois, Alexander apareceu na porta e lhe encarou com hesitação e desânimo. Uma bola de ansiedade tomava conta de seu estômago. — Daniel foi expulso do colégio. — Informou-lhe ele, suas mãos tateando o bolso do paletó para se certificar de que a garrafa estava ali.

Lacrimosa levou as mãos à boca.

— Por favor, não me pergunte nada agora. Apenas leve-o para casa. Alexander não dormiu em casa naquela noite. Na manhã seguinte, chegou trançando as pernas e fazendo estardalhaço. Daniel abriu a porta e o escorou com o corpo. Levou-o até o quarto com o auxílio de Lacrimosa. Deitaram-no na cama. Daniel retirou seus sapatos e

Lacrimosa ajeitou o travesseiro e o cobriu com um lençol. Antes de cair em sono profundo, o homem balbuciou palavras desconexas e chamou pela esposa falecida. Horas mais tarde, parcialmente refeito da bebedeira e torturado por uma dor de cabeça que retumbava em sua mente como repique de tambor, Alexander chamou o filho para uma conversa e disse-lhe que o mesmo seria enviado para um internato.

— É uma escola para meninos, não muito longe daqui. Você poderá vir para casa uma vez ao mês e também nas férias e datas importantes. Podemos ir visitá-lo a cada quinze dias.

— Tenho mesmo que ir?

— Não há alternativa.

— Existem outras escolas na cidade, pai.

— E correr o risco de lhe expulsarem novamente? Você está precisando de disciplina e ao que parece, eu não estou conseguindo lhe ensinar a ser gente.

— Preciso de muitas outras coisas.

— Eu sei do que você precisa! — Alexander exaltou-se de repente. Daniel travou o maxilar e segurou-se na cadeira a fim de não cometer um gesto de malcriadez. O garoto sabia que argumentos não seriam aceitos, mas o que realmente o incomodava era pensar em deixar o pai sozinho.

— Sou seu pai e não posso permitir esse tipo de comportamento. Se sua mãe estivesse aqui, nada disso estaria acontecendo.

Subitamente Daniel levantou-se e encarou o pai com um misto de fogo e lágrimas em seus olhos arregalados.

— Se minha mãe estivesse aqui, nós não estaríamos morando nesta casa e o senhor não passaria as noites fora, enchendo a cara e fazendo sei lá mais o que.

Em um gesto impensado, Alexander desferiu uma bofetada no filho. Daniel cambaleou e foi amparado pela cadeira em que estivera sentado. Arrependendo-se instantaneamente, o pai quis confortá-lo, mas o garoto o repeliu com um empurrão.

— Se eu não tivesse falhado —, Daniel enxugou as lágrimas que umedeciam suas bochechas — se não tivesse caído da bicicleta naquele dia, Lulu ainda estaria aqui e minha mãe também. E tudo

seria muito diferente.

— Escute meu filho, você não tem culpa de nada. Não tem culpa de nada. — Alexander ajoelhou-se diante do filho, apoiando as mãos em seus joelhos ossudos. — Perdoe-me. Não queria bater em você.

— Por que quer me mandar para longe?

— É para o seu próprio bem meu filho. Um dia você irá compreender.

Daniel desvencilhou-se do pai e caminhou até porta de saída. Mas antes de deixar a casa, virou-se e encarou Lacrimosa, estática no topo da escada. Uma única lágrima rolou de seu olho bom.

A mulher aproximou-se de Alexander e tocou-lhe o ombro.

— Tem certeza disso? Não será bom afastá-lo de você.

— A melhor coisa que posso fazer por ele é afastá-lo de mim Lacrimosa. Enviá-lo para longe de todas essas lembranças lúgubres e fantasmagóricas. Não tenho sido um exemplo bom.

— Entendo que queira protegê-lo, mas saiba que para onde quer que vá, ele carregará consigo todo o peso do mundo.

— Ele se sente culpado. Eu me sinto culpado. — Alexander jogou-se em uma poltrona.

Lacrimosa sentou-se de frente para ele. Trazia enroscado nos nós dos dedos um terço de contas negras, presente da madrinha que a criara como mãe. Quando Dália Cambré faleceu, Lacrimosa já trabalhava na casa da família Pope. Naquela época, ela era uma espécie de secretária particular de Olga Maria Pope e exercia pequenos trabalhos no âmbito da intimidade de sua patroa. Certa vez, ao hospedar em sua casa uma prima que viera de Paris para uma temporada nos trópicos, a senhora Pope tomara conhecimento de um hábito finamente acolhido pelas damas que compunham a elite parisiense. Todas elas possuíam uma espécie de criada pessoal, encarregada de vesti-las, cuidar de seus pertences e executar outras tarefas com delicadeza e descrição. Laudelino Palhardo, patrão de sua madrinha, indicou Lacrimosa para assumir o cargo de secretária pessoal de umas das senhoras mais temidas da sociedade Esplendoreense. Ele havia sido professor de piano de Erick Vander Pope durante dois longos e tortuosos anos para ambos os lados, já que o menino nunca demonstrara talento para música. Erick

aprendera algumas peças de fácil execução, e as interpretava para família após o almoço de domingo. Seu pai jamais teve paciência para ouvi-lo até o fim.

— Imagino que já tenha pensado em uma solução. Quero dizer, como vai pagar a mensalidade do internato?

— O diretor da instituição é um antigo cliente, e me deve um ou dois favores. Tenho certeza de que vai dar um jeito.

II

O internato para meninos fora esculpido ao pé de uma encosta, cujo desmatamento começara a dar sinais de perigo. Imperiosos Ipês amarelos destacavam-se em meio à vegetação, como pontos de luz afogueada. Uma construção de pedra em estilo renascentista que tivera duas finalidades pretéritas. Originalmente erguida para ser a residência de uma família de nobres europeus, a propriedade também servira de morada para freiras da ordem Santa Rita de Cássia durante muitos anos, até que uma decisão arquidiocesana de motivações obscuras deliberou pela desativação do convento e a transferência das conventuais para outra casa de clausura.

Daniel reparou no vitral austríaco que peneirava a luz diurna, evitando que o átrio fosse completamente inundado pela luminosidade do dia que se desmanchava em línguas de fogo, do lado de fora da construção. Dias antes, ao arrumar os poucos pertences que deveria levar para sua nova morada, ele se certificou de que a carta do baralho cigano estava em sua carteira, lugar onde a carregava há quase dois anos. Aquele objeto era para ele um sortilégio, e mesmo sabendo de sua nebulosa interpretação, tomara-o como uma espécie de amuleto, indispensável ao enfrentamento de novas experiências. Alexander o acompanhou, mas Lacrimosa preferiu ficar em casa. Pai e filho foram recebidos pelo secretário do diretor, um rapaz esquelético que sustentava em seu rosto descorado uma altivez irritante. Enquanto os conduzia até a sala da direção, Cássius Lira se esmerava na citação das regras impostas aos internos. Atravessaram um salão no qual fora instalada uma biblioteca, e inúmeras cabeças se viraram para reparar em Daniel. Como previsto pelo pai, o diretor facilitou a estadia de Daniel.

— O Conselho Diretor resguarda-me o direito de indicar um bolsista, enquanto estiver no exercício da função hodierna. Mas como você bem sabe, eu não tive filhos homens e não há sobrinhos ou

agregados. Sendo assim, fico feliz em receber este rapaz nas dependências do colégio. Contudo, o aluno que faz parte do quadro discente na condição estabelecida, deve contribuir minimamente para o cumprimento regular das atividades propostas.

— E o que isso quer dizer? — Perguntou-lhe Alexander. — Depois de nossa conversa ao telefone, quando me ligou para comunicar que traria seu filho para cá, elaborei uma justificativa plausível para levar ao conhecimento do Conselho o preenchimento da vaga. Daniel exercerá a função de monitor e trabalhará, em horário previamente estabelecido, nas dependências da biblioteca. Pai e filho entreolharam-se por um átimo. Daniel não se manifestou. — Você vai gostar daqui, meu rapaz. Tenho certeza disso. Os olhos do rapaz perderam-se através da janela escancarada. Do gabinete do diretor, podia-se ver o claustro quadrangular e os alunos que se esparramavam pelos nichos do espaço aberto. Inúmeras formigas começaram a subir pelas paredes de seu estômago. Lembrou-se da mãe. Daniel imaginou o que Carmélia lhe diria se o visse naquela situação. O que sua mãe diria para encorajá-lo a enfrentar uma situação totalmente nova, cujos desdobramentos eram imprevisíveis? Ele não sabia o que esperar daquele lugar, mas já estava ciente de que haveria um companheiro de quarto. Bento Solano era um garoto sorridente e galrão, que não apresentara resistência ao ser informado de sua nova companhia. Fruto da união entre um caseiro e uma cozinheira semi-analfabeta, o rapaz fora apadrinhado por um abastado criador de gado, cuja fazenda restava aos cuidados de seu pai, e que supostamente se apiedara do garoto, dizendo que sua lábria faceira não deveria ser desperdiçada na lida rural. Contudo, comentários maledicentes ouvidos aqui e acolá, sussurravam ser o rapaz o resultado de uma traição, um envolvimento entre sua mãe e o fazendeiro fanfarrão. Línguas viperinas que não conheciam a verdade dos fatos. Não sabiam elas que o menino era fruto de uma violência, uma relação forçada, bem no meio da braquiara. O rapaz abriu espaço na estante para acomodar os livros de Daniel. Livros que ele não possuía.

— Esta é a sua cama. — Indicou uma cama de solteiro colocada no canto esquerdo do pequeno quarto. A cabeceira de metal estava gasta e o estrado rangeu alto quando seu novo usuário se acomodou sobre o colchão. — Dá pra imaginar que freiras viviam aqui? Que elas dormiam neste quarto? Que andavam por estes corredores arrastando seus hábitos fúnebres e entoando cânticos em um latim eclesiástico?

Daniel arregalou os olhos.

Onde aprendeu a falar assim?

— Assim como?

— Assim, usando palavras difíceis.

Bento Solano pendeu a cabeça para o lado.

— Eu leio muito. Afinal de contas, um homem deve se fazer entender por suas palavras e ações.

— Você é sempre assim, não para nunca de falar?

— Sim. E você não fala muito.

— Não se preocupe com isso, pois tenho certeza de que vai conversar por nós dois. — Daniel suspirou e estirou-se na cama, colocando as mãos sob a cabeça.

— Pode me chamar de Bentinho, se quiser.

— As pessoas lhe chamam assim?

— Quase sempre.

— No meu caso, é Daniel. Não gosto de apelidos. Nunca gostei.

— Se pensar bem, Bentinho não é um apelido. Minha mãe diz que é um jeito carinhoso.

Carmélia também lhe dizia que *Daniera* uma forma carinhosa de chamá-lo.

— Sua mãe lhe chama do que?

Daniel travou o queixo e encarou o novo colega.

— Ela não me chama de nada.

— Por que ela não veio lhe trazer junto com seu pai?

— Minha mãe está morta. — Daniel respondeu rispidamente e ergueu-se da cama. Caminhou até a janela, fincando os dentes no lábio inferior para refrear a vontade de gritar. Sentia-se profundamente incomodado com o rumo que aquela conversa

estava tomando.

Bentinho suspirou e respondeu com delicadeza.

— Sinto muito. Sinto muito mesmo. Não sei como seria não ter mãe.

— Eu tenho mãe. Ela só não existe mais.

— Certo. Certo. — Bentinho preferiu não argumentar, ainda que a vontade de especular a respeito do assunto queimasse sua garganta.

— E como pode sentir a morte de alguém que nem chegou a conhecer? — A pergunta de Daniel foi feita com um misto de raiva e amargura.

— Sinto por você. Me coloco no seu lugar e imagino a situação. A brandura que Bentinho imprimira em suas palavras conseguiu afastar de Daniel um estado de espírito melancólico que sempre o arrebatava ao falar de Carmélia.

O rapaz fechou os olhos. Bento Solano tinha resposta para tudo, e ele sabia que não se esquivaria facilmente de suas interpelações indigestas. Daniel não estava acostumado a dividir o quarto com outra pessoa e incomodava-lhe o fato de não conseguir ficar em silêncio quando bem entendesse. O rosto de seu amigo Fernando Godinho cruzou-lhe a mente por um instante. Despediram-se por telefone, horas antes da viagem até o internato. Fernando deu a Daniel um canivete suíço, mas disse que o amigo não deveria usá-lo. Godinho era covarde. Um garoto amedrontado pelo desconhecido e sem energia para o enfretamento do mesmo. Pusilânime, mas facilmente convencido pelo amigo que sempre o enleava em suas travessuras. Trazia no peito um coração adocicado pela leveza da juventude e pela completa falta de problemas e traumas emocionais, cujo estrago e veneno Daniel conhecia bem.

— E então, vai me dizer por que veio para cá?

— Não é óbvio? — Respondeu-lhe Daniel ainda de olhos fechados.

— Você é sempre assim, tão irritante?

— Estou aqui porque fui expulso da minha antiga escola.

— É mesmo? — Exclamou Bentinho, não conseguindo conter a surpresa.

— Sim, mas não espalhe a notícia por aí. Ta legal?

Bentinho ruminou a última frase que acabara de ouvir e concluiu que ele e seu novo colega de quarto se dariam muito bem.

Daniel Pope e Bento Solano sacramentaram a amizade que os uniria durante os anos passados no internato, em dias de muito sol e pouco juízo, de horas dedicadas ao exercício de traquinagens despre- tensiosas, de conversas quase sempre protagonizadas por Bentinho e que os levariam ao gozo de uma cumplicidade declarada. Com o passar do tempo, Daniel contou-lhe sobre seu passado, deixando transparecer a culpa que sentia pelo desaparecimento da irmã. Bentinho consternara-se de tal forma que até se ofereceu para ajudar a encontrá-la. Mas ambos sabiam que não havia muito a ser feito.

No dia seguinte à sua chegada ao internato, Daniel foi avisado de que deveria comparecer à biblioteca, pois o mesmo assumira o compromisso de atuar como monitor. Era domingo e um casal de rolinhas havia feito um ninho em um pequeno esconderijo incrustado no telhado, próximo à janela de seu quarto. O canto monótono e repicado das aves empoleiradas parecia anunciar o início de uma nova fase. Daniel observou o reflexo de seu rosto no espelho pendurado ao lado da cama de Bentinho. Olhos miúdos e empapados, resultado da noite que passara em claro, ruminando a mudança de vida imposta a ele, mais uma vez. Novamente o destino, ou o que quer que fosse, encarregara-se de lhe dar uma rasteira, confinando-o em um lugar estranho, sem amigos ou referências próximas. Sentiu raiva do pai, mas também saudade. Próximo de completar catorze anos, Daniel ainda não havia sedimentado em seu coração a imagem de um pai enfraque- cido pelo vício da bebida e que se esquecera de si mesmo e da vida que lhe restara após a tragédia familiar. Ele o enxergava com olhos de piedade e renúncia, preocupando-se com a conduta que o levaria à ruína, fazendo dele um homem guiado pela amargura.

Lacrimosa colocara em sua mala uma foto de família tirada em seu aniversário de sete anos. Na fotografia, sua mãe segurava Lulu no

colo, um pacotinho precioso. Lacrimosa estava de pé, um passo atrás de Alexander. Ela sempre estava ao lado de seu pai. E agora que não restava mais ninguém, Alexander se apoiava nela para sobreviver. Ela o conhecia desde que nascera. Fora sua babá e sempre lhe dera o melhor dos sentimentos: amor. Um amor infindo, como se Alexander fosse seu filho de sangue.

Daniel não se sentia confortável ao vislumbrar a obrigação imposta pelo diretor, mas não havia escolha, já que seu pai o relegara àquele lugar na condição de bolsista. Cruzou o corredor que ligava a ala de dormitórios ao salão principal, passando pelo claustro mergulhado no sol da manhã, cujos raios banhavam todas as superfícies com uma resplandecência majestosa. Um dia ensolarado inspirava-lhe movimento e raciocínio. Passou pela arcada que precedia a porta de entrada do salão usado como dormitório de estantes. A biblioteca já lhe era conhecida, uma vez que cruzara suas dependências no dia anterior, acompanhado de seu pai e guiado por Cássius Lira, o secretário empertigado, três anos mais velho que ele. Cássius também era aluno e estava cursando seu último ano no internato. Mesas retangulares trabalhadas em madeira escura formavam seis fileiras, margeando um corredor no meio do salão. Uma mesa comprida e apinhada de livros, apostilas e mapas geográficos guardados em rolos estava em um local de destaque, espaço previamente ocupado por um cadeiral monástico que fora arrancado de seu nicho quando as freiras se mudaram. Contudo, o grande retábulo em mármore Carrara, encerrando painéis em baixorelevo ainda se encontrava lá. O ambiente pareceu-lhe estranhamente acolhedor. Vazio e silencioso, sem as cabeças que o escrutaram afoitas quando o mesmo apareceu pela primeira vez ali. Daniel caminhou lentamente pelo corredor central, reparando em alguns livros dispostos sobre as mesas de estudo. Quando deu por si, já estava xeretando no que havia sobre a grande mesa. Um relógio de bolso lavrado em prata chamou-lhe a atenção. O visor estava trincado e os ponteiros estáticos. Chegou mais perto para observar a peça cujo brilho do metal denunciava um polimento recente.

— Aprendi que se conhece um homem pelo aperto de mão. — Um homem se aproximou e estendeu-lhe a mão direita.

Daniel afastou meio passo.

— Desculpe, eu... — O garoto fora pego de surpresa — só estava olhando.

— Não vai apertar minha mão?

O garoto apressou-se e respondeu ao cumprimento.

— Arthur Vichi. Professor de História, curador desta biblioteca e botânico nas horas vagas. — Informou-lhe o homem, um meio sorriso escorrendo de seus lábios finos. Ele era magro, relativamente alto e tinha uma vasta cabeleira castanha penteada para trás. Um ar de mistério brotava de seus olhos soturnos, como se houvesse algo por detrás daquelas pequenas bolas cor âmbar. O garoto engoliu em seco e desviou o olhar.

— Este relógio é seu?

— Sim. Gostou dele?

— É bonito. — Daniel deu de ombros.

— Foi presente de um bom amigo.

— É valioso?

— Não mais do que o valor das horas que já não marca. Mas acho que poderia penhorá-lo, caso precisasse.

Daniel sorriu e correu os olhos pelos outros objetos espalhados ao redor do relógio. Havia uma lupa, um maço de cigarros, uma régua e um compasso. Toda parafernália estava disposta sobre um mapa geográfico de aspecto envelhecido. Subitamente, o garoto percebeu que não havia se apresentado. Disse então seu nome e o que estava fazendo ali.

— Sei quem você é. Mas o que eu quero realmente saber, Daniel Pope, é se você gosta de ler. E então, gosta de ler?

Daniel não sabia ao certo como responder àquela pergunta. Poderia dizer que quando criança, sua mãe costumava ler para ele e a irmã, mas que depois de sua morte, os livros de Carmélia foram guardados em caixas poeirentas em algum lugar do palacete da família, e ele nunca mais se atreveu a ler. Contudo, pensou que a melhor alternativa seria uma resposta lacônica, pois não queria parecer estúpido e desgostoso com a função que lhe cabia exercer. Além do

mais, Daniel não pretendia se passar por um pobre garoto órfão.

— Leio o que mandam os professores.

— Então você só faz o que lhe mandam fazer?

O garoto sentiu-se estranhamente desafiado.

— Faço o que quero.

— Está aqui por que quer?

— Não.

— Então você não faz somente o que deseja, mas também o que lhe é imposto.

O garoto mordeu o lábio inferior, ligeiramente irritado com aquele jogo de palavras. Arthur apanhou o relógio e colocou-o no bolso da calça.

— Eis a primeira lição, das muitas que irá aprender por aqui: na vida, realizamos muito pouco de nossos desejos, e quase sempre o que os outros desejam por nós. Fuja disso, e será mais feliz que a maioria.

— O senhor está me dizendo que não devo obedecer a ninguém?

— Estou dizendo apenas que você deve ser feliz, sempre que puder.

Daniel suspirou e deixou que um ruído seco escapasse de sua garganta. Vivera o suficiente para compreender que a felicidade é artigo raro no mercado de sentimentos. Como um produto racionado em meio a uma guerra, onde o fim é apenas um vislumbre nebuloso, uma fábula contada à meia-luz para fazer as crianças dormirem.

Nas semanas seguintes, Daniel foi apresentado aos outros professores e começou a seguir a rotina que se esperava dele.

Bentinho o acompanhava de bom grado. Serpenteando à sua frente pelos corredores do colégio, o garoto matracava incessantemente, desvelando um discurso infindo. Explicou-lhe que o prédio onde ficavam os dormitórios fora anexado à construção original, numa tentativa malfadada de manter o mesmo estilo arquitetônico da casa principal. Bentinho tagarelava acerca da comida servida no refeitório, da pontualidade exigida pelos professores em todas as tarefas e sobre o incômodo que sentia em usar o paletó que compunha o uniforme em dia de muito calor. O garoto conversava sobre qualquer assunto que lhe despertasse o mínimo interesse, e isso incluía fazer perguntas a Daniel sobre os mais variados temas. Em certa ocasião,

disse-lhe que o professor Vichi cultivava um jardim a leste do prédio de dormitórios, e também uma pequena horta. Daniel arqueou as sobrancelhas e meneou a cabeça enquanto caminhava em direção à sala de aula para mais algumas lições de matemática.

Durante toda a aula, dois alunos secaram-no com os olhos.

— Quitério Gonzáles e Hugo dos Anjos. — Informou Bentinho a Daniel, ao ver os garotos repararem em seu novo amigo. — Dois idiotas.

— Não estou incomodado. Eu já esperava virar o centro das atenções.

— Mas deveria. São dois encrenqueiros e devem estar armando alguma coisa.

Daniel soltou uma gargalhada.

— E o que poderiam fazer contra mim?

— Não subestime a criatividade instigada pelo confinamento ao qual estamos submetidos. Eu já os vi em ação e posso garantir que você não vai gostar do que está por vir.

Quitério Gonzáles era filho de um banqueiro que ficara viúvo, um ano depois de se casar. Sua mãe havia morrido em virtude de complicações no parto. O banqueiro se casou novamente, e a madrasta eleita fazia jus à fama que as histórias infantis construíram no imaginário popular. Hugo dos Anjos era lerdo de pensamento. Seus pais achavam que lhe faltava um parafuso e por isso o enviaram ao internato. Queriam se livrar dele. Duas almas rejeitadas por suas famílias e que transformavam a carência sentida num misto de sentimentos contraditórios, cada um a seu modo.

As palavras de Bentinho se concretizaram numa noite de lua cheia, como uma profecia certa. Daniel havia permanecido na biblioteca mais tempo do que o necessário, pois o curador solicitara ao mesmo que organizasse uma coletânea de enciclopédias lusitanas, doada ao internato pelo avô de um dos alunos. Quando finalmente terminou o serviço, o garoto estava exausto, mas sabia que não poderia se entregar ao sono dos justos antes de tomar um bom banho. Os primeiros raios lunares esfaqueavam o claustro e as sombras das pilastras que margeavam o corredor projetavam-se no chão como marcos de distância, iluminando a passagem de Daniel. Enquanto

caminhava, o garoto pareceu ouvir um ruído de passos apressados atrás de si. Virou-se rapidamente, mas não viu ninguém em seu encalço. Mais alguns passos, e outro barulhinho duvidoso, uma risadinha abafada, chamou-lhe a atenção. Daniel engoliu em seco e olhou ao redor. Pontos de luz amarelados, advindos de meia dúzia de postes espalhados pelo claustro, bruxuleavam noite adentro, atraindo mariposas. Ao final do corredor, uma lamparina de azeite esperava-lhe acesa, resquícios de uma época sem eletricidade. O garoto apertou o passo, certo de que estava sendo seguido. Ele não estava sozinho. O barulho de uma porta se fechando violentamente propagou-se por toda a extensão do corredor. Daniel apanhou a lamparina e seguiu em direção ao quarto.

Bentinho adormecera com o rosto socado no travesseiro e a coberta enroscada nas pernas. Ele não se dera ao trabalho de retirar a toalha molhada que jogara sobre a cama de seu colega. Daniel resmungou e atirou a toalha contra o amigo, mas o mesmo não acordou. Antes de fechar a porta do quarto, o garoto olhou para os lados e se certificou de que não havia ninguém nas proximidades. Um silêncio estendia

-se pelo corredor do dormitório, mas podiam-se entrever luzes por entre as frestas das portas de alguns quartos. Nem todos estavam dormindo. Concluiu que os ruídos ouvidos a caminho do dormitório não passaram de manifestações de sua imaginação. O garoto retirou os sapatos e o paletó e apanhou uma toalha seca. O vestiário ficava ao final do corredor, logo após uma curva. Um vitral colorido filtrava a luminosidade que vinha de fora, do céu noturno salpicado de estrelas longínquas. Já no vestiário, ao retirar o restante da roupa, Daniel constatou que trouxera sua carteira. Ele havia se esquecido de deixá-la na gaveta do criado-mudo, lugar eleito como esconderijo. Colocou-a então sobre a roupa suja, em uma bancada de madeira escura. A porta do vestiário abriu-se de forma vagarosa, para evitar que o rangido da madeira denunciase a presença que adentrava sorrateiramente. O barulho da água não permitiu que Daniel percebesse de imediato que não estava sozinho. Quitério Gonzáles e Hugo dos Anjos, munidos de más intenções, arquitetaram uma traquinagem zombeteira e ofensiva com o único

intuito de expor ao ridículo o aluno novato. Roubaram as roupas, a toalha e também a carteira de Daniel, deixando-o completamente vulnerável. Mas antes de saírem do vestiário, os garotos começaram a rir e Daniel abriu a porta do cubículo onde se encontrava, assustado com a presença inesperada. Os meninos saíram correndo, mas o garoto percebeu que carregavam seus pertences. Daniel chamou por eles. Gritou e ameaçou segui-los, mas estava nu e um pouco ensaboado. Não demorou muito para começar a tremer. O garoto esbravejou xingamentos e esmurrou a porta do banheiro. Custava-lhe acreditar que havia sido vítima de uma peça odiosa. Constrangido e visivelmente perturbado, Daniel inspirou o ar e estufou o peito. Não lhe restava alternativa, ele teria que caminhar até o quarto no estado em que se encontrava. Quitério e Hugo atravessaram o corredor a gargalhadas, batendo na porta dos quartos a fim de chamarem a platéia para o espetáculo que Daniel protagonizaria a seguir. O garoto cobriu o sexo com as mãos e caminhou até seu quarto, em meio aos risos e comentários desdenhosos dos colegas de internato. Antes de fechar a porta atrás de si, Daniel procurou por Quitério e encontrou dois olhos negros arregalados e sombrios esquadrinhando-o dos pés à cabeça. Não trocaram palavras, mas a troca de olhares venenosos denunciava claramente que uma guerra havia sido declarada. Bentinho não conseguiu conter o riso quando o amigo lhe contou o ocorrido. Daniel o acordara a sacudidas, pois quando dormia Bentinho mais parecia uma pedra.

— Eu te disse que eles iriam aprontar!

— Você não entende. Não me importo em aparecer pelado na frente do colégio inteiro. Acontece que eles roubaram a minha carteira.

— E você tem tanto dinheiro assim?

Daniel encarou o amigo com impaciência.

— Não é dinheiro.

— E o que é então?

— Uma carta de baralho. Um amuleto que me acompanha há um bom tempo.

Bentinho sentou-se na cama e encarou o amigo.

— Uma simples carta de baralho? — Desdenhou.

— É uma carta de tarô.

— Ah, mas aí a coisa muda de figura. Então é adepto de práticas ocultistas?

— Não sou adepto de coisa alguma Bentinho. E pare de falar um pouco. Já está começando a me irritar.

— Se não quer conversar, porque me acordou então?

— Porque você ronca feito um porco.

Daniel arremessou um travesseiro contra o amigo e estirou-se na cama com as mãos cobrindo os olhos. Ele não dormiu naquela noite e assim que os primeiros raios de sol despontaram no horizonte, o garoto foi ao encontro de seu rival. Bentinho o seguiu apressado. Daniel esmurrou a porta do quarto ocupado pela dupla de traquinas inconsequentes, mas os garotos já não estavam mais lá. Prevendo que seriam procurados pelo novato na primeira hora da manhã, Quitério Gonzáles e Hugo dos Anjos trataram de arrumar um elaborado esconderijo para amoiar o espólio da noite passada. Já no refeitório, onde todos se aboletavam para o café da manhã, Daniel e Bentinho avistaram os garotos em um canto da mesa de refeições, próximos aos acentos ocupados pelos professores.

Bentinho convenceu o amigo a não começar uma briga em público. Daniel engoliu em seco e travou o maxilar, mordendo o lábio inferior toda vez que Quitério lhe encarava com um sorrisinho cínico. Quitério resolveu provocá-lo durante a aula de História.

Suponho que queira sua carteira de volta.— Escreveu Quitério em um pedaço de papel rasgado. Daniel não respondeu ao bilhete. Minutos depois, outro pedaço de papel lhe foi entregue pelo colega da esquerda.

Vai ter que visitar o covil das bruxas.

Bentinho arqueou as sobrancelhas e Daniel lhe repassou o bilhete. Sussurraram meia dúzia de palavras antes que o professor os interrompesse.

— Desculpe-me se atrapalho, mas acho que ficarão mais à vontade para conversarem lá fora. — Arthur Vichi apontou a porta de saída. Bentinho e Daniel desculpavam-se pela interrupção e voltaram os olhos para os cadernos.

Após as aulas da manhã, os garotos sentaram-se em um dos bancos

de pedra colocados no claustro. Bentinho releu o último bilhete que Quitério enviara a Daniel, ainda em sala de aula.

Vá até o covil das bruxas à meia-noite de hoje, e traga uma prova.

— Isso é ridículo. — Bentinho sacudiu a cabeça negativamente e estreitou olhos em resposta à claridade do sol do meio-dia.

— Onde é esse lugar? — Perguntou-lhe Daniel.

— É só uma história idiota. Vou lhe contar, mas não vá se impressionar.

— Isso não acontece facilmente Bentinho. Diga logo!

Bom, — o garoto ajeitou-se no banco, olhando em volta para se certificar de que ninguém estava ouvindo — Dizem que as freiras que moravam aqui, quando isso tudo era um convento, foram expulsas porque praticavam bruxaria. Desconheço a origem de tamanho absurdo, mas o fato é que os alunos insistem em brincar com essa história.

Daniel ouvia a tudo com atenção.

— Existe uma porta ao final daquele corredor que dá para aquele sobrado cujas janelas foram obstruídas por barras de madeira. — Bentinho apontou para uma construção retangular e estreita, com paredes enlaçadas por trepadeiras. — Alguns garotos ficam dizendo que aquele é o lugar onde as freiras praticavam rituais satânicos. Por isso a porta está trancada e ninguém se atreve a utilizar o espaço. Vez por outra, um destemido qualquer se embrenha por aquelas bandas em noite de lua alta, e quando retorna afirma ter ouvido barulhos estranhos vindos do interior dos cômodos. Pura baboseira.

— Então não acredita em nada disso?

Bentinho arregalou os olhos e bufou impaciente.

— É claro que não! Como poderia? Isso é tão ridículo que chega a ser cômico.

— Você não acredita em bruxaria?

— E você, acredita?

Daniel preferiu não responder. Mas intimamente, o garoto sabia que qualquer coisa sobrenatural capaz de abduzir-lhe a mente, arrancando-o da patética realidade que julgava ser a sua vida, merecia algum crédito.

Subitamente, os rapazes foram abordados pela dupla de tra- quinas.

Daniel ergueu-se rapidamente e investiu contra Quitério, empurrando-o com violência. O garoto chocou-se contra Hugo dos Anjos que vinha logo atrás.

— Hei! Não fique tão nervoso novato. Estávamos apenas nos divertindo um pouco.

— Não sou palhaço! — Daniel fez menção de avançar novamente contra Quitério, mas foi contido por Bentinho.

— Não há muita diversão por aqui, colega. — Esta última palavra fora dita por Hugo com uma dose cavalariça de ironia.

— Sua noção de divertimento está bastante equivocada. — Retrucou Daniel entredentes.

Quitério González instigava-lhe com todas as armas disponíveis. O cinismo estampado em seu rosto amorenado atizava ainda mais o enervamento que transbordava dos olhos de Daniel.

— Devolva!

— hummm — Quitério coçou o queixo e perguntou a Hugo dos Anjos se o mesmo concordava com o pedido de Daniel. O amigo respondeu-lhe que a carteira seria devolvida mediante o pagamento de uma prenda.

— Não vou pagar coisa alguma! Só quero o que é meu.

— E você terá! Mas antes vai ter que nos mostrar um pouco de coragem. Esta noite nos encontraremos na porta do covil. Você vai entrar lá, sozinho. E depois vai nos contar como é.

O rapaz avaliou a proposta. Daniel pensou em resolver a situação como costumava fazer em sua antiga escola, engalfinhando-se com Quitério ali mesmo. Lembrou-se, contudo, de que se aproximava o dia da primeira visita de seu pai desde que o mesmo o deixara naquele lugar, e ele não queria decepcioná-lo. Daniel fora expulso do colégio por conta de seu pavio curto e por isso estava ali. Ele suspirou profundamente, tentando refrear o gosto amargo da ira que inundava sua garganta.

— Ta legal!

— Ta legal? — Repetiu Bentinho incrédulo.

— Encontro vocês à meia-noite.

Quitério assentiu com a cabeça e um sorriso travesso refletiu o que se passava em sua mente zombeteira.

III

A magnitude de astros mortos, mas cuja luz ainda podia ser vista a olho nu, resplandecia uma luminosidade prateada que aplacava a escuridão noturna. O internato estava mergulhado em um silêncio cavernoso, interrompido apenas por manifestações guturais da fauna que saía de seus nichos obscuros para avaliar o terreno e cumprir o papel exigido pela natureza. Uma coruja espiava-os do parapeito de uma janela. Daniel e Bentinho caminhavam apressados, passos firmes e resolutos. Talvez Bentinho não estivesse tão certo do que estava prestes a fazer, mas ele não deixaria que Daniel se comprometesse sozinho. Não era medo o que o rapaz estava sentindo, mas contrariava-o participar de uma incursão clandestina cujo propósito consistia em aliviar a tediosa realidade de dois jovens dissimulados que se regalavam à custa do constrangimento alheio. Daniel, por sua vez, não se importava com o preço a pagar, desde que recuperasse a carteira e com ela, seu amuleto.

Horas antes, Quitério entrara no escritório do inspetor e surrupiara do claviculário um par de chaves enegrecidas e empoeiradas. Eram as chaves do cadeado que unia os braços da pesada corrente que se enroscava como uma serpente nas alças da porta de acesso para o covil das bruxas.

— Vamos acabar logo com isso. — Afirmou Daniel ao encarar

Quitério com fogo nos olhos.

— *Voilà!* — O garoto indicou uma pequena fresta que permitia a passagem de apenas um por vez. A porta estava emperrada e aquela

estreita passagem fora tudo o que conseguiram depois de muitos empurrões. — Vamos esperar aqui em baixo.

Daniel inspirou e deu o primeiro passo. Bentinho tocou seu ombro esquerdo e disse que o acompanharia.

— Quanta gentileza! — Hugo dos Anjos comentou com desdém, ironizando a amizade dos colegas de internato.

— Não precisa fazer isso Bentinho. — Disse-lhe Daniel. — Sei que não preciso, mas foi por isso que vim. Não vou deixar você se embrenhar aí dentro sozinho. Além do mais, você vai precisar de uma lanterna extra.

— E não se esqueça Daniel — Quitério tocou seu braço na altura do cotovelo — Você precisa nos trazer uma prova.

— Tire a mão de mim. — Retrucou o rapaz.

Quitério afastou-se meio-passo e esperou. Daniel entrou primeiro. Munido de uma lanterna, o rapaz tossia à medida que enfrentava o manto de poeira suspenso no ar. Bentinho vinha logo atrás, empunhando um facho de luz tremeluzente que não tardaria a se extinguir.

— Acho que as pilhas estão fracas. — Comentou a esmo. Daniel bateu uma parede à procura de um interruptor, mas não logrou sucesso. Suas mãos tocaram um objeto áspero e ele logo percebeu que se tratava de uma vassoura de palha. Aquele lugar havia

se transformado em um depósito de quinquilharias diversas, objetos aposentados pelo desuso, restos de material que foram utilizados na última reforma da casa principal. Os fachos de luz das pequenas lanternas não galgavam grandes distâncias. Aos poucos os rapazes entreveram uma espécie de escada em caracol. Uma ratazana gorda passou

correndo por entre as pernas de Bentinho, fazendo com o mesmo se desequilibrasse sobre latões de alumínio enferrujados.

— Tudo bem aí?

— Se isso foi um rato, o que esperar dos gatos?

— Está com medo?

— Medo de ratos? — Bentinho recompôs-se e mirou sua lanterna na direção do amigo — Você não sabe de onde venho Daniel. Daniel sentiu uma corrente de ar que penetrava no recinto por entre a fenda de uma pequena janela parcialmente soterrada por

tábuas de madeira, e o acre enjoativo do bolor ressequiu suas narinas.

Um arrepio premonitório percorreu sua espinha quando o mesmo tocou o corrimão do caracol e sentiu o frio do ferro forjado. Ele sabia que não precisava subir até o andar com janelas voltadas para o pátio,

mas subiria mesmo assim. Daniel havia aceitado o desafio sem pestanejar, pois sua intenção precípua consistia em recuperar aquilo que já

lhe pertencia. Mas intimamente desejava também provar sua coragem

e sedimentar o juízo que seus colegas deveriam fazer dele. O rapaz percorreria todos os cômodos do covil, desmistificando boatos infundados e concretizando uma fama que lhe renderia respeito pelo resto

dos seus dias no internato.

— Não precisa subir se não quiser.

— Não sei o que é pior, ficar aqui em baixo sozinho ou subir por essa escada que mal conseguimos enxergar. — Bentinho logrou os

degraus com cautela. A escuridão parecia ainda pior no andar de cima.

Perfilaram um estreito corredor e alguns caixotes de madeira empilha-

dos à direita do topo da escada.

Os rapazes estavam receosos, mas não queriam transparecer fraqueza. Bentinho não acreditava que em algum momento do passado

aquele lugar tivesse servido de refúgio para práticas satânicas ou coisa

parecida. A ideia de freiras praticando magia soava-lhe com um engodo

ridículo, sem fundamento e totalmente desprovido de criatividade.

Receava-lhe então a hipótese que sua mente construía aos poucos, agigantada pelo cenário propício no qual se encontrava. Daniel, por sua

vez, temia encontrar o esqueleto centenário de uma freira vitimada pelo mal uso de algum feitiço poderoso, envolto por restos de tecido e excremento de rato. A imaginação para tecer fantásticas ilustrações mentais sempre fora seu maior trunfo. Um filete de luz noturna cortava o corredor, marcando o assoalho imundo e indicando uma porta escancarada.

Bentinho argumentou, tossindo e espirando, que já haviam se demorado muito naquele lugar.

— Vamos embora. Já é suficiente. Eu mal consigo respirar aqui dentro. Parece que estou transpondo paredes invisíveis de poeira. Mas Daniel não lhe deu ouvidos. O rapaz guiou-se pelo fio de luz que emanava de um cômodo obscuro, cuja porta carcomida e empenada, estava completamente aberta num gesto convidativo.

Adentrou

cauteloso. Bentinho o seguiu a contragosto. O brilho das lanternas amparava seus passos miúdos. A luz que os atraía provinha de uma

janela gradeada e parcialmente coberta por ripas. Daniel entreviu uma

cama no lado direito do cômodo. Não conseguia distinguir suas dimen-

sões exatas, mas percebeu que o lugar era pequeno e estreito.

Havia

também ali alguns móveis velhos, despojos de outrora, mas nada que

revelasse de imediato a finalidade pretérita daquele ambiente imundo.

O rapaz aproximou-se da cama e tocou o manto de poeira que se estendia sobre o colchão rasgado. Tateou a cabeceira e por fim sentouse. Bentinho vinha logo atrás, manifestando todo o seu descontenta-

mento por estar ali.

— Porque este lugar não é usado?

— Não faço ideia Daniel, mas certamente não tem nada a ver com aqueles rumores absurdos.

Daniel mordeu o lábio inferior e empunhou a lanterna para tentar identificar algo interessante. Do outro lado do cômodo, ratos carcomiam um objeto indistinguível.

— É só um depósito de tudo o que não interesse mais. Todo lugar precisa de um canto assim. — Daniel fez menção de se levantar, mas seus calcanhares tocaram em algo sob a cama. Agachou-se e apanhou

uma espécie de embrulho retangular feito com tecido e fita.

Perscrutou

rapidamente o achado e resolveu levar consigo. E foi então que, ao erguer-se lentamente e empunhar a lanterna na direção da parede rente à cama, o rapaz avistou a prova inequívoca de que os boatos sobre feitiçaria eram verdadeiros.

Primeiro distinguiu um emaranhado indefinido de formas escuras, traços que se sobrepunham numa repetição dramática.

Ajoelhou-se sobre a cama para chegar mais perto.

— O que você está fazendo?

— Ilumine aqui.

Bentinho virou-se para parede e oscilou a lanterna como um pêndulo. Aos poucos entenderam o que eram aqueles rabiscos feitos por toda a extensão da parede. Desenhos de bonecos sem olhos e bocas, corpos palitados e cabeças arredondadas. Afastaram-se e observaram. Alguém havia traçado grosseiramente e repetidas vezes, a figura de bonequinhos que se sobrepunham em alguns pontos e em outros estavam de mãos dadas. Parecia haver algo anterior àqueles desenhos, palavras talvez, mas eles não conseguiram distinguir o que era. Um calafrio gélido percorreu a espinha de Bentinho e o mesmo tocou o braço do amigo. Lá fora o piar agourento de uma coruja despertou-os do transe que aquela visão grotesca provocara. Um estrondo os fez recuar. Daniel umedeceu os lábios ressequidos pela tensão do momento e apertou o pacote junto ao peito.

— Vamos sair daqui. — Disse a Bentinho.

— Parecem bonecos de Vodou. — Balbuciou Bento Solano enquanto Daniel o arrastava com cuidado pelo corredor. — Bonecos de que?

— Vodú. Feitiçaria. Macumba Daniel!

— Então agora você acredita!

Bentinho apoiou-se no ombro do amigo e ambos desceram a escada. O garoto resistia em acreditar no que seus olhos presenciaram,

mas ao que parecia não havia outra explicação. Lá fora a dupla de traquinas aguardava ansiosa. Saíram apressados e esbaforidos, pois haviam prendido a respiração nos últimos passos para evitar o cheiro de bolor e poeira.

— E então, como foi? Conte tudo.

Daniel inspirou uma boa quantidade de ar fresco e aguardou que Bentinho dissesse algo rocambolês e pouco elucidativo. Mas o amigo não lhes disse nada. Daniel virou-se para o mesmo e percebeu

que os olhos de Bentinho firmavam-se em algo atrás deles. Alguém os

escrutava na penumbra.

A luz crepitante da chama de um fósforo recém-riscado iluminou a face de Arthur Vichi. O professor acendeu o cigarro que seus lábios secos pressionavam levemente. Os quatro rapazes permaneceram em

silêncio, contemplando a figura que se aproximava com ares de repreensão. Arthur bafou uma lufada de fumaça na direção de Quitério

González. Encarou-os um a um, enquanto pensava no que fazer com todos eles. A porta do Covil permanecia aberta e o professor adentrou

meio-corpo para escutar rapidamente.

— Há mais alguém lá dentro? — Perguntou-lhes o professor.

Bentinho meneou a cabeça negativamente e Daniel desviou o olhar para o chão.

— Eles nos obrigaram! Foram eles quem nos obrigaram a vir aqui. — Hugo dos Anjos apontou o dedo para Daniel e Bentinho em um gesto acusatório.

— Não seja covarde. — Retrucou Daniel.

— Fechem a porta. — Ordenou o professor.

Quitério e Hugo empreenderam a tarefa, puxando a porta com força para que cedesse à inércia. Passaram a corrente e trancaram o cadeado. Quitério ofereceu ao professor o molho de chaves que roubara da sala do inspetor horas atrás e já ia se esquivando quando Daniel o deteve.

— Ei! Você está se esquecendo de uma coisa. — O rapaz colocou-se à sua frente impedindo a passagem.

— O que está acontecendo aqui? — Interveio o professor. — Ele está com uma coisa que me pertence.

Arthur aproximou-se dos rapazes e encarou Quitério com firmeza.

— Isso é verdade Quitério?

O rapaz endureceu a mandíbula e balançou a cabeça num gesto quase imperceptível. Depois, levou à mão no bolso externo da calça e retirou uma carteira surrada de couro claro com grossos pontos de costura nas bordas. Daniel tomou-lhe o objeto rapidamente, mas não

desviou os olhos de seu rosto, pois estava disposto a sustentar o enfre-

tamento cara a cara, sem pestanejar.

— Podemos ir agora professor? — Inquiriu-lhe Hugo dos Anjos.

Arthur Vichi correu os olhos novamente em todos os quarto e por fim decidiu liberá-los.

— Não vou fingir que não os vi aqui hoje. Eu os vi. Lembrem-se disso da próxima vez que resolverem se aventurar em passeios sombrios, pois o intuito de aplacar o tedioso passar das horas que marcham

lentamente madrugada a fora não é exclusividade de vocês. Estou sempre à espreita rapazes. Sempre! Agora vão dormir.

Os rapazes se apressaram na direção de seus quartos. No caminho, Daniel certificou-se de que seu amuleto estava exatamente onde o vira pela última vez.

IV

Daniel sentou-se na cama e colocou o embrulho sobre o colo. Tocou o tecido encardido e esfarrapado, que um dia já fora lilás. Havia um pequeno rasgo em uma das pontas. Duas fitas de cetim, amareladas pelo tempo, envolviam-no em um laço que não ofereceu qualquer resistência. Desfez o embrulho com cuidado e descobriu um livro. Uma capa vermelha coberta por uma fina camada de poeira. Na lombada, o nome do escritor e o título da obra foram gravados em dourado, mas já estavam bem gastos, quase apagados. O rapaz soprou e espanou o pó que se acumulara no baixo relevo das letras finamente impressas: *Folhas Caídas - de Almeida Garret – I*

Folheou o livro com extrema cautela, pois lhe pareceu que a qualquer momento o mesmo poderia se resumir ao pó que o envolvia. O tempo e o esquecimento haviam se encarregado de escurecer as bordas das páginas e ressecar a encadernação cujo alinhavo apresentava um desgaste preocupante. Deteve-se primeiro numa pequena nota explicativa redigida pelos editores com o intuito de elucidar questões de revisão, estrutura e forma. Depois, correu o dedo em uma página em especial, imaginando o que havia causado aquela marca amarronzada, uma espécie de mancha que começava na borda superior direita e se estendia ao longo da folha, propagando seus efeitos de forma atenuada nas duas páginas seguintes. Para sua surpresa, Daniel encontrou uma foto muito antiga, guardada entre as páginas finais do livro. Aproximou o retrato da luz do abajur para distinguir melhor a imagem já gasta. Perfilou os contornos de um casal de jovens sentados no que lhe pareceu ser um ambiente externo, e ao fundo delineava-se parte de uma construção de arquitetura eclesiástica que lhe causou uma súbita sensação de reconhecimento. Não conseguia distinguir claramente os rostos. No verso da foto havia uma data e as iniciais do que julgou serem os nomes de seus protagonistas.

Esplendor, 1915
E.V.P e I.B

O rapaz suspirou profundamente e observou o amigo que dormia na cama ao lado. Em seguida, encarou os rostos imortalizados no retrato, cujas identidades não podiam ser determinadas com precisão. Fechou o livro e o depositou ao lado do abajur, cobrindo-o parcialmente com o tecido que o envolvia ao ser encontrado. Guardou o retrato dentro da gaveta do criado mudo, junto à fotografia de sua família. Daniel acomodou-se na cama, o sono instigava-lhe o repouso. Mas antes de adormecer seus pensamentos fixaram-se nos desenhos feitos na parede do quarto do Covil, e bonequinhos sem olhos e bocas começaram a se despregar de sua mente e flutuar pelo ar, como fantoches.

Chegara o dia da visita familiar. Os alunos aglomeravam-se no claustro incendiado pelo sol da manhã à espera dos que vieram de longe para matar a saudade. Quitério Gonzáles e Hugo dos Anjos não receberam a visita de ninguém. O filho do banqueiro, ao contrário de seu colega, já sabia que não avistaria nenhum rosto amistoso por entre aqueles que aos poucos adentravam os domínios do internato. Hugo dos Anjos, por sua vez, insistia em manter a chama da esperança acesa em seu coração juvenil, pois acreditava que os pais o amavam e só não se faziam presentes em virtude de circunstâncias alheias à vontade dos mesmos. Ele nunca deixou de acreditar nisso. Ficaram à espreita, ruminando a solidão que não se apiedava deles enquanto o cheiro de quitanda assada proveniente do refeitório inundava suas narinas e atiçava o estômago. A instituição adotara o costume de servir aos visitantes uma mesa de bolos diversos durante a manhã em que passavam ali, escrutando o ambiente para se certificarem de que seus filhos estavam fazendo jus ao investimento material empregado.

Alexander Pope avistou o filho encostado em uma pilastra, as mãos nos bolsos da calça e o paletó azul-marinho conferindo-lhe um ar ligeiramente austero. Pareceu-lhe que o filho estava mais alto e fino,

o rosto mais alongado e corado. Lacrimosa abriu um largo sorriso quando o rapaz a encarou com satisfação. Abraçaram-se longamente e depois a senhora beijou sua face. O pai aproximou-se e apertou-lhe o ombro cordialmente. Na última vez em que estiveram juntos, quando Alexander o trouxera para lá, Daniel estava profundamente magoado por conta da mudança que lhe fora imposta, ainda que não fosse tão brutal e dilacerante como todas as outras reviravoltas que a vida lhe forçara a aceitar. Alexander desejava abraçá-lo, mas tinha medo de que o rapaz o repelisse. Minutos antes, Daniel confienciara a Bentinho que não sabia o que esperar daquela visita, pois temia que o pai pudesse aparecer alcoolizado. Mas o constrangedor espetáculo que sua mente construía ao imaginar o pai cambaleante e sôfrego, cuspiendo palavras tolas e causando-lhe um constrangimento de reflexos inimagináveis, felizmente não aconteceu. Alexander prometera a si mesmo que não beberia um gole sequer durante todo o dia, ainda que lhe parecesse uma promessa impossível. E assim o fez. Mas o abraço que desejava acabou por não acontecer.

Lacrimosa vestira-se para aquela ocasião com um regalo atípico, pois desejava mostrar a Daniel que a vida continuava para todos e que ele não precisava carregar em suas costas a culpa da tragédia que lhe assombrava. Lucinda Maria Pope fora dada como morta um ano após o encerramento das buscas. Ninguém nunca mais ouvira falar dela e não havia indícios de que estivesse viva em algum lugar. A menina desaparecera da face da Terra com a mesma singeleza com que evaporam as essências dos perfumes, e se não fosse pelo registro de nascimento e pelas fotos de família, poderiam pensar que a mesma nunca existiu.

A senhora estava usando uma blusa de cetim azul-marinho de manga $\frac{3}{4}$ com aplicações de renda na gola, saia estilo envelope abaixo do joelho e um blazer de xantungue⁴ cujos punhos foram rebordados com três fileiras de pedrarias minúsculas, uma peça única em seu vestuário e que costumava ser usada apenas em ocasiões especiais. Um pequeno broche de madrepérolas ajudava a

compor o visual, mas não havia indícios de maquiagem em seu rosto de traços despretensiosos. Ela também não se permitia pintar as unhas e trazia os cabelos sempre presos.

— A senhora está muito bonita! — Elogiou Daniel.

Conversaram amenidades. Alexander levava ao filho recomendações do amigo Fernando Godinho. Daniel perguntou-lhes se gostariam de conhecer o quarto que ocupava no pavilhão de dormitórios. Lacrimosa e o pai responderam positivamente em unísono. Já no quarto, o rapaz falou-lhes a respeito de Bento Solano e de seu vocabulário rico em elucidações que lhe soavam inéditas na maioria das vezes.

— Vão conhecê-lo mais tarde.

Alexander aproximou-se da estante de livros e reparou no material guardado ali.

— E como vai o estudo filho?

— Vai bem. Aqui não é muito diferente do meu antigo colégio. A não ser pelo trabalho na biblioteca.

— Você está gostando de trabalhar lá? Quais são suas atribuições?

— Em resumo —, Daniel colocou as mãos nos bolsos da calça — passo todo o tempo carregando e arrumando livros.

Alexander sorriu e sentou-se ao lado de Lacrimosa, que já havia se acomodado na cama de Daniel, ao lado do criado-mudo.

— Espero que aproveite o tempo na companhia dos livros para desfrutar de seus reais benefícios.

— Acho que ele já está fazendo isso. — Afirmou a senhora ao apanhar o livro que se encontrava sobre o travesseiro de Daniel. Desenrolou o tecido que o cobria parcialmente e ao se deparar com a aquela capa rubra, uma garra imaginária pareceu apertar-lhe a garganta, sufocando-lhe por um átimo. Lacrimosa lutou para não deixar que a perturbação sentida fosse percebida pelos presentes. Daniel estava à sua frente, escorado na cama de Bentinho.

— Do que se trata? — Perguntou Alexander.

A senhora abriu o livro com um tremor imperceptível e foi direto para página manchada. Contornou a mancha com as pontas dos dedos enquanto repetia mentalmente a estrofe escurecida pela marca.

— Onde achou isso? — Perguntou ao rapaz, a voz rouca em virtude da secura de sua garganta.

Daniel preferiu omitir a verdadeira origem do livro, pois caso relatasse o ocorrido acabaria por confessar a ilicitude da aventura vivida dias atrás. Respondeu então que o havia encontrado na biblioteca em uma caixa repleta de obras antigas, da época em que ocupavam aqueles salões ilustres moradores do Brasil Império. Lacrimosa o encarou por um breve instante, seus lábios ressequidos detendo-lhe a vontade de inquiri-lo um pouco mais.

— É uma coletânea de poemas de um escritor português. — Esclareceu Daniel.

— Poemas românticos? — Perguntou o pai.

— Ao que parece.

— Sim. — Afirmou Lacrimosa com uma impetuosidade que os surpreendeu. A senhora percebeu de imediato que havia se exaltado e sorriu acanhada.

— Conheço esta obra. É dividida em dois volumes e havia um exemplar no acervo do palacete há muitos anos. — Acrescentou ela, tentando justificar-se. Fechou o livro e perguntou a Daniel se poderia ficar com ele.

— Claro. Cuide bem dele, pois está em péssimo estado.

— Obrigada. E não se preocupe que vou encontrar um jeito de restaurá-lo.

O rapaz não mencionou a foto encontrada entre as páginas da coletânea. Esqueceu-se talvez, ou talvez tenha julgado não ser de grande importância. Ele não sabia que a fotografia poderia causar em Lacrimosa uma catarse emocional de proporções desastrosas. A mulher conheceu o casal de jovens que pousara para foto, sentados lado a lado em um banco da Praça da Igreja Matriz, em Esplendor. Dois adolescentes que julgavam ingenuamente ditar as regras do caminho que escolheram traçar, e que não foram capazes de prever os desvios impostos por aqueles que verdadeiramente faziam as

escolhas. Jovens imortalizados em preto e branco, em uma época de sonhos imaginados em meio a mais perfeita miscelânea de cores e formas.

⁴ Tecido de seda originário da província chinesa Xantungue.

Durante os anos passados na residência de Laudelino Palhardo, Lacrimosa aventurou-se por entre pilhas de livros que se encontravam sempre desarrumadas na pequena biblioteca que o mesmo mantinha para seu deleite pessoal. Laudelino dizia que livros metodologicamente emparedados em nichos iguais não consistiam um atrativo, pois não havia vivacidade, pungência e o sentimento transmitido a ele quando os via dessa forma era sempre o de que não poderiam ser tocados, pois estavam perfeitamente organizados. Ele gostava de mantê-los espalhados displicentemente e não se importava com o recorrente empréstimo feito por sua agregada e que se tornara um hábito saudável na formação da menina órfã. No início, sua madrinha foi reticente, pois temia que a menina enchesse a cabeça de fantasias insustentáveis e se enveredasse por um caminho ludibrioso e imaterial, que a conduziria a uma realidade de sonhos impossíveis. Mas quando se é criança, sonhar não é uma opção. O acesso aos livros foi incentivado por Laudelino, e Dália Cambré acabou se convencendo de que o único caminho traçado pela leitura é o da instrução. Aos oito anos, Lacrimosa descobriu uma edição grega recheada de gravuras coloridas e narrativas estranhas. Os mitos gregos saltavam-lhe aos olhos e ela os devorava com interesse e entusiasmo. Laudelino leu para ela boa parte das histórias contadas ali.

Já moça, e recém-contratada por Olga Maria Pope, Lacrimosa começou a frequentar, ainda que de forma tímida e quando os patrões não se encontravam no palacete, o acervo literário da família que ficava guardado no escritório de Hiram Vander Pope, em estantes escuras, sisudas e sistematicamente organizadas. Sua patroa não se importava que a secretária pegasse livros emprestados, mas era enfática ao afirmar que o hábito não poderia

atrapalhar suas obrigações. Em uma de suas incursões pelo escritório do patrão, momento cuidadosamente calculado para que ela não incorresse no despautério de cruzar com o mesmo em seu ambiente particular, Lacrimosa foi flagrada por Erick Vander Pope ao devolver para a estante o primeiro volume de uma coletânea de poemas portugueses publicada em meados do século XIX. Ele perguntou do que se tratava e Lacrimosa lhe disse que eram poemas românticos de um escritor português, cuja criação havia sido supostamente motivada pelo romance entre este e uma viscondessa casada. Ela os adorava, e releia-os sempre. Lacrimosa estava apaixonada, e os poemas serviam-lhe de amparo para aplacar as dores de um sentimento platônico. O filho mais novo de sua patroa povoava-lhe a imaginação. Mas Erick não lhe dava esperanças. O rapaz a tratava com respeito e cordialidade, como fazia com todos os empregados da casa. Lacrimosa cuidava para que Olga Maria não percebesse seu interesse pelo filho, pois certamente tal fato lhe custaria o emprego. Ela não sabia ao certo se Erick desconfiava de suas intenções, ainda que fantasiosas, ou se sua presença naquela casa não lhe causava efeito algum.

A noite já havia caído quando a senhora aproximou-se dos portões do velho casarão, mas não se deteve na entrada principal. Contornou o muro para o lado esquerdo da propriedade e adentrou por uma fisga deixada em um estreito portão, oculto pela vegetação que se alastrara sem domínio. Avistou uma fonte lúnula adornada por estátuas de fadas petrificadas e um arrepio gélido roçou-lhe a nuca. Ela jamais gostou daquela alegoria. O cheiro de chuva atrelado ao silvo do vento impeliu-lhe a apertar o passo. Retirou do bolso um molho de chaves e destrancou a porta de acesso a área de serviço. Trazia consigo uma lamparina, pois não queria chamar atenção ao acender as luzes do palacete. Ela não tinha medo de perambular por aqueles cômodos sepulcrais, pois os conhecia o suficiente para guiar-se de olhos vendados caso fosse necessário. Ademais, o motivo que a levava até lá, instigava-lhe o pensamento de tal forma, que não havia espaço para distrações e cautela. Lacrimosa entrou na biblioteca do palacete Pope e foi direto ao nicho

da estante do qual se lembrava. Ela estava certa de que o livro encontrado por Daniel no acervo do internato havia sido retirado da biblioteca da família, e sua suspeita a respeito do caminho percorrido pelo objeto até o colégio onde o rapaz estudava, alicerçava-se em um passado que há muito julgava sepultado. Alexander e o filho desconheciam o episódio da história familiar cujo livro inseria-se como um adorno de menor importância, mas suficientemente incômodo e nocivo à medida que desencadeava lembranças perturbadoras e destrutivas. Quando se mudaram, Alexander levou consigo apenas alguns exemplares dos quais se utilizava para o trabalho e para inexpressivas distrações, e dois ou três volumes preferidos de Carmélia. O restante do acervo, construído ao longo dos anos em que seu avô paterno, Hiram Vander Pope, esforçara-se para manter em seu ambiente familiar uma biblioteca digna das grandes famílias da sociedade esplendorente, foi relegado ao esquecimento, junto a móveis e objetos de menor importância. Lacrimosa foi autorizada a levar consigo todos os exemplares que quisesse, mas ainda que o gosto pela leitura tenha perdurado em sua vida como a mais prazerosa das poucas distrações das quais se permitia desfrutar, a perda de Carmélia e Lulu provocou-lhe um desgosto que nem mesmo os livros foram capazes de amainar. Desiludiu-se com a maioria deles.

Lacrimosa afastou o manto que cobria a estante e retirou um exemplar. A capa vermelha estava coberta por uma espessa camada de poeira. Espanou o pó e acariciou a lombada. Não sabia dizer quantas vezes tivera em suas mãos aquela coletânea de poemas portugueses. Costumava relê-los sempre que a saudade apertava-lhe o peito. Saudade do único amor que tivera na vida. Saudade do filho que não criou como seu e das decisões que não foi capaz de tomar. Tratava-se do segundo volume da coletânea de poemas românticos intitulada Folhas Caídas, do escritor lusitano Almeida Garret. Os poemas contidos ali a fascinaram desde o primeiro instante em que tomou conhecimento da história que servira de pano de fundo para criação dos mesmos. Garret apaixonara-se perdidamente por uma senhora da alta sociedade lisboeta, Rosa de

Montufar, a viscondessa da Luz, que era casada e servira de inspiração para criação de versos românticos, sensuais e dramáticos, que refletiam o amor ilícito. Guardou o livro na bolsa e voltou para casa.

Já em seu quarto, sentou-se na poltrona que mantinha junto à janela e amparou no colo o livro que Daniel lhe dera e o exemplar trazido da biblioteca do palacete. Apertou os olhos com força e também os livros junto ao peito. A certeza de que o exemplar encontrado por Daniel havia saído da biblioteca da família Pope agigantava-se dentro dela como um balão. Aos dezessete anos e já contando quase dois anos de trabalho junto a Olga Maria Pope, a menina Lacrimosa havia se tornado uma moça recata e discreta. A cicatriz deixada em seu olho direito já não provocava repulsa, mas jamais passaria despercebida a quem pusesse os olhos em seu rosto de traçados humildes. Olhos negros, lábios finos e um nariz que não destoava do restante da face. Era esguia e bem-dotada de busto e quadris, mas se julgava sem-graça, comum demais. Lacrimosa nutria uma paixão proibida que durante as noites mal-dormidas, afogueava-lhe o corpo e a instigava a perambular pelo casarão até a biblioteca, onde se perdia em dramalhões versados em prosa e rima, vivenciando através dos livros a paixão que não poderia gozar em vida. Em uma de suas incursões noturnas, a menina conheceu Almeida Garret e seus poemas sensuais cuja ilicitude fundamentava-se no fato de serem inspirados por um romance com uma senhora casada. Aqueles dois volumes tornaram-se um remédio para o desas-sossego de seu corpo e alma. Certa vez, a menina derramou chá em um dos livros, manchando algumas páginas. O primeiro volume ficara marcado para sempre, para seu desconsolo. Com o objetivo de reparar o estrago, Lacrimosa entrou em contato com livrarias especializadas à procura de outro exemplar, mas não logrou sucesso. Arrastou-se então para o escritório de seu patrão, pesarosa e ressentida consigo mesma pelo descuido que a levava a estragar o livro, e o entregou ao nicho de origem, torcendo para ninguém reparasse no estrago. Tempos depois, Erick apossara-se deste mesmo exemplar para dar de presente a uma jovem que lhe

perturbara o juízo. Sua amada ganhou o primeiro volume da coletânea de poemas Folhas Caídas no mesmo dia em que foram fotografados. A mancha amarronzada que marcava o exemplar achado por Daniel no Covil das Bruxas fora feita por Lacrimosa há trinta e seis anos quando a mesma derrubara o chá. O livro estava no Covil porque sua dona, a jovem que Erick amara, estivera reclusa ali em uma época pretérita que Lacrimosa não estava disposta a recordar.

V

Juliana B. Shume vestia sua roupa de balé, e rodopiava pelo salão da escola de dança clássica que frequentava desde que se mudara com a família para Paris. Estava se preparando para uma apresentação com o corpo de baile e seus louváveis esforços eram vangloriados pela professora, que a adorava. Seu pai, o pintor brasileiro Edmund Hans Shume, havia viajado para Itália a fim de participar da Bienal Vienense, uma exposição internacional de arte que ocorria a cada dois anos, desde 1895. Depois de amargar um período de seis anos de recesso em virtude da Segunda Guerra Mundial, a Bienal reabria seus salões para os anos dourados, recebendo movimentos de arte contemporânea e expressionismo abstrato. Juliana não estava satisfeita com a ausência de Edmund, mas sua mãe se encarregara de suprir-lhe a falta que o pai certamente faria na platéia do teatro. Isadora B. Shume cuidava para que não lhe faltasse nada e por vezes sufocava-lhe com um turbilhão de sentimentos despejados na filha única sem o menor resquício de controle emocional. Amava-a com fervor, mas a loucura que começou a lhe fundir o espírito ainda muito jovem, diagnosticada pela medicina como esquizofrenia, ainda que tratada com medicamentos e terapia, prejudicava a forma como a mesma se dirigia à filha, por vezes tão fria quanto uma nevasca. Oscilações de humor com as quais a menina aprendeu a lidar. Helena Bonanova, a fiel escudeira de Isadora, viúva de um tio da italiana, cuidava de Juliana com carinho e decência. A temporada da família Shume em Paris durou pouco mais de nove anos e transcorreu sob a sombra de um passado tortuoso, ignorado apenas pela menina Juliana, cuja doença motivara a volta de sua família ao Brasil.

Aos doze anos, Juliana sentiu pela primeira vez uma falta de ar que lhe acometeu durante uma aula de balé. Ela não conseguiu terminar a série de exercícios e foi mandada para casa com a recomendação

de que deveria descansar o resto do dia. Dormiu profundamente por longas horas, uma sonolência atípica que despertara o interesse de Helena. Na manhã seguinte a senhora dirigiu-se ao quarto da menina a fim de acordá-la. O sol já estava alto no horizonte e não era do seu feitio dormir até tarde. Helena puxou a coberta que estava sobre Juliana e sentou-se ao seu lado na cama. A menina não reagiu. Helena acariciou os cabelos negros e ao descobrir sua nuca notou algo de errado. Havia hematomas avermelhados por toda a extensão do pescoço. Helena afastou a camisola e constatou que as manchas espalhavam-se pelas costas na linha da coluna vertebral. A senhora chamou por Isadora e Edmund. Juliana despertou depois de alguns minutos e ergueu-se com dificuldade, reclamando de dores nas juntas. Pensaram todos que se tratava de uma infecção. Levaram-na ao médico da família, que lhes tranquilizou ao dizer que não se preocupassem tanto, pois a menina jamais apresentara qualquer complicação severa. De acordo com ele, Juliana provavelmente contraíra uma doença virótica cujos sintomas se extinguiriam após uma semana de incômodo. Entretanto, passaram-se duas semanas e a menina não apresentara recuperação. Ao contrário, estava cada vez mais apática e sonolenta. Pouco comia e os hematomas começaram a aparecer em outras partes do corpo. Certa madrugada, uma febre de proporções melindrosas acometeu-lhe de súbito. Isadora desesperou-se ao ver a filha delirar e gemer, suando frio e vomitando o resultado das parcas colheradas de sopa que tomara durante o jantar. Helena revezava entre cuidar de Juliana e acalmar a sobrinha perturbada. Por fim, Edmund ministrou à esposa uma dose extra de calmante. Isadora desfaleceu em uma poltrona e a filha foi levada a um hospital.

Os dias que se seguiram pareciam orquestrados por um regente frenético e enlouquecido que, no ápice do delírio, executa uma melodia de variações abruptas e aparentemente desarmônicas para ouvidos destreinados. Juliana foi submetida a uma batelada de exames médicos e ao escrutínio de especialistas das mais variadas cadeiras. O diagnóstico foi proferido por um oncologista alemão. Juliana B. Shume estava com câncer. Leucemia linfocítica aguda.

Começava ali o calvário que culminaria com a volta da família Shume para o Brasil, dois anos após o início da doença. Edmund sabia que estava sendo castigado pelos fatos pretéritos que lhe afligiam a consciência diariamente. Isadora, contudo, jamais compreendeu com clareza a magnitude da enfermidade de sua menina. Ela cuidava de Juliana, mas como não possuía uma dimensão correta de tempo e espaço, por conta de suas perturbações mentais, muitas vezes acreditava que a filha havia acabado de adoecer e que tudo não passava de um mal-estar corriqueiro. A psique de Isadora pregava-lhe peças com frequência.

Assim como fizera na juventude, quando se mudou para Paris com Isadora pela primeira vez e a fluidez de seus vinte e poucos anos instigaram-no a procurar por diversos tipos de tratamento que pudessem auxiliar sua esposa na luta contra a esquizofrenia, Edmund dedicou-se a pesquisar formas alternativas e inovadoras de tratamento contra o câncer da filha. No final de 1955 viajou para os Estados Unidos para se encontrar com uma equipe médica chefiada pelo texano Edward Donnall Thomas, cujo feito inédito, realizar o primeiro transplante de medula óssea em pacientes leucêmicos da história da humanidade, lhe renderia um prêmio Nobel décadas mais tarde. O pintor estava disposto a oferecer a filha como cobaia em troca de um vislumbre de esperança. Naquela época, Juliana começava a apresentar complicações renais e seu estado havia piorado consideravelmente. Ela não frequentava mais as aulas de balé e seus dias arrastavam-se de forma depressiva. A cabeleira negra não mais existia e lenços coloridos adornavam-lhe a cabeça nos momentos de melhor humor.

O médico explicou a Edmund que precisava examinar Juliana minuciosamente, além de testar todos os parentes consanguíneos para fins de compatibilidade. Um gosto amargo subiu-lhe pela garganta ao ouvir estas últimas palavras. Edmund Hans Shume sentiu uma dor aguda no peito, uma espécie de ataque de ansiedade que acelerou seus batimentos cardíacos e roubou-lhe o ar. O destino preparara o terreno para lhe dar a maior de todas as

rasteiras. Compreendeu que deveria conduzir sua família de volta ao Brasil, pois a vida de Juliana dependia da única coisa que jamais poderiam dar a ela, e que se encontrava enraizada na terra da qual germinaram todos.

Consanguinidade.— Edmund repetiu mentalmente e um sopro agourento arrepiou-lhe a alma.

VI

As visitas de Alexander Pope ao internato foram ficando cada vez mais raras até que um dia se extinguiram por completo. Pai e filho estavam fadados ao desentendimento e se não fosse por Lacrimosa, eles certamente teriam desperdiçado longos anos sem o mínimo diálogo. A senhora passou a ir sozinha ao internato nos dias de visita. O rapaz regressava a Esplendor somente nas férias e em feriados prolongados. Daniel amadureceu rapidamente, tornando-se um rapaz de aparência convidativa, com um charme despretenso e atrativo. Cabelos castanhos levemente ondulados, lábios carnudos e pequenos olhos que oscilavam entre o verde e o marrom. Sua pele adquirira um dourado suave, principalmente o rosto e braços, em virtude da exposição ao sol durante as horas passadas no jardim de Arthur Vichi. Ele já não enxergava o pai com a mesma indulgência dos tempos de menino carente e o recriminava pelo hábito da bebida e por uma série de decisões impensadas. Alexander, contudo, não se arrependera de ter matriculado o filho em um colégio interno, pois sabia que o rapaz precisava se desvencilhar dos fantasmas que o perseguiram, e isso só seria possível longe de Esplendor. Ele acreditava estar fazendo bem ao filho ao mantê-lo longe de si e de suas fraquezas.

Daniel fez amigos e compartilhou experiências. Uma geração embalada pela estética dos filmes hollywoodianos que se tornariam clássicos do cinema mundial. Beldades de curvas voluptuosas e cabelos platinados alimentavam os delírios carnais de jovens sonhadores e impulsivos. O trabalho como monitor na biblioteca lhe rendera um hábito, um amigo e uma profissão, todos muito valiosos. Da leitura retirava argumentos cada vez mais convincentes e que eram usados com empolgação em suas conversas com o amigo Bentinho. O relacionamento com Arthur Vichi, curador da biblioteca, professor de História e botânico nas horas vagas,

trouxera-lhe o gosto pela terra e a prática da jardinagem, o que viria a desencadear uma briga homérica entre ele e o pai durante as últimas férias gozadas em casa. Certa tarde, o professor o convidara a conhecer o jardim que cultivava nos fundos do internato. O rapaz encontrara no cultivo das flores um acalento que lhe abrandava as dores da alma.

Arthur também era o responsável pelo paisagismo do claustro e recorrentemente protagonizava lorotas infundadas, teorias conspiratórias criadas por alunos de extrema criatividade e ócio mental, que interpretavam seu ar de mistério como algo mais do que reserva. O professor era um homem inteligente e ardiloso que evitava falar de si mesmo e cujo passado ninguém conhecia ao certo. Daniel aprendeu a não contradizê-lo e a evitar especulações de ordem pessoal que claramente o deixavam desconfortável. O rapaz jamais imaginou que Arthur Vichi não passava de um mero nome, escolhido para ocultar uma identidade clandestina.

Alexander não aprovava a ideia de que o filho pudesse passar o resto da vida mexendo com plantas. Daniel, por sua vez, interessara-se de tal forma pela prática, que planejava aperfeiçoar-se ao ponto de fazer daquilo uma profissão. E foi o que fez ao deixar o internato aos dezessete anos, em dezembro de 1954. O amigo Bento Solano preparava-se para seguir a trajetória traçada por seu padrinho, o fazendeiro que violentara sua mãe e que depois se apiedara da criança gerada. Ele jamais soube que se tratava de seu pai. O rapaz viajaria para São Paulo a fim de ingressar na faculdade de Direito do Largo São Francisco. O fazendeiro possuía um apartamento que fora colocado à disposição do filho bastardo.

— Venha comigo Daniel. Tenho certeza de que encontrará algo que lhe interesse.

— Obrigado Bentinho, mas eu já sei o que fazer da vida. Desejo que você encontre seu espaço por entre as arcadas do templo jurídico.

— Encontrarei meu amigo. Encontrarei. E a julgar por suas últimas palavras, vejo que os anos passados em minha companhia

enriquece- ram seu vocabulário.

Daniel sorriu e sentou-se na cama, ao lado do amigo.

— Seja feliz Daniel. Não deixe que o passado lhe diga o que fazer da vida. Você não teve culpa de nada.

— Não é tão simples assim Bentinho.

— Na verdade é. Quando me contou sua história de vida, eu nunca pensei de forma diferente. Jamais achei que você pudesse ter agido de outra forma.

— Mas eu caí Bentinho. Caí no meio do caminho e foi por isso que não a salvaram a tempo.

— Você caiu. Mas o que quer que tenha acontecido a ela, não foi culpa sua. Não se esqueça disso.

Daniel engoliu em seco e demorou quase um minuto para encarar o amigo. E quando o fez, seus pequenos olhos estavam marejados. Despediram-se num dia de muito calor, exatamente igual ao dia em que se conheceram, prometendo um ao outro que não deixariam a amizade se esvair em lembranças.

Daniel regressou a Esplendor, mas não se instalou na casa de Alexander. Naquele mesmo ano, o rapaz havia passado o feriado da páscoa na companhia de Lacrimosa e de um pai cujo comportamento oscilava entre beber e dormir. E foi numas dessas tardes de fina garoa e céu de açafrão, em que se sai a esmo pela rua sem destino ou direção apenas para respirar o ar carregado de condimentos que atijam o pensamento e o estômago, é que o rapaz visualizou o caminho a ser seguido quando saísse da escola. Daniel caminhou lerdamente até a Praça da República. Comprou um saco de pipocas doces vendido por um pipoqueiro sexagenário que instalara seu carrinho de delícias aos pés do coreto, em uma das extremidades da praça. Um quarteto de cordas ensaiava clássicas melodias para o concerto que fariam em praça pública logo mais a noite, uma oferenda da Secretaria Municipal de Cultura e Laser. No outro lado avistava-se o prédio da prefeitura, uma construção cheia de arcadas e arabescos em alto relevo. Ao levar o primeiro monte de pipocas à boca, um cutucão em seu ombro direito interrompeu o gesto. Uma senhora que o conhecia desde o nascimento, por conta da amizade firmada ainda na juventude com sua avó materna, o

encarava surpresa.

— Daniel Pope? — Perguntou-lhe a senhorinha de cabelos acobreados usando óculos de armação vermelha.

— Sim. Eu conheço a senhora?

— Meu Deus... — Disse-lhe de forma melodiosa — Você já é um homem!

Daniel sorriu acanhado.

— E não deve estar se lembrando de mim. Mas eu o conheci ainda nos cueiros. Fui amiga de sua avó Margarida desde a mocidade e ainda me lembro do dia em que você nasceu.

O rapaz a encarava com um ligeiro sorriso, mas não se lembrava dela.

— Venha. Vamos nos sentar aqui neste banco e conversar um pouco. — A senhora o tomou pelo braço forçando-o a sentar com ela em um banco de madeira e ferro. O movimento abrupto fez com que Daniel derrubasse boa parte da pipoca no colo da senhora.

— Não se preocupe com isso. — Afirmou-lhe diante de suas desculpas e espanou a sujeira para longe.

— Então a senhora conheceu a minha avó? Desculpe se não me lembro, mas é que fiquei muito tempo longe daqui, estudando em um colégio interno.

— Sou Anelita Martinelli. Mas pode me chamar de Ana. Ou como todos preferem dizer, Donaana. Dona Ana, entendeu?

— Sim. Claro.

— Sua avó Margarida e eu estudamos juntas e fomos muito próximas. Foi uma perda muito triste para mim, quando ela faleceu. Você e sua irmã ainda eram pequenos, principalmente Lucinda. Daniel desviou os olhos para o chão ao ouvir o nome da irmã. Uma pergunta pipocou em sua mente, mas sem a doçura das pipocas caramelizadas que comprara minutos atrás. Será que Lucinda permanecera pequena? Ele não tinha coragem de perguntar a si mesmo se sua irmã havia morrido, mas preferia imaginá-la do jeito que se lembrava dela, a ter que conviver com a hipótese de que Lucinda havia sido roubada e estaria vivendo em outro lugar, com outra família e que nunca se preocupara em resgatar suas origens. Ele se recusava a imaginar que a irmã fosse capaz de deixá-los à

mercê de um sofrimento que fizera estragos muito maiores do que qualquer um poderia prever.

— Agora sou eu quem lhe deve desculpas. Eu não devia ter mencionado o nome de sua irmã. — A senhora amparou-lhe uma das mãos e o encarou com piedade.

— Não tem problema. — O rapaz ocupou a boca com as pipocas que lhe restaram.

— E seu pai, como vai indo?

— Bem. — Daniel deu de ombros e preferiu mudar o rumo da conversa. — A senhora teve filhos?

— Ah sim! Tivemos um casal. Mas eles não vivem aqui em Esplendor. Agora somos eu e meu marido para tocar o viveiro e a floricultura.

— Floricultura? A senhora tem uma floricultura?

— Há muitos anos meu rapaz! Somos donos da melhor floricultura de Esplendor e região. A Martinelli Flores.

— Mas é claro... — Um lapso de memória incendiou-lhe o cérebro — A casa rosa a duas quadras daqui. Certo?

— Isso mesmo. Mas foi pintada de amarelo recentemente. Albertino, meu marido, nunca gostou da cor original escolhida por mim.

— E você, o que faz? Ainda no internato?

— Vou me formar no final do ano. Não sei bem o que farei depois.

— E do que você gosta?

Daniel arqueou as sobrancelhas e suspirou profundamente.

— A senhora vai achar que estou mentindo, mas gosto muito de plantas.

— Não me diga! É mesmo?

— Apreendi a cultivá-las com um professor. Ele mantém um pequeno viveiro nos fundos do colégio.

Anelita Martinelli ajeitou os óculos e ficou em silêncio por quase um minuto enquanto fingia reparar na movimentação dos músicos no coreto. Por fim, perguntou-lhe se o mesmo estava à procura de emprego. Uma sensação de ansiedade começou a embolar seu estômago e Daniel se viu respondendo sim rapidamente.

Caminharam então até a floricultura e Anelita apresentou-o ao marido Albertino. Um homem de olhos profundamente azuis que lhe

estendeu a mão áspera, mas receptiva. Quando a mulher lhe contou que oferecera ao rapaz um emprego e também a edícula nos fundos do viveiro para fins aluguel, Albertino arregalou os olhos e engoliu em seco. Concordou por fim. Daniel esclareceu que suas aulas acabariam em novembro e Anelita afirmou que esperariam até lá.

— Não se preocupe. A vaga de emprego ficará à sua espera.

Daniel agradeceu imensamente e correu para casa a fim de dar a notícia a Lacrimosa. Alexander reagiu conforme o esperado. Um porre que lhe rendera dez horas de sono ininterrupto.

— Você devia ter me consultado antes. Não pode sair por aí tomando esse tipo de decisão sozinha. — Albertino repreendeu a esposa logo depois de serem deixados a sós pelo rapaz.

— Ora! Não é você mesmo quem vive dizendo que precisa de ajuda por aqui? Além do mais, o garoto está precisando de um rumo na vida. Alguém que lhe ajude a dar o primeiro passo. Você precisava ver como os olhinhos dele brilharam quando lhe ofereci o emprego. Brilharam! Isso mesmo! Brilharam! — Donaana costumava enfatizar o que lhe convinha a fim de gravar seu ponto de vista na mente de seu interlocutor, com a intensidade que julgava necessária.

O marido sabia que não adiantava argumentar. Ademais, ele realmente precisava de ajuda e o rapaz parecia ser uma boa pessoa.

— Sinto que estou fazendo a coisa certa. Meu coração pressente bons ventos com a vinda deste rapaz. Ele já sofreu muito e precisa de acalento.

Mal sabia ela que os ventos de calma serpenteavam pela vida de Daniel apenas no primeiro ano de serviços na floricultura. Quando ele se assentasse no emprego e na vida que julgara conhecer, um misto de descoberta, confusão e fantasia o arrebataria como um ciclone, abduzindo-o em suas rotações violentas para depois cuspi-lo, desinte-grado e louco.

Naquela mesma noite, após receber a novidade trazida por Daniel com certo receio, mas cuidando para não deixar que suas preocupações o desestimulassem, Lacrimosa foi para o quarto do rapaz, pois precisava guardar em seu armário algumas roupas passadas horas antes. Ela sabia que Daniel estava se agarrando com unhas e

dentos àquela proposta de emprego, que para ele representava o norte que tantas vezes se apresentara nebuloso, inconsistente, como se não houvesse futuro a ser almejado. Contudo, ela temia que o rapaz estivesse soterrando sonhos, ignorando vontades, alimentando a culpa que sentia por não ter conseguido evitar o sumiço a irmã. Daniel abdicaria de si mesmo pouco a pouco, cavando diariamente um buraco para enterrar suas dores e frustrações, tão atípicas da idade que ostentava e tão legítimas quanto o passado que não podia ser negado. Mas ela o conhecia bem o bastante para saber que de nada adiantaria argumentar no sentido contrário à decisão de trabalhar na floricultura após o término de seus estudos. Daniel não se convenceria facilmente. E quando o pai quis lhe demover da ideia, ambos engalinharam-se verbalmente, protagonizando uma troca de despautérios e injúrias que os atingiu com uma fúria impiedosa. Por fim, exaustos e vencidos, Alexander refugiou-se na bebida e Daniel saiu para rua alegando que precisava esfriar os miolos.

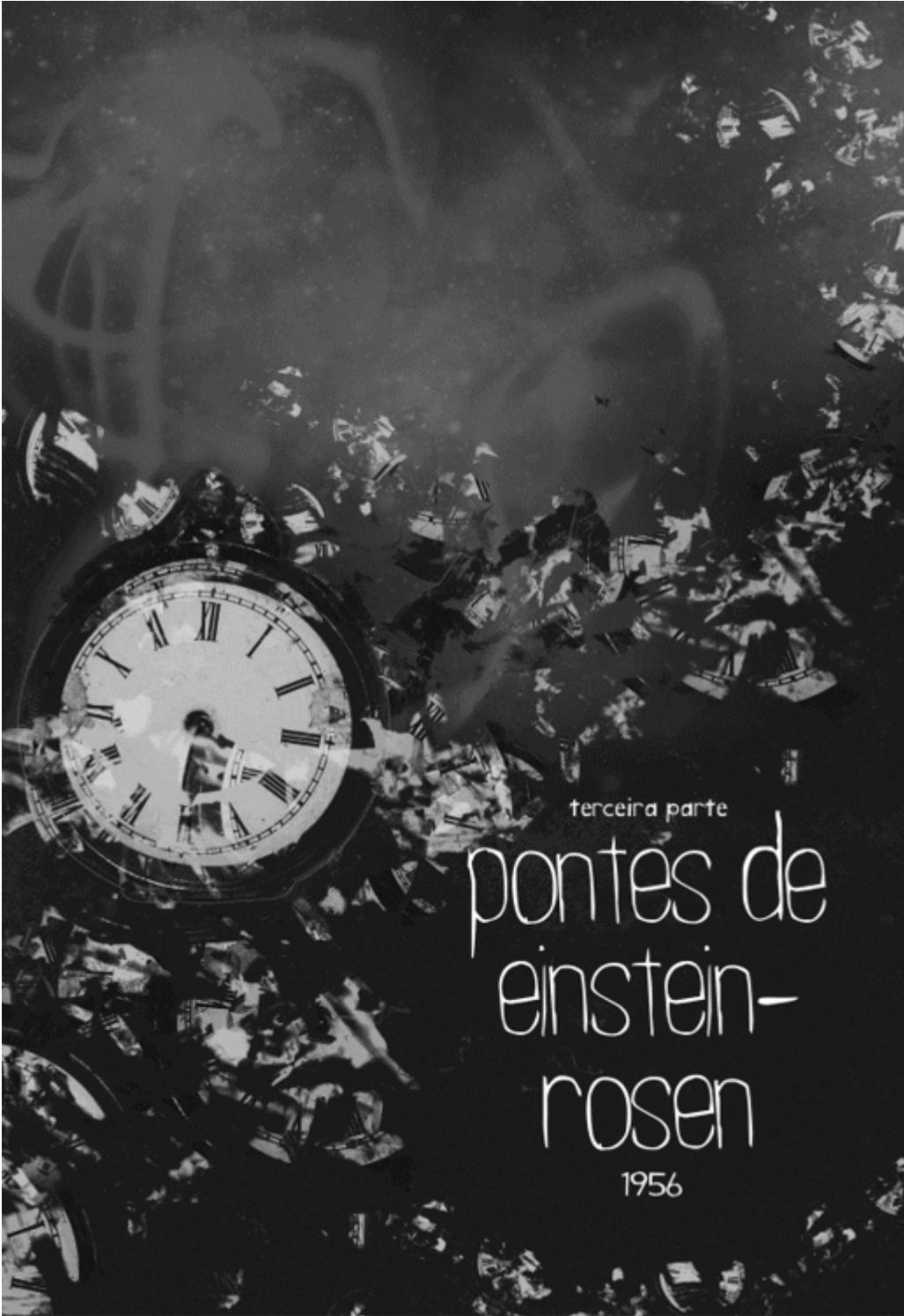
Lacrimosa depositou uma pequena pilha de camisas sobre a cama de solteiro, adornada por uma colcha de matelassê amarela perfeitamente estendida e dois travesseiros revestidos por capas do mesmo tecido. Abriu o guarda-roupa de duas portas, um móvel trabalhado em peroba rosa e colocado no canto direito do quarto, e retirou dois cabides para pendurar as camisas sociais. Daniel não dispunha de muitas roupas, mas havia sempre duas camisas de manga longa que serviam para ocasiões formais, um paletó de gabardina herdado do pai, camisetas brancas, três calças de alfaiataria, um pulôver cinza e duas calças jeans escuras que eram constantemente eleitas nos momentos que o uniforme do internato era dispensado. Acomodou as camisas e puxou uma gaveta para guardar meias e cuecas. Lacrimosa retirou duas toalhas de rosto largadas de forma displicente no interior da gaveta, mas ao puxá-las um punhado de fotografias acomodadas no entremeio das toalhas esparramou-se pelo chão. Demorou dois segundos para que percebesse do que se tratava. Ajoelhou-se e apanhou o retrato mais próximo. Era a fotografia de família que colocara na mala de Daniel

anos antes, quando de sua mudança para o internato. Lacrimosa suspirou profundamente e deteve-se por um instante para observar aqueles rostos tão queridos e harmônicos entre si. Quantos sorrisos poupados, lágrimas retidas, lembranças extirpadas de memórias cuja origem alicerçava-se em coisas não vividas. Uma família arruinada, interrompida. Fechou os olhos e rogou ao anjo de guarda de Daniel que o guardasse de todo o mal. Depois apanhou duas outras fotos, uma delas de Daniel e Bentinho ainda meninos no meio de um campo de futebol e a outra de uma turma de rapazes com uniformes do internato. E quando já estava prestes a se erguer do chão, percebeu que uma fotografia havia escapulado para debaixo do guarda-roupa. Lacrimosa apoiou-se no braço esquerdo e estirou sua ossatura ao máximo, prendendo a respiração e esticando o braço para alcançar o retrato. O esforço enegreceu sua visão por um átimo. Ergueu o tronco e permaneceu sentada no assoalho, recostada no móvel para recuperar-se da façanha que lhe exigira uma elasticidade desafiadora. Pairou os olhos desfocados na fotografia recuperada e um arrepio incômodo estremeceu-lhe o corpo. A imagem daquele casal apresentava-se diante dela pela primeira vez em décadas. Lacrimosa encontrara a fotografia originalmente guardada no livro de poemas portugueses encontrado por Daniel no internato. Uma nuvem de lembranças disformes começou a sombrear sua mente. A imagem não estava nítida, mas para ela não havia a menor dúvida de quem eram aqueles dois jovens sentados no banco da Praça da Igreja Matriz, em uma inocente manhã de domingo. Perguntou-se o que teria sido da moça, onde ela estaria e com quem. Um acesso de tosse irrompeu a aspereza acitrinada que ressequia sua garganta. Ergueu-se e caminhou até a outra extremidade do quarto, a fim de apanhar uma jarra com água que estava sobre a cômoda. Precisava de um generoso gole para aplacar o nervosismo e interromper a tosse. Contudo, sua mão esquerda não foi capaz de segurar a jarra. Lacrimosa concentrou-se e inspirou profundamente, esforçando-se para reprimir as golfadas que pareciam lhe arrancar pedaços de costela. Mais um gesto e novamente seus nervos e músculos não responderam à ordem do cérebro. Ela não conseguia apanhar a

jarra. Sentiu uma súbita dormência no braço direito e uma fraqueza nas pernas que lhe roubou o equilíbrio. Uma dor aguda comprimiu sua cabeça e Lacrimosa amparou-se na cômoda antes de ir ao chão. Levou com ela a fotografia e a jarra d'água, que se espatifou no assoalho acima de sua cabeça.

Encontram-na horas depois. Lacrimosa foi levada ao hospital e constatou-se que tivera um derrame cerebral. Perdera grande parte dos movimentos do lado esquerdo do corpo e a fala também ficou comprometida. Alexander e o filho empenharam-se em cuidar daquela que ajudara a criá-los. Mas eles não sabiam o que fazer, e a senhora precisava de cuidados e atenção especiais. Decidiram então que a colocariam em uma casa de repouso filantrópica, destinada a amparar pacientes com necessidades específicas. Tratava-se de uma instituição denominada Lar André Luis que funcionava nas imediações da cidade e cujas raízes doutrinárias foram fincadas nos ditames do espiritismo. Era um lugar tranquilo, arborizado, sem ostentações materiais, mas que dispunha do conforto necessário para que seus moradores se sentissem acolhidos e recebessem todos os cuidados necessários. O Lar era mantido com a ajuda de doações e também recebia uma verba da Prefeitura Municipal, graças aos esforços de um vereador que ajudara a fundar o Lar e que conseguira fazer com que a maioria de seus pares percebesse a relevância do trabalho desenvolvido pela instituição. Todos que no Lar trabalhavam, o faziam de forma voluntária, incluindo os profissionais da saúde que se revezavam no tratamento contínuo dos moradores internados ali.

Ao entender o que lhe acontecera, Lacrimosa pediu que lhe trouxessem um espelho. Gesticulou e se esforçou para elaborar uma frase, até que lhe trouxeram papel e lápis e ela pode lhes dizer o que queria. Encarou seu reflexo fixamente por longos minutos. O lado esquerdo do rosto estava paralisado e disforme. A cicatriz no olho já não tinha a menor importância. Ela jamais viria a confrontar seu reflexo novamente.



terceira parte

pontes de
einstein-
rosen

1956

I

Em 1935, Albert Einstein e seu colaborador Nathan Rosen, publicaram o resultado de uma teoria que ficou conhecida como *pontes de Einstein-Rosen*. Trata-se de um fenômeno hipotético que é essencialmente um "atalho" através do tempo e do espaço, por meio do qual a matéria poderia viajar mais rápido que a luz. Este atalho é vulgarmente denominado buraco de verme ou buraco de minhoca, por conta de uma analogia usada para explicar o fenômeno. Um verme andando pela casca de uma maçã poderia pegar um atalho para o lado oposto da fruta abrindo um caminho através do miolo, em vez de mover-se por toda a superfície da maçã. Um viajante que passasse por um buraco de verme pegaria um atalho para o lado oposto da galáxia por meio de um túnel no tempo e espaço.

Einstein e Erick Vander Pope, que trabalhara incógnito, atuando nos bastidores das teorias edificadas em meio ao cenário prussiano, construíram um mecanismo capaz de identificar os buracos de minhoca existentes no universo, com base na energia produzida pela consciência do viajante. O corpo físico, por ser grande demais, não passaria pelo buraco, ao contrário da consciência que, em determinado nível de processamento, poderia viajar no tempo e espaço e produzir efeitos no passado vivenciado pelo viajante. Uma substância radioativa aciona o mecanismo constante no relógio, fazendo com que o mesmo, ao conectar-se com a pulsação cardíaca do usuário, e atrelando-se aos parâmetros de data e hora previamente fixados, estabeleça uma conexão entre seu nível de consciência e o buraco de minhoca presente no universo capaz de conduzi-lo a um determinado momento no tempo e espaço de sua existência, cujas lembranças estão armazenadas em seu subconsciente.

Daniel percorreu o caminho até a casa de seu pai sem dizer uma palavra a si mesmo. Ele sabia exatamente o que esperar daquele encontro e prometedoras conjecturas não iriam seduzi-lo. Há muito perdera a fé no caminho para o velho sobrado e as folhas amendoadas que cobriam o trajeto não lhe despertavam qualquer interesse. Uma época tão reconfortante quanto um abraço de mãe. Era assim o outono em Esplendor. Mas o rapaz que percorria a rua embebida pela garoa da tarde não se dava ao trabalho de reparar nas folhas secas grudando no solado dos sapatos, nas luzes do crepúsculo estendendo um manto sobre os quintais, ou em bicicletas coloridas recostadas nos muros das casas à espera de seus donos.

A camisa xadrez, com as mangas arregaçadas na altura dos antebraços, estava limpa, mas um pouco amarrotada. Daniel lavara as mãos depois de encerrar suas atividades na estufa do jardim botânico, esfregando as unhas com um restolho de bucha vegetal esquecido por um dos ajudantes em um nicho do vestiário. Ele as mantinha sempre aparadas, mas por mais que usasse luvas, a sujeira do ofício que escolhera para si teimava em se alojar em uma aresta mal talhada. Foi para casa e tomou um banho rápido antes de se dirigir ao encontro que não desejava ter.

Subitamente uma bola colorida bateu em suas canelas. Daniel se abaixou e apanhou o brinquedo com uma das mãos. Uma menina de vestido estampado se aproximou e lhe ofereceu um sorriso de janela. O rapaz não se conteve ao ver o espaço que os dentes de leite haviam deixado. A natureza tem dessas coisas. Sorriu de volta e devolveu a bola. Mas antes de encerrar o assunto, piscou para a menina e perguntou:

— Você conhece a fada do dente?

— Tony me disse que não existe esse negócio de fada do dente. — Respondeu a menina com ares de quem não se importava com aquele tipo de fantasia.

— Quem é Tony?

— Meu irmão mais velho.

O rapaz suspirou e mordeu o lábio inferior.

— Irmãos mais velhos não sabem de tudo o tempo todo. — Afirmou Daniel antes de mais uma piscadela.

A menina deu de ombros e correu para o gramado de casa.

Daniel pensara em dizer a ela que irmãos mais velhos não são confiáveis. Mas o bom-senso refreou-lhe a língua cuja ponta trazia uma amargura por vezes cansativa.

Chegou ao sobrado minutos depois. Do vestíbulo parcamente iluminado, o rapaz contemplou a figura refestelada em uma das poltronas da sala de estar. Dava para ver apenas o topo da cabeça com tufos de cabelo esbranquiçados e um pedaço do braço esquerdo jogado de lado, amolecido pelo torpor da bebida. Um copo jazia inerte no tapete empoeirado. Daniel esquadrinhou o ambiente sem qualquer surpresa em seus olhos cor de âmbar. Uma cena diferente poderia salteá-lo roubando-lhe um suspiro, mas não aquela. Depois, seguiu para cozinha e depositou no balcão uma pequena sacola que trouxera do mercado. Automaticamente, como quem sabe exatamente o que fazer e já não precisa raciocinar acerca dos próprios movimentos, limpou a pia, retirou o lixo e começou a preparar uma refeição. O rapaz ligou o rádio para se distrair enquanto se esmerava no preparo de um macarrão. Na sala, o homem desacordado na poltrona de espaldar magro ressonava cada vez mais alto. O locutor anunciou o discurso do Presidente da República, Juscelino Kubitschek. Daniel deteve-se por um instante para ouvir o pronunciamento que noticiava ao povo brasileiro o início da confecção dos projetos que resultariam na construção da nova capital do Brasil. A cidade do Rio de Janeiro deixaria de ser o centro político de um país imerso em contrastes de toda ordem.

Semanas antes, o Governo havia criado a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) e nomeado o arquiteto Oscar Niemeyer como diretor técnico. Niemeyer começou a elaborar projetos para as primeiras construções que desbravariam o planalto central, dentre elas o Palácio da Alvorada. Brasília fora situada a 940 quilômetros do Rio de Janeiro, em uma região de chapada a 1.100 metros de altitude. Construída em três anos e dez meses, a nova capital

encarregou-se de fechar com chave de ouro o Plano de Metas, proposto por Juscelino Kubitschek quando de sua candidatura.

Como se despertado pelo cheiro da cebola refogada no azeite que daria ao molho de tomate um toque especial, Alexander Pope esticou as pernas para espreguiçar-se. Da cozinha, Daniel ouviu o pai estralar os dedos. O rapaz engoliu seco e limpou as mãos no pano de prato que trazia pendurado em um dos ombros. Ele não conseguia evitar a apreensão e o aperto no peito que ainda sentia ao encarar o pai de frente, mesmo depois de tanto tempo. Uma década não foi capaz de sepultar a dor que fizera da bebida uma companheira de todas as horas, para um homem que envelhecia um ano a cada dia.

Alexander apoiou as mãos nos quadris e alongou as costas. Suas juntas empoeiradas de comodismo rangeram de desgosto.

Preciso arrumar um lugar melhor para dormir. — resmungou a esmo e esfregou os olhos com a palma das mãos para espantar o sono. Mas era inútil tentar. O cansaço instalara-se em cada célula de seu corpo há tempo suficiente para convencê-lo de que sempre fora assim.

— Já estava começando a achar que você não acordaria. — Daniel comentou quando o pai entrou na cozinha.

— Prefere que eu volte a dormir?

— Não foi o que quis dizer.

Alexander acomodou-se em uma das extremidades da mesa e o filho lhe serviu a comida.

— Abaixei o volume do rádio. Estou com dor de cabeça.

— Isso não é novidade.

Olhares enviesados cruzaram a mesa rapidamente. Alexander bufou e começou remexer em seu prato.

— Você não foi ao enterro. — Afirmou-lhe o pai com a boca cheia, referindo-se ao funeral de Júlio Vieira, um conhecido que tivera um mal súbito e falecera há quatro dias.

— E você, foi? — Daniel inquiriu com uma ironia quase imperceptível. Ele estivera no velório, entregando coroas de flores

que foram encomendadas na floricultura Martinelli. Mas ele não se deteve por muito tempo. Apenas o suficiente para conversar com uma moça no interior da capela, sentada no primeiro banco da fileira do lado esquerdo, bem longe do caixão.

— Que coisa horrível. — Comentou a neta de Júlio Vieira. — Está falando comigo? — Daniel perguntou para a moça sentada ao lado de um cavalete onde o mesmo colocara uma das coroas de flores enviadas em homenagem ao falecido.

— Esta coroa de flores é a coisa mais grotesca que já vi na vida. Como se não bastasse tudo isto aqui. É funesto demais.

— E não é este o espírito da coisa? Quero dizer, estamos em um velório, senhorita. Não é para ser agradável.

A moça revirou os olhos e bufou com impaciência.

Daniel olhou-a de soslaio enquanto ajeitava mais uma coroa em outro cavalete. Havia uma faixa com uma frase grafada em dourado.

— Não quero este tipo de coisa no meu velório.

— A senhorita vai proibir que lhe enviem flores? Proíba o velório logo de uma vez. — Retrucou o rapaz com uma pitada de ironia. A moça arregalou os olhos em resposta ao comentário indelicado que acabara de ouvir.

— O que tem contra as flores?

— Não são as flores, mas o que elas representam.

Daniel balançou a cabeça e franziu a testa.

— As flores assumem o sentimento de quem as envia e a finalidade da intenção com que são oferecidas.

— Se é o que você pensa...

Daniel apanhou restos de folhagem caídos no chão. E antes de sair da capela, escrutou a moça em silêncio por alguns segundos.

— Você deve estar se sentindo muito triste. — Disse-lhe simplesmente.

A moça ergueu-se lentamente e se aproximou de Daniel. Lançou um olhar marejado, entorpecido pela angústia que sufocava-lhe a garganta. Mordeu o lábio inferior, tentando refrear a tremura que precede o choro, e olhou a esmo para os lados. Os cabelos castanhos, achocolatados, que lhe adornavam o rosto de traços

delicados estavam presos em um rabo de cavalo.

— Não faz ideia da minha tristeza.

— Talvez eu faça senhorita. Talvez eu faça.

Alexander segurou o garfo com mais força para evitar que a leve tremedeira de sua mão esquerda o impedisse de comer. Pequenas manchas brancas estendiam-se pelo dorso das mãos e braços. Seus dedos longos firmaram-se ao redor da haste metalizada.

— Não gosto de enterros.

— Eu também não, mas as pessoas não vão a enterros por que gostam.

— Já estive em muitos enterros — Alexander brincou com a comida dentro da boca por meio segundo e continuou — o suficiente para uma vida inteira.

Aquela frase atingiu Daniel como uma faca afiada. Um corte limpo e profundo. Subitamente o rapaz travou a mandíbula e afastou o prato ainda cheio para o lado. Seus olhos fitavam o chão enquanto ele tentava segurar o engulho que aquela descarga de amargura lhe causava.

Alexander não precisou de mais do que um átimo para se dar conta do que dissera e de como suas palavras haviam sido recebidas pelo filho. Estava estampado na cara de Daniel.

— Júlio era um bom homem, mas já estava velho. Não me admira que tenha morrido. Um coração velho. — Argumentou, tentando amainar o semblante desconcertado do filho que não o encarava.

— Porque você sempre faz isso?

O homem não respondeu.

— O que você quer? — O rapaz levantou-se da cadeira e deu um passo para trás. — Quer que eu pare de vir aqui? Quer deixar de me ver? — Suas indagações enervadas poderiam se transformar rapidamente em uma enxurrada de acusações de ambos os lados, mas Daniel parecia não se importar com o rumo da conversa.

Imitando o gesto do filho, Alexander também abandonou o prato.

Ergueu-se da mesa com certa dificuldade e caminhou lentamente

até a sala. Mas antes de sair da cozinha, abriu um dos armários e retirou uma garrafa de uísque já pela metade. Daniel permaneceu calado, observando-o se distanciar.

O homem se acomodou na poltrona de todas as noites, esticando o braço para alcançar o copo abandonado há poucos centímetros de onde estava. Serviu uma generosa dose de uísque e sorveu sem hesitar. Ele sabia que Daniel não viria ao seu encontro, pois àquela altura o filho já estava derrotado e arrependido de estar ali.

Com os cotovelos apoiados sobre a mesa, o rapaz amparou o rosto com as mãos e encarou a travessa quase intocada de macarrão. Eles não haviam comido praticamente nada. Imaginou-se indo até a sala e obrigando o pai a comer tudo aquilo, enfiando goela abaixo um gar- fada de macarrão ensopado de molho vermelho. Sorriu quando a cena construída mentalmente lhe pareceu engraçada. Daniel suspirou e a figura da menina sem dentes cruzou-lhe o pensamento. Aguardou então que uma fada entrasse pela janela da cozinha e lhe dissesse que tudo ficaria bem um dia. Mas em seu íntimo, ele sabia que fadas madrinhas só aparecem para crianças e princesas. Daniel lembrou-se de Júlio Vieira e da quantidade de gente que vira apumar-se à frente da casa de velório para prestar as últimas homenagens. Um lampejo futurista inundou-lhe a mente e Daniel enxergou-se naquele lugar, recebendo pêsames pela morte do pai. Ele não desejava perde-lo, mas caso a natureza seguisse o curso normal das coisas, ele o enterraria fatalmente. Sacudiu o corpo para espantar o arrepio que se debruçava sobre a nuca e resolveu aceitar que fadas não existem e que nenhum ser sobrenatural iria ajudá-lo a lavar os pratos.

Antes de adormecer, entorpecido e exalato, Alexander ouviu o filho se movimentar. Sabia que Daniel estava descontando na louça suja uma profunda magoa que corroía a juventude.

Do outro lado da cidade, Cecília Vieira concentrava-se em des - fazer a única mala que trouxera da vida deixada para trás. O fato que desencadeara sua mudança não lhe dera tempo suficiente para respirar e raciocinar, pois acontecera sem qualquer aviso ou sinal de fumaça. Em um dia ela estava fazendo planos e distribuindo

currículos nas redações de jornais e revistas, e no outro enfiava displicentemente em uma sacola algumas peças de roupa enquanto tentava secar suas lágrimas com a manga do cardigã.

Abriu a valise e começou a retirar alguns objetos de uso pessoal. Depositou a escova de cabelo no criado mudo ao lado da cama e respirou profundamente. Seus olhos desfocados perderam-se no emaranhado das cerdas e seus pensamentos divagaram anestesiados. Precisaria voltar ao Rio de Janeiro para buscar o restante de suas coisas. Disso ela estava certa. Assim como sabia que a decisão de permanecer em Esplendor fecharia portas que ela ainda não abrira na realidade, mas que em seus melhores sonhos já estavam escancaradas.

Então é assim que vai ser. — Afirmou em voz alta na esperança de que a frase tomasse forma ao ponto de se transformar em algo sólido. Algo em que ela pudesse se apoiar para entender e aceitar a nova rotina. Mesmo que ainda não soubesse muito bem como seria. Meia hora depois, Cecília adormecera profundamente, exaurida pela descarga emocional que os últimos três dias lhe infringiram. Havia planejado tomar um banho antes de se deitar, mas cometera o erro de esticar-se na cama por um brevíssimo instante. Perdera o avô, o único pai que conhecera. E agora uma reviravolta lhe obrigava a voltar para Esplendor e viver com a avó, pois não teria coragem de deixá-la sozinha, à mercê da própria sorte. As medidas dimensionais do sonho de se tornar uma jornalista investigativa, e nas horas vagas uma escritora de romances policiais, se adequariam à sua nova realidade.

Daniel escrutou a sala mergulhada em um silêncio apaziguante, desafiado apenas pelos roncões do pai. Jornais velhos espalhados pelo chão e garrafas de bebida abandonadas aqui e ali ajudavam a compor o cenário desordenado. Apanhou alguns jornais, em uma tentativa solitária de ajeitar as coisas. Havia também sacos cheios de roupas velhas e outros objetos de família, representando uma época que lhe parecia muito remota. A Casa da Cultura, inaugurada

há um ano, estava organizando uma exposição em homenagem a um célebre cidadão Esplendoreense, cuja fama e o trabalho atravessaram o oceano, levando consigo o nome da cidade. O pintor Edmund Hans Shume retornara ao Brasil, acompanhado da esposa e filha, depois de quase uma década vivendo na capital francesa. A curadora da exposição, na tentativa de reunir um material consistente e de inequívoca fidelidade para com a vida e obra do artista homenageado, devassou os acervos particulares das famílias mais tradicionais à procura de trabalhos realizados por Edmund na juventude passada em Esplendor. Na residência de Camargo Freitas, um advogado já falecido, dois retratos datados de 1913 foram encontrados, emoldurados e em ótimo estado de conservação. Eles haviam sido encomendados pelo jurista ao jovem prodígio, em uma tentativa de estreitar laços com o poderoso advogado Albano Hans Shume, pai de Edmund.

Alexander Pope também foi procurado. A princípio se recusou a cooperar, argumentando que os cacarús de seus antepassados jaziam no sótão do velho palacete, sob uma grossa camada de poeira, excremento de insetos e teias de aranha, e que não tinha a menor intenção de procurar pelo o que quer que fosse. Reiterou sua negativa por vários dias, mas acabou cedendo aos impulsos irritantemente insistentes da curadora. No acervo da família Pope havia um material dos tempos de adolescente. Desenhos inacabados, esboços feitos para o amigo Erick Vander Pope. Um retrato de Olga Maria Pope, encomendado pelo filho como presente de aniversário fora selecionado para a exposição. Ao se enveredar pelo passado de sua família, compactado em sacos e baús de madeira maciça, Alexander encontrou as roupas de Carmélia e a boneca de pano de Lulu. Trouxe-as para casa.

Enquanto circulava pela sala, catando o lixo de vários dias, Daniel tropeçou em um objeto. Uma pequena caixa escura restava abaixo de algumas revistas de variedades. O rapaz sentou-se no sofá de três lugares e começou a investigar. Por um átimo, sentiu que aquele objeto não lhe era estranho. Contornou o mecanismo de combinação

de letras e números, incrustado na parte superior da tampa. Abriu a caixa. Alexander ressonou mais alto.

Daniel apanhou o relógio com cuidado. Avaliou o peso excessivo e a pulseira de metal acobreado. À primeira vista, pareceu-lhe um relógio comum. Colocou-o no braço e perguntou a si mesmo se o objeto pertencia a seu pai. Ajustou a hora, mas não reparou que a data estava errada.

Não me lembro de já tê-lo visto usando isto.

Olhou para o pai e imaginou-o dez anos mais novo. Os cabelos castanhos sempre bem cortados. O sorriso franco e despretenso que costumava oferecer ao filho quando este lhe fazia uma pergunta engraçada. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Daniel não gostava de se lembrar do pai que tivera. Recordar-se do homem que o criara antes que sua família se desmantelasse parecia-lhe uma perda de tempo.

Ajeitou o relógio no pulso e estirou-se no sofá. Fechou os olhos e deixou-se guiar por nebulosas lembranças. Pedacos de memória que o assombravam recorrentemente. Lulu perambulando pela casa. Sua mãe ao piano. Lacrimosa fazendo um bolo de milho que cheirava longe. A pobre senhora sofrera um derrame acerca de sete meses e estava internada em uma casa de repouso filantrópica.

Daniel não sabia que o objeto encontrado em meio à bagunça de seu pai era o motivo da visita de Erick Vander Pope, na noite que antecedeu o sumiço de sua irmã. Se soubesse de sua utilidade desde a primeira vez em que o usara, talvez tivesse sido mais cauteloso. Ou talvez o impulso de mudar o curso da história o tivesse induzido a fazer uma besteira de proporções desastrosas. Daniel permitiu que o cansaço lhe vencesse. Trabalhara o dia inteiro no novo projeto paisagístico do Parque Jardim Botânico, originalmente conhecido como Parque das Araras. A prefeitura municipal havia importado da Itália um paisagista de nariz empinado e cabelo oleoso, que se empavesava de rococós linguísticos a fim de atrair efebos despudorados para o quarto ocupado no hotel em que fora hospedado.

O rapaz viajou no tempo naquela noite, pela primeira vez. Quando acordou, julgou ter sonhado o mais intenso de todos os sonhos que já tivera na vida.

II

08 de fevereiro de 1946

O garoto esgueirou-se sorrateiramente pelo corredor imerso no breu noturno. Na sala, seu pai conversava com o homem que chegara horas antes, trazendo consigo uma invenção capaz de mudar o curso da história mundial. Mas Daniel não sabia que a valise carregada por Erick Vander Pope com zelo e receio, guardava um objeto que também poderia modificar a realidade de sua família, interferindo nos acontecimentos vindouros. Desceu as escadas com excessivo cuidado para evitar barulho. Quase levitou. Aproximou-se da sala onde a conversa acontecia com o coração aos pulos. Ele sabia que estava fazendo algo errado e se fosse flagrado ficaria de castigo. Manteve-se incógnito por um instante. O suficiente para ver o homem entregar a seu pai uma caixa escura. Não enxergou o que havia em seu conteúdo quando a caixa foi aberta, mas viu nos olhos do pai um lampejo de estranheza e incredulidade. Ouviu frases soltas. Algo sobre passado, presente e futuro. Em um dado momento, seu pai levantou-se da banquetta em que estava sentado e Daniel teve medo de ser notado. Segurou a respiração e voltou para o quarto. Escreveu em um pedaço de papel a última frase que ouvira, pois não queria se esquecer dos detalhes da conversa, das minúcias absorvidas sob o manto da clandestinidade. Guardou a mensagem em uma meia encardida.

O rapaz acordou sobressaltado e sentindo o cheiro de suor da meia suja, objeto escolhido para ocultar o pedaço de papel onde escrevera a frase que ouvira de Erick Vander Pope, quando ainda era uma menino. O coração acelerado retumbava dentro do peito e uma ânsia de vômito o fez disparar para o banheiro. Sonhara com a noite que tivera às vésperas do desaparecimento de Lulu. O som abafado de seus pés, em contato com os degraus acarpetados da escada de carvalho ainda ressonava em sua mente que despertara com uma

lucidez incomum. Alexander estava coando café quando ouviu da cozinha a movimentação do filho.

— O que foi? O que você tem?

Daniel estava debruçado sobre a latrina, vomitando água rala. — O que foi meu filho? — Alexander apanhou uma toalha de

rosto e ofereceu ao mesmo. Depois de quase dois minutos arqueando engulhos, Daniel conseguiu regularizar a respiração o suficiente para caminhar de volta à sala e largar-se no sofá. A luminosidade matutina incomodava-lhe profundamente. Suas pupilas estavam dilatadas e na cabeça, as lembranças do sonho que tivera fulguravam com uma vivacidade abrasadora.

— O que andou fazendo depois que eu dormi? O que bebeu? — Minha cabeça vai explodir.

— Vou buscar um remédio. Deite aí.

Daniel pressionou os olhos com a palma das mãos. O estômago

ainda dava sinais de instabilidade. Seu pai lhe entregou dois comprimidos e um copo com leite fresco.

— Tome de uma vez.

— Não sei o que está acontecendo comigo. — Balbuciou.

Um calafrio atrevido afastou de Alexander qualquer sinal de bebedeira ou torpor. Olhou o objeto que o filho trazia pendurado no pulso e uma lâmina agourenta pareceu roçar-lhe a pele dos braços, arrepiando o corpo todo.

— Onde achou isso?

Daniel inspirou uma grande quantidade de ar e esticou as pernas. Subitamente o pai tomou-lhe pelo braço e o sacudiu com violência.

— Onde você pegou isso?

Alexander tentou arrancar o relógio, mas Daniel reagiu rapidamente, levantando-se assustado.

— O que foi? Ficou maluco?

— Tire esse relógio. Tire isso agora!

Olhares sobressaltados cruzaram a sala. Pai e filho escrutaram-se

com estranheza e receio. Daniel olhou para o relógio e percebeu que o mesmo havia parado de marcar a hora. Retirou-o do pulso.

— Estava guardado em uma caixa. Esquecido no meio de toda essa tranqueira que já não tem mais serventia.

— Você está falando das coisas que foram de sua mãe.

— Foram! Você disse muito bem. E se faz tanta questão desse relógio, não devia deixá-lo jogado a esmo, como se não tivesse valor algum.

— Guarde-o, por favor.

Daniel reparou no relógio mais uma vez. Uma náusea causticante roubou-lhe o fôlego e ele quase vomitou em cima do sofá. Correu para o banheiro e expeliu o pouco de suco gástrico que ainda lhe restava. Seu pai permaneceu na sala, alimentando caraminholas. Ao retornar, Daniel parecia ter saído de uma montanha-russa com muitos loops. Colocou o relógio sobre um aparador, ao lado de um abajur.

— E então? Vai me contar o porquê de tanto nervosismo ou vou ter que adivinhar? — Daniel respirava lentamente.

— Não importa.

— Você não vai me dizer nada, não é mesmo? Não importa o que eu faça.

Alexander desviou os olhos para o chão.

— Não. Não vou. Não agora.

— Vou embora então.

— Espere! Fique mais um pouco. Você não está bem. — Preciso ir embora. Tenho que trabalhar.

O pai desistiu de tentar convencê-lo a ficar.

A claridade diurna cegou-lhe por um átimo. Daniel arrastou-se até o ponto de ônibus. Um misto de fraqueza e atordoamento aliava-se a um indício de fome. Normalmente ele faria o caminho a pé até a floricultura, mas não havia condições físicas para um esforço que, considerando o mal-estar que lhe afligia, mais parecia uma façanha. Precisava de um banho e de algo que pudesse acalmar seu estômago. A reação exasperada de seu pai ao vê-lo usando o relógio despertou-lhe uma curiosidade que viria a atormentá-lo pelo resto

do dia. Daniel apeou no ponto da Praça da República, há poucos quarteirões de seu destino. Imaginou Donaana servindo-lhe um generoso prato de mingau de milho verde, pois era exatamente o que ela fazia todas as manhãs. Preparava para o marido e para o inquilino uma refeição encorpada, afim de que pudessem começar o dia com ânimo e gosto.

Ao chegar ao viveiro onde fora construída a edícula que agora lhe servia de morada, Daniel encontrou Albertino carregando a traseira de sua caminhonete Ford com arranjos de pequeno e médio porte. Apesar da idade avançada e da postura levemente encurvada, o homem não se poupava do trabalho braçal. Dois buquês de flores vermelhas haviam sido acomodados no banco ao lado do motorista. Havia uma orquídea lápis-lazúli que lhe chamou a atenção. Nuanças meio incertas, traços amarelados no interior das pétalas contrastando com a intensidade absurda do azul que mais parecia tinta fresca. Albertino trabalhava como floricultor há mais de quarenta anos, tempo suficiente para sedimentar a fama que o fizera conhecido pelo apelido de sementeiro. Ele jamais relevara suas fontes, os fornecedores que lhe acudiam em face das encomendas mais raras, as artimanhas de que dispunha para fazer florear espécimes atípicos e fora da estação. Mas não havia pedido que não fosse atendido pela Floricultura Martinelli. E foi assim com a orquídea lápis-lazúli, encomendada acerca de um mês por Edmund Hans Shume para a esposa Isadora, como um agrado de boas-vindas em virtude do retorno ao Brasil e ao casarão da Boa Vista.

— Por onde andou rapaz?!

Daniel recostou-se na traseira da caminhonete e inspirou uma grande quantidade de ar. O sementeiro fitou-o rapidamente e continuou a organizar as encomendas na caçamba da Ford.

— Donaana bateu em sua porta bem cedo. Você sabe como ela é. Como não apareceu para o café ela tratou logo de lhe reservar um prato de mingau. Para quando você resolvesse dar o ar da graça.

Daniel sorriu de forma desconcertante e desculpou-se pelo atraso.

— Preciso mesmo comer alguma coisa.

— Se o motivo da demora for um generoso par de coxas, então não precisa se desculpar. Só não conte a Donaana.

Mais um sorriso apático de Daniel.

— Passei a noite na casa do meu pai, senhor.

— É mesmo? E como ele está?

— Como sempre. Bêbado, sonolento e irritante.

Albertino depositou um pequeno vaso de crisântemos no passeio e retirou a luva que usava na mão esquerda. Voltou-se para o rapaz cujos olhos estavam focados em um ponto qualquer no chão. Coçou a cabeça enquanto tentava articular uma frase que pudesse amainar a amargura expelida junto com aquelas palavras. Mas ele não sabia o que dizer. Daniel não costumava dar brecha para conselhos e manifestações de afeto e compreensão. Mas ele sabia que o rapaz não aguentaria carregar em seu coração toda aquela magoa por muito mais tempo. Em breve a vida se encarregaria de lhe forçar a aceitar o que não pode ser mudado.

O semeador ensaiou um comentário, mas Daniel não lhe deu ouvidos, pois sua atenção desviara-se para o carro que havia acabado de estacionar em frente à floricultura. Caminhou em direção ao modelo Ford Super Deluxe Coupé de 1941, pintado de um branco leitoso e com uma lataria que resplandecia um polimento recente, de execução impecável. Um homem emergiu do interior do veículo e o encarou por um instante que lhe pareceu infinito.

Horas antes, quando deliberava mentalmente a respeito da melhor estratégia a seguir, Edmund prometera a si mesmo que não se deixaria levar pela extrema curiosidade que aquele encontro certamente lhe causaria. Daniel não poderia desconfiar do seu interesse e das reais intenções que o levaram até a floricultura. Todos aqueles que um dia se viram envolvidos na tortuosa cadeia de acontecimentos que descarrilara o trilho de suas vidas, permaneceriam imersos na ignorância obscura, até que a única alternativa possível consistisse em sobrelevar o pretérito em nome de um presente indesejável.

Edmund estava usando um suéter verde-claro sobre uma camisa branca, e uma calça cinza de corte reto confeccionada em tweed. Na cabeça um chapéu escuro com abas estreitas que deixava transparecer suas costeletas mescladas de prata e castanho. Contrariando o costume da época, seu cabelo não parecia ter corte certo. Ele gostava de deixá-lo volumoso, e não se importava em lutar constantemente com fios rebeldes que teimavam em cair-lhe sobre os olhos. Daniel manteve as mãos enfiadas nos bolsos frontais da calça jeans enquanto admirava o carro.

— Bom dia. — Edmund cumprimentou-o.

— Bom dia. — Daniel respondeu rapidamente e agachou-se ao lado do Ford para admirar de perto a dianteira. Albertino, que a essa altura já havia se aproximado, também cumprimentou Edmund.

— Sr. Hans Shume, como tem passado? — O semeador retirou a outra luva de jardinagem e empunhou a mão na direção de seu cliente.

— Hans Shume? Edmund Hans Shume, o pintor? — Daniel ergueu-se e arqueou as sobrancelhas.

O semeador postou-se rapidamente entre os dois e respondeu ao rapaz com ares de gloriificação e orgulho.

— Sim Daniel. Este é Edmund Hans Shume, o pintor recémchegado da França e de quem todos estão falando.

Edmund sorriu de forma canhestra e retirou o chapéu.

Então ele já ouviu falar de mim.

— Muito prazer Senhor Shume. Chamo-me Daniel Pope.

Um calafrio percorreu a espinha dorsal do velho pintor. Ouvir o sobrenome Pope pronunciado por aquele a quem ele julgava ser a última esperança de sobrevivência de sua filha, casou-lhe um incômodo quase indisfarçável. Edmund engoliu em seco e apertou a mão direita de Daniel.

— Chame-me apenas de Edmund.

— Bonito carro.

— Ficou guardado durante muitos anos, mas ainda serve ao seu

propósito.

— De que ano é?

— 1941. Você entende de carros rapaz?

— Não muito. Mas não é preciso entender para admirar, não é mesmo? — Daniel ofereceu-lhe um meio-sorriso.

O pintor assentiu com a cabeça.

— O senhor não precisava ter vindo buscar a encomenda. — Albertino interrompeu-os. — Eu estava justamente carregando a caminhonete e Daniel já estava de saída para fazer as entregas do dia.

— E qual é a sua encomenda? — Perguntou-lhe o rapaz.

— A orquídea azul. — O semeador apressou-se em responder. — Vá buscá-la Daniel.

Enquanto o rapaz afastava-se para apanhar a orquídea que havia sido acomodada na caminhonete, Edmund justificara sua ida até a floricultura.

— Eu estava aqui perto e resolvi parar.

Os dois homens trocaram algumas palavras até Daniel retornar com a encomenda.

— Magnífica! — Elogiou Edmund quando Daniel lhe entregou o espécime.

— Não vou me fazer de rogado e dizer que não foi difícil consegui-la, mas eu nunca rejeito um desafio.

— E eu lhe agradeço imensamente pelo esforço, Sr. Martinelli. Minha esposa ficará muito feliz.

Hans Shume acomodou a orquídea no banco ao lado do motorista e voltou-se para o rapaz.

— Foi um prazer conhecê-lo Daniel, e espero que tenha ouvido coisas boas sobre mim.

— Bem, não é que tenha ouvido falar do senhor. — Daniel deu de ombros e continuou — É que por conta da exposição que está sendo organizada em sua homenagem, meu pai foi coagido a promover uma verdadeira expedição pelos entulhos da família em busca de retratos que o senhor tenha feito na época da juventude.

Edmund sentiu um calafrio mais forte e prolongado, como se uma descarga elétrica contraísse seu esqueleto. Recordou-se rapida-

mente dos esboços riscados nos cadernos da escola, quando usava o amigo Erick como modelo.

— Você foi amigo do meu tio-avô.

— Sim. — Edmund sibilou e estreitou os olhos. — Já faz muito tempo, mas eu me lembro de ter feito dois ou três retratos de mem- bros da sua família.

Daniel abriu a boca para elaborar um comentário, mas o pintor não permitiu que terminasse.

— Preciso ir agora.

Preciso mesmo ir embora, pois se ficar aqui mais um minuto sequer é provável que lhe rogue de joelhos para que me perdoe e ajude Juliana. — Pensou o pintor.

— Agradecemos a preferência. — Albertino sorriu de forma convidativa.

O homem acomodou-se ao volante e deu a partida. Segundos depois já estava se distanciando e respirando com dificuldade.

Do outro lado da rua, uma figura masculina os espreitava em surdina. Um homem de baixa estatura, cabelos negros bem curtos, ombros rígidos e pele clara. Grandes bolsas acolchoavam seus peque- nos olhos felinos que a tudo reparavam com avidez. Ele estava seguindo Daniel desde a noite passada, e havia ficado de tocaia durante toda a manhã em frente à floricultura. Lembrava-se do rapaz ainda criança e também de seus pais. De Carmélia guardava em sua memória a lem- brança do sepultamento. Mas ele também a vira ser retirada do palacete em uma maca, momentos depois de ser encontrada morta pelo marido. Ele estava lá.

Observando de um ponto qualquer, não muito próximo, não muito distante. Encoberto pela neblina, envolvido pela fumaça de seu Craven A que deixava transparecer o brilho funesto de seus olhos famélicos.

Contudo, ele ainda não conhecera pessoalmente Albertino Martinelli, um velhote a quem julgava inofensivo. Para ele, o dono da floricultura, a quem se encarregara de investigar minuciosamente assim que tomara conhecimento de sua ligação com Daniel, não pas- sava de um homem que desperdiçara a vida sujando as mãos de terra e escondendo-se do mundo atrás de vasos de plantas. Um

ser — humano que não requeria nem um esforço intelectual para ser compreendido.

Já o pintor era para ele um alvo a ser seguido. Acerca de dez anos, quando estivera em Esplendor a mando do serviço secreto norteamericano, o então agente especial Wallace Hoover procurara pelo artista Edmund Hans Shume em sua residência, no bairro da Boa Vista, pois a família de Erick lhe dissera que este e o pintor haviam sido grandes amigos na juventude. Na oportunidade, o mesmo fora recebido por Helena e informado de que o pintor encontrava-se viajando a trabalho. Wallace Hoover não se demorou muito, apenas o suficiente para solicitar ao interprete que o acompanhava o repasse de um recado à senhora.

“Diga ao senhor Hans Shume que entre em contato com a polícia imediatamente”.

Helena quis saber do que se tratava, mas Wallace Hoover preferiu não se prolongar.

“Diga-lhe apenas que o assunto se refere a um velho amigo”.

Aquele recado não chegou aos ouvidos de Edmund. E quando Wallace Hoover soube de seu retorno de viagem, e resolveu procurá-lo novamente, encontrou o casarão aos cuidados de um casal de caseiros. A família havia se mudado para França três semanas após o desaparecimento da irmã de Daniel.

III

Cecília Vieira não ouviu o toque da campainha. Nenhuma das três vezes. Na vitrola um disco de Little Richard embalava movimentos frenéticos. Ela não se preocupava em parecer ridícula, pois não havia plateia. Dançava livremente, numa incessante quebra de quadris de um lado ao outro da sala. Daniel sabia que havia alguém na casa, pois podia ouvir a música. Um tipo de música que não se ouve em baixo volume.

Ou se ouve em alto e bom som, ou é melhor nem ouvir. Ele gostava de rock. Decidiu então olhar pela janela da sala, na tentativa de se fazer notar. As cortinas estavam parcialmente afastadas para as laterais, deixando uma fresta larga o suficiente para que o rapaz espiasse a dançarina. Cecília estava de costas para a janela, com seus braços esticados à cima da cabeça e batendo palmas no embalo de *Tutti Frutti*. Daniel não conseguiu conter o riso que escapou do canto da boca. Reparou na cadencia de seus quadris, na cintura marcada pelo cós da calça jeans escura de corte reto, estilo *five pockets*, com a barra dobrada para fora mostrando alguns centímetros de suas canelas finas. A jovem demorou pouco mais de um minuto para se virar e perceber a presença que a observava. Cecília soltou um grito abafado e correu até a vitrola desligando-a de forma abrupta. O rapaz endireitou-se e voltou à porta. Bateu a campainha pela quarta vez. Cecília inspirou profundamente e levou as mãos ao cabelo desgrenhado. Titubeou alguns segundos, decidindo se o atenderia.

E se for um maníaco? É no mínimo um bisbilhoteiro.

O rapaz pigarreou ao perceber que a maçaneta estava se mexendo. — Oi. O que você quer? — Cecília desviou o olhar para o arranjo de flores que o rapaz trazia nos braços. Ela estava sem maquiagem, mas o rubor causado pela dança frenética coloria-lhe a face alva. Gotículas de suor se acumulavam acima do lábio superior.

— Olá. Eu vim entregar este... — A moça não deixou que Daniel terminasse a frase.

— Porque estava me espionando?

— Não estava! Quero dizer, estava, mas é que...

— Eu conheço você? — Cecília colocou as mãos na cintura e pendeu a cabeça levemente para o lado. — Eu conheço você.

— Sim. No velório de Julio Vieira.

— Você é o rapaz das flores.

— E você é a garota que odeia flores.

— Não! Não odeio.

— Não foi o que me pareceu.

— O que veio fazer aqui?

— Trabalho na floricultura Martinelli e vim entregar este arranjo.

Toquei a campainha três vezes, mas você não ouviu e nós sabemos por quê.

Cecília abriu a boca para retrucar, mas decidiu ignorar a provocação quando percebeu o risinho irônico que brotava dos lábios do rapaz.

— Para quem são as flores?

— Senhora Vieira. Condolências.

— Minha avó não está, mas pode deixar comigo.

Daniel franziu o cenho.

— Desculpe, eu não sabia quem você era.

A jovem suspirou profundamente e mordeu o lábio inferior.

Daniel empunhou uma pequena prancheta e solicitou que a mesma assinasse o recibo atestando a entrega do arranjo de flores. Depois, entregou a encomenda a Cecília.

— Conheci seu avô e sinto muito pela perda de sua família.

— Obrigada. — Cecília desviou os olhos para o chão.

Daniel afastou-se meio passo e leu a assinatura no recibo.

— Então até logo Cecília.

— Como você sabe meu... — Antes mesmo de terminar a pergunta, Cecília concluíra que o entregador reparara em sua assinatura. — Até logo. — Respondeu secamente.

O rapaz começou a se afastar, mas deteve-se no terceiro degrau da escada de pedra margeada por canteiros de margaridas que o conduzia até o portão de saída. Uma inquietação curiosa impeliu-lhe

a continuar a conversa.

— Sabe... — Daniel voltou-se novamente para a jovem, que se deteve com a mão na maçaneta — Você não me parece muito triste, para quem acabou de perder o avô.

— O quê? — Cecília arqueou as sobrancelhas e balbuciou uma indagação levemente esganiçada.

— Você estava dançando. E me pareceu muito feliz.

A jovem mal podia acreditar no atrevimento que permeava as palavras de Daniel. Arregalou os olhos e respondeu com irritação, sentindo-se profundamente ofendida.

— Quem pensa que é para me julgar? Você não me conhece, não sabe nada sobre mim.

O rapaz sacudiu a cabeça, repreendendo-se mentalmente pela inconveniência. Não raro deixava que sua curiosidade o instigasse a fazer perguntas por vezes inoportunas.

— Tem razão. Desculpe.

— Não! Não desculpo. — Ainda segurando o arranjo de flores, Cecília aproximou-se rapidamente e o encarou sem rodeios. Ela estava descalça, mas a limosidade incrustada nas pedras não pareceu incomodá-la. — Primeiro você fica me espiando através da janela e agora se sente no direito de julgar minha atitude.

O comentário de Daniel provocara-lhe um profundo afrontamento. Para ela, dançar sempre fora uma espécie de válvula de escape, e a situação em que se encontrava agora não lhe exigia uma forma diferente de reação. Cecília estava dançando para evitar o choro que teimava em brotar de seus olhos toda vez que uma lembrança de seu avô era desencadeada pela atmosfera daquela casa. A casa onde nascera e fora criada. Dançava na tentativa de espantar a frustração e o desapontamento que sentia por si mesma, já que em seu íntimo, sabia que estava sendo egoísta por desejar estar em outro lugar.

Mas como um estranho poderia saber de tudo isso?

— Por favor, tome cuidado com o arranjo. — Pediu-lhe Daniel ao vê-la se aproximar de forma abrupta. Ficaram frente a frente, a meio passo de distância. Cecília percebeu que Daniel era mais alto e que seus ombros largos obstruíam parcialmente sua visão.

- Não me importo nenhum pouco com este arranjo estúpido.
- Eu já pedi desculpas.
- Você pede muitas desculpas, mas aposto que não se arrepende do que faz.
- Agora é você quem está julgando.

Cecília mordeu o lábio inferior e estreitou os olhos. Aquele comportamento a irritava profundamente. Para ela, Daniel tinha sempre uma resposta na ponta da língua e um sorrisinho jocoso no canto dos lábios.

- Por favor, vá embora. — Sibilou entredentes.
- Tudo bem. — Daniel meneou a cabeça e deu-lhe as costas. Cecília observou-o se afastar e entrar na caminhonete. Em seguida, correu para dentro de casa, depositou o arranjo sobre um aparador de madeira escura e bufou raivosa.

O rapaz trabalhou durante todo o dia. Após terminar as entregas, devolveu a caminhonete à floricultura e dirigiu-se para o Jardim Botânico. O trabalho na estufa preenchia tardes inteiras três vezes por semana, e comumente se arrastava durante as primeiras horas noturnas. Daniel apreciava a oportunidade de trabalhar no cultivo e manejo de plantas ornamentais que faziam parte do projeto paisagístico de revitalização de pontos estratégicos do Jardim. Entre uma tarefa e outra, lembrava-se do sonho que tivera na noite passada e do relógio encontrado na casa do pai. O estômago ainda dava sinais de embrulho e por isso as poucas refeições que fizera foram leves e contidas. O rosto de Cecília também povoou sua mente por meio de flechas que logo se esvaíam tão rápido quanto chegavam. Fora flagrado por um colega rindo sozinho ao se recordar do modo como ela dançava, mas logo se recompôs ao perceber que estava sendo observado. Quando o relógio anunciou dezenove horas, o rapaz deu por encerrado o turno de mais uma quarta-feira de outono. O corpo rogava-lhe um descanso merecido. Daniel guardou os instrumentos de jardinagem, pendurou as luvas e trocou o par de botinas por coturnos pretos. O rapaz havia comprado uma lambreta de segunda mão acerca de dois meses e costumava ser visto sempre com ela quando não estava dirigindo a caminhonete

dos Martinelli. Durante o dia, em horário pré-estabelecido, o parque Jardim Botânico, uma área de reserva originalmente conhecida como parque das Araras, era aberto ao público para visitação, piquenique e prática de esportes ao ar livre. Mas atualmente o horário de visitas havia sido restringido por conta das obras de revitaliza o.  quela hora encontravam-se apenas dois funcionários que vigiavam a portaria principal e um de seus colegas de trabalho que também costumava encerrar suas atividades ao cair da noite. Daniel despediu-se do mesmo na saída do vestiário e dirigiu-se para o local onde estacionara a lambreta. Caminhava a passos lerdos, inspirando ar puro enquanto descia por um caminho de pedras um pouco íngreme. Ele não se importava com a brisa fria que ro ava suas bochechas ressequidas provocando-lhe uma sensa o de frescor. Avistou a lambreta a poucos passos, parcialmente escondida por arbustos de meio metro.   sua volta o farfalhar das árvores mesclava-se com o canto de uma cigarra. Daniel vestiu sua jaqueta e já ia se preparando para montar na moto- neta quando uma garra gelada seguiu seu pulso esquerdo. O homem que o estava seguindo desde a saída do vestiário, mas cuja presença não fora notada segurou-lhe firmemente. Daniel virou-se rapidamente e encarou seus olhos ejetados e sem brilho. Era seu pai.

— Deus do céu! — Exclamou assustado, afastando-se abruptamente.

Alexander fez um gesto para que se calasse.

— Fale baixo. Alguém pode nos ouvir.

O rapaz franziu a testa e encolheu os ombros, confuso e ainda sobressaltado.

— O que você está fazendo aqui pai?

Novamente o homem gesticulou para que o filho fizesse silêncio.

— O que está acontecendo? — Sussurrou o rapaz.

Alexander aproximou-se e segurou seus braços.

— Precisamos conversar. Mas antes temos que sair daqui, pois posso ter sido seguido.

— Seguido? Do que está falando?

— Tire a gente daqui. — Alexander escrutou o ambiente   sua volta

como se estivesse procurando por alguém — Vamos para o palacete. Agora!

Daniel percebeu que o pai não estava brincando. Algo no modo como falava e no simples fato de estar ali o convenceu da seriedade da situação. O rapaz pressionou os lábios e assentiu com a cabeça. Depois, pediu que o pai montasse na garupa da lambreta.

— Isto é seguro? — Inquiriu Alexander receoso.

— Você quer sair daqui ou não?

O pai bufou insatisfeito, mas não contestou.

— Prometa que vai me contar o que está acontecendo, sem meias palavras? — Perguntou-lhe o filho antes de dar a partida.

— Não tenho alternativa Daniel. Preciso lhe dizer tudo antes que você descubra sozinho, e da pior maneira possível.

Rumaram para o palacete da família, imersos na escuridão noturna e embalados pelo som do motor da lambreta recém-adquirida.

Cecília terminou de lavar a louça do jantar. A passagem de volta para o Rio de Janeiro havia sido comprada horas antes. Ela não costumava demorar muito para tomar decisões quando as julgava inevitáveis. E também não era do tipo que voltava atrás em suas resoluções, ainda que lhe parecessem precipitadas ou fossem indesejáveis. Seu avô havia morrido, vítima de um ataque cardíaco fulminante enquanto se exercitava na piscina do clube recreativo.

A jovem fora criada pelos avós maternos desde o nascimento. Ela jamais conheceu seus pais. Sua mãe morrera no parto sem nunca revelar o nome do homem que a engravidara, e durante toda a sua vida Cecília convivera apenas com fotografias e histórias que os avós lhe contavam. Mais cedo, durante o jantar, a avó tentara demover-lhe da ideia de voltar a morar em Esplendor, pois sabia o quanto a neta estava se empenhando para alçar novos vôos e trilhar caminhos ainda pouco percorridos por mulheres. A jovem contava com vinte anos e havia acabado de concluir seus estudos no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, uma renomada instituição localizada na Barra da Tijuca. Cecília era professora por formação, mas almejava mudar-se para a cidade de São Paulo para ingressar

na Escola de Jornalismo Cásper Líbero. Contudo, ela jamais abandonaria a avó em um momento de profunda solidão, pois não havia mais ninguém no mundo, para nenhuma das duas. Decidiu então adiar projetos e aspirações para passar os próximos meses em Esplendor ao lado da avó.

Sentou-se em uma cadeira e alcançou uma revista sobre a mesa da cozinha, uma edição do Jornal das Moças de oito de março daquele ano. Folheou a publicação sem muito interesse, detendo-se em uma página para ler o título de um artigo — *Eles desejam de você: Elegância e Beleza* — Ao final da página havia uma foto da atriz hollywoodiana Nicole Maurey, seguida de uma legenda que chamava a atenção para o decote do vestido que a mesma estava usando. Cecília começou a ler o texto, mas dispersou-se logo após o segundo parágrafo. Uma de suas pretensões, além do jornalismo, era ser escritora de romances policiais. Por diversas vezes a moça enviara contos de sua autoria para o Jornal das Moças, mas nunca conseguira que publicassem um parágrafo sequer. No início o editor lhe respondera com polidez, fazendo questão de classificar seus textos como promissores, mas atrevidos em demasia para o público da revista. Depois, começou a lhe enviar negativas imotivadas e por fim, passou a ignorá-la.

IV

— Receio que não vá acreditar no que tenho para lhe dizer. — Alexander acomodou-se junto à mesa da cozinha em uma cadeira de estofamento puído. Sob a luz amarela e vacilante, que evidenciava uma instalação elétrica temerária, pai e filho conversaram pela primeira vez a respeito da visita que Alexander recebera de seu tio Erick Vander Pope, há dez anos. O palacete encontrava-se imerso em um silêncio tumular, interrompido apenas pelo silvo de uma cigarra cantante e solitária. Ainda havia ali muitos móveis que não couberam no pequeno sobrado de Alexander. Ao resolver se desfazer da única propriedade que sobrara do patrimônio construído por seu avô, Alexander tentou vendê-la com tudo o que havia dentro, mas o herdeiro dos Pope não obteve sucesso. Retirou então alguns móveis que lhe serviriam em seu novo endereço e deixou o restante acomodado no casarão, perecendo às intempéries do tempo.

Sentado à sua frente, cotovelos apoiados nos joelhos, Daniel o escrutava atento.

— Há dez anos recebi uma visita, aqui mesmo nesta casa. O irmão de meu pai, um cientista radicado na Alemanha, apareceu em uma noite me dizendo que precisava me entregar um objeto. Acho que você e sua irmã chegaram a se encontrar com ele.

— Sim. Eu me lembro desse homem. Lembro que o achei muito estranho, mas não tive medo ou repulsa.

— Ele se chama Erick Vander Pope e eu não o via desde a adolescência, quando estivera no Brasil para visitar a família. Ele se mudara para a Europa ainda jovem para estudar, e acabou passando a vida toda por lá. Dois anos antes de sua visita, recebi uma carta da Universidade de Berlim informando que o cientista havia morrido durante um ataque das tropas do regime nazista. Imagine então a minha surpresa quando vi aquele homem sentado na minha poltrona preferida. — Alexander suspirou e aproximou-se do filho. — Daniel,

o que vou lhe dizer deve ficar entre nós. Prometa que não vai contar a ninguém.

— Prometo. Agora me diga o que é, pois esse suspense está me matando.

— O relógio que você achou mais cedo. Aquele que estava usando quando acordou vomitando as tripas.

— O que tem o relógio?

— Supostamente —, Alexander titubeou, relutando em prosseguir — Trata-se de uma máquina do tempo.

Daniel encarou-o confuso.

— Uma máquina do tempo? O que significa isso?

Os lábios do pai rasgaram-se em um sorriso irônico.

— Fiz esta mesma pergunta há dez anos. Erick me explicou que se tratava de um invento científico de aparente insignificância, mas que consistia em uma invenção de consequências imensuráveis. Sempre o achei um homem peculiar, talvez por conta do discurso de meu pai que costumava condenar seu estilo de vida, criticando-o pela profissão que escolhera e pela postura assumida em relação à família. O fato é que o cientista me entregou uma caixa contendo um relógio de pulso e quatro cápsulas cheias de um material radioativo, responsável pelo funcionamento da máquina. Me explicou como abrir a caixa, e disse ainda que a invenção foi desenvolvida em parceria com Albert Einstein.

— Isso só pode ser brincadeira! — Daniel arregalou os olhos.

— Também achei que fosse filho. Durante muito tempo achei que tudo não passasse de delírios de uma mente perturbada. Mas isso não é tudo. O cientista me contou que forjou a própria morte e que ele mesmo havia enviado a carta supostamente redigida pelo reitor da Universidade de Berlim. Me pediu desculpas pela mentira e me fez prometer que não contaria a ninguém que o vi com vida. Eu deveria sustentar a história de que ele havia morrido na Alemanha durante a Segunda Grande Guerra e me encarregar da guarda do relógio. Ninguém jamais deveria saber que o objeto estava comigo. Ele me prometeu que voltaria para buscá-lo, mas nunca o fez.

— O cientista nunca mais deu notícias?

Alexander meneou a cabeça negativamente.

— Mas o que o levou a entregar o relógio ao senhor? Quero dizer, não havia mais ninguém a quem recorrer? — Perguntou-lhe Daniel.

— Confesso que não sei. Talvez julgasse ser pouco provável que alguém viesse procurá-lo aqui. Mas a questão é que dez anos se passaram e Erick nunca mais apareceu.

Daniel coçou o queixo enquanto tentava, sem sucesso, encaixar as peças do quebra-cabeça que se formava em sua mente.

— Naquela ocasião —, Alexander continuou — insisti para que meu tio passasse a noite aqui, mas ele se negou. Argumentou que precisava partir imediatamente, pois era perigoso ficar em um só lugar por muito tempo. Antes de me dizer adeus ele mencionou que havia mais uma visita a ser feita.

— Então ele procurou por mais alguém. — Daniel afirmou de forma resoluta. — Mas quem?

— Não faço ideia filho. Erick passara boa parte da vida fora do Brasil e acredito que não tenha mantido contato com as amizades feitas na juventude. Somente nos últimos dias é que fiquei sabendo de sua ligação com o pintor de quem todos estão falando.

— Edmund Hans Shume?

— Isso mesmo. Eu não sabia que ele e meu tio haviam sido tão próximos quando adolescentes. Mas a contar pela quantidade de retratos feitos por Edmund a pedido de Erick, arrisco dizer que eram inseparáveis. Há pinturas de minha avó, do meu pai, e também de uma jovem que não conheço e que não foi emoldurada. Encontrei-a dobrada entre as páginas de um livro antigo, ao me dar por vencido diante da insistência daquela mulher chatíssima, a curadora da exposição que será feita em homenagem ao tal pintor, e me disporei a procurar pelos retratos.

O rapaz suspirou, concluindo que a ligação entre o cientista e o pintor em nada se relacionava com o relógio.

— O cientista fez bem ao recusar o convite para pernoitar, já que no dia seguinte ao nosso encontro, recebi a visita em meu escritório de uma comitiva policial encabeçada pelo detetive Callado e por uma dupla de agentes do serviço secreto norte americano. Levaram-me até a delegacia e me fizeram perguntas acerca de Erick Vander Pope. Respondi a todas com aparente segurança. Nunca cheguei a

mencionar a visita ou o objeto que me fora confiado, mas confesso que me senti profundamente incomodado pela pressão absurda que me impuseram durante o interrogatório. Tudo muito sugestivo e aparentemente inofensivo, mas aquele homem sabia jogar com as palavras e hoje tenho certeza de que não o convenci.

— De quem está falando?

— Estou falando do agente secreto Wallace B. Hoover.

Enquanto conversavam, alheios ao mundo lá fora, Daniel e o pai não perceberam a presença que os rondava.

— Durante a nossa conversa, eu não acreditei em uma palavra dita por Erick, mas depois de saber que agentes do governo norteamericano estavam à sua procura, ficou evidente que ele havia se metido em encrenca. Por isso julguei ser prudente confirmar que ele estava morto, e ocultar a existência do objeto, ainda que não passasse de um simples relógio.

— Você não acredita ser possível?

— Pelo amor de Deus Daniel! — Alexander levantou-se rapidamente e balançou as mãos. — Só falta você me dizer que acredita em conto de fadas.

O rapaz meneou a cabeça e não respondeu.

— Isso é um absurdo filho! Como é possível existir uma máquina do tempo? Algo que nos permita viajar para o passado e mudar rumo da própria história?

— Mas o senhor acabou de me dizer que seu tio estava metido em algo importante.

— Sim! Acredito mesmo que estivesse, pois caso contrário a polícia não estaria atrás dele, mas daí a acreditar que ele foi capaz de criar uma máquina do tempo! — Sentou-se novamente e encarou o filho com uma expressão de descrença.

— Nunca experimentou? Nunca pensou em testar?

Alexander suspirou, resignando-se diante da suposta ingenuidade de Daniel.

— Sua irmã sumiu um dia depois da visita. O turbilhão de tragédias que devastou nossa família me fez esquecer completamente dessa história. Guardei a caixa e nunca mais pensei no assunto.

Do lado de fora do palacete, o homem que os seguira estava sozinho

e enfrentava a escuridão noturna sem medo. Wallace Hoover encostara-se na parede abaixo de uma das janelas da cozinha. Todos os sete sentidos voltados para a conversa que se desenrolava sem que seus protagonistas soubessem que havia um intruso ouvindo e gravando mentalmente cada palavra dita. Tomava cuidado para não ser percebido. Respiração contida, lanterna desligada, nem mesmo o grito do quero-quero foi capaz de distraí-lo. Wallace havia pisado acidentalmente em um ninho, um amontoado de palhas e gravetos onde já não havia mais ovos.

— Mas o senhor nunca se perguntou como seria conhecer o futuro?

— Daniel inquiriu-lhe com brilho nos olhos.

— Vamos supor que o relógio seja mesmo uma máquina do tempo.

— Alexander remexeu-se na cadeira e apoiou os braços sobre a mesa. — Se me lembro bem, Erick me explicou que o relógio só anda para trás, e só é possível regressar a momentos vividos por quem os está usando. Sendo assim, você não poderia vislumbrar o que o futuro lhe reserva filho, mas apenas regressar ao passado e para fatos que lhe dizem respeito, ocasiões vividas por você.

— Isso seria bem interessante. — O rapaz desviou os olhos para o lado. Estava pensativo, e Alexander percebeu que o filho realmente estava cogitando a hipótese de viajar no tempo.

— E como seria? Quero dizer, ele lhe explicou mais alguma coisa? Como funciona o mecanismo?

— Porque quer saber? Por acaso está considerando que o relógio seja mesmo uma máquina do tempo?

Daniel deu de ombros e levantou-se. Andou pela cozinha em silêncio, repassando mentalmente o sonho que tivera na noite anterior.

— Me lembro de Erick dizer que cada cápsula permite uma única viagem, de no máximo trinta minutos. É preciso acertar hora e data em que se pretende retornar. Disse ainda, antes de se despedir, que era preciso ter a mente aberta e a consciência equilibrada, livre de qualquer distração e totalmente focada no momento eleito para ser o alvo da viagem. Não entendi muito bem o que ele quis dizer e pelo jeito nunca saberemos ao certo. Mas nada disso importa. Não me interessa saber se o relógio é mesmo capaz de tamanha façanha,

não acredito que seja. Mas sei de alguém que pensa o contrário. E é isso que está me preocupando.

— Há mais alguém que sabe desta história?

— Wallace Hoover. O agente secreto. Hoje tarde, ao retornar da visita que fiz a Lacrimosa, eu o encontrei à minha espera no portão de entrada do sobrado. Ele não mudou nada. Dez anos se passaram e ainda me sinto incomodado em sua presença. Ele não passa de um homenzinho atarracado, desagradável e extremamente inconveniente. Uma ave de rapina.

Hoover estremeceu ao ouvir o que Alexander pensava a seu respeito. Mordeu o lábio inferior com violência e levou a mão ao revólver que jazia oculto sob o paletó. Acariciou o metal, desejando descarregar a arma no crânio de Alexander Pope.

— Vejo desprezo em seus olhos e percebo o cinismo que escorre de sua boca a cada frase meticulosamente elaborada.

— O que esse homem está fazendo aqui depois de tanto tempo?

— Ele quer o relógio.

— O que? — Daniel surpreendeu-se com a afirmação do pai.

— Disse sem rodeios que havia retornado para terminar o que começou na primeira vez em que estive aqui. Evitou me explicar em que consistem as verdadeiras motivações da missão secreta da qual alega fazer parte. Esclareceu apenas que a CIA não está mais procurando por Erick Vander Pope, mas sim por um invento desenvolvido em parceria com o cientista Albert Einstein durante os anos de trabalho na Alemanha. Ele não perguntou pelo relógio, e acredito que não saiba exatamente o que está procurando. Mas desconfia de mim. Acha que estou ocultando informações, que estou me negando a cooperar.

— Por que diz isso pai, ele lhe fez alguma ameaça?

— Tudo naquele homem é ameaçador, Daniel. A forma como me encarou, olhos felinos analisando a presa. Chegou a me dizer que seria melhor para nós se não nos negássemos a ajudá-lo. Deu a entender claramente que está nos vigiando e que sabe que estamos envolvidos nesta história. Ele perguntou por você.

Por um rápido momento, Daniel sentiu-se deslocado dentro daquela casa imensa. Imaginou que centenas, milhares de olhos o obser-

vavam de todos os ângulos e que as paredes iam ficando cada vez mais próximas e o ar não lhe chegava aos pulmões. Sentiu uma vertigem e sentou-se na cadeira.

— O que foi Daniel? Está tudo bem? — Alexander segurou seus pulsos.

— Deve ser uma queda de pressão.

— Você tem se alimentado direito?

— Não comi quase nada hoje. Não sei o que está acontecendo comigo.

Alexander apertou os dedos do filho e o encarou consternado.

— Volte para casa. Venha morar comigo. Só assim poderei cuidar de você.

— O senhor não cuida nem de si mesmo, como irá cuidar de outra pessoa? — O rapaz inspirou uma grande quantidade de ar e refez-se do mal-estar — Além do mais, não preciso de cuidados.

O pai desviou os olhos para chão e travou o maxilar, evitando responder à provocação do filho. Sabia que Daniel não se deixaria cuidar por ele, mas intimamente desejava aproximar-se mais do filho, fazer parte da sua vida e quem sabe um dia, fazer com que o filho o perdoasse pela postura que assumira desde a morte de Carmélia.

Daniel desvencilhou-se do toque do pai e endireitou-se na cadeira.

— O que está pensando? Acha que esse tal agente é perigoso?

— Muito perigoso. Por isso insisti para que tivéssemos esta conversa aqui. Tenho certeza de que ele não desconfia deste lugar. O relógio está comigo e pretendo escondê-lo no palacete. Acredito que enterrá-lo de uma vez por todas sob os escombros de um passado negro irá resolver.

— E porque não entregá-lo a ele?

— Sei que seria mais seguro se nós simplesmente cooperássemos com aquele homem, entregando o que tanto deseja. Mas prometi a meu tio que nunca entregaria o relógio a quem quer que fosse. Jurei jamais revelar a conversa que tivemos, bem como o invento que relegara aos meus cuidados. E pode ser que um dia ele volte para buscar o objeto. Afinal, foi o que prometeu.

— Faria exatamente o mesmo se estivesse no seu lugar. Jamais

quebraria um juramento.

Alexander encarou Daniel com um misto de orgulho e gratidão. Ele não estava acostumado a ouvir o filho dizer que concordava com suas atitudes.

— Tenho uma ideia melhor. — O rapaz voltou-se para o pai, olhos firmes no propósito que se desenhava em sua mente. — Deixe o relógio comigo.

— Nem pensar! — Alexander apanhou a sacola onde guardara o invento e abraçou-a com firmeza junto ao peito. — Não vou colocar você em risco.

— Pai, — Daniel umedeceu os lábios e continuou resolutos — certa vez, quando ainda trabalhava na biblioteca do internato, li um livro de suspense em que o objeto de desejo do vilão estava guardado em um local bem óbvio, aquele onde ninguém se lembraria de procurar, justamente por ser evidente e logicamente improvável. O que quero dizer é que esse tal agente secreto jamais desconfiará de um relógio de pulso no meu braço. O senhor mesmo me disse que ele não sabe o que está procurando.

Alexander bufou, considerando as argumentações do filho.

— Ele procurou por você e sabe que está escondendo alguma coisa. Mas eu não sei de nada. Pelo menos é o que Hoover deve estar pensando. E vamos cuidar para que continue assim, até que desista e vá embora.

— Você quer usar o relógio, permanentemente?

— Sim. Que mal pode haver nisso? Afinal de contas, é só um relógio, certo?

Alexander meneou a cabeça e estreitou os olhos até quase fechá-los. Custava-lhe admitir que os argumentos do filho fizessem sentido.

— Tudo bem. Mas prometa que não vai tentar viajar no tempo. Isso não é possível e eu não quero lhe ver alimentando esse tipo de ideia maluca. E se Hoover lhe procurar, a primeira coisa que vai fazer é me devolver o relógio para que eu o esconda de uma vez por todas.

— Prometo o que quiser pai.

Pai e filho apertaram as mãos, selando um acordo cuja seriedade estava estampada no rosto de Alexander. O mesmo entregou-lhe a caixa com reticência. Daniel contemplou seu conteúdo, admirando o

relógio pela segunda vez em menos de dois dias. Lembrou-se que na noite anterior, ao colocá-lo, antes de cair no sono, ele havia acertado o horário, mas não mexera na data.

— O cientista explicou como funciona?

— Existem três pinos acoplados na extremidade do visor. Se bem me lembro, os dois primeiros pinos constituem mecanismos encarregados de acertar hora e data. O terceiro pino deve ser pressionado para abrir o compartimento onde o pequeno frasco contendo a substância radioativa deve ser colocado. A caixa é revestida com chumbo e também possui um compartimento onde estão guardados quatro frascos. O segredo é a fórmula química da substância. É necessário combinar os símbolos que estão gravados na parte superior da tampa. É como um segredo de cofre. No relógio também há um frasco cheio e que está pronto para ser usado. Alexander sorriu, ironizando a si mesmo por repetir informações que julgava absurdas.

— Pai —, Daniel engoliu a saliva e juntou as sobrancelhas em uma expressão de desconfiança — está vazia.

— Como disse?

— A cápsula pai. — O rapaz abriu o compartimento. — A cápsula que está no relógio. Vazia.

Ambos entreolharam-se com desconcerto.

— Não é possível. — Alexander tomou o relógio das mãos do filho para se certificar de que o mesmo não estava brincando.

— Quer dizer que alguém viajou no tempo. — Daniel concluiu assombrado.

— A cápsula estava cheia. Tenho certeza disso.

— Alguém viajou no tempo pai. E estou começando a achar que fui eu.

Wallace Hoover deixou o casarão logo após a saída de Alexander e o filho. Aquele lugar não mais lhe interessava já que sabia que o relógio não seria escondido ali. Estava exultante, excitado diante da possibilidade que se descortinava diante de si. Jamais imaginara que seria tão fácil descobrir o que viera buscar. Alexander estava certo ao dizer que o agente não sabia o que procurava. Contudo, graças ao seu faro metedigo, Hoover escutara grande parte da conversa

entre Daniel e o pai, e agora sabia de tudo.

O agente atravessou a recepção da pensão onde alugava um quarto mudo e cabisbaixo. Esforçava-se para passar despercebido, evitando estabelecer contato com o recepcionista ou com qualquer hóspede. Não se dava ao trabalho nem mesmo dos menores cumprimentos. Ao chegar a Esplendor, acerca de um mês e meio, Wallace Hoover procurou por um lugar discreto e que custasse pouco. Um lugar em que pudesse entrar e sair sem que lhe fizessem perguntas. Encontrou uma pensão nos arredores da rodoviária, cuja fachada havia sido pintada de vermelho e o assoalho consistia em uma combinação de restos de pisos de diversos tamanhos e cores. Refugo de construções e reformas advindo de várias partes da cidade. O banheiro era comum a todos os pensionistas, mas em seu quarto havia uma pia e um pequeno espelho. Hoover não dispunha de muitos recursos financeiros já que a situação enfrentada meses antes em seu país lhe rendera o bloqueio de sua conta no banco e a perda do emprego. Ele havia se metido em questões que fugiam à sua alçada, e ao ser descoberto foi afastado do cargo ocupado na Agência Central de Inteligência Norte-Americana. Uma sindicância de proporções desastrosas devassou sua vida, e ao final do processo o agente foi demitido e seu dinheiro bloqueado pelo governo para o pagamento de uma indenização pleiteada pela família do cientista Albert Einstein.

Albert Einstein faleceu em 18 de abril de 1955 na cidade de Princeton Estados Unidos. Vítima de um aneurisma abdominal, o cientista teve seu corpo cremado e as cinzas espalhadas em um local não revelado. Contudo, seus olhos e cérebro foram retirados durante a autópsia pelo patologista que a realizou. Thomas Stoltz Harvey agiu de forma arbitrária ao extrair o cérebro de Einstein sob a justificativa de que a citoarquitetura do córtex cerebral deveria ser analisada, pois poderia revelar informações úteis. Mas ele não foi o único a extravasar limites e agir como se o fim a ser atingido justificasse a adoção de meios pouco ortodoxos e alheios à hierarquia de normas e patentes.

Wallace B. Hoover desrespeitou protocolos e cavou a própria cova ao se embrenhar por um caminho sem volta. Ele começou a carreira na

Agência de Serviços Estratégicos, criada durante a Segunda Guerra Mundial com o intuito de coordenar ações de espionagem. A OSS transformou-se em CIA logo após o conflito que devastou meio mundo. Conhecido entre seus pares por jamais encerrar um caso sem solução, Hoover nunca esquecerá o fracasso de sua missão no Brasil na primeira vez em que estivera em Esplendor, à procura de Erick Vander Pope. Ele ficara neurótico, principalmente por não acreditar na morte de Erick. E ao regressar aos Estados Unidos, o agente manifestou expresso interesse em se dedicar integralmente às investigações sobre Albert Einstein, realizadas de forma clandestina e a mando de um grupo de senadores encabeçado por um político que nutria ideias conflitantes e megalomaniacas. Hoover instalara-se em Princeton e durante anos dedicou-se a esquadrihar a vida do célebre cientista, sem, contudo, auferir grande sucesso. O governo norte-americano acreditava que Einstein, com a ajuda de outro cientista, criara um invento de extrema importância e que era mantido no mais absoluto segredo, em virtude da extensão dos danos que poderia causar. Contudo, dias depois de sua morte o agente recebeu um telefonema de seu superior, por meio do qual o mesmo foi informado de que a missão havia sido encerrada e que ele deveria retornar à sede da CIA para os procedimentos pertinentes ao término das investigações e arquivamento do caso. Marcaram data e hora para que o mesmo se apresentasse no gabinete do superintendente com um relatório preliminar dos últimos meses. Wallace Hoover sentiu que o chão lhe faltava sob os pés. Não havia nada de relevante a ser colocado no relatório e ele não admitiria outro fracasso. E foi então que, impelido por um acesso de grandeza que o motivara a supervalorizar o ego que lhe servia de escudo contra fraquezas não reveladas, o agente invadiu a residência de Albert Einstein. Sem saber ao certo o que procurar, Hoover revistou gavetas, armários, arrastou móveis, rasgou colchões, arremessou livros e arquivos ao chão, promovendo um verdadeiro embaraço de objetos por toda a casa. Estranhando a movimentação, um vizinho chamou a polícia e Wallace acabou trocando tiros com uma dupla de oficiais. A família de Einstein cobrou publicamente um posicionamento da CIA e medidas punitivas

foram adotadas contra Hoover. O agente foi afastado do trabalho e respondeu a um processo disciplinar que culminou com a sua demissão. O que ninguém nunca soube, é que durante a expedição clandestina à casa de Einstein, Hoover encontrara uma carta enviada ao cientista pelo reitor da Universidade de Berlim informando-o da morte de Erick Vander Pope. Um documento idêntico ao que Alexander lhe mostrara anos antes, quando lhe contou que a última notícia recebida do tio dizia respeito à sua morte.

O agente trancou-se no quarto da pensão e sentou-se na cama. Sobre o criado-mudo estavam dispostos um pente fino, um pote de gel, um saco cheio de bala de menta e um isqueiro preto, organizados em uma fileira no centro do tampo. Retirou com cuidado a luva de couro de crocodilo e tentou esticar os dedos parcialmente atrofiados. Um incômodo doloroso e já conhecido acometeu-lhe no instante em que tentou mexer os dedos. No início da carreira, Hoover fora atacado por um filhote de crocodilo que abocanhara sua mão esquerda, em uma expedição oficial por conta de uma investigação que o levou a procurar por um cadáver em uma reserva natural na Flórida. Um oficial que o acompanhava alvejou de balas o animal e Hoover mandou retirar o couro para confeccionar as luvas que viriam a cobrir a mão deformada.

Inspirou profundamente e sentiu o cheiro de mofo misturado a um odor de carne assada que entrava pela janela entreaberta. O hóspede do quarto ao lado havia improvisado uma pequena churrasqueira e estava assando fatias de bife cuja procedência o mesmo não revelava nem sob tortura. Em regra, o dono da pensão não permitia que os hóspedes cozinhassem nos quartos, mas aquele pensionista residia ali a tempo suficiente para insistir em hábitos que julgava indispensáveis.

Curvou-se ao lado da cama e alcançou uma pequena caixa de madeira escura que estava sob a mesma. Destrancou-a com a pequena chave que trazia pendurada no pescoço, em uma corrente de prata bem fina e enegrecida pelo tempo de uso. Retirou tudo o

que havia dentro, alguns papeis e o passaporte, e separou o que lhe interessava. O documento roubado da casa de Albert Einstein estava guardado em um envelope pardo tamanho carta. Desdobrou a folha e correu os olhos mais uma vez pelo texto já decorado. Tantas vezes o lera na esperança de que um segredo lhe saltasse aos olhos, algo camuflado nas entrelinhas de sentenças que não lhe diziam muita coisa. Mas o documento comprovava a ligação entre Einstein e Erick Vander Pope, pois caso contrário, não haveria razão para o cientista ter sido informado de sua suposta morte. A insistência em destrinchar a carta, que para ele consistia em um indício inequívoco de uma estreita relação, o levou a perceber, dias após tê-la encontrado, a existência de furos no rodapé da mesma. Uma espécie de saliência, marcações pontilhadas que pareciam seguir uma lógica específica. O treinamento em práticas relacionadas à decodificação de dados e informações, levaram-no a cogitar diversos mecanismos de tradução, dentre eles, o sistema Braile.

Erick Vander Pope, ao decidir forjar a própria morte, redigira duas cartas idênticas, supostamente expedidas pelo reitor da Universidade de Berlim e que foram endereçadas respectivamente à sua família e a Albert Einstein, que naquela época, já se encontrava radicado em solo norte-americano. A única coisa que as diferenciava era a frase gravada em braile no rodapé da carta enviada a Einstein. A linguagem fora escolhida justamente por não ter sido adotada em nenhum tipo de codificação comumente utilizada durante a guerra. Pope julgou que a mesma passaria despercebida a quem não estivesse procurando por algo mais.

Hoover não sabia ler em braile, mas arrumou rapidamente quem o fizesse. Descobriu que havia sido gravada na carta uma fórmula química seguida da palavra Brasil. Não foi difícil concluir que se tratava de uma indicação de localização. A invenção criada por Einstein e Pope havia sido levada para a América do Sul, em um país quente e úmido e que não lhe inspirava boas recordações. E agora o agente descobria o que a fórmula significava. Se ainda estivesse sob o respaldo da CIA, Hoover já estaria de posse do relógio.

Contudo, precisava ser cauteloso, pois já não era mais um oficial a serviço do Governo NorteAmericano, e ainda que ninguém soubesse disso, ele deveria cuidar para que seus atos não o comprometessem em demasia.

Ele não dormiu naquela noite. Vez por outra, fechava os olhos e se lembrava dos risinhos jocosos de seus ex-colegas de trabalho, que o encaravam sem pudor, debochando da situação esdrúxula em que o mesmo se colocara. A vergonha sentida por ser alvo de um processo disciplinar transfigurava-lhe a face e não raro flagravam-no no banheiro vomitando as entranhas. Ao ser desligado da Agência, Hoover perdeu a insígnia, o porte de arma, o passe livre em instituições públicas e a moral com que se empunha perante a sociedade, vangloriando-se do fato de fazer parte de um seletto grupo de homens que lidavam com assuntos extremamente delicados. A vida que ele julgava conhecer desmantelara-se diante de si como uma sequência de dominós. Ele não estava mais acima do bem e do mal, e não sabia como ser um cidadão comum. Mas o agente jurou a si mesmo e aos seus superiores que recuperaria tudo o que perdera.

Passou a madrugada engendrando planos, construindo estratégias enquanto fumava um cigarro atrás do outro, até concluir que o melhor caminho consistia na permuta. Hoover ofereceria a Daniel alguma coisa suficientemente importante e indispensável. Algo que poderia modificar a vida do rapaz e que o fizesse lhe entregar o relógio sem resistência. Um serviço limpo e eficaz. Só lhe restava agora descobrir o que oferecer.

V

Pouco mais de uma semana havia se passado desde o encontro entre Daniel e Edmund na floricultura. O rapaz passara as últimas noites tentando viajar no tempo, mas a ansiedade que acelerava as batidas do seu coração, não permitia que o buraco fosse aberto. Ele não sabia o que havia feito de diferente na primeira vez em que usara o relógio na casa de seu pai, mas estava convencido de que voltara no tempo, mais precisamente na noite que o cientista visitou sua casa e entregou a invenção a Alexander. E Daniel estava certo. O sonho que tivera, as lembranças vívidas e pungentes que o arrebataram ao acordar, o odor da meia suja comumente utilizada como esconderijo, eram o resultado de uma jornada empreendida por sua consciência, que atingira um nível cuja compreensão ele jamais teria. O corpo não viaja, mas o pensamento é capaz de quebrar barreiras e atravessar buracos que o levariam a momentos pretéritos de inegável valor. Trata-se de um equilíbrio energético, consciência convergindo-se em energia. Passado, presente e futuro acontecendo em concomitância.

E Daniel acreditava que, se conseguisse evitar que sua irmã se embrenhasse pela floresta, o mesmo seria capaz de apagar o sumiço de Lucinda da história de sua família, bem como todos os fatos desencadeados desde então. Ele não descansaria até descobrir um modo de fazer o relógio funcionar. O desespero o motivava a procurar por um buraco temporal, acreditando piamente na capacidade daquela invenção científica cujo funcionamento escapava à sua compreensão racional, mas era inteiramente aceito por seu coração.

Edmund perambulava pela casa, absorto em pensamentos que não poderiam ser revelados a um interlocutor qualquer. Com o passar dos anos, Helena tornara-se sua confidente e sempre que precisava, o pintor recorria a ela para desabafar.

— Não podemos mais adiar. — O pintor enfiou os dedos na cabeleira prateada e sentou-se em uma poltrona.

— O que pretende fazer? — Perguntou-lhe Helena.

Edmund segurou o queixo com uma das mãos enquanto ruminava uma ideia.

— Pensei muito a respeito do que fazer, e você sabe que não está sendo fácil escolher o melhor caminho. Mas não há como evitar o choque. Afinal, não dispomos de tempo para conduzir a situação com suavidade e sem alardes. Sendo assim, decidi que vou chamá-lo para cuidar do jardim. Acredito que seja um pretexto aceitável.

— Não é uma má ideia.

— Recebi um telefonema hoje pela manhã, do consultório do Dr. Donnal Thomas. A equipe já está começando a realizar os primeiros testes. O transplante de medula óssea está se tornando uma opção real na cura contra a leucemia e eu farei o que for preciso para que Juliana participe deste avanço da medicina.

Helena segurou as mãos do pintor e acariciou os dorsos enrugados e as juntas dos dedos longos e finos.

— Ligue para a floricultura e chame o rapaz para trabalhar aqui a partir de amanhã. Vamos observar a interação entre eles antes de lhes contar a verdade.

— Não temos muito tempo Helena.

— O tempo se faz aliado de quem merece Edmund, e nós não merecemos. Mas dê a eles um prazo e deixe que se aproximem naturalmente. Tenho certeza de que nossa bailarina irá cativar o irmão logo no primeiro encontro.

— Darei a eles até a noite do baile que será realizado em minha homenagem, daqui a duas semanas. Nenhum dia a mais.

Helena suspirou e umedeceu os lábios.

— Na noite do baile então.

— Depois disso, viajaremos para os Estados Unidos. Daniel não se recusará a ajudá-la. — Edmund estava convicto de suas palavras.

— Ainda não o conheci, mas acredito que seja um bom rapaz.

— Você acha que Alexander procurará a polícia?

— Confesso que prefiro não imaginar a reação desse homem. —

Helena arqueou as sobrancelhas visivelmente preocupada.

A campainha soou de forma abrupta, interrompendo-os e fazendo com que Helena se abalasse até a porta de entrada do casarão. Edmund permaneceu sentado, repetindo mentalmente as últimas palavras ouvidas. Isadora jamais tivera a intenção de revelar a verdadeira procedência de sua filha. Ela nunca admitiu o sequestro da menina e Edmund não sabia até que ponto a italiana tinha consciência do que fizera. Isadora agia como se Juliana sempre houvesse existido em suas vidas.

Ao abrir a porta, a mulher se deparou com um rosto transfigurado em cinismo, uma figura que lhe desencadeava lembranças fúnebres. Cabelos emplastados e divididos ao meio, terno escuro com uma costura puída e um cheiro de ranço que lhe causou engulhos. — *Good evening*, senhora. — O agente se esforçara para aprender o idioma português assim que decidira vir ao Brasil, mas era inevitável se expressar na língua pátria.

Helena sentiu um calafrio ao ouvir aquela voz acitrinada.

— O que deseja? — Inquiriu-lhe secamente, tentando dissimular o incômodo sentido.

Hoover esquadrinhou a mulher dos pés à cabeça. Helena percebeu seu gesto e acompanhou seu olhar até fixar-se em seu rosto. Ele estava chupando uma bala de menta. Ergueu a mão direita e a cumprimentou. Helena hesitou, mas respondeu ao gesto a contragosto. O aperto de mãos durou meio segundo. Ele se lembrava dela.

— Sou o agente especial Wallace Hoover e estou a serviço do Governo Norte-Americano.

Helena reteve a respiração por um átimo.

— Estive aqui antes, à procura de Edmund Hans Shume.

— E quando foi isso? — Perguntou-lhe a senhora rispidamente.

— Acerca de dez anos, e se não me falha a memória —, o agente engoliu a bala e continuou — A senhora me recebeu à porta e me disse que o Sr. Hans Shume não se encontrava em casa.

— Não me lembro do senhor.

— Don't worry, a memória é uma coisa traiçoeira. — Hoover sorriu com desfaçatez.

Helena desviou os olhos para o chão.

— Espero que desta vez, a sorte esteja comigo. O senhor Hans Shume se encontra? — O agente deu um passo à frente e tentou olhar para dentro da casa por sobre os ombros de Helena.

— Ele não... —, Ela havia começado a lhe dizer que Edmund não estava, mas foi interrompida pelo pintor.

— Quem está aí? — Edmund se aproximou e Hoover avançou mais meio passo.

— Senhor Hans Shume. — O agente estava se esforçando para não transparecer urgência, mas a ansiedade que há anos se transformara em uma úlcera, consumia-lhe o estômago com voracidade.

— Sim, sou eu. E o senhor quem é?

— Meu nome é Wallace Hoover e estou representando o governo norte-americano. Precisamos conversar. — Intimou-lhe com seriedade, empunhando um crachá de identificação na direção do pintor. O documento fora forjado por um falsificador que Hoover contratara semanas antes de viajar para o Brasil, uma vez que a identidade verdadeira lhe havia sido tomada ao ser desligado da Agência.

Edmund franziu o cenho e procurou por Helena de soslaio. Demorou um instante, mas acabou convidando-o a entrar.

— Venha, vamos até o escritório.

Em um gesto involuntário, Helena se colocou à frente de Hoover impedindo sua passagem.

— Está tudo bem querida. Vamos apenas conversar. — Edmund tocou-lhe o braço com gentileza, sem compreender o porquê daquele movimento defensivo. Ela cedeu contrariada, e Wallace Hoover adentrou o palacete da família Shume com uma empáfia que inflava seu tórax.

Passaram pelo rol de entrada e desceram um desnível de dois lances de escada que delimitava um salão à direita da escadaria. Edmund caminhava na frente, seguido pelo homem que se movimenta em silêncio. Cruzaram o salão, e antes de entrarem em um pequeno corredor que conduzia ao escritório, o agente deteve-se por em frente a uma porta de correr de duas folhas que estava entreaberta. Uma televisão estava ligada e havia um sofá de três lugares em estilo Luiz XV confeccionado em veludo na cor rubra e posicionado

de costas para a porta. Hoover vislumbrou apenas uma parte do sofá, o suficiente para ver que havia uma pessoa sentada nele. Juliana acomodara-se para assistir ao Teatrinho Trol, um programa de peças infantis adaptadas pela TV Tupi. A atração televisiva não era voltada para sua faixa etária, mas ela tentava se distrair com qualquer coisa que a fizesse se esquecer da doença, ainda que por breves instantes. Hoover reparou em seu delicado perfil e no lenço que envolvia sua cabeça, mas o que realmente lhe chamou a atenção foi o par de pernas penduradas acima do braço do sofá, em uma das extremidades. Havia mais alguém ali, e pelo formato das canelas parcialmente expostas e pela delicadeza dos pés descalços, ele deduziu que se tratava de uma mulher. Isadora estava deitada no sofá, com a cabeça amparada no colo da filha. Também assistia ao programa infantil e estava realmente se divertindo. Ela sorriu quando a bruxa, interpretada pela atriz Zilka Salaberry, levou um tombo violento. Juliana afagou seus cabelos e sorriu também. Naquele dia, pela manhã, a garota havia sentido falta de ar e tontura, mas não contou a ninguém sobre o mal estar. Demorou mais do que de costume para se levantar, mas ao descer para tomar o café da manhã, esforçou-se ao máximo para que ninguém percebesse seu desconforto. Ela estava farta de causar tanta preocupação e por isso, sempre que possível, dissimulava indisposições passageiras, evitando alardes que julgava desnecessários.

— Por favor, me acompanhe. — Edmund fez um gesto para que o agente entrasse no escritório.

Helena fora para a cozinha preparar um café. Ela estava apreensiva com o rumo que aquela conversa poderia tomar.

O que aquele homem estaria fazendo aqui novamente? — Cogitou ela.

— É muito bom finalmente conhecê-lo. — Hoover esquadrinhou o ambiente, fazendo anotações mentais do pouco que havia ali. Uma escrivaninha de madeira maciça e duas poltronas idênticas de espaldar comprido, forradas com um tecido na cor pêssego. O escritório era pequeno. Alguns quadros na parede, uma lareira empoeirada e uma mesinha de centro em estilo *art nouveau*. Livros espalhados em todos os cantos, incluindo o parapeito da janela

ogival.

— Não imagino em que posso lhe ser útil. — Edmund acomodou-se em uma poltrona, indicando a outra ao agente.

— Confesso que na primeira vez em que estive aqui, a sua utilidade me parecia muito mais relevante. Mas acredito que ainda possa fazer algo por mim.

— O senhor já esteve aqui? Quando? — Edmund estava genuinamente confuso.

Hoover estreitou os olhos e umedeceu os lábios antes de continuar. Estava sedento por um cigarro, mas não queria se distrair.

— Estive aqui há dez anos. O senhor não foi informado disso?

— Não. — O pintor respondeu com surpresa.

— Quem é aquela senhora que me recebeu à porta?

— Seu nome é Helena Maria Bonanova. É viúva de um tio da minha esposa e mora conosco há muitos anos. Porque pergunta?

O agente prendeu a respiração por tempo suficiente para sentir uma forte pressão nas têmporas. Ele mal podia acreditar no que acabara de ouvir.

Helena Maria Bonanova. Bonanova. O nome que procurei por tanto tempo.

Bonanova.

Bonanova.

É este o nome. Deus do céu! — A exclamação mental arrancou-o do transe momentâneo, obrigando-o a respirar normalmente. Hoover ouvira o sobrenome Bonanova em outra ocasião, há muitos anos. O telefonema recebido por Albert Einstein em 1945 e que fora interceptado pela inteligência norte-americana, fora feito por um homem que alegava se chamar Galeano Bonanova. Einstein perguntou a Galeano se o artefato estava em segurança e se o mesmo voltaria para o Brasil. E graças a essa conversa, a Agência iniciou uma busca por parceiros profissionais de Albert Einstein de nacionalidade brasileira, o que os levou a Erick Vander Pope. O que o agente não sabia é que realmente existira um homem chamado Galeano Bonanova e que Erick o conheceu ainda na juventude, em uma época muito distante da realidade que construíra após deixar o Brasil para estudar em Portugal. O cientista apoderara-se do nome

para fins de disfarce, apenas por julgar que a prematura ligação que um dia existira entre ele e Galeano, jamais poderia ser rastreada.

— She is the womam who...—, Hoover deteve-se rapidamente e pediu desculpas pelo idioma — Ela estava aqui há dez anos. Informou-me que o senhor estava viajando e que não havia previsão de retorno.

— Não se preocupe com as palavras, pois sou fluente em inglês. Mas não entendo o porquê de sua visita, nem hoje e nem no passado. Além do mais, tenho certeza de que Helena teria me informado algo assim.

— Bem, senhor Shume, o motivo de minha visita é o mesmo nas duas ocasiões. Estou à procura de Erick Vander Pope e tenho conheci- mento de que são amigos próximos.

A essa altura o pintor já estava se sentindo incomodado com o modo como Hoover o encarava.

— Está enganado quanto ao tempo verbal. Fomos amigos próximos. Na adolescência apenas. Mas diga, o que o Governo NorteAmericano está querendo com Erick?

— Infelizmente, não tenho permissão para lhe revelar nada a respeito, pois certamente estaria colocando em risco o senhor e todos à sua volta. Contudo —, o agente aproximou-se, endireitou os óculos e abaixou o tom de voz — o senhor faria um imenso favor à humanidade caso soubesse, e se dispusesse a revelar, o paradeiro do cientista.

— Isto foi uma ameaça? — Edmund travou o queixo e retrucou com firmeza.

O agente ensaiou um meio sorriso e endireitou o corpo.

— Please, não me entenda mal. Estou aqui porque preciso encontrar Erick Vander Pope. E para que não haja desconforto entre nós, vou lhe conceder uma informação privilegiada, mas espero contar com a sua discrição.

O pintor assentiu.

— O cientista desenvolveu um artefato que está sendo procurado por forças extremamente nocivas. Uma invenção com potencial bélico que não deve cair em mãos erradas.

— E de que mãos está falando? — Edmund arqueou as sobrancelhas e inquiriu lentamente.

— Mãos maculadas pelo sangue de homens inocentes. — O agente estava ludibriando-o deliberadamente, já que há muito tempo deixaram de procurar por Erick Vander Pope. O real motivo de sua visita consistia em entender a ligação que o pintor possuía com o cientista e descobrir se o mesmo lhe visitara na noite que o relógio foi entregue a Alexander. Ele cogitava a hipótese de Edmund ter sido informado da existência do relógio. Talvez houvesse mais a se descoberto, além das informações coletadas sorrateiramente ao ouvir a conversa entre Daniel e o pai noites atrás. E sua intuição provara-lhe mais uma vez que era confiável, já que em poucos minutos de conversa, o agente descobriu a origem do nome Bonanova.

— Não tenho notícias de Erick Vander Pope há quarenta anos. Não nego nossa proximidade na juventude, mais a vida nos propôs caminhos diversos. Caminhos que nunca se cruzaram.

Helena entrou no escritório carregando uma bandeja de prata. Ela não olhou diretamente para o agente. Subitamente um grito de desespero irrompeu o ambiente e todos se entreolharam assustados. A bandeja foi ao chão e a lousa espatifou-se em dezenas de pedaços. Edmund e Helena saíram em disparada na direção do grito. Hoover seguiu-os a passos rápidos. Encontram Isadora debruçada sobre a filha, desesperada e aflita, tentando despertá-la a chacoalhadas. Juliana havia desmaiado.

VI

Cecília caminhava resoluta pelo passeio da Avenida Dom Pedro I em uma manhã de segunda-feira ensolarada. Ela estava usando um conjunto preto e branco formado por uma saia levemente rodada, um casaquinho de manga $\frac{3}{4}$ com bordados delicados na gola e nos punhos e uma blusa de seda preta arrematada por um laço rendado que lhe envolvia o pescoço. Um cinto largo marcava sua cintura. Maquiara-se com esmero, escolhendo um batom vermelho para dar vida ao rosto cansado. Ela passara os dois últimos dias arrumando a mudança que trouxera do Rio de Janeiro. Não havia muita coisa, mas aproveitou a oportunidade para organizar a casa toda. Sua avó ainda se encontrava profundamente abalada pela perda do marido, e ainda que tentasse se mostrar resiliente, Cecília sabia que a idosa inspirava atenção e ajuda. E foi por isso que resolveu se mudar para Esplendor, pois precisava cuidar daquela que lhe criara como a uma filha. Contudo, durante os meses que passaria em sua cidade natal, a jovem não pretendia adiar os projetos profissionais pensados para quando terminasse o curso normal. Cecília precisava encontrar um trabalho, e decidira procurar por algo na sua área de interesse.

Ela carregava um jornal debaixo do braço, onde havia marcado um anúncio de emprego. O Jornal Diário de Esplendor anunciara uma vaga de jornalista. Cecília estava exultante diante da possibilidade que se descortinava à sua frente. Ela não tinha experiência e também lhe faltava formação específica, mas a jovem sabia que todas as falhas do seu currículo seriam facilmente superadas, caso lhe fosse dada a oportunidade de mostrar seu valor. Ela era aguerrida, corajosa, e não esmorecia diante de um desafio.

Desviou de um grupo de garotas, dobrou uma esquina à direita e atravessou a Rua Tiradentes em direção a um prédio de quatro andares, onde se localizava a redação do Jornal. Deteve-se por um momento em frente a uma vitrine e avaliou seu reflexo.

Estou bem . — Pensou e ajeitou o cabelo uma última vez antes de transpor a porta giratória que dava acesso à recepção.

O editor do jornal recebeu-a a contragosto, depois de folhear rapidamente seu currículo. Ele não tinha a menor intenção de contratar uma jovem inexperiente e recém-saída da adolescência. Ademais, suas convicções pessoais, machistas e preconceituosas, faziam com que fosse relutante em empregar uma mulher como repórter.

É perigoso dar voz a elas. — Costumava dizer.

Mas a jovem não se deixou abalar pela carranca bochechuda daquele homem retrógrado. Perguntou-se, contudo, como uma mente como aquela estava à frente de um veículo de comunicação tão

importante.

— O senhor não vai se arrepender. Farei tudo o que me pedir, se me der uma chance.

— Estou à procura de um profissional, mocinha. E você não está qualificada para a vaga.

Cecília tentou argumentar, mas o editor não lhe deu mais do que cinco minutos. Disse-lhe então, que não arredaria o pé de sua sala até que o mesmo se dignasse a entrevistá-la corretamente.

Ademais, não haviam aparecido outros candidatos para a vaga, talvez em virtude do baixo salário oferecido ou, como Cecília concluiria mais tarde, a fama que precedia aquele homem intragável não passava despercebida e acabava repelindo possíveis interessados. E foi então que Eurico Miranda adentrou pela sala do editor com um sorriso de conveniência nos lábios finos. Ele trabalhava como repórter do Diário a tempo suficiente para se considerar um profundo conhecedor dos seus mecanismos de funcionamento. Julgava conhecer também a engrenagem mental de seu chefe, sua linha de raciocínio e as palavras certas a serem utilizadas para convencê-lo do que quer que fosse. Momentos antes, no corredor onde Cecília aguardara por quase meia hora antes de

sua conversa com o editor, Eurico a observara sem cerimônia, causando-lhe um profundo incômodo. Ele previra que a moça não seria contratada. Contudo, intuiu que aquela poderia ser uma boa oportunidade para conseguir que lhe arrumassem uma assistente. Decidiu então intervir e interrompeu a conversa, sugerindo que a moça fosse contratada como *freelancer* para trabalhar diretamente com ele, por um salário atrelado à sua produtividade. Ela o ajudaria nas pesquisas, e também o acompanharia às entrevistas, a fim de aprender o ofício. O editor o fez prometer que o mesmo se responsabilizaria por aquela temeridade, se encarregando de todos os aspectos relacionados à atuação de Cecília na redação do jornal. O acordo foi firmado. A moça suspirou aliviada e agradeceu ao jornalista, um boêmio de quarenta e poucos anos, que usava ternos de segunda linha, um bigode bem fino e uma quantidade excessiva de gel no cabelo.

A primeira tarefa seria levantar todo tipo de informação a respeito do artista Edmund Hans Shume. Eurico fora encarregado de fazer uma entrevista especial que preencheria as colunas do caderno de cultura, publicado aos domingos. Cecília deveria ir à Casa da Cultura, naquele mesmo dia, para verificar o andamento da exposição e conversar com a organizadora. Na quarta-feira pela manhã, os dois se encontrariam em frente à casa do pintor, pois Eurico havia marcado uma entrevista. Só que o repórter não apareceu. Eurico ligou para a assistente durante a madrugada e lhe disse que surgira um compromisso inesperado. Ela deveria ir sozinha. Cecília percebeu que o repórter estava alterado. Provavelmente bêbado, concluiu ela, depois do susto que levara ao ouvir o telefone tocar em uma hora totalmente inesperada.

Juliana havia desmaiado no dia anterior e agora se encontrava no hospital, em observação. O médico decidira refazer alguns dos exames já realizados na semana em que a garota chegara à cidade. Edmund trouxera da França uma cópia de todo o histórico médico da filha, e muitos dos procedimentos pelos quais a menina passara desde a descoberta da doença não eram conhecidos em detalhes pelos médicos brasileiros. Isadora ficara agitada em demasia e não parava de repetir que o homem da capa preta estava rondando sua

família. Um devaneio, fruto da esquizofrenia, que a italiana nutria há mais de vinte anos. Sempre que se sentia acuada, pressionada por uma situação que lhe causasse ameaça, Isadora dizia ver e ouvir um homem misterioso, que nunca mostrava o rosto por completo, mas apenas um sorriso maléfico e zombeteiro. Ele usava um sobretudo preto e um chapéu de abas largas que sombreava seu rosto. Às vezes ela gritava com ele, urrando para que a deixasse em paz. O pintor ministrou-lhe uma dose de calmantes e a italiana dormiu por mais de vinte e quatro horas. Ele não podia lidar com suas alucinações e cuidar da filha ao mesmo tempo.

Helena ficara no hospital, fazendo companhia a Juliana. Edmund estava em casa e aguardava a chegada de Daniel com ansiedade. Horas antes ele telefonara para a floricultura e dissera a Albertino que pretendia recuperar o jardim do casarão. O sementeiro empolgou-se diante da ideia, mas respondeu que precisaria de algumas semanas para iniciar o trabalho, pois estava sobrecarregado com as encomendas feitas pela organizadora do baile em homenagem ao pintor, para fins de decoração do salão da Casa da Cultura. O pintor sugeriu então, de forma sutil e tomando cuidado para não demonstrar excessivo interesse, que Albertino enviasse Daniel para fazer o serviço.

— Minha esposa tem pressa senhor Albertino. Gostaríamos muito de ver o jardim renascer o quanto antes. O senhor não tem ninguém que possa fazer o serviço? O que me diz daquele rapaz que conheci no dia em que busquei a orquídea azul?

Albertino ponderou por alguns segundos.

— Ele é um ótimo rapaz senhor Shume, mas não tem muita experiência. Mas acho que posso supervisionar o serviço e deixá-lo colocar a mão na massa.

Combinaram então que Daniel iria até o casarão naquele mesmo dia para conhecer o jardim e combinar os detalhes. Edmund agradeceu e desligou o telefone, sem esperar que Albertino prolongasse o assunto.

Daniel chegou dirigindo a caminhonete do patrão. Estacionou logo após o portão de entrada e transpôs lentamente o gramado a pé, reparando na quantidade de trabalho que iria enfrentar. Ele nunca

estivera ali antes, mas o ambiente não lhe pareceu ameaçador, pois já havia morado em um palacete tão grande quanto aquele. Estava usando o relógio.

Desde que seu pai o entregara para guarda-lo, Daniel não o perdia de vista. Ele estava tentando levar uma vida normal, cumprir com os seus compromissos no trabalho, mas tudo o que queria era se trancar no quarto e não sair enquanto não conseguisse fazer a invenção funcionar. Contudo, era necessário ter cautela, já que sabia que mais alguém estava à procura do invento, e ainda que Daniel pensasse que Hoover não tinha ideia do que estava procurando, o rapaz compreendera a extensão do perigo que ele e seu pai poderiam estar correndo, afinal de contas, ambos julgavam estar obstruindo uma investigação internacional.

O pintor o aguardava com as mãos nos bolsos e um sorriso forçado, mas o rapaz não reparou em sua presença de imediato. Uma roseira recém-plantada chamou sua atenção. Aproximou-se do canteiro e se agachou para inspecionar as mudas, olhos franzidos em resposta à claridade do dia.

— Minha esposa plantou estas rosas. — Edmund estava em pé atrás de Daniel. O rapaz foi surpreendido e acabou se desequilibrando.

— Desculpe. — O pintor não pôde conter o riso.

Daniel levantou-se rapidamente e espanou a poeira da calça jeans. Sorriu com acanhamento e ergueu a mão para cumprimentar Edmund.

— Como vai rapaz?

— Muito bem.

— Obrigado por vir. E como pode ver —, o pintor abriu os braços e correu os olhos ao redor —, há muito trabalho a ser feito.

— Certamente que não será dá noite para o dia, senhor Shume. Mas posso lhe garantir que dou conta do recado.

Edmund franziu os lábios e meneou a cabeça. O rapaz mostrava-se disposto. Assim como Juliana sempre se mostrara disposta a aprender todos os passos de balé, e passava horas praticando movimentos, numa repetição exaustiva. O pintor percebera, já no primeiro encontro, que Daniel possuía uma característica que muito lhe agradava. O rapaz era franco e não fazia rodeios com as

palavras.

— Albertino me disse que vocês estão cheios de trabalho na floricultura.

— Sim senhor. Recebemos duas encomendas grandes. Uma delas para uma festa de casamento no próximo sábado.

— E a outra consiste nos arranjos que vão decorar o salão da Casa da Cultura, certo?

— Sim. No dia do baile em sua homenagem.

— E você vai ao baile rapaz?

— Ainda não me decidi, mas acho que meu pai não vai. Fomos convidados, por conta de todo o trabalho que meu pai teve para resgatar os desenhos feitos pelo senhor na juventude, a pedido do meu tio-avô.

— E foram tantos assim? O que seu pai encontrou? — Edmund coçou o queixo.

— Apenas alguns retratos de família. — Daniel deu de ombros.

— Bem —, o pintor resolveu mudar de assunto —, vamos caminhar um pouco. Quero lhe mostrar os arredores e ouvir suas ideias a respeito do que pode ser feito aqui.

— E sua esposa, onde está? Ela deve querer opinar.

Edmund desviou os olhos para o lado oposto e enfiou as mãos nos bolsos novamente.

— Isadora está indisposta. Mas você terá a oportunidade de conhecê-la em breve.

Daniel concordou e resolveu não insistir. Mas ele percebeu que Edmund incomodara-se com a pergunta.

Conversaram por cerca de meia hora. Edmund lhe mostrou o terreno atrás da casa e lhe disse que gostaria que fossem plantadas flores em toda a extensão do caminho que levava à edícula, uma pequena construção de pedra e janelas de vidro que atualmente servia de depósito para quinquilharias diversas. O pintor perguntou-lhe o que o levava a se embrenhar pelo ramo da jardinagem e Daniel recordou-se de Arthur Vichi, ao responder que durante o internato, um professor o influenciara. Ao final, combinaram que Daniel daria início às atividades no dia seguinte, trabalhando diariamente no período da manhã.

— Tenho outras responsabilidades senhor Shume, e por isso não posso ficar o dia todo. Mas prometo que chegarei bem cedo. O serviço irá render. Não se preocupe.

— Tudo bem Daniel. E se precisar de ajuda, pode contratar alguém e incluir o preço no orçamento final. Agora fique à vontade para olhar ao redor. Infelizmente não posso mais acompanhá-lo, pois tenho um compromisso.

— Obrigado. Mas não vou me demorar. Quero apenas fazer algumas anotações para me lembrar do que é preciso trazer amanhã. Despediram-se com um aperto de mãos e Edmund se afastou rapidamente. Daniel caminhou a esmo pelo terreno, fazendo anotações em um caderninho. Havia muito a ser feito, e ele começaria podando e limpando. Depois, viria o trabalho de recuperação das plantas que sobreviveram ao tempo. E finalmente novos espécimes seriam planta- dos, vasos ornamentais, canteiros, roseiras e uma infinidade de cores e formas que Albertino se encarregaria de fornecer. Daniel voltou-se para o casarão e reparou na construção de três andares e na torre que se erguia em uma das extremidades. Subitamente, o rapaz teve a im- pressão de que alguém o observava da janela do torreão. Um calafrio percorreu seu corpo. Olhou novamente e o vulto havia desaparecido. Resolveu então ir embora.

Juliana voltou para casa na manhã de terça-feira. Daniel estava trabalhando em uns arbustos próximos ao portão e viu quando o carro que a conduzia chegou. Era primeiro de maio, dia do trabalhador, mas o rapaz não pretendia gozar o feriado. Avistou a moça descer do carro, amparada pelo pintor e por uma senhora que carregava uma pequena mala. Uma mulher os aguardava do lado de fora do casarão. Entraram todos no palacete e ele não mais os viu naquele dia. Na quarta-feira Daniel chegou às oito horas em ponto. Apanhou a garrafa térmica que Donaana lhe entregara antes sair e depositou um pouco de café em uma caneca de alumínio. Ele adorava café preto, bem doce. Estava se preparando para começar a carregar a carroceria da caminhonete com o amontoado de galhos

secos da pilhada formada no dia anterior quando percebeu que alguém o observava.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou-lhe ela, sentido o ardor da vergonha enrubescer suas bochechas. Cecília fora flagrada por ele. Ela passara cinco minutos observando o modo como se movia antes que ele percebesse. Daniel estava usando uma camiseta branca que se ajustava ao corpo e uma camisa xadrez desabotoada. Calça jeans escura e coturnos pretos. Ela reparou em seus braços, nos bíceps torneados na lida diária, em um trabalho que exigia carregamento de peso. Reparou também em como seu cabelo e pele se iluminavam quando em contato direto com a luminosidade acalorada daquela manhã.

— Bom dia. Como vai você? — Daniel retirou uma das luvas e empunhou a mão em sua direção. Estava surpreso por vê-la ali parada à sua frente, vestida com uma formalidade que julgava excessiva.

— Bom dia. — Cecília inspirou o ar e retribuiu o cumprimento. — Estou aqui a trabalho. Fui contratado para cuidar do jardim. — Não sabia que era paisagista? — Retrucou com ironia e ficou

evidente que ela não havia esquecido a indelicadeza que Daniel lhe dissera na última vez em que se encontraram.

O rapaz sorriu timidamente.

— Você ainda não me desculpou pelo outro dia.

— Não sei do que está falando. — Cecília começou a andar na direção do palacete, e Daniel a seguiu. Ela não queria transparecer o quanto ficara magoada. O quanto suas palavras a haviam ferido. O rapaz preferiu não insistir no assunto.

— Não tem curiosidade em saber o meu nome?

A moça deteve-se de forma abrupta. Inspirou uma grande quantidade ar e girou nos calcanhares para encarar Daniel.

— Diga.

— Dizer o que? — Daniel não conseguia evitar o desejo de irritá-la só

para ver sua expressão facial, que julgava divertida.

— Seu nome. — Repetiu com um tom de voz ligeiramente irritado.

— Daniel Pope.

Cecília franziu a testa.

Acho que conheço esse sobrenome.

— E o seu? — O rapaz a inquiriu com aparente ingenuidade.

— Você já sabe meu nome.

— Eu me esqueci. — Daniel não se conteve mais uma vez. Ele não se esquecera do nome dela. Assim como também não se esquecera da forma como ela dançava e do jeito como prendia os cabelos castanhos.

Cecília bufou e não o respondeu. Girou nos calcanhares novamente e apertou a campainha. Uma empregada abriu a porta. Trocaram meia dúzia de palavras e a moça foi convidada a entrar. Daniel permaneceu do lado de fora, perguntando a si mesmo o que a neta do falecido Vieira estava fazendo ali.

Alexander Pope entrou no Café Gramado à procura do Inspetor Callado. Ele não se lembrava da última vez em que estivera naquele lugar, mas sabia que fora há muitos anos. Lacrimosa costumava ir até o Café para comprar sonhos de creme para ele e Lucinda. Depois que a menina sumiu a senhora continuou a trazer-lhe os sonhos, mas ele não os apreciava com o mesmo regalo. Certo dia, Lacrimosa parou de lhe comprar sonhos e ele nem percebeu. Depois do sumiço da filha e da morte de sua mulher, tudo em sua vida se tornara amargo e insosso. E isso incluía os melhores sonhos de creme que já comera na vida, feitos pela confeitadeira mais famosa da cidade.

Cármina Cruz arregalou os olhos ao vê-lo passar pela porta. Ela havia sido amiga de Carmélia durante o colégio e estivera presente em seu casamento e também no velório. Há anos que não o via por ali. Alexander retirou o chapéu, esquadrinhou o ambiente e aproximou-se do balcão. Um garoto de cabelos encaracolados veio ao seu encontro e perguntou gentilmente o que o mesmo desejava.

— Estou procurando por Lancelin Honório Callado, o inspetor de polícia. Você o viu por aqui esta manhã? — Antes que tivesse a chance de responder, o garoto foi detido pela confeitadeira.

— Querido —, Cármina afagou seu braço — Vá atender aquele casal que acabou de entrar e deixe que me encarrego deste cliente. O garoto se afastou e a confeitadeira encarou Alexander com um misto de cordialidade e pena.

— O garoto é meu filho. Você o conheceu ainda pequeno.

— Como vai Cármina? — Alexander curvou-se levemente e segurou as mãos da confeitadeira sobre o balcão.

— Muito bem. — Respondeu-lhe ela retribuindo o gesto. — Então aquele garotão é seu filho. Como cresceu hein!

— Ele está me ajudando aqui todas as manhãs. A tarde vai para escola. Quer ser advogado, veja só!

Alexander sorriu e endireitou o corpo. Cármina Cruz envelhecera desde a última vez que a vira. A passagem do tempo, aliada ao sofrimento dos anos de casamento e a luta travada diariamente para criar o filho com dignidade após a viuvez, fizeram dela uma mulher de traços profundos, marcas inequívocas de um desfecho que ela não previra, mas que se tornara a mola propulsora que a incentivava a se levantar da cama diariamente e encarar o mundo com seus grandes olhos amendoados. Ela tinha cabelo castanho e o mantinha sempre preso, já que passava os dias entre panelas e não poderia correr o risco de deixar que um fio de cabelo se misturasse ao glacê de um bolo.

— O estudo é imprescindível na vida de um homem. Tentei fazer com que meu filho compreendesse isso, mas ele resolveu se tornar um jardineiro. — A amargura de suas palavras não passou despercebida.

— Daniel está fazendo um bom trabalho. E ele ainda é muito jovem —, a confeitadeira serviu-lhe uma chávena de café bem quente — o importante é que seja feliz.

Alexander agradeceu o café, mas não quis tomá-lo.

— Vejo que mudou as coisas por aqui.

O negócio de doces prosperou nos últimos anos e ela comprou o

imóvel adjacente à confeitaria pelo lado esquerdo, ampliando o salão onde as mesas se encontravam. Cármina sorriu e agradeceu a Deus pela benção, enfatizando que tudo era fruto de muito trabalho.

— Estou procurando pelo inspetor Callado. Ele está aqui?

— Callado tem uma mesa cativa. Sempre digo a ele que vai ter que começar a me pagar um aluguel qualquer dia. — A mulher apontou para um canto no salão.

Alexander assentiu e caminhou até o inspetor, desviando-se de mesas quadradas e cadeiras de madeira com estofamento floral. O inspetor encontrava-se sentado, perna esquerda cruzada sobre a coxa direita e o rosto enterrado no jornal do dia. Um bule de porcelana e uma chávena vazia estavam sobre a mesa, juntamente com uma travessa repleta de iguarias intocadas.

— Inspetor?

— Sim. — Callado respondeu sem desviar os olhos da leitura.

— Estive à sua procura na delegacia e me disseram que poderia encontrá-lo aqui.

O inspetor abaixou o jornal e encarou o homem de pé à sua frente. Aquele rosto não lhe trazia boas lembranças.

— Senhor Pope? Aconteceu alguma coisa?

Alexander olhou de forma sorrateira para os lados, demonstrando receio em começar a conversa no meio de outras pessoas. — Posso me sentar?

— Claro! Por favor. — Callado endireitou-se rapidamente e dobrou o jornal colocando-o no banco ao seu lado.

— Desculpe incomodá-lo durante o café. Mas os oficiais não souberam me informar quando o senhor chegaria à delegacia.

— Venho aqui todas as manhãs e não costumo ter pressa de sair, a não ser que tenha algo urgente para resolver. Nos últimos tempos este lugar se tornou uma espécie de refúgio. Qualquer dia desses Cármina vai começar a me cobrar aluguel.

— Inspetor —, Alexander suspirou e apoiou os cotovelos sobre a mesa entre eles. Umedeceu os lábios com a língua e abaixou o tom de voz — Recebi uma visita muito estranha em minha casa na semana passada.

Callado estreitou os olhos e esperou que Alexander comple- tasse.

Mas ele já fazia uma ideia do que viria a seguir.

— Aquele estrangeiro. Wallace Hoover. Ele estava à minha espera na porta de casa. Fiquei muito surpreso ao vê-lo, pois pensava que a investigação relativa ao cientista havia sido encerrada há muito tempo.

— E deveria ter sido. — Acrescentou Callado. — Ele chegou há algumas semanas e também fiquei surpreso ao ser informado de que deveria dar a ele todo suporte necessário. Eu não fazia ideia de que o governo norte-americano ainda estava à procura de Erick Vander Pope. Ele deve ter feito algo realmente importante, não é mesmo? — Ergueu as sobrancelhas.

— Meu discurso não mudou inspetor. Repeti ao agente a mesma história que contei há dez anos ao ser interrogado.

— O cientista está morto. — Afirmou Callado.

— Sim. Ele está. — Alexander sustentou o olhar.

— Sendo assim, só me resta lhe pedir desculpas pelo inconveniente. Eu havia dito ao agente Hoover que não importunasse ninguém sem antes me consultar. Mas ele tem seus métodos e confesso que seu *modus operandi* não me agrada. Estou tentando conduzir essa situação de modo a minimizar desconfortos e evitar incômodos, mas a menos que o acorrente ao pé da mesa, não conseguirei deter todos os seus movimentos.

— Entendo inspetor. Decidi procurá-lo porque não sabia se a polícia brasileira estava ciente da situação. E também porque não me sinto confortável sabendo que aquele homem está rondando a minha casa.

— Senhor Pope —, o inspetor inspirou o ar e concentrou-se nos olhos de Alexander — compreendo perfeitamente a sua preocupação e agradeço por ter me procurado. Mas garanto que não estou alheio às pretensões do agente Hoover.

— Não quero que meu filho seja importunado inspetor. Ele já sofreu o suficiente para uma vida inteira, e essa história só vai fazer com que se lembre de coisas que devem ser esquecidas.

Callado assentiu com um meneio de cabeça.

— Eu também não gostaria de reviver os fatos que fizeram com que nossos caminhos se cruzassem no passado. O senhor sabe que

lamentei muito o desfecho que enfrentamos às cegas. Mas prometo que garantirei o sossego de seu filho. Não vou permitir que o menino seja importunado.

— Ele já não é mais um menino inspetor. O senhor não o reconheceria se o visse agora.

Callado ensaiou um sorriso.

— Então acho que vou procurá-lo para fazer um reconhecimento. Alexander agradeceu-o pela boa vontade. Disse-lhe ainda que Daniel provavelmente lhe faria perguntas a respeito dos fatos pretéritos. Callado respondeu que não se importaria desde que as respostas estivessem ao seu alcance. E foi exatamente o que aconteceu quando o inspetor procurou pelo rapaz dias depois, ao final do expediente no Jardim Botânico. Daniel soterrou-o com perguntas a respeito do sumiço da irmã e da investigação que Callado encabeçara. O inspetor contou-lhe tudo o que havia para ser dito, e ainda que não fosse adepto de narrativas detalhadas, esforçou-se para satisfazer a curiosidade de Daniel.

Cármina observou Alexander cruzar o salão e sair sem se despedir. Uma saudade de tempos passados travou sua garganta e ela se recordou rapidamente da época em que sua amiga Carmélia lhe fazia confissões a respeito de um rapaz que lhe roubara o coração. A confeitadeira também tivera seu coração roubado, mas ao contrário da amiga, ela não encontrou a felicidade nos braços de quem julgara ser capaz de amá-la.

Cecília não havia tomado café da manhã. A ansiedade cortava seu apetite. Helena recebeu-a na biblioteca e pediu que se sentasse para aguardar Edmund.

— Então você é repórter. — Helena sentara-se em uma poltrona à sua frente.

— Sim. Quero dizer, mais ou menos. — Cecília remexeu-se no sofá e pigarreou. — Para ser sincera, esta será minha primeira entrevista. Helena arqueou as sobrancelhas.

Cecília sorriu com acanhamento e apertou o caderninho de capa dura que trazia sobre o colo. Helena percebera seu nervosismo.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que vai se sair muito bem. Edmund não lhe dará trabalho, a não ser que resolva lhe perguntar de onde vem sua inspiração. Não lhe pergunte isso. — Helena lançou-lhe uma piscadela, tentando dissipar a tensão que a envolvia como uma aura.

— Obrigada pela dica.

— Você trouxe um roteiro de perguntas?

— Sim.

— Ele já deve estar descendo.

— Não tenho pressa senhora. — Remexeu em sua bolsa e apanhou uma caneta, presente de seu avô. Abriu o caderno e começou a repassar as perguntas que faria a ele, a maioria elaborada pelo jornalista.

Edmund surpreendeu-se ao ver que uma moça o aguardava. Cecília levantou-se rapidamente ao vê-lo entrar na biblioteca. Ela o fotografou mentalmente, registrando a roupa que usava e seus sapatos mocassim na cor azul-marinho. O pintor cumprimentou-a com beijo no dorso de uma das mãos.

— Vou deixá-los à vontade. — Helena despediu-se, oferecendo a Cecília um sorriso complacente.

— Por favor, sente-se querida. — O pintor indicou-lhe o sofá.

A jornalista pressionou os lábios e acomodou-se novamente.

— Agradeço por me receber senhor Shume. Eurico teve um contratempo e me incumbiu desta entrevista.

— Não há problema. Tenho certeza de que vamos nos dar muito bem. — Edmund sorriu, tentando deixá-la à vontade. Ele percebera um leve tremor em seu queixo, evidenciando o nervosismo que aquela situação estava lhe causando.

— Vamos começar? — Perguntou-lhe ele.

Cecília pigarreou, tossiu e inspirou uma grande quantidade de ar. Começou então pela pergunta que encabeçava o roteiro anotado no caderno.

— Diga-me senhor Shume, a pintura sempre foi sua primeira opção?

— Abandonei o curso de Direito, meses antes da formatura. Essa sempre foi a única opção do meu pai, e durante um tempo acreditei que poderia passar o resto da vida debruçado sobre livros de

lombada exageradamente larga.

— E o que o levou a desistir?

— Um convite para trabalhar na França. Naquela época eu me encontrava morando no Rio de Janeiro e costumava frequentar a Escola Nacional de Belas Artes sempre que o tempo me sobrava, o que não era comum. Conheci um professor que acreditou nos meus desenhos e me convidou para passar uma temporada em Paris, trabalhando como seu assistente.

— E foi lá que conheceu sua esposa? — Essa pergunta não estava no roteiro, mas Cecília resolveu fazê-la ao perceber a grossa aliança de ouro que Edmund trazia no dedo anular da mão esquerda.

— Não. — O pintor desviou olhos para o chão. — Já estávamos casados quando nos mudamos para Paris.

Cecília assentiu e continuou a interpelá-lo. Edmund respondia a todas as perguntas sem pestanejar, já que a maioria delas já lhe havia sido feita pelo menos uma dezena de vezes durante a vida. Perguntou-lhe a respeito de suas influências artísticas, do modo como conduzia seu trabalho, se havia um lugar especial no qual o pintor se sentia mais confortável para criar suas obras. Edmund serviu-lhe dois copos d'água e uma xícara de chá no decorrer da conversa. E quando o roteiro elaborado por Eurico chegou ao fim, Cecília passou a inquiri-lo com base nas observações que fizera logo após a expedição à Casa da Cultura, em busca de informações sobre o acervo que seria exposto na noite do baile.

— Estive conversando com a curadora da exposição. Alguns trabalhos da juventude foram resgatados. São belíssimos.

— Obrigado.

— O senhor retratou muitos rostos durante a adolescência. Quase todos pertencentes à classe mais abastada da sociedade Esplendoreense.

Edmund suspirou resignado.

— Tem razão. A maioria dos retratos me fora encomendada por amigos do meu pai, por motivações alheias ao gosto pela pintura. Muitos deles acreditavam estarem massageando o ego do poderoso advogado Albano Hans Shume, ao me dirigirem elogios labiosos e desejos de um futuro esplendoroso no meio artístico. E confesso que

gostava do modo como me sentia, pois meu ego também se inflava. Contudo, meu pai nunca se importou com aquilo que julgava ser um passatempo temporário. Ele jamais me pedira um desenho para si. O pintor arrependera-se da última frase dita. Ele estava em pé e olhava através de uma das janelas voltadas para o jardim. Lá fora Daniel trabalhava sob o sol do meio da manhã. Cecília levantou-se do sofá e caminhou até ele. Ao ver o rapaz trabalhar, subitamente a jornalista se lembrou de onde ouvira o sobrenome Pope pela primeira vez.

— Existem alguns desenhos que foram doados por uma família de sobrenome Pope. E aquele rapaz —, Cecília fez um gesto com a caneta na direção do jardineiro — Ele me disse que se chama Daniel Pope.

O pintor voltou-se para ela com as mãos nos bolsos e cruzou a sala até um carrinho de bebidas. Serviu-se uma dose de licor de jabuticaba e bebericou antes de responder.

— Daniel é membro de uma família cujo patriarca, Hiram Vander Pope, deixou uma marca indelével na história da cidade. Fui amigo de seu filho mais novo durante a juventude e todos os desenhos que fiz foram a pedido dele.

— Incluindo o desenho da moça?

— Moça? — Edmund estreitou os olhos em sinal de confusão.

— Há um retrato sem referência entre os trabalhos localizados na casa dos Pope. Uma jovem muito bonita. Ninguém sabe quem é. O pintor sabia de quem Cecília estava falando. Naquela época, Edmund fez muitos retratos de Isadora e Erick certamente devia ter guardado algum.

— Não me lembro de quem se trata. — Respondeu secamente e Cecília percebeu que o assunto o incomodara.

Como explicar a existência daquele retrato em meio aos pertences de seu ex-amigo? — Pensou ele.

A acidez de sua negativa despertou na jornalista uma curiosidade incontida. No momento em que Edmund permitiu que ela percebesse seu incômodo, Cecília decidiu que investigaria o porquê de sua reação.

Quem era ela? — Era inevitável que se perguntasse tal coisa.

— Se for possível, gostaria de conversar com alguém de sua família, colher informações acerca do trabalho que senhor desenvolve sob o ponto de vista de alguém próximo. O senhor tem filhos?

— Isso não será possível. Mas acredito que minhas respostas foram satisfatórias. E agora devemos encerrar, pois preciso cuidar de outros assuntos.

Edmund fechara-se de forma abrupta e a jornalista preferiu não insistir. Ela ainda não havia adquirido a malícia dos investigadores mais experientes, mas sentira que deveria retroceder.

Agradeceu-o imensamente pelo tempo dispensado. Edmund simpatizara-se com ela e disse-lhe que esperava encontrá-la no baile. A copeira conduziu-a até a saída.

Cecília suspirou e cruzou o pátio à sua frente. Daniel estava se preparando para ir embora e não a viu passar. Deteve-se no passeio, logo após cruzar o estreito portão destinado à passagem de pedestres e olhou para os lados reparando que não havia movimento de carros. Cecília não conhecia o Bairro da Boa vista e imaginou que não seria fácil encontrar um táxi ou um ponto de ônibus. Cogitou então descer a pé a ladeira que se esparramava à sua frente com um tobogã de pedras calçadas. Mas o sapato de salto alto não favoreceria a caminhada. A jornalista foi surpreendida pelo ranger dos portões do palacete que estavam sendo abertos para que o jardineiro passasse em sua caminhonete. Daniel parou ao seu lado.

— Quer uma carona?

— Não é necessário, mas obrigada. — Respondeu-lhe sem olhar para ele.

— A menos que volte lá dentro e peça para lhe chamarem um táxi pelo telefone, você não vai sair daqui tão fácil. Ou talvez esteja pensando em caminhar. — O rapaz desligara o motor e tentava convencê-la a aceitar sua oferta.

Cecília olhou para o lado oposto e pressionou os lábios. Já estava ali há quinze minutos e não vira um carro sequer. Ela não pretendia retornar ao palacete para pedir o telefone emprestado, pois não desejava incomodar. Encarou Daniel com uma expressão pensativa.

— Para onde você está indo? — Perguntou-lhe por fim.

— Estou voltando para a floricultura e passarei pelo centro da cidade. Posso deixá-la onde quiser.

A jornalista pendeu a cabeça levemente para o lado e considerou a proposta.

— Tudo bem. — Cecília contornou a caminhonete. Daniel abriu a porta pelo lado de dentro, esticando-se para ajudá-la a subir e se acomodar. Ela segurou sua mão e impulsionou o corpo com uma força excessiva, fazendo com que suas cabeças se chocassem e seus rostos ficassem bem próximos.

— Aí! — Grunhiu ela, levando uma das mãos à testa.

— Você é bem desajeitada. — Daniel sorriu e religou o motor. Cecília ajeitou-se no banco, afastando-se dele. Sentiu um cheiro amadeirado misturado ao suor do jardineiro. Ela reparou no contorno do seu perfil, em seus cabelos castanhos e nas pintinhas que subiam pelo pescoço.

Desceram a ladeira rapidamente, contornaram uma praça e quando deu por si, a jornalista estava saindo do Bairro da Boa Vista. Na Avenida das Américas, pararam em um sinal de trânsito e algumas pessoas atravessaram à frente deles.

— O que é isso? — Perguntou-lhe o rapaz ao reparar no caderno que ela trazia abraçado junto ao peito.

— Um caderno de anotações.

— Está segurando com tanto cuidado, como se fosse uma jóia.

Cecília revirou os olhos.

— É importante. Faz parte do meu trabalho.

— E no que você trabalha? — Daniel arrancou quando o sinal abriu.

— Trabalho para o Diário de Esplendor.

— Jornalista?

— Sim. — Cecília resumia suas respostas ao estritamente necessário. Ela estava pensativa e recordava-se do rosto da moça que ninguém conhecia. O retrato feito por Edmund na juventude e encontrado na casa dos Pope. Subitamente ocorreu-lhe que Daniel poderia ajudá-la a desvendar aquele mistério.

— Estive no palacete para entrevistar o pintor. — Começou ela — Ele me disse que durante a adolescência suas famílias foram próximas.

— Edmund foi amigo de um tio do meu pai.

— Mas por que quer saber? — Daniel reduziu a marcha e desviou de um cachorro.

Cecília titubeou antes de responder. Ela não sabia exatamente como conduzir a conversa.

Deveria ser direta e perguntar-lhe sobre o retrato?

— É que surgiu uma dúvida, e como você faz parte da família, talvez possa me ajudar a entender.

O rapaz não disse nada. Apenas aguardou que ela continuasse. Na parte traseira, as tralhas de jardinagem chacoalhavam, provocando um barulho que os obrigava a elevar o tom de voz. O rádio estava ligado, mas eles mal podiam ouvir a música que tocava baixinho.

— Há um rosto desconhecido entre os retratos que seu pai doou para a exposição em homenagem ao pintor.

— Uma moça. — Afirmou ele.

— Sim. Você sabe quem é?

— Não sei. E meu pai também não. Ele o encontrou entre as páginas de um livro antigo, mas não tem ideia de quem seja. O pintor também não sabe?

— Ele me disse que não se lembra.

Daniel percebeu ironia e desconfiança em seu comentário.

— Mas você não acreditou nele.

A jornalista arregalou os olhos e o encarou, surpresa diante da sua perspicácia.

— Ele não me pareceu convincente. Quando toquei no assunto, o pintor se mostrou incomodado. Fiquei curiosa.

— Então acha que ele está escondendo alguma coisa? Como um segredo cabeludo que deixaria todos de boca aberta caso fosse revelado?

A jornalista soltou uma leve gargalhada.

— Que mente fantasiosa! Aposto que adora filmes de suspense e mistério.

Daniel sorriu em resposta.

— Há tempos que não vou ao cinema, mas podemos ir qualquer dia.

— O rapaz pigarreou no segundo seguinte, ao se dar conta do que havia acabado de dizer de forma tão espontânea. Uma nuvem de constrangimento pairou sobre eles. Permaneceram calados por

alguns minutos. Daniel estacionou onde Cecília indicara, há poucos metros da portaria do Jornal.

— Obrigada pela carona.

— Não foi nada.

A jornalista não conseguiu abrir a porta.

— Está emperrada. Deixa que eu abro. — O rapaz debruçou-se sobre ela para alcançar a maçaneta. Novamente ficaram próximos demais. O suficiente para se sentirem ainda mais constrangidos.

Daniel deu um solavanco e a porta se abriu. Ele se endireitou e sorriu com acanhamento.

— Se quiser, posso lhe ajudar a descobrir quem é a moça do retrato. Cecília voltou-se para ele com um misto de desconfiança e entusiasmo.

— Sério? E porque faria isso?

— Gosto de um bom mistério. — Daniel deu de ombros e apoiou as mãos ao volante. — E sei de alguém que pode nos ajudar. É claro que seria mais fácil se o pintor simplesmente se lembrasse. Mas pelo o que me disse, ele não quer se lembrar. Então acho que vale a pena remexer nesta história, pois afinal de contas, a foto foi encontrada nas tralhas da minha família.

A jornalista considerou enquanto mordida o canto da boca. Seria este o primeiro desafio de sua carreira? A primeira incógnita a ser desvelada? Onde aquela história poderia levá-la? Todas as interrogações que povoaram sua mente em questão de segundos encheram-na de frenesi. Ela não resistiria à oferta de Daniel.

— E de quem está falando?

— Primeiro me responda, você aceita minha ajuda?

A jornalista sacudiu a cabeça rapidamente, afirmando que concordava. O rapaz sentiu seu coração se acelerar.

— Vamos precisar da foto.

— A foto está no acervo. E tenho certeza de que a curadora não irá nos emprestar.

Daniel estreitou os olhos enquanto maquinava uma ideia.

— Vamos ter que pegá-la. Não há outro jeito.

— Pegar? A foto?

— Passo na sua casa hoje à noite, por volta das dez.

- Está me dizendo que vamos roubar a foto?
- Quer ou não descobrir a verdade?
- Quero, mas —, Daniel interrompeu-a.
- Confie em mim. Vamos entrar e sair da Casa da Cultura sem que ninguém nos veja. E com sorte, devolveremos o retrato antes que percebam a falta.

Cecília estava de queixo caído diante da possibilidade que Daniel lhe apresentara. Desceu da caminhonete sem nada dizer. Daniel observou-a enquanto a moça caminhava até o passeio. Apoiou-se na janela e gritou para ela.

- Não se esqueça do nosso combinado!

Pela primeira vez desde que se tornara o guardião do relógio, o rapaz não pensara em voltar no tempo. Passara o resto do dia distraído, arquitetando os detalhes da aventura que viveria ao lado de Cecília logo mais a noite. E mal conseguiu esperar a chegada da hora combi- nada. Daniel oscilava entre o desejo de mudar o rumo da história de sua família, e rever novamente a moça que estava se tornando a pro- tagonista de seus pensamentos. Haviam se conhecido há poucos dias, mas Cecília alastrara-se em sua mente de tal forma que o rapaz chegava a ter raiva de estar se desviando de seu único objetivo. Regressar no tempo e salvar a irmã. Em nenhum momento, desde que o pai lhe contara do que o relógio era capaz, Daniel duvidou da invenção. Alguns poderiam chamá-lo de louco, outros certamente diriam que o rapaz era ingênuo, mas na verdade Daniel estava obstinado a fazer com que a vida lhe desse uma segunda chance.

A moça o aguardava do lado de fora da casa. Ela esperou que sua avó adormecesse em frente à televisão para sair sorrateiramente. Cecília também passara o resto do dia imaginando o que Daniel estaria tramando para aquela noite.

- Não acredito que vou fazer isso. — Resmungou ao ver o rapaz estacionar a lambreta em frente ao portão.
- Daniel fez um gesto com a mão e ela correu em sua direção,

cuidando para que o barulho do portão não acordasse a avó.

— Suba e segure firme. — Ordenou ele, oferecendo o braço para ajudá-la a acomodar-se na garupa. Ele estava usando uma jaqueta de couro preta e Cecília segurou em sua cintura na altura dos bolsos, apenas o suficiente para não se desequilibrar. Contudo, pouco depois já o estava abraçando, pois a velocidade empregada por Daniel a obrigara a segurar mais firme. Cecília fechou os olhos e sentiu o perfume amadeirado que o rapaz estava usando.

Um guarda estava sentado em uma cadeira, em frente ao palacete construído na metade do século XIX onde funcionava a Casa da Cultura da cidade de Esplendor.

— Que horas são? — Perguntou a Daniel.

— Não sei ao certo.

— Mas você está usando um relógio. É só olhar.

Daniel olhou para ela e depois para o relógio em seu pulso.

— Não está funcionando.

— Porque está usando um relógio que não funciona?

— Você não acreditaria se eu dissesse. — Daniel escondeu a lambreta em um nicho obscuro do muro de uma casa localizada a poucos metros de distância do palacete. Esgueiraram-se até o alvo, cuidando para não serem vistos. A Casa da Cultura estava localizada em um bairro residencial e não foi difícil passarem despercebidos, pois não havia movimento na rua àquela hora.

— Está vendo aquele guarda? — Sibilou o rapaz. — Ele se chama Honório e eu o conheço há muito tempo.

— É mesmo?

— Ele trabalhou como porteiro no internato onde estudei. Tenho certeza de que vai nos deixar entrar.

— E porque ele nos deixaria entrar?

— Você faz muitas perguntas. — Daniel afirmou e chegou mais perto.

Cecília desviou os olhos para o chão.

— É natural que eu queira saber no que estou envolvida. — Sussurrou ela.

— Tem razão. — O rapaz molhou os lábios com a língua. — Honório se apaixonou por uma das arrumadeiras do colégio, e eu e um

amigo servimos de pombo correio durante meses. Eles acabaram se casando. — O rosto de Bento Solano lhe veio à mente. Falaram-se duas vezes ao telefone nos últimos seis meses, e depois de muito insistir, Bentinho conseguiu convencer o amigo a visitá-lo em São Paulo. — E é por isso que vai nos deixar entrar. Ele me deve um grande favor. Venha, vamos até lá. — Daniel tomou-a pela mão em mais um gesto espontâneo. Ela não resistiu ao seu toque.

— Hei! — O rapaz se aproximou da orelha esquerda do guarda e gritou. Honório desequilibrou-se e por pouco não caiu da cadeira. Levantou-se rapidamente e demorou alguns segundos para entender o que estava acontecendo.

— Minha nossa senhora do perpétuo socorro! Quase morro de susto menino!

— Não tenho culpa se está sempre dormindo em serviço. Honório levou as mãos ao peito e aguardou até que sua respiração se normalizasse. Ele tinha quarenta e um anos, uma barriga proeminente e era completamente careca. — Venha aqui e me dê um abraço.

Daniel sorriu e o abraçou. Ambos golpearam-se as costas. Cecília permanecia calada, há poucos passos de distância.

— Por onde tem andado que não aparece para rever os amigos?

— Tenho andado ocupado. Mas diga, como vai a vida de casado? Laurita está cuidando bem de você?

— Melhor impossível! Minha Laurita é um doce cristalizado. — Honório desviou o olhar para Cecília.

Daniel gesticulou para que a mesma se aproximasse.

— Está é minha amiga, Cecília Vieira.

— Muito prazer criança. — Honório estendeu-lhe a mão.

A jornalista retribuiu o gesto.

Entreolharam-se desconfiados e em silêncio por alguns segundos até Daniel decidir revelar suas reais intenções.

— Estamos precisando de um favor. — Disse-lhe o rapaz com cautela.

O guarda arqueou as sobrancelhas, mas não o interrompeu.

— Queremos entrar no palacete.

— Meu Jesus cristinho. — Honório fechou os olhos e balançou a cabeça negativamente. — Entrar no palacete há essa hora para que? Posso saber?

O rapaz aproximou-se e sussurrou em seu ouvido.

— Digamos que eu esteja querendo impressionar uma moça bonita.

— Daniel lançou-lhe uma piscadela de cumplicidade e ambos olharam para Cecília de soslaio.

— Hum. Não sei não. Isso pode me trazer sérios problemas menino.

— Não dificulte as coisas Honório. Lembre-se de que me deve um imenso favor. Se não fosse por mim, seu doce cristalizado não teria lhe dado a menor bola.

— Santa Maria mãe de Deus. Sabia que um dia você iria me cobrar isso. Venha, vou deixá-los entrar pela porta dos fundos. Mas não meçam em nada e não liguem as luzes para não chamar a atenção. E não façam barulho. E não demorem.

— Está certo.

Honório conduziu-os até uma porta estreita nos fundos da construção.

— Não me aprontem nada hein! — Ressaltou ele ao ver o casal desaparecer palacete à dentro, e continuou a resmungar evocando todos os santos que conhecia.

Cecília e Daniel caminharam em silêncio e de mãos dadas, atravessando um corredor comprido e estreito, e depois um imenso salão retangular, esfaqueado por feixes de luz lunar que penetravam no ambiente através de janelas em estilo gótico. Ela o conduzia com cautela, pois estivera naquele lugar dois dias antes e sabia onde as obras do pintor eram mantidas guardadas. E ainda que se encontrassem em uma situação clandestina, a cumplicidade que os aproximava envolvia-os em uma atmosfera reconfortante, como um cobertor que traz aconchego e proteção. A porta da sala onde se encontrava o acervo estava destrancada. Abriram-na e adentraram com vagareza, cuidando para não esbarrar em nada. Daniel retirou uma pequena lanterna do bolso e começaram a procurar pelo desenho.

— Há muita coisa aqui. — O rapaz mexeu em uma moldura que repousava em um cavalete.

— O pintor emprestou algumas das obras que trouxe da França.

— Faz ideia de onde o retrato possa estar?

— Aqui. — Cecília havia aberto uma pasta marrom que estava sobre uma mesa retangular e estava olhando para uma folha envolta em papel de seda. — Daniel aproximou-se e empunhou a lanterna. De acordo com a data escrita logo abaixo da assinatura do autor, o retrato fora feito em 1915, e suas bordas amareladas e as marcas escuras onde as dobras do papel foram feitas denunciavam um desgaste que inspi- rava cuidados no manuseio.

— Foi bem mais fácil do que pensei. — Comentou ela.

— E você pensou que iríamos arrombar um prédio público. Não pensou? — Daniel desafiou-a com o olhar.

— E como poderia saber que o porteiro era seu amigo?

— Venha, vamos sair daqui antes que Honório resolva nos buscar, pois tenha certeza de que, se tivesse cabelo, estaria se desca- belando lá fora.

Cecília apanhou a pasta e voltou-se para Daniel. Subitamente ouviram uma espécie de rangido e um vulto passou em frente à porta da sala.

— Honório? — Chamou Daniel.

Não houve resposta.

— Há mais alguém aqui. — Sussurrou a jornalista, apertando o braço do rapaz. Um calafrio agourento causou-lhe desconforto. Daniel olhou em volta e mordeu os lábios, buscando rapidamente o relógio com a mão. Por um átimo cogitou a hipótese de que Hoover estivesse lá fora. Ele não percebera que alguém os havia seguido, mas sabia que o agente o espreitava.

Ele não terá o relógio. Nunca! — Pensou ele.

— Se houver alguém no corredor, virá ao nosso encontro quando sairmos. Não podemos voltar pelo mesmo caminho.

— E como vamos sair daqui? — Cecília perguntou com a voz esganiçada, cravando suas unhas na pele de Daniel. Mas ele pareceu não se importar.

— Vá até aquela janela e tente abrir. Vou trancar a porta para que

ninguém venha atrás de nós.

Cecília não teve dificuldade para abrir uma das janelas de duas folhas, voltada para uma das laterais da construção.

— Consegui!

O rapaz bateu a porta com violência e a trancou rapidamente pelo lado de dentro. Depois correu em direção à janela, esbarrando em um cavalete no caminho.

— Vou descer primeiro, e assim posso lhe segurar.

— Tudo bem. — Concordou a jornalista sem pestanejar. Seus joelhos estavam trêmulos, mas ela não queria transparecer fraqueza. Daniel também estava apreensivo. Quatro metros os separavam do chão. Daniel desceu sem dificuldade. Cecília entregou-lhe a pasta e escorregou pela parede logo em seguida. Mas antes de descer, ela ouviu um barulho na fechadura da porta. Alguém estava tentando abri-la.

Ele a segurou pela cintura por não mais que dois segundos, mas foi o suficiente lhe causar um formigamento nos quadris. Honório foi ao encontro do casal.

— Santíssima trindade! O que foi que vocês aprontaram?

— Chame a polícia Honório. Há mais alguém lá dentro.

VII

O vento bagunçava seus cabelos, obrigando-a a fechar os olhos. Entre eles, uma pasta contendo um retrato misterioso os impedia de ficarem grudados. Cecília segurava firmemente na cintura de Daniel, enterrando o rosto em seu ombro para se proteger do vento. Já passava da meia-noite quando ele a deixou em casa. O misto de desconforto e irritação que ele lhe causara no segundo encontro que tiveram havia se dissipado por completo. Quando a polícia chegou, Honório relatou apenas que ouvira um barulho no interior do palacete, omitindo completamente a visita do casal. Os policiais revistaram todos os cômodos e encontraram uma janela escancarada. Concluíram então que alguém havia se trancado na sala dos acervos e escapulado pela janela. A curadora foi chamada e conferiu todas as obras. Foi inevitável notar o sumiço do desenho. Registrou então um boletim de ocorrência e passou o resto da semana lamentando-se pelo infortúnio. Mas ela não se atreveu a comunicar o fato ao artista, por medo de que o mesmo pensasse que suas obras não estavam seguras. E não estavam mesmo. Durante os dias que se seguiram, a segurança do palacete foi reforçada.

— Fique com o retrato. Amanhã no fim do dia faremos uma visita. Conheço uma pessoa que pode nos ajudar.

— Você ainda não me disse de quem se trata.

— Minha babá. — Daniel deu partida na lambreta, mas não sem antes encará-la nos olhos e agradecer pela companhia. Ele teve vontade de beijá-la, mas não o fez, por achar que a moça não iria correspondê-lo. Cecília sentiu um aperto no peito ao ver Daniel se afastar. Ela não queria admitir, mas intimamente desejava ter sido beijada.

O rapaz adormeceu pesadamente tão logo entrou em casa. Na manhã seguinte, acordou com uma dor de cabeça excruciante e um

minuto depois estava vomitando tudo o que havia em seu estômago. Naquela noite Daniel viajou no tempo pela segunda vez. Ele não premeditara, mas como costumava deixar o relógio pronto para uso, a máquina funcionou assim que o rapaz adormeceu. O cientista explicara a Alexander que o fluxo sanguíneo que emana do pulso do viajante é parte relevante para o acionamento do mecanismo. Mas isso não fazia sentido para pai e filho, já que não possuíam a mínima base científica para compreender o funcionamento da invenção. Mas ainda que Alexander não se convencesse de que a viagem era possível, para Daniel era tudo muito simples. Ele havia depositado todas as suas esperanças naquela máquina, acreditando que encontrara um meio de fazer com que os fantasmas do passado deixassem de existir. O rapaz retornou mais uma vez na noite anterior ao sumiço da irmã. Visitou seu quarto e reparou no garoto esparramado sobre a cama desfeita. Lembrou-se de todos os detalhes pouco depois de acordar. Ele não conseguia compreender o que desencadeara a conexão de sua consciência com o passado, já que tentara por vários dias, mas sem sucesso.

Daniel não foi trabalhar naquela manhã pintada em tons de cinza, pois não estava se sentindo bem. Não conseguiu comer quase nada do prato que Donaana lhe servira no almoço. Apanhou Cecília às quatro horas da tarde, em frente à portaria do Jornal. Ao vê-la parada à sua espera, sentiu um frenesi percorrer seu corpo inteiro, como se uma fileira de formigas caminhasse em suas costas. Ela estava linda. Com os cabelos parcialmente presos e a saia de pregas rodopiando levemente ao sabor do vento. Daniel mal podia acreditar no que estava sentindo. Ele não conseguia entender o que se passava em seu coração, mas algo mudara desde a última vez que em que a vira. Cecília reparou em seu rosto abatido, mas preferiu não comentar. No caminho para o Lar André Luiz, Daniel explicou-lhe quem era Lacrimosa, o que havia acontecido com ela, e o porquê de achar que sua ex-babá poderia lhes ajudar a descobrir a identidade da moça do retrato.

— Lacrimosa começou a trabalhar para minha família ainda na adolescência. Ela conheceu Edmund na época em que o cientista e ele eram amigos. Pode ser que tenha conhecido também a moça do

retrato.

A senhora os aguardava no quarto. Ele telefonara mais cedo avisando que iria visitá-la. Ela escolheu a melhor roupa de seu modesto repertório e penteou os cabelos totalmente esbranquiçados com esmero para esperar o neto. Ao avistar o rapaz através da janela, a mesma alcançou sua bengala e ergueu-se da poltrona com dificuldade. O braço esquerdo não se movia, mas ela havia recuperado boa parte do movimento da perna.

— Por favor, não a encare. — Daniel pediu a Cecília, e ao se deparar com Lacrimosa, a mesma entendera por que. Mas a jornalista não se sentiu desconfortável ao ver aquele rosto parcialmente contorcido. O rapaz beijou-lhe a face e o dorso das mãos com tanto carinho que uma lágrima escapuliu do seu olho caído, deformado pelo derrame. Daniel lhe presenteara com um pequeno ramalhete de flores do campo. Em seguida, apresentou-lhe a moça que trouxera consigo. Lacrimosa aproximou-se dela e recebeu um abraço. Segundos depois, Daniel ajudou-a se sentar novamente e lhe mostrou o retrato. Cecília se encarregou de acomodar as flores em um vaso de porcelana esmaltada.

— Viemos aqui hoje por um motivo especial. — O rapaz sentouse ao seu lado e abriu a pasta que Cecília lhe entregara. — Cecília é jornalista e está fazendo uma reportagem sobre Edmund Hans Shume. Você o conheceu, não é?

A senhora balançou a cabeça de forma positiva. Era difícil entrever o que se passava por detrás daquela expressão peculiar, marcada por tragédias pessoais que transcendiam o corpo físico. Lacrimosa não dissera uma palavra desde o derrame, mas emitia gemidos, principalmente quando algo lhe incomodava.

— Senhora Cambré... —, a jornalista aproximou-se, mas Daniel a interrompeu — Pode chamá-la de Lacrimosa.

— Lacrimosa, estou à frente de uma reportagem muito importante e preciso checar todas as informações a respeito do pintor. Haverá um vernissage na Casa da Cultura daqui a alguns dias, e várias obras Edmund serão expostas. Todas foram catalogadas e identificadas. Mas há um retrato em especial —, Daniel empunhou-o na direção da senhora enquanto a jornalista falava —, que não sabemos de quem

é. Perguntei ao pintor, mas ele me disse que não se lembra desta mulher.

Lacrimosa fixou o olhar no rosto que lhe mostraram e prendeu a respiração por um átimo, apertando com firmeza a haste da bengala. Os nós dos dedos ficaram vermelhos e um azedume inundou sua garganta. Cecília percebeu que havia algo errado. Esperaram por longos minutos até que ela resolveu se manifestar. Fez um gesto para que Daniel lhe ajudasse a se levantar e com vagareza caminhou até um criado mudo ao lado da cama. Sentou-se novamente e abriu a primeira gaveta. Apanhou um livro que o rapaz reconheceu de imediato. Ela o abriu e retirou uma foto. Daniel a pegou e franziu a testa em sinal de confusão.

— Eu nem me lembrava mais desta foto Lacrimosa. E você a guardou durante todo esse tempo. Por quê?

Lacrimosa apontou para o casal de jovens na fotografia. Depois, apontou para o desenho que Cecília segurava. A jornalista e o rapaz entreolharam-se confusos. Lacrimosa repetiu o gesto, desta vez de forma mais incisiva.

— O que ela está querendo nos dizer? — Inquiriu Cecília.

Daniel apanhou lápis e papel. A senhora demorou quase meio minuto para escrever um nome.

Isadora.

— Isadora? — Repetiu Daniel. — Quem é Isadora? A jornalista apanhou a foto das mãos do rapaz e a examinou com cuidado. Encontrou uma inscrição no verso.

Esplendor, 1915 E.V.Pe I.B — Veja só Daniel! Acho que são iniciais.

O rapaz concentrou-se naquelas letras que não lhe fizeram sentido na primeira vez que as viu, mas que agora começava a compreender.

— Querida —, Daniel voltou-se para Lacrimosa — A moça que Edmund desenhara se chama Isadora e o que está tentando nos dizer é que se trata da mesma pessoa da fotografia. Certo?

Lacrimosa concordou em silêncio.

— Sabia que a esposa de Edmund se chama Isadora? — Daniel encarou a jornalista.

— Mas isso não faz sentido. Edmund não se esqueceria deste retrato. Porque o incomodaria tanto esclarecer que se trata da sua esposa? — Cecília começou a raciocinar cada vez mais rápido. — Ah não ser que haja um segredo. Uma ligação entre Isadora e o rapaz da foto, que certamente não é seu marido. Sabemos então que I significa Isadora e B talvez seja seu sobrenome de solteira. Mas e as outras letras?

— Quem é o rapaz da foto Lacrimosa? — Daniel inquiriu-a com evidente afobamento.

A senhora engoliu em seco e uma lágrima quase imperceptível escorreu de seu olho bom. Ela não desejava reviver tudo àquilo novamente, mas não havia como evitar. O peso de tantos segredos causalhe um exaurimento profundo que somente se esvairia quando a morte viesse ao seu encontro. Apontou para Daniel e tentou falar, mas sem sucesso. Ele lhe ofereceu o lápis, mas ela recusou. Apontou para ele mais uma vez, e num esforço sobre-humano conseguiu balbuciar a sílaba PO.

— Pope? É o que está dizendo? Pope?

Um meneio afirmativo.

O rapaz releu as iniciais e um lampejo de clareza chispou de seus olhos amendoados.

— E.V.P. Não pode ser. — Levou as mãos à cabeça e ergueu-se lentamente.

— O que? O que descobriu?

— Erick Vander Pope. E.V.P.

— Erick Vander Pope? O amigo de Edmund? Seu tio Erick?

— Sim.

— Agora tudo faz sentido. Há mesmo um segredo. Uma ligação clandestina. Daniel, acabamos de descobrir a existência de um triângulo amoroso. Enquanto conversavam, cogitando hipóteses mirabolantes, Lacrimosa fechou os olhos e abraçou o livro de poemas portugueses que Daniel encontrara no internato. Ela não

lhes contou mais nada naquela tarde, mas quando foram embora, Lacrimosa deitou-se na cama, fechou os olhos e entregou-se à recordação da época mais dolorosa de sua vida.

Erick Vander Pope apaixonara-se perdidamente por uma moça que lhe perturbara o juízo, oferecendo-lhe amor e desilusão em dose única. Lacrimosa o amava em segredo, mas ele nunca se dera conta dos sentimentos nutridos pela secretária de sua mãe. Ela o observava a distância, interessava-se por seus assuntos e sempre que possível, aproximava-se dele para uma conversa furtiva. Aos dezenove anos, Erick mudou-se para Portugal para estudar na Universidade de Coimbra. Os fatos que motivaram a mudança tornaram-se evidentes para ela quando a mesma descobriu que o rapaz havia se envolvido com uma moça leviana, que se aproximara dele apenas por interesse. Na noite anterior à sua viagem para o Rio de Janeiro, onde iria embarcar em um navio rumo à Europa, Erick chegou em casa visivelmente perturbado. Lacrimosa encontrou-o sentado no chão do alpendre, rente à porta da cozinha. Seus olhos empapuçados fitavam o vazio. Ela costumava esperá-lo chegar, para só então ir dormir. Ele não a via, mas Lacrimosa acompanhava seus movimentos em meio à penumbra do interior do palacete. Àquela hora da noite, todos já se encontravam dormindo.

Lacrimosa prendeu a respiração e sentou-se ao seu lado. Não soube o que fazer de imediato e resolveu ficar em silêncio. Erick pareceu não notar sua presença. Passaram-se vários minutos até que finalmente resolveu agir, já desconfiando do que motivava a tristeza que se apoderava dele.

— Por que está aqui fora?

Erick não respondeu.

— Vamos entrar, está frio aqui.

O rapaz umedeceu os lábios e pendeu a cabeça para o lado

da moça.

— Não sinto nada.

— Quer conversar? Me contar o que aconteceu?

Subitamente o rapaz começou a chorar. Erick pressionou os

olhos e entregou-se a um choro desesperado. Lacrimosa ficou apavorada. Ela jamais o vira daquela forma. Tentou consolá-lo. Tocou seu ombro e o rapaz escorregou a cabeça para o colo da moça. Lacrimosa ficou petrificada. Ele nunca estivera tão perto. As lágrimas molhavam seu vestido. Ele parecia um menino assustado, perdido em meio a um turbilhão de emoções sentidas pela primeira vez na vida. O coração da moça retumbava dentro do peito. Ela sentia o calor que emanava da pele aflita, afogueada. Erick apertava seus joelhos, respirando com dificuldade. Lacrimosa tocou seus cabelos com delicadeza e ele se levantou rapidamente.

— Desculpa. Desculpa. — O rapaz tentou secar um pouco das lágrimas que cobriam seu rosto.

— Tudo bem Erick. — Ela se levantou e estendeu-lhe a mão. — Venha, vamos entrar. Eu vou te ajudar.

Lacrimosa o conduziu até o quarto. Havia feridas em seu rosto, fruto de uma briga em que se envolvera dias atrás. Ele sentou-se na cama e ela apanhou uma toalha de rosto. Começou a enxugar suas lágrimas. Erick havia parado de chorar e estava apático, completamente entregue aos cuidados da moça. Lacrimosa pressionou a toalha gentilmente sobre um pequeno corte no canto da boca. Erick fechou os olhos e sentiu um ardor que se alastrou pelos lábios. Lacrimosa chegou mais perto e soprou a ferida. O rapaz abriu os olhos e deparou-se com sua boca a poucos centímetros de distância. E foi então que ele a beijou. De forma tímida, receosa. Lacrimosa sentiu que o chão lhe faltava e apoiou-se na cama ao lado dele. Erick tocou sua mão e a beijou novamente. Dessa vez com mais vontade. Ela não se afastou. Ele a encarou, tocando em seu rosto com o dorso de uma das mãos. Não trocaram palavras. Naquela noite Lacrimosa esqueceu-se de quem era e do mundo que a esperava além das paredes daquele quarto.

Erick viajou no dia seguinte. Ela não ousou pedir a ele que ficasse. Dois meses depois, Lacrimosa descobriu que havia engravidado.

*Olga Maria percebera que havia algo errado com a assistente e resolveu levá-la ao médico. A mulher ficou enlouquecida de raiva ao saber do que acontecera entre a empregada e seu filho mais novo. Lacrimosa foi agredida a bofetadas pela patroa, que só não a empurrou da escada porque foi detida pelo marido. A senhora Pope jamais admitiria que seu filho estreitasse qualquer tipo de laço com uma emprega-
dinha, que se aproveitara do livre acesso à família para orquestrar uma tentativa de golpe da barriga. Olga Maria cogitou expulsar a moça do palacete, relegando mãe e filho a uma vida de miséria. Contudo, Hiram Vander Pope vislumbrara uma solução mais discreta para o problema. Naquela época, seu filho mais velho, Levi Pope, já estava casado há alguns anos, e sua esposa encontrava dificuldades para engravidar. Vander Pope propôs a Lacrimosa que entregasse o bebê após o parto para ser criado por Levi e Beatriz. A princípio a jovem se recusou, mas Vander Pope conseguiu convencê-la ao narrar os pormenores do futuro que lhe aguardava caso saísse daquela casa.*

"Imagine o que será de você e dessa criança sem o meu amparo. Você não tem família, e nenhum homem em sã consciência irá querer uma mulher de honra perdida e ventre cheio. A sua vida está desgraçada menina. E a menos que não se importe em ver seu filho passar fome e frio, largado em uma sarjeta qualquer e pedindo esmola para sobreviver enquanto a mãe vende o corpo em troca de umas moedas, sugiro que considere seriamente o que lhe ofereço. Essa criança carrega o sangue dos Pope, e ainda que tenha sido fruto de uma imbecilidade, eu não permitirei que um neto meu leve uma vida indigna. Contudo, você poderá permanecer nesta casa como sua babá, sem jamais revelar a verdade a quem quer que seja. Você jamais falará sobre o assunto e nunca, sob nenhuma circunstância, irá interferir em sua criação ou deixar transparecer qualquer ligação que evidencie sua origem". Lacrimosa chorou por várias horas antes de finalmente concordar com a proposta de Hiram. Ela sabia que não havia chances de sobrevivência para uma moça no seu estado. A sociedade iria massacrá-la e todas as portas se fechariam na cara de uma mãe solteira. Mas o que ela não sabia é que Hiram só estava lhe fazendo aquela proposta porque tinha

outros planos para ela. Ao contrário do que tentara demonstrar, ele não se importava com a criança. Suas reais intenções alicerçavam-se em acontecimentos que eram mantidos em segredo para o restante da família. Hiram Vander Pope envolvera-se em negócios escusos que começavam a comprometer seu patrimônio financeiro. Meses antes da descoberta da gravidez de Lacrimosa, Vander Pope aproveitou-se de sua ingenuidade para ordenar que a moça assinasse alguns papéis. Disse-lhe apenas que se tratava de um procedimento normal relacionado ao registro dos empregados da casa. Lacrimosa não o questionou e nem se preocupou em tomar conhecimento do que diziam os documentos. Assinou-os apenas, respeitando o pedido do patrão para que não comentasse nada com Olga Maria. Se ela soubesse que Vander Pope havia passado a escritura do palacete para o seu nome, talvez tivesse se valido de tal fato para chantageá-lo, convencendo a família a aceitar que o filho fosse criado por ela. Mas Lacrimosa jamais soube que Hiram registrara a propriedade em seu nome com o intuito de livrar o imóvel de uma possível pendenga judicial, caso fosse processado por aqueles a quem estava lesando. Ele a usara de forma deliberada para despistar os credores e salvar uma parcela de seu patrimônio. E justamente por envolvê-la naquela trama fraudulenta, é que Vander Pope não poderia deixar que a moça se afastasse do seu convívio. Tempos depois, quando a criança já contava cinco anos de idade, o negócio foi revertido, mas já era tarde demais para mudar o curso da história.

O menino nasceu em uma manhã de domingo e recebeu o nome de Alexander Pope. Lacrimosa sentiu que perdia para sempre um pedaço de si mesma. Tantas vezes quis revelar a verdade, desejando que ele a chamasse de mãe. Mas a culpa que carregava por tê-lo deixado pensar que era filho de outra, castigava-lhe sem piedade. Erick Pope jamais soube que o sobrinho era na verdade seu filho. Lacrimosa sentenciou-se a viver uma vida de renúncia, sem nunca deixar o trabalho no palacete. Ela temia que Alexander lhe condenasse pela decisão tomada no passado, interpretando equivocadamente sua escolha. Lacrimosa não suportaria que o filho a renegasse, recusando-se a conviver com ela. O passar do tempo

Ihe trouxe conforto e redenção. A mulher acabou se conformando com a posição de babá. Primeiro do filho, e depois dos netos.

VIII

O rapaz aproximou-se da menina vestida de bailarina, sentada no chão de frente para um espelho colocado em um canto do salão. Ela havia colocado uma música clássica para tocar. Ele a observou por alguns minutos antes de caminhar até ela. Levava consigo a fotografia que Lacrimosa lhe entregara. Ao entrar no palacete dos Shume à procura de Edmund, Daniel deteve-se ao avistar uma figura do outro lado do salão oval. Primeiro achou que estivesse vendo uma aparição. Mas logo percebeu que se tratava de uma pessoa de carne e osso, ainda que muito mais osso do que carne. Juliana sempre fora magra, mas a doença lhe deixara esquelética. Sua pele translúcida deixava entrever suas veias. Um lenço de seda chinesa cobria-lhe a cabeça como um turbante. A menina sentara-se sobre os calcanhares cruzados e contemplava seu reflexo no espelho. Ao seu lado havia uma caixa destampada de formato oval. Dentro dela, papéis antigos, retratos e lembranças da infância. Sua mãe havia lhe entregado aquela caixa mais cedo para que a menina se distraísse um pouco. Juliana espalhara alguns objetos ao seu redor. Fotografias, um relógio antigo, uma bonequinha chinesa de lousa e o pé direito de um sapatinho vermelho que usara quando criança. Daniel deteve-se a poucos passos e chamou sua atenção. Juliana estava de costas para ele e encarou seu reflexo no espelho antes de se virar. Suas olheiras arroxeadas e as picadas em seus braços, fruto das agulhadas que levava na última internação, provocaram em Daniel um misto de angústia e consternação.

— Oi. — Disse-lhe ele com acanhamento. — Toquei a campainha várias vezes, mas ninguém apareceu na porta, então resolvi entrar. Desculpe.

Juliana não respondeu.

— Estou procurando o senhor Shume. Ele está?

— Meu pai não está em casa.

Daniel ergueu as sobrancelhas.

— Você é filha de Edmund? E de Isadora? — Daniel agachou-se

próximo a ela.

— Conhece minha mãe?

— Não. Ainda não fomos apresentados.

Juliana umedeceu os lábios com a língua.

— Eu me chamo Daniel Pope.

— Sei quem você é. — Afirmou-lhe com naturalidade. — Sabe?

— Eu o vi lá fora, no dia em que voltei do hospital. Está cuidando

do jardim. Gosto do que está fazendo.

— Gosta de plantas?

— Gosto de rosas. Gosto de plantá-las com a minha mãe. Isso a

faz ficar perto de mim. Isso, e certos programas de televisão.

Daniel sorriu com ternura, sentindo uma profunda empatia por aquela menina. Ela era tão frágil que parecia ser capaz de se dissipar ao leve toque da brisa que soprava mansa por entre a fresta de uma porta entreaberta. O rapaz reparou nos objetos que a cercavam. Olhou para a boneca chinesa, mas foi o sapatinho vermelho que lhe chamou a atenção. Sentiu uma espécie de *déjà vu*, um estranhamento ao intuir que já vira aquele objeto antes. Daniel apanhou o sapatinho.

— Isso é seu?

— É de quando eu era criança. Minha mãe guardou de recordação.

— E onde está o outro pé?

— Não sei. Devo ter perdido.

Daniel suspirou profundamente e devolveu o sapatinho ao chão. Ele tinha certeza de que conhecia aquele objeto.

— Você está doente? Porque estava no hospital?

Juliana voltou-se para o espelho e escrutou o próprio reflexo antes de responder.

— Estou morrendo.

O rapaz sentiu seu sangue gelar e teve vontade de segurá-la nos braços. Havia tanta tristeza em seus olhos negros e profundos, como se toda desgraça do mundo estivesse concentrada ali. Por um átimo, Daniel teve vontade de lhe oferecer uma chance de mudar o curso da própria vida. Aquela menina o havia impressionado. A forma como lhe afirmou que estava morrendo, a naturalidade da sua voz, as veias dilatadas saltando de seu corpo, a figura de uma jovem que se conformava com brusca interrupção da sua juventude.

Subitamente uma voz feminina ecoou ao longe. Isadora chamou pela filha do topo da escada. Juliana ergueu-se e Daniel a imitou. A menina cruzou o salão em direção ao chamado da mãe. O rapaz a seguiu involuntariamente e no momento em que seus olhos vislumbraram o rosto de Isadora a identidade da moça do desenho desvelouse diante dele. Não havia dúvida. O tempo também havia passado para a italiana, mas aqueles imensos olhos de safira ainda brilhavam como duas ogivas nucleares prontas para explodir.

Isadora transpôs os degraus lentamente, segurando-se no corrimão para não cair, já que estava sob o efeito de calmantes.

— Quem é você? — Perguntou ao rapaz.

— Meu nome é Daniel Pope. — O rapaz ergueu a mão na direção de Isadora. — É um prazer conhecer a senhora.

A italiana desviou os olhos para o lado e não o cumprimentou.

— Ela não vai pegar em sua mão Daniel. Desculpe. Ela não toca em pessoas estranhas. — Esclareceu-lhe Juliana.

O rapaz percebeu que havia algo errado com a italiana.

— O que faz aqui? — Perguntou a italiana sem encará-lo e começou a esfregar as mãos uma contra a outra.

— Estou cuidando do jardim senhora. Seu marido me contratou.

— Não. Não. Não. Não mecha nas minhas rosas. Não fecha. Não. —

A italiana começou a repetir e a balançar a cabeça negativamente, mas sem alterar a voz ou demonstrar violência.

— Mãe —, Juliana segurou seus braços com delicadeza — Ele não vai estragar suas rosas, não se preocupe. Vem, vamos ver televisão. Já está na hora da sua novela.

Daniel observou mãe e filha se afastarem enquanto uma comi- chão crescia dentro de si. Ele ficara curioso para saber o que havia de

errado com as duas. Contudo, havia muito trabalho a ser feito e o rapaz decidiu então se dedicar às suas obrigações, deixando de lado a investigação que encabeçara ao lado de Cecília. Ademais, queria estar em casa o quanto antes para tentar viajar no tempo.

No dia anterior, o rapaz havia se encontrado com a jornalista para uma conversa franca. Daniel narrara-lhe sua história familiar, incluindo o sumiço da irmã e a morte da mãe, que na opinião de certas línguas viperinas, cometera suicídio. Cecília escutou a tudo com atenção, cuidando para não deixar que qualquer juízo de valor o inibisse, levando-o a interromper o desabafo. Depois do encontro com Lacrimosa, Daniel levou Cecília para casa e ela o convidou para entrar. Estava em polvorosa diante da descoberta que haviam acabado de fazer. A trama de acontecimentos e ligações pretéritas que aos poucos se desenrolava diante deles causava-lhe excitação ao imaginar que poderia estar vivendo sua primeira aventura como repórter investigativa. Daniel resolveu aceitar o convite e ambos passaram muito tempo sentados em um banco no quintal, conhecendo um ao outro. O rapaz surpreendeu-se com a facilidade com que as palavras saíam de sua boca quando estava na presença de Cecília. Ela também se sentira profundamente confortável para lhe contar que não sabia quem era seu pai, que seus planos originais não incluíam voltar a morar naquela cidade e que seu verdadeiro sonho era ser escritora de romances policiais. Mergulharam na alma um do outro com tamanha naturalidade que nem se deram conta do passar das horas. Daniel reparava em seus lábios se movendo e a vontade de beijá-la começou a consumi-lo. Mais uma vez esquecera-se do relógio.

— Durante muito tempo, depois que minha irmã sumiu, eu percorri o caminho na floresta que levava ao ponto onde tudo aconteceu. Fiz isso diariamente, e só parei quando minha mãe morreu.

— Eu não consigo entender. — Cecília cruzou as pernas e continuou — Como uma criança pode desaparecer assim? Ninguém desaparece

simplesmente.

Daniel sorriu e olhou para o chão. Os cotovelos apoiados nas coxas e as costas arqueadas conferiam-lhe um aspecto de derrota.

— As pessoas desaparecem sim. — Afirmou-lhe ele com naturalidade. — Aprendi isso quando minha mãe morreu. A diferença é que sei onde está enterrada.

Cecília travou a garganta, sentindo-se tocada pelas palavras do rapaz.

— E não importa o que as pessoas digam. Não importa o que meu pai diga, eu nunca vou me perdoar pelo mal que fiz à minha família. Eu não devia tê-la deixado sozinha. — Daniel se deteve, para conter a emoção que começava a embargar sua voz. — Ela era tão irritante, sabe? Vivia andando atrás de mim pela casa, pegava meus brinquedos, e chorava a toa. Eu gostava de fazê-la chorar, porque quando ela chorava seu nariz ficava tão pequeno que parecia que iria sumir. E ela detestava que eu dissesse isso. Mas eu dizia. Só para irritar. E ela chorava ainda mais.

— Coisas de irmãos. — Comentou a jornalista.

— Ela era tão pequena. E muito engraçada às vezes. E tagarela.

Nossa, como falava. E mesmo que não soubesse pronunciar muita coisa direito, ela não parava de falar. Repetia tudo que ouvia.

Cecília apertou sua mão. Daniel endireitou o dorso, apoiando o braço direito no encosto do banco.

— Pode ser que não importe, mas vou dizer mesmo assim. — A jornalista encarou-o com ternura — Você não é culpado de nada. De nada mesmo. — O rapaz desviou o rosto para o lado oposto. Ele não queria que ela percebesse seu olhar marejado. Rapidamente cogitou a hipótese de lhe contar a respeito do relógio, mas logo recusou a ideia.

Era cedo demais. — Pensou ele.

Cecília conseguia fazer com que não pensasse em nada além do desejo que crescia dentro dele. Ao final da conversa, Daniel resolveu arriscar e a convidou para ir ao cinema no próximo sábado. Cecília não titubeou ao responder que aceitava o convite.

Daniel deixou o casarão dos Shume e foi direto para o Jardim Botânico, onde passou o resto do dia envolvido com o projeto de revitalização do parque. Retornou para a edícula que ocupava nos fundos da floricultura somente quando a lua já estava alta, agigantando-se com soberania no céu sem estrelas. Daniel estacionou a lambreta no lugar de costume. Desviou-se de uma pilha de sacos de adubo e caminhou até a edícula por um caminho perfilado de vasos com mudas de palmeiras raphis. Retirou as chaves do bolso da jaqueta e ao levar a mão à fechadura sentiu um odor de cigarro e percebeu que não estava sozinho.

— Boa noite. — Uma voz masculina, acitrinada, causou-lhe um arrepio na espinha. Daniel esticou as costas e retesou a respiração. Virou-se na direção da voz.

O agente apagou o cigarro e deu um passo à frente. — Não creio que seja necessário lhe dizer quem sou. Daniel engoliu em seco, imaginando de quem se tratava. — Como entrou aqui? O que você quer?

Um sorrisinho jocoso brotou de seus lábios finos.

— Como entrei aqui não é importante. Venho lhe trazer uma

notícia muito interessante. Very, very interesting.

— Não temos nada para conversar. — Daniel começou a destrancar a porta. Estava apreensivo e desejava entrar em casa e bater a

porta na cara daquele homem.

— Sua irmã está viva. — Hoover elevou a voz e afirmou com seriedade.

O rapaz deixou a chave cair no chão.

— She is alive. Viva.

— O que está dizendo? — Daniel estreitou os olhos e caminhou em direção ao agente, detendo-se a poucos passos do mesmo. Sua cabeça fervilhava e sua voz tremulou ao final da última palavra. — Precisamos conversar boy.

— Não ouse inventar mentiras sobre a minha família. — Não ligo

para sua família boy. Mas confesso que me surpreendi nos últimos dias com os fatos que descobri.

— Não pode entrar aqui e me dizer uma coisa dessas! — Daniel exaltara-se e começou a gesticular enquanto falava. — Minha irmã desapareceu há muito tempo e só Deus sabe o que aconteceu com ela.

— You are wrong! Deus não se importa com você. Mas eu sei o que aconteceu!

— O que você sabe hein? — Daniel avançou meio passo — O que pensa que sabe? Diga logo ou saia daqui!

— Fico feliz que tenha resolvido me escutar. Você tem uma coisa que eu quero, e eu posso lhe oferecer a verdade. So, let's make a deal.

Você me dá o relógio e eu lhe conto o que sei.

Uma garra imaginária apertou o pescoço do rapaz. *Como aquele homem descobrira a invenção?* Ele havia guardado o relógio no bolso

da jaqueta e desejou ardentemente que o agente não resolvesse se atracar com ele para procurar o objeto. Daniel era mais alto e mais forte, mas não possuía a coragem e a firmeza dos que se escondem por

detrás de um revólver.

— Não sei do que está falando.

Hoover passou a língua pelos lábios e enfiou as mãos nos bolsos. —

Não seja estúpido. E não se dê ao trabalho de negar, pois eu já sei do que o relógio é capaz. Passei grande parte da minha vida pro-

curando pela invenção é só voltarei ao meu país quando a tiver em minhas mãos. Poderia tirá-la de você à força, mas não quero causar nenhum incidente que me custe uma intervenção política em meu trabalho. Fui enviado para agir com a máxima discrição e pretendo cumprir as ordens que me foram repassadas.

Daniel percebeu que não adiantaria mentir.

— Que tipo de trato quer fazer?

— Você me entrega o relógio e eu lhe digo onde está sua irmã. — E como saberei que está falando a verdade?

O agente coçou o queixo enquanto descascava uma bala de menta.

— Vou lhe contar como descobri a verdade. Está disposto a ouvir? Daniel meneou a cabeça em sinal de aceite. Ele não queria ter aquela conversa, mas sentiu que precisava ter cautela.

— Last Sunday... —, Deteve-se abruptamente, sorriu e mordeu o lábio inferior. Hoover sabia que deveria se esforçar para que seu relato saísse no melhor português possível. Então inspirou uma grande

quantidade de ar, concatenou suas ideias, e prosseguiu. — No último domingo, estive na casa de Edmund Hans Shume para interpellá-lo sobre o paradeiro do cientista. O pintor não se negou a me receber, e

afirmou que não tinha conhecimento do destino de Erick Vander Pope.

Mas eu não me convenci de suas palavras. Fui treinado para que nada

me convença à primeira vista e é por isso que não acredito em ninguém, ever! Na primeira vez em que estive aqui, seu pai me disse que

o cientista estava morto, mas eu também não acreditei nele. — Uma pausa para escutar o rapaz, imaginando o que poderia estar se passando em sua mente.

— Contudo, meu encontro com o pintor foi interrompido abruptamente. Sua filha desmaiara e todos correram alvoroçados para ajudar a menina. It was crazy, e eles nem se deram conta da minha presença depois disso. Saíram rumo ao hospital, e fiquei sozinho no casarão. Àquela altura uma desconfiança impossível de ser ignorada não me dava trégua. Helena Bonanova não contara ao pintor que eu o procurara há dez anos. Perguntei-me o porquê de sua omissão, mas

nenhuma justificativa plausível me ocorreu. Resolvi então revistar o quarto daquela mulher. Você não faz ideia do que uma pessoa é capaz

de esconder debaixo do colchão. Durante a incursão, encontrei um bilhete sob um dos travesseiros. Alguém a convocara para um

encon-

tro ao cair da noite. O endereço não me causou estranheza já que não

conheço muita coisa por aqui, mas resolvi que a seguiria mesmo assim.

Horas depois, Helena se encontrou com um homem em frente a um bar

degradante na periferia da cidade. O encontro durou poucos

minutos. Trocaram algumas palavras e ela lhe entregou um envelope. O homem chamou um táxi e quando ela se foi, ele

disparou rua abaixo. Fui atrás dele e descobri onde morava.

Conversamos um pouco. No começo ele se recusou a falar, mas eu o

convenci a cooperar. Você não imagina o que aquele homem me

contou — Hoover sorriu com cinismo e revirou os olhos. — Ele era

caseiro do palacete dos Shume na época em que sua irmã

desapareceu. Disse que a esposa do pintor é louca. Que fugiu de

casa num fim de tarde, reaparecendo horas depois, toda suja e des-

norteada. E com uma menina no colo. Não precisaria ouvir a história

toda para concluir o óbvio, mas resolvi lhe arrancar até a última

sílaba. O envelope que Helena lhe entregou estava cheio de

dinheiro. Ele a chantageou por conta de um segredo. Imagina o que

seja? Well, de acordo com ele, o corpo de Erick Vander Pope está

enterrado no quintal do casarão do Bairro da Boa Vista. Ele mesmo o

enterrou a mando daquela senhora. Insisti que me dissesse quem o

havia matado, mas o homem alegou não saber. E acredito mesmo

que não saiba. Está me

acompanhando boy?

Os joelhos de Daniel estavam trêmulos e sua garganta ressequida.

Ele se recusava a acreditar na narrativa de Hoover. — Isso é loucura.

— Afirmou o rapaz meio abobalhado. — A vida é feita de absurdos,

boy. Acredito que a filha de Edmund

seja na verdade sua irmã. Isadora a encontrou na floresta e levou

para

casa. Não sei dizer o que a motivou e por que Edmund compactuou

com ela. Mas de uma coisa tenho certeza, o caseiro não mentiu.

Mas,

não creio que seja vantagem encontrá-la depois de tantos anos, já que a menina está com câncer.

Daniel sentiu que seu coração ia sair pela boca. Ele recuou, sentando-se no toco de uma árvore. Rapidamente a imagem do sapatinho vermelho, encontrado ao lado de Juliana naquele mesmo dia mais

cedo, cruzou a sua mente como um foguete. E então se lembrou. A única coisa que a polícia encontrou, quando procurou por Lucinda na floresta nos dias que se seguiram ao seu desaparecimento, foi o pé esquerdo do sapatinho que ela estava usando quando sumiu. Um sapato vermelho exatamente igual ao de Juliana.

— No dia seguinte, — Continuou o agente —, fui ao cartório procurar pelo registro de nascimento da menina e descobri que o mesmo

não existe. Conclui então que o pintor mandou falsificar os documen-

tos pessoais da criança para que pudessem embarcar para a Europa semanas depois.

— Não. É fantasioso demais. — Daniel levara às mãos à cabeça, sentindo que poderia desmaiar a qualquer momento. — Não pode ser. — Vejo que vai precisar de um tempo para digerir tudo isso. — O

agente retirou um isqueiro do bolso do paletó e acendeu um cigarro. —

Vou lhe dar uma semana. Pense a respeito. Investigue por si mesmo. A gente se encontrara aqui na próxima sexta. Trarei uma prova inequívoca de que Juliana Shume é sua irmã. E em troca você me dá

o relógio.

Daniel ergueu-se lentamente, inspirando profundamente. Ele não conseguia raciocinar direito e a única coisa que desejava era enxó-

tar aquele homem dali. E foi então que concordou em barganhar com

o agente.

— Está certo. Entrego o relógio se me provar que tudo o que está dizendo é mesmo verdade.

Hoover deu uma tragada e encarou o rapaz.

— Não tente me enganar boy. Você tem muito a perder. — Vá embora.

O agente soltou uma gargalhada.

— Vá!

— I`ll go. Só espero que cumpra com a sua palavra, pois caso contrário, serei obrigado a recorrer a métodos que não lhe agradarão.

E começarei fazendo uma visita àquela bela moça que o ajudou a roubar o retrato da italiana da Casa da Cultura. Pretty, pretty girl. — Pronunciou a última frase de forma arrastada, fazendo questão de demonstrar ironia.

Então era ele o vulto que vimos naquela noite.

— Fique longe de Cecília.

— It`s up to you boy. Só depende de você.

Dizendo isso, o agente atirou longe o cigarro ainda pela metade e mergulhou na escuridão noturna. Daniel permaneceu estático por alguns minutos, sem forças para entrar em casa. Em um primeiro momento, pensou em telefonar para Alexander e contar-lhe o que acabara de ouvir. Mas rapidamente se deu conta de que não poderia revelar-lhe nada sem antes ter absoluta certeza, pois tinha medo de como o pai poderia reagir. Ele não dormiu naquela noite e daquele momento em diante, passou a carregar o relógio com um cuidado excessivo.

IX

Cecília o aguardava em frente ao cinema. Ela estava usando um vestido vermelho e quando a viu, o rapaz sentiu que milhares de borboletas batiam asas dentro do seu estômago. Daniel havia decidido que não trabalharia no fim de semana. Ele não tivera coragem de retornar ao casarão dos Shume depois de tudo o que ouvira de Hoover. Pelo menos não sem antes organizar seus pensamentos. E ele estava disposto a não deixar que nada atrapalhasse seu encontro.

A jornalista reparou em seu cabelo penteado para trás, na camisa limpa e bem passada, e quando o rapaz se aproximou ela inspirou o mesmo perfume amadeirado que sentira nas outras vezes. Daniel não se parecia com os rapazes da capital. Ele a desafiava de um jeito instigante, fazendo com que desejasse se tornar uma pessoa melhor. E o que mais a surpreendia era sentir que apesar de se conhecerem a poucos dias, o sentimento de cumplicidade que os envolvia desde a última conversa que tiveram, era muito forte. Assistiram a um filme de Alfred Hitchcock — Janela Indiscreta. O rapaz segurou sua mão durante a exibição, sentindo o calor que emanava da pele alva. Ao final do filme, caminharam até uma sorveteria, conversando animadamente e entremeando olhares furtivos. Daniel perguntou o que ela desejava e Cecília sugeriu que dividissem uma banana split. Sentaram-se de frente um para o outro e o rapaz cruzou os braços sobre a mesa. A jornalista reparou que os ponteiros do seu relógio não estavam se movendo.

— Você está usando novamente um relógio que não funciona. Por quê? — Perguntou ao mesmo antes de levar à boca a primeira colherada de sorvete.

Daniel sorriu e a encarou rapidamente.
— Você não acreditaria se eu contasse.

- Contar o que?
- Não é um relógio comum.
- Não me diga que é como um daqueles instrumentos que a

gente vê nos filmes de espionagem, que nunca são o que parecem ser. O rapaz soltou uma gargalhada. Ele adorava seu jeito de pensar.
— É mais ou menos isso. Posso lhe mostrar se quiser. — Daniel

surpreendera-se com o que acabara de dizer. Ele estava disposto a revelar a ela o segredo do relógio. Cecília estava prestes a responder, mas se deteve ao ouvir a música que começou a tocar no jukebox.

— Adoro essa música. — Comentou com os olhos fechados.

E foi então que o rapaz a convidou para dançar. Daniel puxou-a pela cintura e sentiu o cheiro de baunilha que emanava do seu cabelo. Uma balada de Aretha Franklin embalou seus corpos durante dois minutos e quando acabou eles estavam se beijando. Um beijo quente e perturbador. Desde então o casal não mais se desgrudou. No domingo Daniel a levou para um piquenique no Jardim Botânico. Passaram o dia se apaixonando um pelo outro. Contudo, o rapaz deveria viajar a trabalho para o Rio de Janeiro no dia seguinte. Ele precisava buscar umas encomendas que Albertino fizera.

— Prometo retornar ainda hoje.

— O editor do Jornal quer conversar comigo. Caso contrário, eu me ofereceria para ir com você.

— Isso seria maravilhoso.

Despediram-se com a esperança de que a saudade não os enlouquecesse. Já na capital, um problema mecânico em sua caminhonete o fizera adiar o retorno em dois dias. Ele telefonou para Cecília e avisou-lhe do atraso. Na quarta-feira à tarde, Daniel estacionou na porta de sua casa. A jornalista correu ao seu encontro e ele a ergueu nos braços. Estavam apaixonados de um jeito que os tornava frágeis e otimistas. Beijaram-se longamente e ele a abraçou

com força, enterrando o rosto em seu pescoço.

— Estou precisando de você, mais uma vez.

— O que foi? — Perguntou ela.

— Vim pensando durante toda a viagem de volta e tomei uma decisão. Mas antes de lhe explicar, quero que me acompanhe até o casarão dos Shume, pois preciso lhe apresentar alguém.

— E você quer ir ainda hoje?

— Amanhã de manhã.

Cecília tocou seu rosto com carinho beijando sua boca em seguida. Mais uma vez o banco no quintal de sua avó serviu de amparo para o casal de namorados que começava a sentir que só havia graça no mundo quando estavam juntos.

Na manhã seguinte, Daniel levou Cecília para fazer uma visita. Isadora e a filha estavam sentadas sobre uma manta colorida que fora estendida em um ponto do gramado. Ao longe, Edmund e Helena as observavam e perceberam quando o casal de jovens se aproximou.

— Aquelas são Isadora e Juliana. — Indicou Daniel à medida que se aproximavam.

Ele trazia um pequeno embrulho debaixo do braço.

— Bom dia. — Cumprimentou-as.

Cecília fez o mesmo.

— Olá Daniel. — Juliana respondeu. Sua mãe, contudo, parecia não perceber a presença deles.

O rapaz agachou-se ao lado da menina e sorriu, tentando controlar a emoção. Seus olhos negros tinham a profundidade de um adulto bem mais velho. Era como se Juliana tivesse vivido muitos anos em pouco tempo. Ele sentiu vontade de fazê-la chorar só para ver seu nariz sumir. Mas ela não era mais uma criança. E ele não poderia simplesmente agir como se não houvessem se passado dez anos de separação. Daniel enxergou alguns traços da mãe na irmã.

— Trouxe isto para você. — Entregou-lhe o embrulho em papel celofane.

Juliana o apanhou e abriu com calma, revelando um lenço de seda

azul turquesa. Isadora permaneceu mexendo em um arranjo de flores.

— Obrigada. É muito bonito.

— Este lenço pertenceu à minha mãe.

— E onde está sua mãe? — Perguntou-lhe.

Daniel sentiu uma pontada no coração e vacilou antes de responder.

— Ela morreu, há muito tempo.

Nesse momento o pintor os interrompeu.

— Bom dia Daniel. Há dias que não aparece.

O rapaz inspirou e ergueu-se do chão. Teve vontade de vomitar tudo o que descobrira nos últimos dias, bem ali na frente de sua esposa e filha. Daniel fez um esforço descomunal para não avançar contra Edmund, pois seu lado racional e cauteloso lhe dizia que aquela conversa deveria acontecer só depois que o mesmo obtivesse plena certeza do que o agente lhe contara. Daniel engoliu em seco e pediu desculpas pela ausência, explicando que algumas tarefas da floricultura tomaram-lhe mais tempo do que o previsto.

— Acredito que já conheça Cecília Vieira.

— Claro. A jornalista. — Edmund aproximou-se da moça e beijou-lhe o dorso da mão, assim como o fizera na primeira vez em que se encontraram.

— Bem senhor Shume, vim apenas entregar este presente à sua filha. Preciso ir agora. Ainda tenho muito trabalho a fazer hoje. Mas prometo que amanhã retornarei ao serviço em seu jardim.

Edmund assentiu com aparente tranquilidade, mas intimamente estava confuso, pois não havia compreendido o gesto de Daniel. Juliana não havia contado ao pai que conhecera o jardineiro. Aquela cena começou a preocupá-lo, já que era estranho que o rapaz estivesse ali apenas para ver sua filha. E juntamente com a jornalista.

Assim que deixaram o palacete, Cecília começou a enchê-lo de perguntas. Daniel resolveu então contar-lhe toda a história, de uma vez só. Rumaram para a mesma sorveteria onde se beijaram pela primeira vez. Ele começou lhe explicando que o tio entregara o relógio ao seu pai na noite anterior ao sumiço de sua irmã, alegando

que se tratava de uma invenção desenvolvida em parceria com o cientista Albert Einstein. Narrou o encontro que tivera com o agente e as suspeitas que a aquele homem plantara em sua cabeça. Cecília escutou cada passagem sem nada dizer. Ao final, a jornalista suspirou e o encarou resoluta.

— Não acredito em máquina do tempo, mas não acho que seja louco por acreditar. No entanto, essa história de que Juliana possa ser sua irmã é muito difícil de aceitar. É loucura!

— Você acha mais fácil aceitar que é possível voltar no tempo do que na possibilidade de Juliana ser a minha irmã que sumiu?

— Acho mais fácil compreender que você queira acreditar nisso, por ser uma forma de superar toda a culpa que sente.

— Posso provar que é possível. Só preciso de um lugar reservado.

— Então venha, vamos até minha casa. — Disse-lhe a jornalista.

A terceira viagem de sua consciência aconteceu em uma manhã de outono, no quarto de Cecília Vieira. Daniel insistia em retornar à noite em que o relógio fora entregue ao pai, pois acreditava que deveria evitar que seu eu, ainda pequeno, resolvesse se aventurar pela floresta no dia seguinte. Se ele não estivesse na floresta, Lucinda não o teria seguido até lá e o acidente seria evitado. Antes de adormecer, Daniel explicou a Cecília como tudo funcionava.

— Haverá efeitos colaterais.

— O que quer dizer com isso?

— Ah menos que não se importe se eu vomitar em sua cama —,

Daniel acomodou-se sobre a mesma —, recomendo que busque um balde.

Daniel retornou ao seu quarto de criança, no palacete dos Pope. Visualizou a si mesmo dormindo, seus brinquedos espalhados pelo chão e todo o resto que há muito já não se lembrava de que um dia possuía. Mas ele sabia que não poderia se demorar. Daniel decidira deixar um bilhete. Foi muito difícil manipular a matéria, mas ele

precisava deixar uma mensagem. Algo que pudesse mudar o rumo das coisas de uma vez por todas. Daniel sabia que a primeira coisa que seu eu faria ao acordar era procurar dentro de uma meia por um papel que escondera naquela noite mais cedo. Um papel com a última frase que ouvira o cientista dizer antes de retornar ao quarto sorrateiramente, por medo de que a mãe o flagrasse escutando a conversa atrás da porta. Então ele o pegou e escreveu no verso.

Não saia. Cecília esperou que o rapaz acordasse. Naquela manhã sua avó havia saído para ajudar uma amiga a organizar a festa de aniversário do neto mais novo. Ela o contemplou durante todo o tempo, memorizando os traços do seu rosto e evocando os momentos de carinho que já haviam partilhado. Estava apaixonada. Mas ainda não possuía coragem suficiente para dizer isso em voz alta. Ao acordar, ela o ajudou a se levantar e o levou até o banheiro. Depois que Daniel se recuperou, ele lhe contou o que havia acontecido e o que fizera para mudar o rumo das coisas.

— E você acha que alguma coisa mudou?

— Não. — Respondeu-lhe visivelmente desapontado. — As viagens são sempre muito rápidas e é difícil saber exatamente o que fazer. Deixei um bilhete para mim mesmo, mas tenho certeza de que não funcionou.

— Estive pensando enquanto você dormia e tomei uma decisão. Daniel a encarou e esperou que concluísse.

— Vamos procurar o caseiro de quem o agente lhe falou. Ele é a chave de tudo. Só ele pode nos dizer se o agente está mentindo. Você vai enfrentar o mundo se for preciso, mas irá descobrir a verdade.

O casal nunca estivera naquele lugar antes. Daniel insistiu para que a jornalista não o acompanhasse, mas ela não permitiu que ele a poupasse do que julgara uma temeridade. O agente havia lhe indicado o local onde Helena e o caseiro haviam se encontrado. Um boteco decrépito localizado em um bairro da periferia de Esplendor. Contaralhe também o nome do homem. Daniel carregava consigo

uma faca, camuflada sobre a jaqueta. Por via das dúvidas, resolveu levar também uma quantia em dinheiro, para o caso de precisar subornar alguém. Estava ansioso e contrariava-o que Cecília estivesse com ele. Todos os homens que ali se encontravam giraram os pescoços na direção do casal que entrou no bar.

— Não foi uma boa ideia trazer você comigo.

— Também não era uma boa ideia você vir sozinho. Daniel olhou-a de soslaio.

Aproximaram-se do balcão e o rapaz perguntou pelo caseiro. Um

homem barbudo e cheirando a cachaça indicou uma mesa nos fundos do salão. Daniel segurou a jornalista pela mão e caminharam até uma mesa onde quatro homens estavam jogando baralho.

— Quem de vocês é Carlito Fontana?

— Quem quer saber? — Perguntou-lhe o homem à direita. Ele usava uma jaqueta surrada e havia uma bituca de cigarro pendendo de seus lábios rachados.

— Estamos à procura de Carlito Fontana. Precisamos lhe fazer umas perguntas.

O homem o encarou e Daniel sustentou o olhar.

— Isso aqui não é lugar para uma moça como você. — O homem esquadrinhou Cecília dos pés à cabeça. — Ah não ser que você seja uma vagabundinha à procura de diversão. — Os outros homens irromperam em gargalhadas de deboche.

Daniel travou o queixo e apertou a mão da jornalista.

— Vem. Vamos embora daqui.

— Não Daniel. Está tudo bem. Eu não me importo com o que ele disse. Viemos até aqui e não podemos recuar agora. Pergunte a ele o que você quer saber.

O rapaz suspirou para tentar dissipar a raiva que estava sentindo.

— Tenho dinheiro, mas preciso de respostas.

Carlito Fontana espanou a guimba de cigarro e franziu os lábios.

Subitamente o homem se levantou e pegou Daniel pelo colarinho empurrando-o contra a parede e pressionando sua garganta. Cecília

soltou um grito abafado.

— O que você quer? Quem foi que lhe mandou aqui? Diga logo!

— Ninguém me mandou. Mas preciso saber qual é a sua relação com a família Shume. — Sussurrou o rapaz, mal conseguindo respirar.

— Já disse tudo o que sabia ao homem da luva. E não pretendo repetir.

Daniel tateou a jaqueta e alcançou a faca.

— Então, tudo o que lhe disse é verdade? — Inquiriu-lhe Cecília com nervosismo. Carlito liberou o rapaz e se voltou para ela.

— Você é mesmo uma belezinha! — Ele segurou seu rosto com força, apertando suas bochechas.

Nesse momento, Daniel o surpreendeu com a lâmina da faca pressionando sua jugular.

— Não toque nela!

— Hei garoto. Não precisa engrossar! Se você me soltar conto tudo o que quer saber. Está bem?

Daniel não vacilou.

— Solte-o Daniel! — Gritou Cecília.

— Responda! Tudo o que você falou ao agente é mesmo verdade? Diga logo!

— Sim! — Vociferou Carlito. — Ele me obrigou a confessar.

Daniel olhou para Cecília antes de soltar o homem. Ele se colocou entre ela e Carlito e empunhou a faca. Sua boca estava seca e ele fazia um esforço descomunal para não tremer.

— Agora nós vamos sair daqui e ninguém virá atrás de nós. —

Dirigiram-se para porta com cautela, olhando para todos os lados. Lá fora uma chuva torrencial parecia querer lavar toda sujeira do mundo. O casal subiu na lambreta e desapareceu na escuridão noturna.

Cecília estendeu-lhe uma toalha. Já era tarde quando chegaram à casa de sua avó, completamente encharcados e trêmulos.

Esgueiraram-se pelo corredor mergulhado na penumbra, em direção ao quarto da jornalista. Ela sabia que estava se colocando em uma situação melindrosa, mas intimamente decidira não recuar. A atração que os envolvia aumentava a cada encontro e era inevitável

que aquele momento acontecesse. Daniel secou o cabelo e desabotoou a camisa, de costas para ela. Um turbilhão de sensações e incógnitas mentais não permitia que ele raciocinasse claramente acerca do primeiro passo. As palavras de Carlito Fontana ainda retumbavam em sua cabeça, mas o rapaz não conseguia se concentrar em outra coisa que não fosse Cecília. Eles sabiam o que estava prestes a acontecer, mas nem por isso se sentiam menos afoitos. Daniel voltou-se e a encarou. A jornalista estava de frente para um espelho, retirando as presilhas que pendiam de seus cabelos molhados. A blusa que usava estava grudada em seu corpo, delineando seus pequenos seios.

— Desculpe por lhe fazer passar por isso.

Cecília engoliu em seco.

— Não tem do que se desculpar. Eu escolhi te ajudar.

Daniel caminhou até ela e segurou sua cintura. A jornalista estremeceu e seus quadris enrijeceram. Ela fechou os olhos e sentiu que o tempo havia parado ao redor deles.

— Estou fazendo um esforço sobre-humano para me controlar, mas só o que quero é desabotoar sua blusa. — Sussurrou ele em seu ouvido.

— Por favor, perca o controle. — Ela sorriu e começou a ajudá-lo com os botões.

Finalmente chegara o dia do baile em homenagem ao celebre cidadão Esplendorense Edmund Hans Shume. Quando os primeiros raios da alvorada lamberam as ruas umedecidas da cidade, Daniel tocou as costas nuas de Cecília, que dormia placidamente ao seu lado. Ele afagou seus cabelos e beijou delicadamente uma pinta acima da omoplata esquerda. Cecília inspirou e virou-se para o lado, deixando à mostra o seio direito. Daniel não queria deixá-la, mas sabia que precisava se levantar e enfrentar a vida que pulsava em cada batida de seu coração. Decidiu então deixar-lhe um bilhete.

Enfrentarei o mundo, como me pediu para fazer. Te encontro mais tarde.

Vestiu-se rapidamente e saiu pela janela, torcendo para que nenhum vizinho o flagrasse. Àquela altura, o agente já deveria estar em seu encalço e por isso achou melhor não aparecer na floricultura. Resolveu então passar o dia vagando a esmo pela cidade até que chegasse a hora de confrontar o pintor. Na última vez que se encontraram, Hoover lhe dissera que voltaria a procurá-lo em sua casa uma semana depois, na sexta-feira à noite, a fim de apresentar uma prova da revelação que lhe fizera. Mas o rapaz decidiu investigar por conta própria e acabou não comparecendo ao encontro marcado. Ao perceber que Daniel não cumpriria o combinado, o agente resolveu revelar ao inspetor Callado o paradeiro do corpo de Erick Vander Pope.

Nas vésperas do baile, Juliana fora internada com insuficiência respiratória. Não havia mais esperança para ela, mas Isadora se negava a aceitar que a morte rondava sua filha como um urubu esperando a carniça. Edmund passara o dia no hospital e já havia mandado avisar aos organizadores da exposição que não poderia comparecer ao evento. Helena se oferecera para cuidar de Juliana para que o mesmo pudesse comparecer ao compromisso, mas ele se recusava a participar de uma festa enquanto sua filha perdia a batalha contra o câncer.

Daniel avistou o casarão do Bairro da Boa vista em meio às camadas de neblina que o envolviam em uma áurea acinzentada, peneirando as luzes do crepúsculo vespertino. Tudo estava quieto. A copeira recebeu-o à porta e lhe explicou que somente a senhora Shume se encontrava em casa.

— Onde estão todos? — Perguntou com estranheza. — Você não soube? A menina Juliana foi levada para o hospital novamente. Pobre coitada. Acho que desta vez não passa.

Um gosto azedo inundou sua boca e o rapaz quase soltou um palavrão.

— Preciso falar com a senhora Shume.

— Ela está lá em cima, trancada no quarto da filha. E eu já estou

indo embora, pois preciso estar em casa antes que a tempestade me pegue. Meu marido é caixeiro viajante e chega de viagem hoje.

— Então vá logo. Vou subir e tentar fazer com que ela converse comigo. É importante.

A empregada deu de ombros e fechou a porta assim que o rapaz entrou. A tempestade ainda demoraria a chegar, mas a copeira preferiu não arriscar e deixou o casarão assim que o primeiro estrondo de trovão abalou os vitrais.

Daniel bateu na porta do quarto de Juliana, mas não houve resposta. Aguardou um instante e bateu novamente. Nada. Então resolveu tentar outra coisa.

— Senhora Shume. Precisamos conversar. Por favor, senhora, é muito importante para todos nós.

Nenhuma resposta.

— Tenho algo a dizer sobre sua filha. Mas antes, quero mostrar uma coisa. — Daniel retirou a fotografia do bolso traseiro da calça, desdobrou-a e enfiou por debaixo da porta. Imediatamente visualizou uma sombra se aproximar pelo lado de dentro. Isadora apanhou a fotografia e ele logo percebeu que ela chorava baixinho. Um minuto depois a porta foi destrancada.

Daniel entrou e contemplou a balburdia que se instalara por todo o ambiente. Isadora havia espalhado as roupas da filha pelo chão. A cama estava desfeita e inúmeras fotografias misturavam-se a outros objetos da garota. A italiana estava sentada na cama contemplando a fotografia trazida pelo rapaz.

— A senhora se lembra desse dia? — Daniel referia-se ao dia em que o retrato foi tirado.

A italiana meneou a cabeça rapidamente em concordância.

— Do que mais se lembra? — Perguntou o rapaz, esperançoso de que a mulher pudesse lhe revelar a verdade que viera buscar. Mas a italiana estava perturbada demais para conseguir reorganizar as ideias. Subitamente, ocorreu-lhe uma hipótese que a princípio lhe

pareceu brilhante. Ele a deixaria viajar no tempo e quem sabe uma lembrança desencadeasse a narrativa que o rapaz aguardava ansioso.

Daniel permitiu que Isadora utilizasse a quarta cápsula. Sentira tanta pena daquela mulher estendida sobre a cama da filha, chorando e tremendo, que não se conteve e ofereceu-lhe uma chance de descobrir a verdade sobre seu passado. Ele acreditava que o choque trazido pela viagem de sua consciência poderia trazer-lhe de volta o equilíbrio mental. E assim a italiana estaria apta a contar-lhe tudo o que o mesmo procurava saber. Agachou-se ao lado da cama e tocou seu cabelo. A italiana virou o rosto e encarou o rapaz com os olhos empapuçados.

— Você tem vontade de saber o que aconteceu? — Perguntou com delicadeza. — Saber alguma coisa do seu passado, algo possa lhe ajudar a encontrar o equilíbrio?

A italiana ergueu-se lentamente, e demorou alguns minutos para refrear o soluço. Daniel aguardou até que a mesma se acalmasse. Ela apanhou a fotografia do casal de jovens e tateou o rosto do rapaz da foto. Daniel sentia-se profundamente enternecido por aquela mulher tão frágil e desnorreada.

— Se pudesse voltar no tempo, o que faria de novo? — Insistiu o rapaz.

— Gostaria de voltar no dia em que minha filha nasceu. Queria ver seu rosto. Sentir sua respiração. — Afirmou a italiana com uma resolução que o surpreendeu. Ele não sabia que Isadora tivera uma filha biológica.

— Qual é a data?

— 15 de setembro de 1916. — Suas mãos tremiam e ela fechou os olhos ao final da frase. Isadora lembrava-se do dia em que acordara do coma e recebera a notícia de que seu bebê nascera morto. Daniel regulou o relógio e o prendeu em seu pulso esquerdo. Deitou-a na cama e lhe disse para acalmar seu coração.

— Tente se lembrar do momento em que quer retornar. Você vai dormir.

— Dormir?

— Sim. Você precisa se acalmar. Confie em mim. Apenas se acalme e

deixe que seu corpo amoleça. Relaxe.

— Vai estar aqui quando eu acordar?

— Sim. Estarei aqui esperando por você.

A italiana adormecera profundamente, e durante as horas que se seguiram Daniel permaneceu ao seu lado. Quando acordou, um sentimento de angústia dilacerou-lhe o peito, como uma lança cravada na pele. Edmund estava com ela no dia em que perdera sua filha. Isadora havia sofrido uma queda antes do parto e entrara em coma, ficando entre a vida e a morte por conta de uma hemorragia. O médico pediu a Edmund que se despedisse da italiana, pois não acreditava que a mesma iria se recuperar. E foi então que o pintor debruçou-se sobre ela e lhe contou tudo o que se passara até aquele momento. Edmund sentia-se responsável pelos fatos pretéritos que a levaram a viver uma gravidez conturbada e a perder a filha no parto. Ele confessou seus pecados, os erros que cometera, e ainda que estivesse falando a esmo, pois Isadora encontrava-se imersa em um coma profundo, o pintor julgou que a italiana possuía o direito de ouvir sua confissão antes de falecer. Mas Isadora conseguiu se recuperar milagrosamente. A italiana viajou no tempo, regressando no exato momento em que o pintor se confessava.

O rapaz a amparou assim que os primeiros engulhos começaram. Ele lhe ofereceu um copo d'água e explicou que o mal-estar iria passar rapidamente.

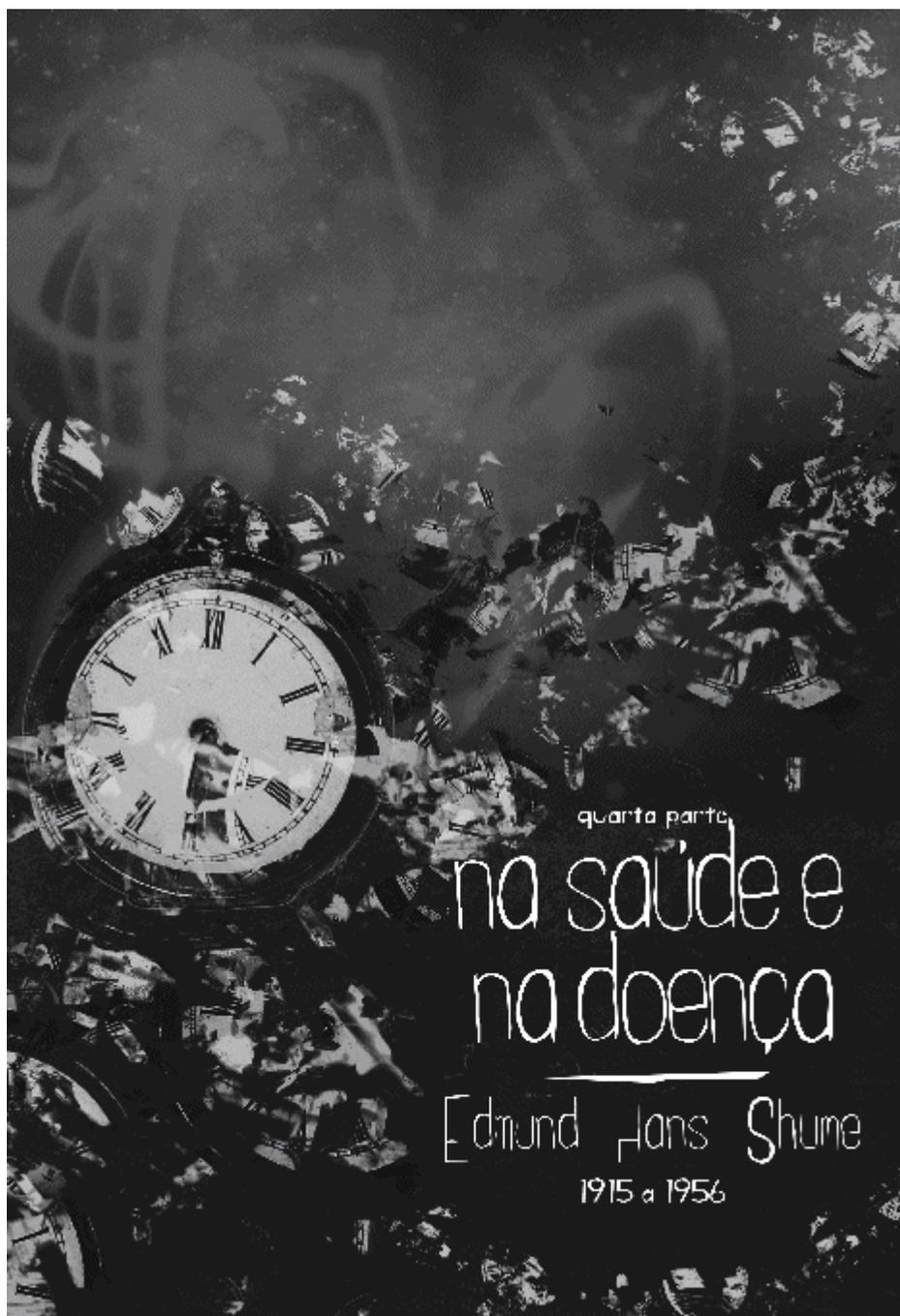
— Eu descobri. Descobri tudo. — Isadora começou a repetir assim que os enjôos passaram.

— O que descobriu? Quer me contar?

— Eu o vi! — Ela segurou o rosto de Daniel. — Ele estava lá!

Edmund estava lá e conversou comigo. Ele me contou tudo! Tudo! — Seus olhos pareciam querer tragá-lo. Subitamente a italiana virou-se e caminhou até uma cômoda. Abriu a primeira gaveta e retirou um punhal. Ao se voltar para Daniel seu rosto estava transfigurado pelo ódio que começara a sentir. Naquele instante o rapaz teve a certeza de que iria precisar de ajuda. A italiana saiu correndo do quarto e desceu as escadas rapidamente. O rapaz a seguiu de imediato.

Primeiro tentou abrir a porta de saída, mas encontrou-a trancada. Então ela começou a gritar e a destruir tudo o que encontrava pelo caminho. Daniel apanhou o telefone e ligou para o hospital, solicitando que lhe chamassem Edmund Hans Shume.
— Senhor Shume preciso que venha para casa. Imediatamente!



quarta parte

na saúde e
na doença

Edmund Hans Shume

1915 a 1956

I

Edmund esparramou-se no chão, arqueando ferozmente. À sua volta, os desenhos de uma vida inteira jaziam destruídos. Algumas folhas haviam sido jogadas na lareira, outras foram rasgadas e os pedaços espalhados a esmo pelo salão. Daniel o encarava atônito enquanto o mesmo se esforçava para recuperar o fôlego. A idade, contada nos vincos da testa e no prateado da barba por fazer, já não lhe permitia os mesmos reflexos. Os gritos de Isadora iam perdendo a força pouco a pouco, mas o ódio que os tornava quase tangíveis podia ser visto no rosto de Edmund, que o recebia sem defesa, transformando-o em um carrasco impiedoso. Ficaram em silêncio por longos minutos enquanto Isadora, trancafiada em seu quarto no torreão, desfazia-se em lágrimas e sangue. Depois de instantes aparentemente infundáveis, os gritos cessaram por completo. Edmund enxugou o misto de suor e lágrimas que se impregnara em seu rosto transfigurado pela dor e ergueu-se lentamente. Daniel vagava por entre os destroços, esperançoso de que algum desenho houvesse sido poupado.

Durante o ataque de fúria, e valendo-se de um punhal encontrado no jardim há alguns anos, Isadora arrancara das molduras todos os desenhos de Edmund, destruindo um a um com uma ânsia lupina. Ela destruiu também os esboços sobre a prancheta e todo o resto guardado nas gavetas da escrivaninha. Alguns dos móveis que compunham o salão foram depredados antes que seu marido e Daniel a detivessem, arrancando-a de cima de uma poltrona, mas não antes que a mesma a rasgasse, inutilizando o estofamento do encosto. O furor que a desvaírou, desentranhou lembranças que Isadora julgava sepultadas no mais profundo dos calabouços mentais. Seu corpo tremia dos pés à cabeça enquanto o sangue se esvaía dos cortes nos braços, causados pelos vidros das janelas que quebrara. Isadora urrava como um animal ferido, esmurrando a

porta do quarto com tamanha violência que os nós dos dedos ficaram em carne viva. A mágoa consumia-lhe com voracidade, como labaredas de fogo lambendo a sequeidão de campos maltratados.

Edmund quis tomá-la em seus braços, como tantas vezes fizera quando a saudade e a amargura comprimiam-lhe o coração, mas Isadora desferiu-lhe um golpe de punhal, atingindo-o na altura do ombro esquerdo. Um corte superficial e sem a menor importância se comparado às escaras que aquele homem trazia na alma. Daniel conseguiu retê-la pela cintura e Edmund segurou seus braços contra uma parede, pressionando seu pulso direito a fim de que Isadora soltasse o punhal. Trancaram-na no torreão.

Daniel inspirou uma grande quantidade de ar e cobriu o rosto com as mãos por um momento. Ele estava se esforçando para digerir os últimos acontecimentos transcorridos de forma atordoante. Lá fora, um céu de alcatrão desmanchava-se sobre o palacete, aprisionado em uma penumbra melancólica e desconcertante. Descargas elétricas trazidas pela tempestade interromperam o fornecimento de energia em todo o Bairro da Boa Vista, e lâmpadas a óleo foram colocadas em alguns pontos estratégicos do casarão para aplacar os tentáculos de escuridão noturna que penetravam no ambiente. Do outro lado do salão, Edmund esforçava-se para arrastar uma pesada estante de madeira escura com prateleiras vazadas, colocada em um canto da biblioteca. Daniel fez menção de ajudá-lo, mas ele conseguiu arredar o móvel o suficiente para roçar um dos braços rente a parede e apanhar uma espécie de pasta.

— O segredo de uma boa mentira está na simplicidade da narrativa, e na frequência com que a mesma é contada. — Edmund abriu caminho entre livros e móveis caídos, até uma poltrona cujo estofamento Isadora não tivera tempo de destruir. — Repita a si mesmo uma vez, e o enredo não causará grande efeito. Repita mil vezes, e seu cérebro o enganará com lembranças turvas que

confundirão seu discernimento. — O homem suspirou profundamente e continuou com resignação.

— De todas as mentiras contadas aos outros e a mim mesmo ao longo da vida, dizer a Isadora que Erick a abandonara, foi sem dúvida a mais fácil. Desejei que fosse verdade, e agi como se todo o resto que aconteceu depois não passasse de um arranjo natural das coisas. Uma espécie de remendo inevitável.

Edmund empunhou a pasta de couro retirada do esconderijo atrás da estante na direção de Daniel, que se encontrava de pé a poucos passos do mesmo.

— Se vamos mesmo fazer isso —, O homem o encarou brevemente, a derrota estampada em cada centímetro de seu rosto — é melhor que você esteja sentado.

Daniel hesitou por um átimo, mas acabou por apanhar a pasta das mãos de Edmund e acomodar-se de frente para o mesmo, em uma cadeira de espaldar reto. Seus olhos curiosos escrutaram o couro liso e escuro, mas ele não abriu a pasta de imediato.

— Abra, vamos. Pode abrir.

— O que tem aqui?

— Você verá!

LORENA DE MACEDO

O rapaz retirou da pasta uma folha de papel de aspecto envelhecido, com bordas amareladas e pequenas manchas escuras salpicadas nas extremidades. Estava dobrada em duas partes. Daniel franziu o cenho ao se deparar com o desenho de um rosto feminino, olhos vivos e joviais traçados com firmeza e profundidade.

— Ela não tem mais os olhos do retrato Daniel. Acho que você já percebeu isso. Esses aí eram olhos de quem sonha e sabe que tem uma vida inteira pela frente. Olhos de quem se dá ao direito de

desejar o melhor da vida, mesmo que não saiba o que isso significa. E foi assim que eu a conheci. Uma sonhadora de cabelos dourados capaz de inebriar qualquer um que cruzasse seu caminho.

Daniel tateou o desenho com a ponta dos dedos, seguindo o traço do maxilar até o contorno da orelha. No verso do retrato havia a assinatura do autor e uma data.

Shume – 1915

— Isadora... — O rapaz balbuciou simplesmente. — Tão jovem e tão linda.

Edmund soltou uma risada seca que destilou amargura.

— A beleza é como um vício que nos seduz até a raiz do cabelo, Daniel. Em um primeiro momento, julgamos ser a melhor das invenções, subterfúgio aparentemente inofensivo que nos vicia em pequenas doses. E quando nos damos conta, já estamos completamente tomados e não há mais nada a ser feito.

Edmund estreitou os olhos e escrutou o rapaz sentado à sua frente. Reparou no cuidado empregado por Daniel no manuseio do desenho. Um retrato de Isadora Bonanova aos 16 anos de idade.

— A julgar pelo modo como olha para jornalista, arrisco dizer que você já está se viciando.

Subitamente, Daniel enxergou Cecília no rosto de Isadora. A lembrança do suave eflúvio de seus cabelos castanhos, caídos sobre os ombros em manhosas ondulações que o ataçavam a entrelaçar seus dedos e brincar com as mechas, provocou-lhe um pequeno espasmo de ansiedade. Ele não admitiu em voz alta, mas em seu íntimo Daniel já se dava por vencido.

— E você cruzou o caminho de Isadora. — Daniel fingiu não dar ouvidos ao comentário de Edmund sobre a inegável beleza de Cecília.

— Bom —, Edmund umedeceu os lábios com a ponta da língua — para ser mais exato, sentei-me ao seu lado em uma manhã de domingo. Foi o que bastou.

O rapaz balançou a cabeça negativamente e levantou-se da cadeira.

- Diga-me de uma vez Edmund. Diga-me quem é Juliana.
- Chegaremos a isso Daniel. Chegaremos a isso, fatalmente. Contudo, é necessário que você compreenda o todo. Preciso começar do começo e me entregar à catarse de sentimentos que tantas vezes tentei evitar.
- Por favor, sente-se novamente. O cenário que vou pintar é muito rocambolesco e corro o risco de me escorregar na tinta fresca que colore minhas imprecisões. A memória é uma coisa traiçoeira Daniel.

II

Ainda me lembro do cheiro acre de seu perfume barato inun - dando minhas narinas como o mais requintado dos aromas campestres. Estávamos no início da primavera de 1915 e Isadora Bonanova encontrava-se sentada em um banco da Praça da Igreja Matriz. Em um primeiro momento, pareceu-me que contemplava o céu dominical que pairava sobre Esplendor como um manto de veludo azul-celeste, com esparsas nuanças de um dourado resplandecente. Só depois descobri que Isadora encantara-se com os balões coloridos liberados ao léu por um pipoqueiro de indubitável tino comercial. Os balões serpentearam acima de algumas cabeças distraídas e a sequência de estouros que se seguiu provocou em Isadora um acesso de risos. Isso aconteceu há mais de quarenta anos Daniel, mas jamais me esquecerei da fragilidade de seus lábios tremidos. As maçãs do rosto arqueadas e rubras, a delicadeza de seus olhos redondos chispando faíscas de safira são detalhes que nem o mais genial dos realistas poderia capturar. Naquela época eu era um rapaz de 18 anos, aspirante a pintor e com talento reconhecido por bajuladores que me julgavam um prodígio em pleno desabrochamento das virtudes. A complacência dos que me admiravam por conta de meu sobrenome massageava-me o ego, ainda que eu soubesse que a verdadeira motivação dos elogios a mim dirigidos alicerçava-se no prestígio e na riqueza de minha família.

Meu pai, Albano Hans Shume, dera continuidade ao escritório de advocacia fundado por meu avô, mas foi por conta do casamento com a única herdeira de um poderoso barão de café que o Sr. Hans Shume tornou-se um dos homens mais ricos e influentes de todo o Estado. Mudaram-se definitivamente para São Paulo quando tomaram conhecimento de meu casamento com Isadora. Albano quis deserdar-me, mas minha mãe insistiu para que me deixassem

aos menos um teto. A escritura desta casa foi passada para o meu nome, e também alguns imóveis de pouca expressão comercial espalhados por Esplendor. Ainda me lembro do desdém odioso que escorria de sua boca, quando Álbano me disse que não aceitaria um filho seu casado com uma imigrante italiana sem eira nem beira. Felizmente, meu pai não costumava tomar conhecimento da vida dos filhos com o rigor que uma criação afetuosa exige, pois caso o fizesse, o mesmo teria descoberto minha relação com Isadora e todo o enredo que nos cercava, antes de nosso matrimônio. E caso fosse necessário, ele provavelmente encomendaria a morte de alguém a fim evitar que a união se consumasse. Ele nunca mais falou comigo até o dia em que nos encontramos pela última vez, no velório de minha mãe.

Isadora permitiu que eu a desenhasse. Atraído por sua beleza, que me fizera deixar de lado os traços arquitetônicos da Catedral que tantas vezes me serviram de modelo para traçados tediosos, sentei-me junto a ela. Passamos uma hora juntos, entremeando sorrisos enquanto eu tentava capturar a doçura que transbordava de suas feições. Hoje, quando olho para este retrato, pergunto-me se a dona destes olhos encantados realmente existiu, ou se a supervalorização de meus sentimentos, tantas vezes interpretados por mim como verdades universais, me fez criar uma deusa de alma imaculada, aprisionando-a para sempre nesta folha de papel. Digo isso por que a mulher com a qual me casei três anos depois daquela manhã de domingo não passa de um borrão do que fora aos dezesseis anos. A Isadora que me golpeou com um punhal momentos atrás é o resultado de uma alma retalhada, cujo âmago fora carcomido pelos infortúnios de uma vida que nunca lhe pertenceu plenamente.

A história não é nenhum pouco agradável Daniel, mas vou contá-la assim mesmo. Só lhe peço uma coisa: Escute até o fim.

Galeano Bonanova desembarcou no porto de Santos com uma pequena mala à tira colo e um casal de filhos crescidos: Giovanni e Isadora. Trazia no bolso interno do paletó puído a carta que

recebera de seu irmão, por meio da qual o mesmo lhe convidava a trocar o *velho mundo* e suas misérias causticantes, pelas sedutoras perspectivas que a vida no Brasil oferecia aos imigrantes. Benito Bonanova deixara a família na Itália ainda jovem e depois de anos na labuta dos que sobrevivem fazendo de um tudo, conseguiu estabelecer-se em Esplendor com uma pequena loja de tecidos e aviamentos. Casou-se com uma brasileira de ventre seco. Ele e o irmão nunca morreram de amores um pelo outro, na verdade eles mal se conheciam, mas depois que o destino impusera-lhe o fardo de um casamento sem frutos, Benito decidiu resgatar os laços familiares deixados na península. Escreveu para o irmão logo que soube de sua viuvez e Galeano Bonanova não se atreveu a pensar duas vezes. A fome e a miséria assolavam a Europa, fazendo com que vilarejos inteiros depositassem a fé que os mantinham vivos na imigração para o continente americano. O italiano enfiou em uma mala os poucos pertences que possuía e arrebatou seus filhos com a notícia da mudança. Isadora deleitou-se ao vislumbrar a vida que lhe esperava de braços abertos do outro lado do Atlântico.

Quando os sinos da Catedral anunciaram o fim da missa, Isadora se despediu rapidamente. Disse-me apenas que fora um prazer me

LORENA DE MACEDO

conhecer, mas que deveria apressar-se, pois sua tia a estava aguardando para ajudar no almoço de domingo. Tentei detê-la, oferecendome para lhe pagar um sorvete, mas a italianinha sorriu e recusou a gentileza.

— Quando poderei vê-la novamente?

— Estou sempre aqui. Todos os domingos.

Observei-a se afastar com uma leve cadencia de quadris que me

causou arrepios. Guardei o desenho para o domingo seguinte, pois minha intenção era presentear-la com o mesmo.

A italianinha contara-me que trabalhava no balcão da loja de tecidos, juntamente com o pai e o irmão mais velho, encarregados por Benito da entrega das encomendas e dos mais variados tipos de tarefas braçais. A esposa de seu tio ensinava-lhe a lidar com os clientes e a cortar as peças de tecido a fim de que a mercadoria não fosse desperdiçada. Todos os dias, durante a semana que antecedeu nosso segundo encontro, eu a observei do outro lado da rua, sentado em uma mesa do Café Canelas colocada próxima à janela e que fazia frente com a Loja de Tecidos Bonanova. Isadora estava sempre sorrindo, e arrisco dizer que a clientela masculina aumentou consideravelmente depois que a moça passou a apresentar-se no balcão. Começamos a nos encontrar na Praça da Igreja Matriz sempre no mesmo horário. Sentávamos em um banco e conversávamos amenidades, e ainda que nossos encontros se encerrassem com o badalejo do sino, nós nunca assistíamos à missa. Eu a presenteava com sorvete, pipoca e outras distrações que a encantavam. A naturalidade e singeleza de suas reações regozijavam-me o espírito. Como era fácil agradá-la! Àquela altura eu já estava completamente tomado por sua beleza e pela personalidade faceira e espontânea. Queria tocá-la, sentir de perto o aroma de seus cabelos loiros e me perder na esbelteza de suas curvas que incitavam meus hormônios, causando-me um desconforto prazeroso quando estava em sua presença.

Isadora falava de sua vida na Itália, das dificuldades que a crise européia impunha a uma maioria em benefício dos poucos que concentravam a riqueza nos bolsos, e da falta que sentia de sua mãe, morta por tuberculose há alguns anos. Ela não era como as moças com as quais eu estava acostumado a lidar. As moçoilas criadas a fino trato para servirem de moeda de troca em casamentos por conveniência eram moldadas e tolhidas ao extremo. Pareciam não ter vontade própria, e realmente não tinham. Suas vidas eram conduzidas pelos pais e depois pelos maridos que lhes sugavam o mel da juventude até murcharem de tristeza e solidão. As pobres circulavam pelos altos salões da sociedade Esplendoreense com a crista baixa e um sorriso anêmico nos lábios.

Estava cursando o último ano no Colégio Santo Agostinho, uma instituição católica voltada para os que se encontravam no alto da pirâmide social, e de todos os meus colegas de classe, Erick Pope sempre fora o mais próximo. Sei que ele me considerava da mesma forma. Tínhamos personalidades extremas e talvez por isso nos dêssemos tão bem. Por volta dos dez anos de idade, eu assumi a culpa por um incidente que ocorrera no banheiro masculino do colégio e que fora causado por Erick. Ele estava manipulando algumas substâncias químicas e acabou explodindo uma latrina. Erick já demonstrava uma forte propensão para o desenvolvimento de habilidades que acabaram por conduzi-lo ao mundo da ciência. Quando vi o medo de ser repreendido estampado nos olhos daquele garoto desajeitado, não pensei duas vezes e assumi a autoria da peripécia. Tornamo-nos inseparáveis desde então. Nossa amizade fora construída com base naquilo que possuía- mos de melhor: Vigor e inteligência. Erick sempre fora um prodígio nas disciplinas de considerável raciocínio e perspicácia, destacando-se facilmente em campos que me causavam náuseas. Acostumei-me tanto a vê-lo carregando livros e blocos de anotações, que quando meu amigo se dedicava a alguma atividade cuja prática não exigia muito do seu intelecto privilegiado, eu o achava engraçado. Futebol, corrida e peri- pécias de muito fôlego e pouco juízo, essas sim eram atividades cujo êxito eu alcançava com folga e louvor.

Erick sempre fora um ótimo ouvinte e sabia de tudo que se pas - sava comigo. Nunca entendi porque relutei tanto em contar a ele sobre Isadora. Naquela época, e durante muitos anos depois, amaldiçoei o destino que me fizera um homem desgraçado por um amor não correspondido. Mas hoje sei que não podemos recusar o que já está predestinado, ainda que tentemos desesperadamente, pois o destino sempre acha um caminho para se fazer cumprir e imortalizar seus passos na estrada poeirenta de nossa existência mundana.

III

Em uma tarde ensolarada, Benito viajou com seu irmão e o sobrinho para uma cidade vizinha, a fim de buscarem uma encomenda de tecido que fora entregue por engano em um armário. Isadora e a tia ficaram encarregadas da loja. Por volta de quinze horas, um menino de pés descalços adentrou o estabelecimento e entregou a Isadora um bilhete assinado por Olga Maria Pope. Saiu correndo antes que alguém pudesse dizer alguma coisa. O bilhete referia-se a uma encomenda feita pela esposa de Hiram Vander Pope e que deveria ser entregue com urgência no palacete da família no prazo de uma hora, no máximo. Isadora separou os itens listados no bilhete e insistiu para que a tia lhe deixasse entregar o pacote.

— Tudo bem, pode ir. Mas não se esqueça — A tia empunhou o dedo indicador de forma incisiva — você deve entrar pela porta dos fundos. E não mexa em nada. Ouviu bem! — Isadora deu-lhe um beijo na bochecha e apressou-se antes que a tia mudasse de ideia.

A senhora Pope nunca comparecera pessoalmente à loja de tecidos, mas suas generosas encomendas de seda importada, brocados e fitas trabalhadas em renda *guipure*, aguçavam a imaginação da italianinha. Isadora idealizava os suntuosos vestidos de baile ganhando vida nos salões resplendorosos de um mundo que ela julgava ser um conto de fadas. Olga Maria gostava especialmente das rendas bordadas que Benito guardava em um armário especial, e que lhe rendiam um bom lucro. O comerciante sabia exatamente para quem oferecer a mercadoria de delicadeza inequívoca e o quanto cobrar por ela.

Isadora caminhou até o passeio de Santa Cruz e tomou o bonde que a conduziria ao Largo das Mansões, uma região caracterizada pela pompa de casarões imersos na bruma verdejante de jardins ornamentados. Contrariando a preferência geográfica comum aos

que ascendem economicamente, o Largo das Mansões situava-se na parte baixa de Esplendor, com extensos passeios de pedra e fachadas mascaradas por muros de trepadeira. Isadora foi recebida pelo porteiro. Um homem de meia-idade, nariz achatado e olhos de ave de rapina que a esquadrinhou dos pés à cabeça antes de deixá-la entrar. A moça ignorou o olhar devorador que o porteiro lhe oferecera, mantendo-se o mais longe possível daquele homem mal-encarado.

— Siga por este corredor e verá uma fonte. Contorne à esquerda e continue até encontrar um pequeno alpendre. — O homem deteve-se rapidamente e revistou-a com os olhos uma vez mais. — Cuidado para não se enfiar onde não deve.

A italianinha assentiu e apertou o passo. Isadora deparou-se com três fadas de mármore suspensas no meio de uma fonte lúnula, num balé perpétuo. Fadas imensas e assustadoras, com olhos ejetados e asas disformes. Da boca de cada uma das estátuas corria uma água barrenta. Isadora fez uma careta, achando aquela alegoria uma ode à cafonice. Certa vez, quando já contávamos alguns anos de casamento, Isadora me relatou um pesadelo que tivera com as fadas da fonte. No sonho, as estátuas ganhavam vida e a perseguiam pelo jardim do palacete, com risadas zombeteiras e xingamentos esdrúxulos.

Não sei dizer ao certo como o encontro se deu, pois quando Erick começou a me contar que conhecera uma italiana saída de uma pintura e cujos olhos azuis capturavam a alma de quem os encarasse, eu o interrompi e nunca voltamos às minúcias daquela tarde fatídica. Sei apenas que eles se esbarraram em algum ponto do palacete, entre a copa e o corredor que conduzia para o interior da construção e meu amigo perdeu-se para sempre.

No dia seguinte ao encontro, Erick me aguardava no pátio do colégio. Estava visivelmente ansioso e conversava em demasia. Estranhei o modo como se comportava, pois ao contrário de mim,

ele não era dado a especulações sem propósito aparente. Um ouvinte exemplar, mas que pouco falava de si mesmo. Trocamos algumas palavras sobre o jogo de futebol que teríamos logo mais e eu lhe perguntei a respeito de seu novo experimento. Erick ignorou completamente minha interpelação e devolveu a pergunta com um comentário sobre os uniformes do time de futebol. Assim que passamos por uma sala vazia, eu o empurrei para dentro e exigi que desembuchasse.

— O que foi?

Meu amigo engoliu em seco e desviou o olhar. Começou a balbuciar alguma coisa sem nexos, mas eu o interrompi, segurando seu ombro em um gesto de camaradagem. Estreitei meus olhos e o encarei fixamente.

— Vamos, conte logo!

— Conheci uma pessoa. — Erick deixou escapar baixinho. — O que? Ele se desvencilhou de meu toque e deu alguns passos para trás. — Conheci uma garota. Ontem.

Subitamente me dei conta de que nunca ouvira meu amigo dizer

coisa semelhante. De todas as características marcantes que o definia, a timidez era sem dúvida seu cartão de visitas. Erick Pope era o rapaz mais inteligente do Colégio Santo Agostinho. Seu raciocínio lógico e memória desafiadora causavam inveja em colegas e professores. A oratória não lhe fazia favores, mas ele sabia defender seus pontos de vista quando os mesmos versavam sobre tópicos de indubitável interesse pessoal. Mas ele não se deixava conhecer intimamente, e a dificuldade em desvelar sentimentos que faltamente o colocariam em posição de vulnerabilidade acabava por comprometê-lo ainda mais. Lembro-me de um episódio orquestrado por seu pai, Hiram Vander Pope, que se julgando no exercício legítimo de suas faculdades paternas, arquitetou um plano de defloração e mascarou-o como um presente para Erick em seu aniversário de dezessete anos. O poderoso empresário do ramo

têxtil mandou que reservassem o melhor quarto do prostíbulo mais caro de Esplendor, confiando seu filho caçula aos cuidados da puta mais limpa e esmerada do estabelecimento. Erick ficou transtornado e insurgiu-se contra o pai, protestando violentamente. Recebeu de volta uma bofetada que lhe arrancou sangue da boca.

Você é um frouxo! Custa a acreditar que seja meu filho.

Dizendo isso, Hiram Vander Pope deixou o filho caído na sarjeta, com um filete de sangue manchando a gola da camisa e a dignidade escorrendo por um bueiro do qual emanava uma podridão que me causou engulhos. Tive o desprazer de presenciar a cena que se desenrolou na calçada do Líbero Dante, um bordel disfarçado de casa de espetáculos situado na esquina da Praça do Coreto, no Bairro do Arlequim. Ajudei-o a se levantar e nunca mais tocamos no assunto. O relacionamento entre pai e filho nunca fora um exemplo, mas ficara muito pior quando Erick começou a demonstrar claramente que não tinha a menor intenção e talento para dar continuidade aos negócios da família. A situação abrandava-se um pouco por conta do papel cumprido pelo filho mais velho, um bundão que vivia sob a sombra de Hiram, e que se entregara sem relutar à imposição categórica de um caminho previamente traçado para ele antes mesmo do seu nascimento.

— Você conheceu uma garota. Onde?

— Em minha casa. Esbarrei com ela dentro do palacete ontem à tarde. Um encontrão que jogou longe o pacote que ela estava carregando.

Ergui as sobrancelhas visivelmente surpreso.

— Tem certeza de que não foi uma alucinação? — Perguntei em tom de brincadeira.

Erick soltou uma risada seca e relaxou os ombros.

— Eu não me surpreenderia se descobrisse que ela não é de verdade. — Respondeu-me ele.

— Como assim?

— A garota parece ter saído de uma pintura ou coisa parecida. É

fantástica! Do tipo que é preciso ver pra crer.

Uma pontada de ansiedade causou-me desconforto.

— E essa sumidade da beleza estava fazendo o que em sua casa?

— Foi entregar uma encomenda de tecido que minha mãe havia feito na loja em que a mesma trabalha.

O chão sob meus pés pareceu vacilar por um átimo. Tentei dizer alguma coisa, mas uma nova e mais forte onda de ansiedade ressequiu minha garganta. Relutei em aceitar a dedução que se formava no canto mais obscuro de meu cérebro.

— Eu acho que ela gostou de mim.

— Espera! Espera, espera, espera... — Agitei os braços sem saber ao certo como me comportar — Eu não estou entendendo nada. Como assim ela gostou de você? Quem é essa garota?

Erick balançou a cabeça e suspirou abobalhado. Demorou alguns segundos para voltar a falar e quando o fez, parecia estar tentando se recordar de cada detalhe do encontro com Isadora. — Eu disse a ela que sou um cientista e acho que a impressionei. Ela gostou de mim Edmund. Estou certo disso!

— É mesmo? Um cientista? Francamente... — Cogitei a hipótese de estar no meio de um pesadelo dantesco — E o que você sabe sobre ela?

— Seu nome é Isadora Bonanova. Contou-me que veio da Itália com seu pai e irmão. Ela está hospedada na casa de um tio e trabalha em uma loja de tecidos e aviamentos. Eu dei uma passada por lá hoje cedo. Antes da escola.

— Você fez o que? — Eu mal podia acreditar no que estava ouvindo. Minha voz soou ríspida e cobri a boca com as mãos tentando reter meu coração que queria pular do peito a qualquer custo.

— Tinha a esperança de me encontrar com ela novamente, mas Isadora não apareceu.

— E o que pretendia? Entrar na loja e comprar um metro de fita colorida?

Os olhos de meu amigo enevoaram-se de lembranças que julguei indignas. Afinal, ele não tinha o direito de pensar em Isadora. A

semente da discórdia sedimentara suas raízes nas profundezas de minha alma.

— Isadora tem olhos de medusa Edmund. Só que ao invés de nos transformar em algo sólido, ela nos derrete por dentro.

— Não seja ridículo. — Soltei um sorrisinho nervoso. — Vamos para aula.

Não somos donos de nada nessa vida Daniel. Nem de nós mesmos. Descobri isso da forma mais cruel e dolorosa, pois perdi meu amigo do peito e a mulher da minha vida de uma só vez. Casei-me com ela, mas nunca possuí o que mais desejei. Seu coração, sua alma e aqueles olhos de medusa que ainda são capazes de um bom estrago, nunca me olharam da mesma forma que os vi olhar para Erick naquela manhã de domingo em que os espreitei há poucos metros de distância. A brincadeira desprezível que o destino nos impusera atordoara-me com a força de um soco bem no meio da cara. Há dias que eu estava me preparando para o nosso próximo encontro dominical. Comprei flores e uma pulseira de madrepérolas para dar-lhe de presente quando Isadora aceitasse meu pedido de namoro, pois era o que eu pretendia fazer. Em meus pensamentos Isadora já me pertencia, mas depois de ouvir o relato de Erick compreendi que precisava oficializar as coisas entre nós. Um arrepio prazeroso percorreu-me a espinha quando imaginei seus lábios rosáceos tocando os meus pela primeira vez. A italianinha não me recusaria. Imagine o tamanho da minha decepção quando avistei os dois juntos, sentados no banco que tantas vezes acalentara nossos encontros. Isadora e Erick estavam lado a lado, os joelhos se encontrando à medida que ficavam mais próximos. Um impulso de cólera turvou minha visão e eu me recostei no tronco de uma árvore para não perder o equilíbrio. Nunca antes desejei investir contra meu melhor amigo como naquele momento. Eu queria socá-lo até que o mesmo perdesse os sentidos e minhas mãos sangrassem. Fiz um esforço descomunal para manter-me à espreita, observando-os de uma distância segura. Bastou um encontro desprezível e sem

futuro para que Isadora me substituísse como sua companhia nas manhãs de domingo.

Joguei no lixo as flores que trazia comigo. Quando as portas da Igreja Matriz foram abertas, Isadora levantou-se e se despediu de Erick, mas não sem antes dar a ele a munição de que precisava para sonhar acordado: um beijo na face. Cusei a acreditar no que meus olhos coléricos presenciaram. Decidi ir atrás dela. Isadora atravessou a praça e caminhou até o passeio da Avenida Don Pedro. Passou lerdamente por algumas vitrines, mas não se deteve em nenhuma delas. Chamei por ela quando dobrou uma esquina, mas a italianinha pareceu não me ouvir. Apertei o passo, esbarrando em transeuntes insatisfeitos com o meu mau-jeito. Quando já estava quase chegando à loja de tecidos, chamei por ela novamente, dessa vez com mais intensidade.

— Edmund! Você não apareceu na praça hoje. O que aconteceu? Inspirei o ar para me recompor do ligeiro pique que fora necessário a fim de alcançá-la.

— Você ficou me esperando?

Isadora sorriu e mordeu o lábio inferior.

— Sim. Eu esperei por você, mas...

— Mas o que?

A italianinha titubeou por alguns segundos, decidindo se me contava ou não sobre Erick.

— Bem, eu não estava sozinha. Eu... — Não deixei Isadora continuar. Segurei seu rosto e roubei-lhe um beijo no meio da rua.

Entenda Daniel, naquela época demonstrações públicas de afeto não eram vistas com bons olhos, principalmente por aqueles que se julgavam exímios defensores da moral e dos bons costumes. Uma moça que cultivasse pretensões de se casar com um homem de bem, jamais poderia permitir que um rapaz qualquer a beijasse em plena luz do dia, expondo-se ao risco de ser flagrada por olhares inquisidores, como eu havia feito. Isadora desvencilhou-se rapidamente e me encarou transtornada.

- Mas o que é isso! Ficou maluco?
- Desculpa. Não tinha a intenção de ofendê-la.
- Você passou dos limites Edmund. Por que fez isso? — Isadora...
- Pigarreei antes de continuar — Quero lhe per-

guntar uma coisa.

A italianinha bufou impaciente.

— Preciso ir Edmund. Conversamos depois, está bem? — Não vá. Por favor, me dê um minuto! Um minuto apenas. — Tudo bem. Mas seja rápido.

Empavesei-me de rococós linguísticos que contrariaram meu

desejo de demonstrar naturalidade. Isadora encarou-me com firmeza, braços estendidos e dedos entrelaçados formando uma concha. Sua boca entreaberta ao final de minha rápida declaração de amor, seguida por um pedido de namoro que mais pareceu uma intimação, me fez ter certeza de que ela fora pega de surpresa. A italianinha fez menção de responder, mas fomos interrompidos por uma voz carregada de sotaque. Giovanni Bonanova aproximou-se rapidamente e segurou a irmã pelo braço. Cravou-me um olhar de fuzilamento. Isadora demonstrou certa relutância, mas não quis prolongar-se por receio de que o irmão, ligeiramente exaltado por tê-la flagrado conversando com um rapaz no meio da rua, pudesse cometer uma indelicadeza de maiores proporções. Despedimo-nos com gestos de cordialidade apática e eu fiquei ali, observando-a se afastar com o irmão fungando em seu pescoço.

Isadora Bonanova e Erick Pope são exemplos incontestáveis de amor ao primeiro encontro. Antídoto para um misto de frustração e carência que meu amigo nutria em seu interior, a italianinha transformou-se no pote de ouro ao final do arco-íris. Ela era magnífica e jamais passaria despercebida onde quer que fosse. Erick fora tragado pela espiral hipnótica que emanava de seus olhos de safira. Meu amigo passou a negligenciar tudo em sua vida em nome de um sentimento nunca antes experimentado, mas que estava se tornando a razão de seus dias.

Voltei para casa e me tranquei no quarto. Em um acesso de ira, quebrei objetos e rasguei desenhos não terminados que estavam sobre a cama. A lembrança do beijo que Isadora dera em Erick queimava-me por dentro. Um gesto que deveria ter sido oferecido a mim. Tantas vezes quis beijá-la, tantas vezes tentei me aproximar e criar uma atmosfera adequada para amolecer sua pose de menina ajuizada. Isadora nunca cedeu, e por mais que me tratasse com cordialidade e apreço, a verdade é que jamais abriu uma fenda sequer para deixar que minhas verdadeiras intenções penetrassem em seu coração. Passei a madrugada em claro deixando que caraminholas se desprendessem de meu cérebro atordoado pelo ciúme, flutuando pelo quarto como espetros sinistros que se desfaziam em línguas de fogo ao tocarem o chão. Esbocei nossos rostos lado a lado, destruindo os desenhos assim que terminava. O retrato feito na primeira vez que a vi foi o único que não tive coragem de rasgar. Quando os primeiros raios da manhã avivaram a poeira suspensa no ar, o plano para afastar Erick de Isadora agigantou-se em minha mente com tamanha precisão, que nem mesmo o cansaço de uma noite sem dormir foi capaz de me deter na cama. O vislumbre da vitória iminente, misturado ao veneno que começava a enegrecer meu discernimento, acelerou meus batimentos cardíacos. Fui para o colégio com a certeza de que meu amigo me tomaria por confidente, e isso era tudo o que eu precisava. Estava disposto a engolir meu orgulho e transformar o ciúme que me consumia como brasa em palavras de cumplicidade e compreensão. Pouco a pouco, e valendo-me de uma astúcia que julgava possuir, eu o persuadiria a desistir de Isadora.

Como previ, Erick me contou todos os detalhes de seu encontro com a italianinha. Quase saltei em sua jugular quando o mesmo me revelou que a pedia em namoro. Segurei-me firmemente na cadeira em que me encontrava, sob a sombra de uma Sibipiruna parcialmente desfolhada, e desviei o olhar para o outro lado. Erick não percebeu o ódio que brotava de minhas pupilas contraídas como olhos de felino, prontos para atacar. Cumpri meu papel de confidente com uma dissimulação exemplar, e ao final da narrativa lancei-lhe

uma pergunta com a dose certa de malícia, a fim de plantar uma tremenda pulga atrás da orelha de meu amigo.

— Fico feliz que tenha conhecido alguém. Mas tenho pena de você, amigo. Namorar uma flor que se desfaz em pétalas de inacreditável beleza certamente vai lhe roubar o sono e o juízo. Você não se sente inquieto ao saber que essa moça pode dar-se ao luxo de ter qualquer rapaz ao seu dispor?

Erick titubeou por um momento, ignorando meu sorriso dissimulado.

— Isadora aceitou namorar comigo Edmund. Tenho consciência de que não a pessoa mais interessante do mundo, mas foi para mim que ela disse sim. E isso deve significar alguma coisa.

Dei de ombros. Erick respondeu-me com firmeza, mas eu sabia que em seu imaginário, a pulga começava a ganhar formas de mulher.

IV

Suspiros desejosos no meio de uma conversa, olhares perdidos em lembranças de momentos vivenciados em sua mente sem cessar, atrasos constantes às aulas e o esquecimento patético dos compromissos que marcávamos. Pouco tempo de namoro fora suficiente para que Erick se reduzisse a uma marionete de seus sentimentos por Isadora. Ainda não havíamos nos encontrado depois que lhe roubei um beijo no meio da rua, mas eu a observava diariamente dos mais variados pontos da cidade. Cheguei a segui-la em diversas ocasiões. Isadora nunca reparou. Assim como nunca respondeu formalmente o pedido que lhe fizera antes de sermos flagrados por seu irmão mais velho. Erick insistia em marcar um encontro entre nós três a fim de apresentar a namorada ao seu melhor amigo. Ele ainda não sabia que eu a conhecera antes dele, que a desejei primeiro e que, portanto, Isadora deveria ser minha, e não dele.

— Estou lhe desconhecendo. Por que está sendo tão relutante? Não quer conhecê-la? — Perguntou-me diante de mais uma recusa de minha parte.

Desconversei, argumentando que precisava me debruçar com afincos sobre uns desenhos, se quisesse ganhar o concurso cultural lançado pela Prefeitura de Esplendor em comemoração ao aniversário da cidade.

— Você ainda tem tempo. Vamos lá! Tenho certeza de que vai gostar dela. Isadora é muito divertida.

Diante de sua insistência, cogitei a hipótese de aceitar o convite. Estava aprendendo a domar meu sangue quente, a engolir as palavras antes que saíssem pela boca, a maquiagem minhas intenções, mas o medo da reação que teria ao revê-la ao lado de Erick retumbava em minha mente como um diabinho sussurrando em meu

ouvido. Recusei, mais uma vez. Erick suspirou desapontado.

— Onde vai levá-la hoje? — Perguntei com ares de desinteresse.

— Isadora quer fazer um piquenique.

— Namorar no jardim do palacete me parece muito romântico.

— Na verdade —, Erick vacilou rapidamente — Vamos ao Parque das Araras.

Franzi o cenho em sinal de confusão.

— Não posso levar Isadora em minha casa Edmund. Ainda não é o momento e você sabe bem por que.

Subitamente, a solução que tanto almejava tomou forma em minha mente.

Entenda Daniel, eu havia mergulhado em um emaranhado de pérfidas conjecturas em busca da artimanha perfeita para afastar Isadora de Erick. Meus pensamentos varavam a madrugada em uma guerra contra o sono e o cansaço. Contudo, aquele comentário me fizera enxergar com limpidez o caminho que deveria percorrer. O caminho que me levaria ao único agente capaz de ceifar o mal pela raiz e me devolver as noites de sono.

Sentado em uma poltrona de couro de cavalo, cujo espaldar fora lavrado com desenhos losânicos, Hiram Vander Pope apreciava um charuto Havana acompanhado de um puro malte, dose dupla.

Naquela tarde, fui procurá-lo no palacete para lhe contar o que estava acontecendo. Poucas coisas na vida são tão cruéis quanto o arrependimento. E eu não fazia ideia do quanto me arrependeria daquele ato. Aguardei no rol de entrada por alguns minutos até a copeira me informar que o senhor Pope me receberia na biblioteca. Uma jovem me observava do alto da escadaria, revestida por um tapete persa com matizes douradas. Lacrimosa encarou-me por um átimo e eu a cumprimentei com um meneio de cabeça.

Hiram Vander Pope sorveu um gole generoso de uísque escocês antes de se levantar para me receber. Abandonou o charuto em um cinzeiro de prata tauxiada e apertou minha mão direita com a firmeza que lhe era peculiar, dedos longos alcançando meu pulso. Retive a respiração e lhe ofereci um sorriso amarelo. O senhor

Pope escrutou-me lentamente enquanto molhava os lábios com a ponta da língua. Sorri mais uma vez.

— Como vai Edmund?

— Estou bem, obrigado.

— E seus pais?

— Ótimos. — Balancei a cabeça rapidamente.

Sempre fora bem recebido no palacete dos Pope, mas eu sabia

que minha presença era tolerada por conta da relação estabelecida entre meu pai e Hiram. A firma de advocacia Shume e Shume encarregava-se dos negócios da família Pope há tempo suficiente para tecer uma teia de favores que nunca se pagavam. Pleitos de toda ordem eram levados diretamente aos ouvidos daqueles que se encarregavam dos melindres legais que norteavam as ações de Hiram Vander Pope. Ainda hoje me pergunto como consegui acobertar minhas pretensões e me casar com Isadora à surdina, sem que meu pai tomasse conhecimento do que se passava até que não houvesse nada a ser feito. Intimamente, Hiram me tomava por um riquinho alienado, que teimava em cultivar um passatempo infrutífero, mas cuja influência na vida do filho poderia ser positiva à medida que o distraísse da ciência e dos livros.

— Então rapaz. O que o traz aqui? É comigo mesmo que quer falar?

— Sim, senhor. Peço desculpas por importuná-lo, pois sei que é um homem muito ocupado e... — Hiram não me deixou terminar.

— Não se desmanche em measuras Edmund. Sente-se, por favor. — O homem acomodou-se novamente na poltrona e me indicou uma cadeira à sua frente.

Liberei uma lufada de ar que denunciou meu estado de nervos. Eu estava prestes a revelar intimidades confiadas a mim pelo meu melhor amigo, para aquele que se tornara a antítese de tudo o que Erick desejava. Hiram não me apressou, apenas sorriu discretamente e alcançou a caixa de charutos. Seus pequenos olhos cor de âmbar pareciam ainda menores, pois eram espremidos por pálpebras

caídas que lhe atribuíam uma feição de peixe morto.

— Sr. Pope —, Engoli em seco e continuei — Não sei por onde começar...

— Pelo começo Edmund.

— O senhor deve estar se perguntando o que me traz aqui.

— Sim Edmund. Perguntei-lhe isso claramente há uns dois minutos. Na mesinha de centro, uma edição do Jornal O Diário de Esplendor encontrava-se remexida. Observei a manchete na primeira página: “Estoura a greve dos proletários na Capital do Estado”.

— Mazelas da República Edmund. — Hiram comentou ao perceber meu interesse pela notícia.

— O senhor está enfrentando insurgências na fábrica?

— Há sempre uma meia dúzia de cabeças subversivas que se julgam espertas o bastante para mudar o mundo. Sabe o que me lembram?

— O Sr. Pope cruzou as pernas — Saúvas. Formigas cabeçudas. Uma praga que eu pretendo esmagar com a sola dos meus sapatos. Ou comê-las! Como fazem os índios.

Engoli em seco e resolvi me ater ao assunto que envenenava minha garganta, corroendo-me a alma. Hiram ouviu meu relato sem maiores interrupções. Apenas quando reiterei, com veemência e dramaticidade, que seu filho caçula estava se deixando enlear por uma imigrante italiana pobretona, sem procedência ou modos e que, por conta de sua imaturidade e completa falta de experiência com as mulheres, Erick estaria bancando o tolo e arriscando a reputação que sua família lograra há gerações, é que o senhor Pope remexeu-se na poltrona demonstrando que minhas palavras mordazes haviam atingido o alvo. Perguntou-me se eu sabia o endereço de Isadora. Àquela altura, já não havia mais como evitar um confronto e era inútil esconder qualquer informação por medo de que Isadora fosse exposta. Imaginei, contudo, que Erick seria chamado para uma conversa ao pé de ouvido, carregada de desaforos e repreendas, e que ao final das contas acabaria por esquecer a italiana, pois jamais se insurgiria contra o pai com a força necessária para sustentar o romance que estava vivendo. Se eu soubesse que Hiram Vander Pope passaria por cima de Isadora como um rolo compressor, ignorando medidas e escrúpulos, jamais o teria procurado.

Fui preterido pela italianinha e deixei que meu orgulho ferido se transformasse no guia de minhas ações, conselheiro viperino que cerceou meus sentidos. Agi levemente, incapaz de calcular as consequências dos meus atos, pois só pensava em conquistar Isadora.

Naquela tarde, deixei o palacete dos Pope com o coração em frangalhos. Alguma coisa roubava-me o fôlego, como se uma garra imaginária estivesse comprimindo minha garganta. Hoje sei que era a intuição do que estava para acontecer. Hiram Vander Pope agradeceu meu gesto de puro desprendimento, afirmando que compreendia o quanto aquela atitude me custava. Afinal, eu estava revelando segredos que somente a cumplicidade entre dois amigos que se consideram irmãos é capaz de reter. Garantiu-me que tomaria providências a fim de clarear a mente do filho e que nunca revelaria a ninguém a fonte que debulhara em seus ouvidos o despautério do ano.

Segui para a loja de tecidos. Os primeiros pingos de chuva caíram em meus ombros há poucos metros de meu destino. Escondi-me em um beco com o qual já estava familiarizado e observei a cena que se desenrolou no passeio da Loja de Tecidos Bonanova. O casal acomodou-se rapidamente sob o toldo amarelo para se proteger do chuvisco trazido pelo crepúsculo. Erick segurava a mão de Isadora com delicadeza. Sorriam um para o outro, alheios ao resto do mundo e à verdadeira tempestade se formava ao redor daquele romance. A loja estava fechada, assim como o resto do comércio. Apenas os estabelecimentos de caráter alimentício permaneciam em funcionamento. Erick me dissera que o pai de Isadora relutara em consentir o namoro, mas depois de descobrir de quem o mesmo era filho, Galeano Bonanova abriu um largo sorriso e lhe estendeu a mão. Argumentei que o italiano estava de olho na fortuna da família Pope. Erick limitouse a balançar a cabeça e afirmar que não se importava com as intenções de Galeano e que Isadora jamais demonstrara qualquer tipo de interesse motivado pelo sobrenome que carregava.

Isadora segurava um pequeno maço de flores, provavelmente colhidas durante o piquenique que fizera com o namoradinho.

Imaginei como a italianinha reagiria se me visse ali. Fiz menção de sair de meu esconderijo, mas hesitei ao avistar um automóvel de luxo que se aproximava lentamente. Um Cadillac verde musgo estacionou em frente à loja de tecidos. Prendi a respiração ao me dar conta de que se tratava do carro de Hiram Vander Pope. Erick soltou a mão de Isadora e aproximou-se da janela do passageiro. Segundos depois, ele se voltou para a italianinha e se despediu com um beijo na bochecha. Entrou no carro e foi embora. Isadora acompanhou o automóvel que se moveu lentamente, dobrando a primeira esquina à direita e levando consigo as últimas luzes do entardecer. Enchi-me de coragem e fui falar com ela. Quando me viu, Isadora tentou disfarçar o marejo que turvava sua visão. Não dissemos nada por um instante que me pareceu eterno. Por fim, perguntou-me há quanto tempo eu ficara observando. Surpreendime ao saber que ela percebeu minha presença, e que sabia que eu a rondava.

— Você acha que ele vai voltar? — Perguntei-lhe simplesmente.

— Isso não foi um rompimento Edmund.

— Porque não contou a ele sobre nós?

— E o que há para contar?

— Ele sabe que nos conhecemos? Que durante muitos domin- gos era eu a companhia de suas manhãs na Praça da Matriz?

— Tive medo de que Erick interpretasse nossa amizade com malícia e por isso não toquei no assunto. Quando ele me contou a respeito de seu melhor amigo, dizendo seu nome e que você era um artista, não tive dúvidas de que se tratava do rapaz que conheci na praça. Uma coincidência infeliz.

— Se não disse nada é porque sabe bem que há muito a ser dito.

— Edmund —, Isadora suspirou profundamente e me encarou com desânimo — se lhe dei esperanças que pudessem ludibriá-lo de alguma forma, peço desculpas.

— Não quero suas desculpas. Tudo o que desejo é uma chance de mostrar o que pretendia lhe oferecer antes que Erick entrasse em sua vida.

— Por favor, não diga mais nada. — Suplicou-me ela.

— Então é isso que sou para você. Uma infeliz coincidência.

A italianinha pressionou os lábios e não me respondeu. Senti-me encorajado a convencê-la de meu amor.

— Estou apaixonado por você. Apaixonado de um jeito torturante e só eu sei o que tem me custado imaginar-lhe nos braços de outro. Nos braços do meu melhor amigo.

— Como pode se dizer tão apaixonado? Mal nos conhecemos... — Me apaixonei antes mesmo de ouvir sua voz. Lembra dos balões coloridos que lhe divertiram tanto naquela manhã de domingo? Eu me lembro de cada detalhe. De como a brisa morna penteava seus cabelos, da roupa que estava usando e do modo como me encarou quando perguntei se podia lhe desenhar.

Isadora sorriu.

— Vou contar a ele sobre nós. — Afirmou-me resoluta. — Eu o conheço bem e sei que Erick não voltará a lhe procurar.

Ele é fraco e não será capaz de sustentar esse relacionamento perante a família.

— Ele me ama.

— Não duvido disso. E não pense que estou aqui para te envenenar contra ele, mas não vou permitir que sofra.

— Tarde demais Edmund. Tarde demais.

Isadora meneou a cabeça negativamente e enxugou algumas lágrimas que brotaram de súbito. Fiz menção de acalotá-la, mas a italianinha me deu as costas e entrou em casa. Fiquei ali parado sem saber o que fazer.

Erick não apareceu no colégio nos dias que se seguiram. Resolvi procurá-lo no palacete com o pretexto de lhe repassar as lições das aulas perdidas. Encontrei-o sentado à beira da fonte das três fadas. Ele estava distraído e não percebeu minha aproximação. Olhei por cima de seus ombros e pude ler o cabeçalho da carta que Erick trazia nas mãos. Tratava-se de uma correspondência enviada pela

Universidade de Coimbra-Portugal. Surpreendi-me ao me deparar com o corte em seu lábio superior quando Erick se virou.

Ele me contou que o pai havia descoberto seu namoro e que os surpreendera na porta da loja de tecidos na volta do piquenique. Naquela noite, o Sr. Pope tentou persuadir o filho a terminar o relacionamento, argumentando que Erick possuía o dever de zelar pela reputação da família e que, portanto, jamais poderia se envolver seriamente com uma moça da procedência de Isadora. Uma imigrante pobretona, filha de um caipira que fugira de sua pátria a fim de enganar o destino, não era digna de um dos herdeiros de Hiram Vander Pope.

Eu não o julgo meu rapaz. Afinal, um jovem tem o direito e a necessidade de se divertir e confesso que na sua idade, eu também não resistiria aos encantos daquela moçoila. Mas entenda que as melhores brincadeiras são sempre às escondidas. — Concluiu Hiram com uma ironia felina que atijou a indignação do filho.

Munido de todo o amor que sentia pela italiana, Erick enfrentou o pai, desferindo-lhe golpes verbais na tentativa de arrancar a máscara que cobria sua verdadeira face. Diante do comportamento desrespeitoso do filho, Hiram esbofeteou-lhe duas vezes, abrindo um pequeno corte no lábio superior. Erick não se calou, mas não foi capaz de revidar da mesma forma. Àquela altura, a cólera embriagava-lhe a alma e ele já não raciocinava com a mesma lucidez. Esbravejou que jamais se separaria de Isadora e que ninguém seria capaz de se interpor entre eles. Hiram fez menção de agredi-lo uma terceira vez, mas deteve-se ao perceber que aquela discussão não era necessária. Sorriu cinicamente e abaixou a mão. A ingenuidade do filho soava-lhe como uma piada. Hiram Vander Pope vestiu seu paletó e saiu da biblioteca, deixando o filho esbravejar asneiras que não produziam efeito. Mas antes de deixá-lo, avisou que o mesmo não sairia de casa nos próximos dias.

Vou te dar uma chance, em nome do sangue que corre em nossas veias—, Hiram suspirou profundamente e estreitou os olhos — Você não sairá de casa essa semana. Ficaré aqui e pensará na vida que possuí e no caminho que deseja traçar. Ande pela casa, converse com sua mãe, e atenha-se aos detalhes de tudo o que eu construí em nome desta família. Pense no que mais deseja para si, nos sonhos que alimenta e naquilo que realmente tem valor. Tenho certeza de que ao final de suas reflexões a razão lhe devolverá o juízo.

Perguntei-lhe sobre a carta que trazia consigo e Erick me esclareceu que a recebera naquela manhã. Há meses que meu amigo esperava uma resposta. A Universidade de Coimbra enviara-lhe uma carta de aceitação e um dossiê contendo toda a documentação necessária para sua matrícula na faculdade de ciências. Custei a acreditar no que estava ouvindo. Erick havia sido aceito em uma das mais antigas e renomadas instituições de ensino do mundo, longe o suficiente de Isadora e de toda aquela história na qual havíamos nos enfiado, ainda que o mesmo não soubesse do meu envolvimento. Sentei-me ao seu lado. Erick me confidenciou que uma sensação de agonia nunca antes experimentada o impelira a fugir do palacete na noite passada para se encontrar com Isadora. Aproveitando-se da ausência do pai, que estava viajando a negócios, o rapaz subornou o porteiro e o mesmo o ajudou a despistar o capanga escalado para lhe vigiar.

Encontram-se na casa dela. Já passava da meia-noite quando Isadora se surpreendeu com batidas abafadas na janela do quarto. A italianinha vivia com o pai e o irmão em um apartamento de dois quartos no segundo andar da loja de tecidos de seu tio. A sala era usada para depósito. Um dos quartos era ocupado por Galeano Bonanova e o filho mais velho. O outro, que ficava ao lado da cozinha, fora destinado à única moça da família. O tio e a esposa estabeleceram-se há anos no apartamento do terceiro andar. Ao escutar a narrativa do encontro fortuito, mordeu o lábio inferior com força suficiente para arrancar sangue. Em um gesto de puro

atrevemento, Erick subira pela escada de incêndio e batera na janela de Isadora com a maior descrição possível. A moça não estava dormindo e, envolvida por um roupão de flanela, abandonou o livro que trazia junto ao leito e correu para a janela. Erick a presenteara com um livro de poemas de um escritor português, e ela o carregava para cama todas as noites. Abraçaram-se longamente antes de qualquer palavra. A italianinha pediu que o namorado se sentasse em sua cama e, olhando-o diretamente nos olhos, suplicou que não lhe dissesse nada além da verdade. Erick, cuja intenção precípua consistia em lhe poupar das ofensas do pai, omitiu os detalhes da discussão que tivera com Hiram e que lhe rendera o corte na boca, o qual Isadora tocava delicadamente com o dedo indicador. Imaginara que não seria bem-quista pela família Pope, mas supôs que o namorado não desistiria dela com facilidade. Isadora o amava profundamente e estava disposta a lhe provar a extensão e complexidade de seus sentimentos entregando-lhe o corpo e a virtude.

Se esta noite for tudo o que tivermos, quero que viva com a certeza de que jamais serei de outro alguém. — Dizendo isso, Isadora desvencilhou-se do roupão e deixou que a camisola de algodão escorresse por seu corpo até o chão. Estremeci ao imaginar a cena. Erick sorriu languidamente e me confidenciou que nunca se sentira tão nervoso em toda a vida. Disse-me que não era capaz de descrever a nudez de Isadora, mas sei que não o fez por respeito a ela. A italianinha entregara-se a ele com a coragem dos que amam sem medida. Por um átimo cogitei a hipótese de que Erick terminaria me dizendo que tudo não passara de um sonho. Mas ele continuou seu relato. Passara a noite no quarto de Isadora, e tudo o que aconteceu só serviu para sedimentar ainda mais em sua alma a certeza de que não poderia mais viver sem ela.

Levantei-me de um salto e disse que precisava ir. Erick não se moveu, disse-me apenas que precisava da minha ajuda e me pediu para esperar. Olhei para meu amigo com apreensão, já desconfiado do que ouviria.

— Estou disposto a enfrentar meu pai, mas para isso vou precisar muito de você. Vou precisar do meu melhor amigo.

Engoli em seco e aguardei que terminasse.

— Procure Isadora. Apresente-se a ela e diga que nos ajudará. Ela o está esperando...

— O que você quer de mim exatamente?

— A sua amizade Edmund. Preciso da sua amizade e da cumplicidade que sempre existiu entre nós.

— E o que pretende fazer? Sabe que não conseguirá manter esse relacionamento em segredo por muito tempo.

— Quando a hora certa chegar, nós vamos fugir.

A notícia me atingiu como um soco bem dado. Foi difícil disfarçar a decepção que me roubara o fôlego. Erick pretendia levar a italiana para Portugal. Ele tinha pouco mais de três meses para arranjar a viagem e comparecer na Universidade de Coimbra a fim de assumir a vaga que lhe fora destinada, mas para isso precisaria convencer seu pai, e ele estava certo de que o faria.

Procurei por Isadora dois dias depois. Eu não estava disposto a compactuar com a fuga de traços folhetinescos que Erick insistia em planejar, mas precisava fingir que apoiava sua decisão. Encontrei-a na Praça da Igreja Matriz, no banco de todas as outras vezes.

Isadora contemplava uma fila de crianças que seguiam de mãos dadas, encabeçada por uma noviça de cabelos afogueados. Ela não se surpreendeu com a minha aproximação, apenas suspirou profundamente e me olhou de forma enviesada. Àquela altura, e

depois de muito raciocinar friamente tentando me desprender dos arroubos acalorados que poderiam colocar tudo a perder, eu havia compreendido a melhor estratégia a seguir. Em nenhum momento measurei a extensão de meus atos, pois julgava estar respaldado pelo amor que sentia e pelo direito que eu mesmo me atribuía.

Direito de ter a italianinha em meus braços por ter sido o primeiro a ter com ela. Quando Erick apareceu em sua vida, por uma cretinice do destino, eu já havia me apaixonado pela medusa de olhos hipnóticos. Hoje sei que minha inconsequência alicerçou-se na imaturidade de meus 18 anos completos, e na crença de que seria

possível sair ileso de uma peripécia emocional de proporções incomensuráveis.

Iniciei a conversa afirmando-lhe que finalmente compreendera e aceitara o namoro dos dois. Isadora encarou-me com certo espanto, mas não se atreveu a duvidar. Ela estava mudada, e a beleza translúcida que dispensava qualquer subterfúgio afogueava-me intimamente, ao ponto de evitar seu olhar por medo de não ser capaz de sustentar as mentiras que decorei para lhe dizer. Continuei com firmeza, argumentando que se ela me aceitasse, estava disposto a assumir a mesma postura que me ligava a Erick e ser um amigo abnegado. A italianinha demorou alguns segundos para responder e quando o fez, segurou minha mão direita com uma força que deixava transparecer claramente o alívio sentido ao ouvir minha oferta. Isadora agradeceu-me pela amizade oferecida de bom grado, dizendo que eu havia lhe tirado um peso dos ombros, pois esconder de Erick que nós nos conhecíamos se tornara um tormento. Aproveitei para sugerir que ignorássemos a ligação pretérita que nos impunha desconforto e recomeçássemos da maneira correta, já que eu não pretendia revelar a ele que me apaixonara por Isadora e que a pedira em namoro mesmo sabendo de suas intenções. Ela titubeou, mas acabou concordando, pois sabia que Erick não entenderia o porquê da omissão. Ademais, Isadora não estava disposta a colocar à prova a força de uma relação já ameaçada por preconceitos odiosos e pela cegueira de um rapaz dissimulado. Expliquei-lhe que o pai de Erick havia voltado de viagem e estava se encarregando de monitorar os passos do filho. Erick voltara a frequentar o colégio, mas os capangas de Hiram permaneciam no seu encalço.

— Hiram Vander Pope é um homem muito poderoso e influente

Isadora. — Disse-lhe eu. — O dinheiro o fez assim.

— Não tenho medo de dinheiro. Mas confesso que um calafrio me corta a espinha toda vez que imagino o desfecho desta história.

— Você confia em Erick?

— Confio no amor que nos une.

Assenti e toquei no assunto que me fora confiado por Erick.

Contei-lhe da carta recebida pelo mesmo e de suas intenções para o futuro. Isadora não sabia que Erick pretendia estudar no exterior.

Inquietou-se ao descobrir que seu namorado pleiteara uma vaga em uma Universidade do outro lado do atlântico, pois ainda que o namoro

fosse permeado por um sentimento sincero e profundo, ambos não se

conheciam o suficiente para compreender os anseios e sonhos que ilustravam suas vidas. Tomei o cuidado de não revelar-lhe logo de cara que

Erick pretendia fugir com ela. Ele queria levá-la consigo para Portugal,

pois acha que lá poderiam viver o amor que os unia em sua plenitude.

Isadora ficou pensativa. Minha omissão quanto à fuga fora meticulosamente planejada para plantar em sua cabeça uma dúvida: Queria

induzi-la a pensar que, em um primeiro momento, logo depois de receber a resposta positiva da Universidade de Coimbra, Erick vacilara em

suas intenções, cogitando a hipótese de abrir mão da italianinha em prol da realização do sonho de estudar no exterior.

Vander Pope não demonstrava entusiasmo com as escolhas do filho caçula, mas quando a ideia de aprimorar os estudos em outro país saltou pela primeira vez de sua boca, seu pai, uma raposa velha,

mostrou-se inclinado a concordar. Hiram Vander Pope achava que os ares da civilização européia, por meio de novas e sedutoras experiên-

cias, lhe ajudariam a desenvolver uma personalidade sólida e impenetrável, para que quando retornasse o mesmo fosse capaz de assumir os

negócios da família Pope ao lado do irmão mais velho.

Erick jamais cogitou a hipótese de abandoná-la a própria sorte.

Somente quando recebeu a carta de rompimento, supostamente escrita por Isadora, é que a mesmice dos que observam apaticamente o passar da vida foi mais forte que o ímpeto de procurar por ela para confirmar a veracidade das palavras que o atingiram no coração, como uma lança em brasa.

V

Erick Pope não tivera dificuldade para convencer o pai a apoiar a viagem para Portugal. Sua mãe, Olga Maria Pope, não poupou carinhos para com o filho que tanto mimava, dizendo-lhe que a saudade já estava se tornando uma carrasca antes mesmo de sua partida. Hiram Vander Pope deixou-se persuadir e foi esperto ao fazer parecer que o mérito da persuasão era todo do filho.

Intimamente, o empresário sabia que aquela viagem aparecera em boa hora, pois se tratava de uma excelente oportunidade para afastar seu filho da italianinha pobretona. Ele jamais permitiria que aquele relacionamento fincasse raízes na história de sua família.

Hiram perguntou se a italianinha já havia ficado no passado e Erick respondeu exatamente o que o pai desejava ouvir. Ele havia decidido dizer ao pai que, durante os dias passados em clausura domiciliar e sob o olhar vigilante de um pau-mandado, a razão calara fundo em seu coração e ele se deu conta de que jamais seria feliz ao lado de Isadora. Meu amigo não mentia muito bem, mas depois de ouvir o relatório passado a ele pelo capanga responsável por vigiar seu filho caçula, Hiram conclui que Erick não se atreveria a desafiá-lo. *Ele não tem pulso suficiente para sustentar um despautério como esse* — Pensava ele.

Erick encontrou-se com Isadora alguns dias depois da visita em seu quarto, em um dos apartamentos que meu pai possuía espalhados pela cidade. Ele me pediu emprestado e eu não tive como negar. O local passou a ser palco de encontros furtivos e cronometrados. Explicou-lhe que pretendia levá-la para Portugal. Queria se casar com ela, mas isso só seria possível longe do preconceito absurdo que permeava as atitudes de seus pais, e que eram respaldadas pela hipocrisia dos que se julgam imunes às diferenças. Isadora demonstrou excitação e concordou com a fuga. Erick compraria para ela uma passagem no mesmo navio e eles embarcariam

separadamente. Quando já estivessem longe da costa e do julgo abrasivo de sua família, Erick iria ao seu encontro com a certeza de que não mais viveriam longe um do outro.

Isadora não ponderou as consequências de sua decisão. Depois de perder a mãe, a italianinha passou a viver sob a ótica do pai. Galeano Bonanova, um homem rude que mal sabia escrever o próprio nome, não tinha traquejo para lidar com as necessidades femininas apresentadas pela filha. Criou Isadora com rigor excessivo, sem demonstrar afeto por medo de não parecer respeitoso. Giovanni, o filho mais velho, um grosseirão de índole duvidosa que estava roubando o caixa da loja de tecidos sem que ninguém percebesse, agia como se a irmã não passasse de um bibelô, como eram para ele todas as mulheres.

Continuei a fingir cumplicidade. Acobertava os encontros e por vezes servia de garoto de recados. Mas eu sabia que precisava procurar por Hiram novamente. Não havia outro jeito de resolver a situação sem a intromissão de alguém que pudesse impor a eles um rompimento fatal. Erick e Isadora aproximaram-se ainda mais nos meses que se seguiram e eu já não estava conseguindo suportar o flagelo de vê-los tão ligados. A máscara de amigo fiel estava por um fio.

Procurei por Vander Pope em uma tarde úmida, no final do verão de 1916. Faltavam menos de quinze dias para partida do navio que levaria meu melhor amigo e o amor da minha vida para o velho continente. Lembro-me do cheiro forte de grama recém-aparada rescendendo pelo ar quando cruzei o gramado do palacete. Uma criada empoleirara-se dentro da fonte das Três Fadas e empunhava um esfregão na tentativa malfadada de limpar as estatuas horrendas. Pensei que fosse surpreendê-lo ao contar-lhe que durante todo aquele tempo, Erick não deixara de se encontrar com Isadora. Mas ao tocar no assunto, foi Hiram quem me arrebatou com a revelação de que já estava ciente dos acontecimentos.

— Que tolíce a sua. Sei de tudo o que se passa sob o teto que me pertence.

Engoli em seco e travei o maxilar.

— Aposto que não conhece as reais intenções de seu filho.

Vander Pope encarou-me intrigado.

— E as suas intenções Edmund, quais são? E não me diga que está aqui mais uma vez na condição de amigo dedicado, pois sei também que tem acobertado esse romance ridículo.

— Não tive escolha, Sr. Pope. Precisava cultivar a confiança de Erick se quisesse me manter a par dos pormenores. Mas peço que não duvide de minhas intenções, que são as melhores possíveis.

Preocupome com o futuro de meu amigo, pois sei que mulheres como Isadora podem nos desgraçar.

— Mulheres como Isadora são capazes de destruir a mais sincera das amizades, Edmund.

Hiram fechou a porta do escritório, mas antes ordenou a uma criada que não permitisse interrupções. Voltou-se para mim com ares diabólicos. Começou me dizendo que jamais dispensara os olhos e ouvidos que possuía espalhados pela cidade, direcionados para o filho caçula desde a nossa primeira conversa. Contudo, resolveu permitir que o mesmo se divertisse um pouco antes de deixar o país. Era isso que Isadora significava para homens como Hiram Vander Pope: Um divertimento. Uma in consequência sem maiores proporções. Revelou-me ainda, que sabia da fuga arquitetada por Erick e que se divertira com a ingenuidade do filho. Erick retirara de sua conta-poupança uma quantidade significativa de dinheiro, utilizado para financiar a passagem de Isadora. Quando o saque se deu, o gerente do Banco, um homenzinho sebozo que devia favores a Hiram, entrou em contato com este para lhe informar da movimentação bancária. Imediatamente, Vander Pope ordenou que averiguassem o destino que seu filho pretendia dar ao dinheiro sacado. E foi assim que Hiram descobriu o plano de Erick.

O ódio inflamara-lhe as tēmporas, e Hiram cogitou a hipótese de trancafiá-lo em seu quarto até o dia da partida, mas não sem antes

lhe dar uma surra. Em um acesso de raiva, confidenciou à esposa o que se passava com o filho. Olga o convenceu a não reagir com violência, pois correriam o risco de martirizar aquele romance, empurrando ainda mais seus protagonistas para os braços um do outro. Por fim, o Sr. Pope me confidenciou que algumas providências estavam sendo tomadas a fim de evitar que Erick levasse Isadora para Portugal. Perguntei-lhe o que estava tramando, mas fomos interrompidos por batidas na porta quando Hiram fez menção de me responder. Era Lacrimosa anunciando a chegada de três cavalheiros, convocados pelo dono da casa para uma reunião intimista.

— Os cavalheiros estão aguardando na ante-sala, Sr. Pope. — Informou-lhe Lacrimosa, desviando o olhar para o chão. Hiram assentiu positivamente e gesticulou para que a mesma se retirasse. Voltou-se para mim e encerrou a conversa agradecendo-me pela fidelidade demonstrada e dizendo que julgava melhor que eu não conhecesse os detalhes de suas ações em relação ao assunto discutido, pois assim eu poderia dormir em paz. Um calafrio percorreu-me a espinha ao ouvir tais palavras. Ao me dirigir para a saída, pude entrever a silhueta do gerente bancário, perfilada através da fresta deixada pela cortina da ante-sala.

No dia seguinte, Isadora estava à minha espera na saída do colégio. Erick havia saído mais cedo, pois precisava comparecer ao escritório de meu pai para dar andamento aos papéis da viagem e receber algumas instruções de cunho burocrático. A inquietação que a afligia era evidente. Caminhamos pelo Passeio da Cristalina até uma sorveteria mais próxima. Aguardei que nos acomodássemos em uma mesa nos fundos do estabelecimento e perguntei-lhe o que se passava. Isadora me contou que durante a manhã, uma dupla de homens vestindo ternos pretos e carregando pastas retangulares estivera na loja de tecidos e entrega ao seu tio uma papelada com o timbre do Banco. Benito desesperou-se ao ler o que traziam os papéis. O Banco ameaçava-lhe tomar o imóvel onde funcionava a loja por conta de um empréstimo feito há alguns anos, justamente para saldar dívidas e aprumar o negócio. Benito pagava o

financiamento semestralmente, conforme acordado na época em que firmara o compromisso e não entendia porque o Banco resolvera lhe cobrar todo o restante de uma vez só. Solicitei ao garçom, um rapaz magricela que mais parecia uma caricatura falante, que nos servisse água e dois chuveiros. Taças grandes.

Isadora recusou o sorvete, mas tomou a água com vontade. Suspirou profundamente e me encarou com apreensão. Não lhe disse nada, mas suspeitei que a visita recebida por seu tio relacionasse-se com as providências que o Sr. Pope alegara estar tomando.

— Eu não entendo dessas coisas, Edmund. Mas vi como meu tio ficou preocupado. Estou com medo.

Segurei sua mão por cima da mesa, acariciando o dorso com o dedo e perguntei-lhe do que tinha medo. Isadora mordeu o lábio inferior e seus olhos se encheram de lágrimas. Percebi imediatamente que havia algo errado e insisti para que me contasse o real motivo de sua aflição. A italianinha gaguejou, mas não conseguiu evitar que suas emoções viessem à tona. Cobriu o rosto com as mãos para esconder as lágrimas. Esperei um instante antes de interpelá-la novamente. Isadora pareceu-me tão frágil e desprotegida! Desejei acalentá-la em um abraço bem forte.

— Vou lhe contar um segredo. Descubri há uma semana, mas ainda não tive coragem de dizer a Erick. — Disse-me ela com os lábios trêmulos e a voz embargada.

— Sabe que pode contar comigo.

— Estou grávida, Edmund. Grávida.

Naquele momento, desejei que o chão se abrisse sob meus pés e uma garganta de concreto me tragasse rapidamente, acabando com a agonia que me tomava o fôlego. Isadora percebeu a decepção que transfigurara meu rosto. Passei a mão pelos cabelos e comecei a respirar de forma ligeiramente descompassada. Perguntei se ela estava certa do que acabara de me dizer. Isadora fez que sim com a cabeça e tomou mais um gole de água. Ficamos calados por longos minutos. Eu não sabia como reagir. Isadora interrompeu o silêncio

contando-me ainda que sua tia, Helena Bonanova, estava ciente da gravidez e que a apoiava a fugir com o namorado mesmo assim. Subitamente, pedi-lhe que não contasse nada a Erick.

Aquela situação havia tomado proporções inimagináveis, Daniel. Tudo que desejei desde o início era que Isadora fosse minha. Apaixonara-me perdidamente desde o primeiro momento em que pus meus olhos nela. Mas ela engravidara do meu melhor amigo, um rapaz com grandes aspirações científicas e pouco senso de percepção da realidade que o cercava. Se assim não o fosse, Erick já teria se dado conta de que seu pai o tinha nas mãos. Disse-lhe que não sabia o que fazer, mas que iria ajudá-la. Pedi mais uma vez que não contasse nada a Erick, que me deixasse pensar um pouco na melhor forma de resolver a situação. Isadora concordou apaticamente. Estava abatida, com olheiras profundas e lábios ressequidos. Olhei a esmo para rua, através do vidro da janela da sorveteria, até me deparar com uma garotinha de cabelos castanhos, sorrindo para um ambulante que estava vendendo ursos de pelúcia em frente a uma floricultura. Um espasmo de ansiedade comprimiu meu coração.

VI

Nunca descobri como Vander Pope ficou sabendo da gravidez de Isadora. Naquela noite, recebi um bilhete por meio do qual Hiram solicitava minha presença em seu escritório, no centro da cidade, na primeira hora do dia seguinte. Havia chovido durante a madrugada e uma manta rociosa, como uma grinalda líquida, espalhava-se pela Avenida Cruzeiro do Sul. A umidade suspensa no ar penetrava em minhas narinas, impregnando-se em meu paletó e nos cabelos castanhos penteados sem muito cuidado. O centro comercial de Esplendor despertava sob um céu de purpurina dourada e uma atmosfera de cheiros e movimento começava a tomar forma. Saí sorrateiramente de casa para evitar perguntas sobre meu itinerário àquela hora da manhã. No bonde que tomei com destino à Praça Cívica, apenas outro passageiro me fez companhia. Um homem de meia-idade que ressonava tranquilamente, embolado em um banco nos fundos do vagão. O trajeto da Praça até o prédio onde se situava o escritório comercial de Hiram Vander Pope foi feito a pé. Caminhei a passos lentos, tentando absorver ao máximo minha inquietação e a desconfiança que brotara no momento em que recebi o bilhete de Hiram. A lerdeza de meus gestos não era sonolência, mas sim um presságio lóbrego e narcótico da conversa que teria com o pai de Erick.

Hiram estava sozinho em seu escritório na cobertura do edifício Valentino, cujo nome fora uma homenagem a Valentino Vander Pope, um dos patriarcas da família, já falecido. O prédio ainda está lá, porém, com a derrocada dos negócios da família, o edifício foi tomado pelo Banco para sanar dívidas e hoje está fechado para o mundo civilizado. O rol serve de abrigo para mendigos, cachorros de rua e entulhos da época de glórias vãs. Quando cheguei, Vander Pope entornava em um copo a última dose de uísque que ainda restava na garrafa. Ele havia afrouxado o colarinho e seus olhos

avermelhados e visivelmente cansados sugeriam que passara a noite em claro. Fez um gesto para que me sentasse e sorveu rapidamente a talagada de uísque. Acomodei-me em uma poltrona de assento aveludado e esperei que falasse alguma coisa. Hiram cruzou a sala, detendo-se diante de uma gigantesca pintura a óleo.

— Aposto que faria melhor do que isso — Empinou o queixo na direção do painel que cobria quase toda a parede. Uma pintura da Tecelagem Pope, incluindo o cenário à sua volta e o cadilac verdemusgo estacionado no pátio de entrada.

— Talvez, mas não acho que tenha me chamado até aqui para conversarmos sobre meus dotes artísticos. — Respondi-lhe, reparando no painel sem muito interesse.

— Tem razão Edmund. O que o traz aqui é muito mais importante que o seu passatempo. Chamei-o porque tenho a intenção de me valer de sua cumplicidade inabalável para com meu filho Erick. Afinal, você tem se mostrado um amigo exemplar, não é mesmo? — Suas últimas palavras me soaram irônicas e amargas.

— Não estou entendendo senhor...

— Estou dizendo que preciso de sua discrição para resolver o assunto que nos incomoda.

— Erick e Isadora? — Perguntei intrigado.

Vander Pope assentiu com a cabeça.

— Posso confiar em você Edmund?

— Certamente, mas na última vez em que nos falamos o senhor me disse que julgava melhor não me contar suas ações.

Hiram sorriu cinicamente.

— Acontece, meu rapaz, que percebi uma coisa muito importante.

— Fez uma pausa e caminhou até a escrivaninha — Percebi que sua motivação alicerça-se muito mais no sentimento que nutre pela pérapada, do que no suposto cuidado com a reputação de seu melhor amigo.

Se pudesse me olhar no espelho naquele momento, certamente teria visto o sangue correr de meu rosto. Vander Pope sorriu mais uma vez, pois percebera meu desconforto diante de sua afirmação.

— E não se incomode em refutar o que está escrito em sua testa.

Obviamente que tentei negar o que Hiram concluía, mas meus argumentos, balbuciados de forma desconexa, não fizeram o menor sentido. Vander Pope suspirou profundamente e cruzou os braços.

— Em nossa última conversa Edmund, você me disse que mulheres como Isadora podem desgraçar a vida de um homem. E foi aí que percebi o quanto você está arruinado. Nunca acreditei em suas intenções supostamente altruístas, e enxerguei a verdade ao olhar em seus olhos no momento em que me disse aquilo. Está apaixonado por ela e não medirá esforços para ter o que quer. Estou certo?

Não fui capaz de responder àquela pergunta. Abaixei a cabeça e segurei meu coração dentro do peito. Diante de minha inércia, Hiram continuou me bombardeando com suas conclusões certas, ainda que não soubesse dos detalhes que, a meu ver, me colocavam em uma posição totalmente injustificada. Disse-me que o fato de estar apaixonado pela italianinha fazia de mim um aliado precioso.

— Você levará um recado meu ao italiano. O pai da rameira. — Ela não é esse tipo de moça, senhor.

— Não conheço adjetivo mais adequado para qualificar uma moça que se entrega facilmente ao primeiro que aparece.

Estreitei os olhos e segurei meu ímpeto de retrucar.

Vander Pope sondou minha expressão e sorriu com zombaria.

— Você sabe de tudo não é?

— A que o senhor se refere?

Em um gesto de exaustão, Hiram socou a mesa e me encarou enervado.

— Estou me referindo ao bastardo que aquela golpista leva na

barriga!

Mal pude acreditar naquelas palavras, vociferadas com ódio e amargura, reflexos do orgulho ferido de um homem que desconhecia o significado da palavra escrúpulo.

— Como? — Hesitei meio abobalhado — Como o senhor descobriu isso?

— Aprenda de uma vez por todas Edmund. Eu sei de tudo o que se passa ao meu redor.

Encaramo-nos por um átimo e Vander Pope ordenou que eu atraísse Galeano até seu escritório para um encontro naquela noite.

Acrescentou que o tio de Isadora também deveria comparecer.

Perguntei-lhe sobre a visita que Benito Bonanova recebera em sua loja no dia anterior e que lhe rendera ameaças caso ele não pagasse a dívida que possuía com o Banco Mercantil. Vander Pope limitou-se a responder que existem muitas formas de se chegar ao mesmo resultado.

— Traga-os até aqui Edmund. Garanto que não vai se arrepender.

Cheguei à loja de tecidos ainda cedo e surpreendi o tio de Isadora destrancando o cadeado da grade que precedia a porta de entrada. Julguei melhor conversar primeiro com Benito Bonanova, utilizando-me de um subterfúgio ligado à fragilidade de sua situação financeira, do que abordar Galeano, pois não sabia como me apresentar e explicar-lhe quem eu era e que estava ali para conduzi-lo a um encontro com o pai do namorado de sua filha. Apresentei-me como secretário pessoal do poderoso empresário Hiram Vander Pope, e disse-lhe que meu chefe gostaria de tratar com ele sobre a loja de tecidos e uma possível aliança comercial. Benito reconheceu o nome rapidamente, mas estranhou minha abordagem. Eu estava apreensivo, pois sabia que Isadora poderia chegar a qualquer momento e me encontrar ali. Se isso acontecesse, meu engodo para com seu tio se dissolveria num piscar de olhos. O comerciante me perguntou intrigado o que um homem como Vander Pope teria para conversar com ele. Improvisei rapidamente dizendo que o Sr. Pope tomara conhecimento da pequena loja de tecidos por conta de sua esposa, Olga Maria, uma cliente assídua da Tecidos Bonanova. Ele

estava interessado em diversificar seus negócios e cogitava a hipótese de incluir a loja em um projeto ambicioso, mas que ainda se encontrava no plano das ideias. Os olhos de Benito cintilaram ao ouvir minhas palavras. O italiano tentou disfarçar, mas eu sabia que o vislumbre de uma solução para seus problemas financeiros começava a tomar forma em sua mente. Entreguei um bilhete com o endereço e o horário da reunião. Galeano surgiu do interior da loja e Benito nos apresentou, explicando ao mesmo o motivo da minha visita e dizendo-lhe quem havia me enviado.

— Vander Pope? — Galeano coçou o queixo e revirou os olhos. — Isadora, minha filha, está de namorico com um rapaz de mesmo sobrenome.

Engoli em seco e prendi a respiração.

— Erick Pope. Conhece? — Indagou-me o imigrante. — Sim, quero dizer — Pigarreei por um átimo — Erick é filho

do Sr.Pope.

Galeano resmungou algo que não compreendi.

Subitamente, percebi o que deveria fazer para realizar a tarefa

que me fora incumbida por Hiram e levar Galeano ao seu encontro naquela noite.

— Também é da vontade do Sr. Vander Pope que o pai de sua nora esteja presente à reunião de logo mais a noite.

— Mas você não havia me dito que Galeano fora convidado. —

Inquiriu-me Benito.

— Hiram Vander Pope gostaria de conversar com os senhores sobre diversos assuntos. Dentre eles, o futuro de Erick e Isadora. —

Apressei-me a completar, com medo de parecer inseguro de minhas palavras.

Galeano ofereceu-me um meio-sorriso, mas não me respondeu.

Benito observou-o de soslaio.

— Diga ao seu patrão que a reunião está marcada. — Declarou o

comerciante.

Solicitei a ambos que não comentassem nada com Isadora, pois Vander Pope estava planejando uma surpresa para o filho que incluía a namorada. Os irmãos assentiram. Saí da loja com náuseas que me impeliram a vomitar uma água rala em um beco mais adiante. Perguntei a mim mesmo onde havia aprendido a mentir daquele jeito.

Já passava da meia-noite quando os irmãos Bonanova deixaram o escritório de Hiram Vander Pope. Três capangas os conduziram até a saída do prédio. Eu estava à espreita do outro lado da rua e os vi se afastarem rapidamente até sumirem de meu campo de visão. Vander Pope não permitira minha presença durante o encontro. Assim que cheguei, ele ordenou aos seus lacaios que me mantivessem longe. Notei que Vander Pope não me tratava mais com a cordialidade de outrora. A maciez imprimida em suas palavras e gestos durante a conversa em que me pediu ajuda para intervir no relacionamento de seu filho com Isadora, parecia se esvaír à medida que nos aproximávamos do desfecho daquele rocambole de mentiras. Tentei falar com Hiram, mas fui expressamente proibido de subir até sua sala. Vander Pope dera ordens para não ser incomodado. Só me restava esperar então. Cabisbaixo e emocionalmente cansado, procurei por uma forma de anestésiar minha alma.

Um boteco parcamente iluminado e cujo funcionamento adentra a madrugada, serviu-me de parada nas horas que se seguiram. O dono do estabelecimento, um gorducho de cara amassada e olhos caídos, torceu o nariz quando me viu entrar. Relutou em me servir a primeira dose da bebida mais vagabunda que já tomei na vida. Retirei então algumas notas de dinheiro amassadas do bolso da calça e exigi que me servisse com regalo. E foi assim que tomei meu primeiro porre. Quando finalmente deixei a espelunca, os primeiros raios de sol despontavam no horizonte. Cambaleei até a casa de Isadora e o susto que tomei ao ver a cena que se desenrolava em frente à loja de tecidos forçou-me a recobrar um pouco do equilíbrio e sobriedade. Erick Pope estava estirado na calçada, contorcendo-se

como um animal ferido. Arregalei os olhos a tempo de presenciar um chute dado na boca de seu estômago. Giovanni Bonanova investiu contra meu amigo uma última vez antes que seu pai o segurasse pelos braços e o arrastasse para dentro do estabelecimento. O italiano cuspiu em Erick, lançando mão de seu idioma para ofendê-lo com xingamentos cuja entonação fora suficiente para entendermos o teor de suas palavras. Corri ao encontro de meu amigo. Ajoelhei-me ao seu lado e segurei sua cabeça. Ele havia sido espancado e supus que o motivo de tamanha violência era o que Isadora trazia no ventre. Estávamos ofegantes, trêmulos e assustados. Erick curvou-se em meu colo e tossiu ferozmente até cuspir um misto de sangue e saliva. Suas roupas estavam sujas, como se tivesse rolado no calçamento lamoso. Pedi que se apoiasse em mim e com grande esforço, considerando minha letargia em virtude do porre que havia tomado, consegui erguê-lo e arrastá-lo meio metro, apoiando-o em um poste. Toquei seu rosto com cuidado e Erick gemeu de dor. Um corte no lábio superior e escoriações por toda a face evidenciavam a intensidade da surra. Demorei alguns segundos para tomar uma atitude.

— Você precisa ver um médico.

— Me leve para casa Edmund. — Sussurrou ele entre um gemido e um acesso de tosse.

Tentei argumentar, mas Erick insistiu em ser levado para casa.

— O que veio fazer aqui tão cedo? — Perguntei-lhe.

Erick encarou-me com os olhos marejados e balbuciou simplesmente.

— Isadora está grávida.

Desviei o olhar e travei a mandíbula em um gesto involuntário de apreensão.

Ele repetiu.

— Ela está grávida.

Quis saber como ele descobrira e Erick me contou que Giovanni cuspira a notícia depois do primeiro soco.

— Havíamos combinado de nos encontrar ontem à noite, mas

Isadora não apareceu. Fiquei preocupado e resolvi procurar por ela.

— Ela está aí dentro?

— Não sei dizer. Ela não me respondeu. Giovanni me surpreendeu tentando abrir a janela de seu quarto.

— Você precisa aprender a brigar Erick.

Ele sorriu apaticamente e um filete de sangue escorreu de sua testa.

— Espere um pouco que vou ver se consigo um carro de passeio.

— Não vamos conseguir um carro há essa hora.

— Então teremos que pegar um bonde.

Erick apoiou-se em meu ombro e atravessamos a rua com dificuldade. Caminhamos alguns metros até o passeio da Avenida Don Pedro e tomamos o primeiro bonde que encontramos. Trocamos de linha duas vezes até chegarmos ao Largo das Mansões. O condutor do primeiro bonde nos fez perguntas indiscretas e ainda se meteu a nos dar conselhos sobre noitadas que acabam na sarjeta. À medida que o tempo passava, Erick se deixava absorver pelo que se passava em sua mente, absorto em caminhos mentais que o levavam a uma única direção. Quando chegamos ao palacete, ele indicou uma entrada discreta, adjacente à garagem. Empurramos um estreito portão que se encontrava destrancado e contornamos o jardim até a área de serviço. Lacrimosa estava sentada junto à mesa da cozinha e quando nos viu entrar arregalou os olhos e levou as mãos à boca. Erick refestelou-se na primeira cadeira à sua frente.

— Vá Edmund. Vá atrás dela e descubra o que está acontecendo.

Argumentei que não iria abandoná-lo naquele estado, mas

Lacrimosa encarregou-se rapidamente de cuidar dele.

— Vou ficar bem.

Lacrimosa já havia começado a limpar suas feridas e não parava de nos perguntar o que havia acontecido. Erick, contudo, ignorou seus questionamentos e voltou a me pedir que fosse atrás de Isadora.

— Nossa viagem é daqui a três dias. Por favor, me traga notícias.

Um sentimento de profunda exaustão começava a tomar conta de mim. Despedi-me rapidamente e voltei meus esforços para encontrar Isadora.

VII

Viver uma vida de arrependimentos é morrer um pouco a cada dia. Certa vez, quando ainda éramos muito jovens e nos permitíamos sonhar acordados, Erick me perguntou para onde eu iria se pudesse voltar no tempo. Acho que não seria capaz de responder a essa pergunta se a mesma me fosse feita hoje, e caso fosse possível voltar atrás e fazer um novo começo, eu provavelmente anularia toda a minha existência. Há tempos que deixei de desejar um novo fim.

Isadora foi levada para um convento nas proximidades de Esplendor na noite em que tomei meu primeiro porre. Procurei por ela em sua casa naquela manhã, mas a loja estava fechada. Depois de muito gritar e bater na porta, uma mulher apareceu em uma das janelas do segundo andar e me pediu calma. Ouvi um barulho de movimentação no interior da loja e minutos depois a porta dos fundos se abriu. Helena Bonanova estava aflita e não me convidou para entrar. Explicou-me rapidamente que estava sozinha, pois seu marido havia ido ao Banco para tratar da dívida que estava sendo cobrada. Disse-me ainda que se lembrava de mim, pois me vira conversando com Benito na manhã anterior.

— O que você quer?

— Gostaria de falar com Isadora. É importante...

Helena engoliu em seco e percebi apreensão em seu olhar. — Isadora não está aqui. Eles se foram.

Balancei a cabeça negativamente.

— Onde posso encontrá-la?

A mulher mordeu o lábio inferior, mas não me respondeu.

Insisti para que me dissesse onde estavam todos, mas ela se recusou, pois não sabia se podia confiar em mim. Expliquei então que Erick me enviara para saber notícias de Isadora. Ao ouvir o

nome de Erick Pope, lágrimas precipitaram de seus olhos amendoados.

— Eles a levaram de madrugada.

— Quem a levou? E para onde?

— Já passava da meia-noite quando Benito e Galeano chegaram

da rua. Galeano obrigou a filha fazer a mala rapidamente e ambos saíram levando Isadora. Não me deram explicações e quando voltaram não estavam mais com ela.

Faltou-me voz por alguns segundos. A intuição sussurrou em meus ouvidos, num augúrio lamuriante, advertindo-me do que estava por vir.

— E onde está Galeano? — Perguntei finalmente.

— Foi embora. Partiu com o filho pouco depois da briga. Coitado

daquele rapaz...

Desejei que nada daquilo fizesse sentido, mas intimamente eu sabia que tudo estava diretamente relacionado ao encontro entre Hiram Vander Pope e o imigrante italiano. Assenti silenciosamente e saí dali trocando as pernas. Descobri mais tarde que Hiram Vander Pope, em uma conversa extremamente intimidante, revelou a gravidez da filha a Galeano e em um só golpe, ameaçou valer-se de seus tentáculos de influência em todos os campos da sociedade Esplendoreense para aniquilar a loja de tecidos e varrer da história da cidade aquela família de apátridas ignorantes. Não foi difícil convencer Benito a entregar a sobrinha em troca de sua saúde financeira e da conservação do pouco que construía em seus anos de labuta em prol de um alicerce que lhe garantisse dignidade. Galeano, por sua vez, suplantou rapidamente o abalo inicial causado pela revelação de que sua filha, de apenas dezesseis anos, havia engravidado e por isso se perdera para o mundo. Ao perceber que Isadora jamais conseguiria infiltrar-se no seio daquela família de ricos ignóbeis, o mesmo resolveu tirar proveito da situação, mostrando-se menos

estúpido do que parecia ser. O italiano exigiu dinheiro para sumir do mapa e permitir que Hiram levasse adiante o plano de internar Isadora em um convento durante a gestação. De acordo com o mesmo, a criança seria entregue para adoção após o nascimento, e tudo seria engendrado para que ninguém descobrisse sua origem. Vander Pope ficou satisfeito ao perceber que o pai de Isadora poderia ser facilmente comprado por uma quantia que não lhe faria a menor falta. Maquinaram o plano e Vander Pope exigiu que a italianinha fosse levada até ele naquela mesma noite. Os irmãos volta-ram para casa e acordaram Isadora. Galeano a esbofeteou sem maiores explicações e lhe deu meia hora para arrumar a mala. Isadora tremia e se perguntava o que iria fazer. Helena quis ajudá-la, mas Benito não permitiu interferências.

Naquela madrugada, Isadora foi levada ao escritório de Hiram Vander Pope, mas ao contrário do que esperavam todos, o mesmo munira-se de uma doçura maquiavélica a fim de que a moça se sentisse minimamente confortável em sua presença. Vestindo uma máscara de desolação por conta dos acontecimentos, Hiram argumentou que seu filho Erick era um jovem apaixonado pela vida e pelos sonhos que cultivava em seu coração. Contudo, a ingenuidade que lhe permitia sonhar com um mundo em que um rapaz como ele pudesse se casar com uma moça como ela minava-lhe o juízo, e o resultado de tamanha imprudência jazia agora no ventre de uma garota de dezesseis anos cuja beleza resplendorosa não seria suficiente para manter abertas as portas de uma sociedade implacável. Àquela altura, Isadora já não era capaz de conter o pranto e não havia forças naquele rosto de traços delicados para suportar tamanha pressão. Hiram argumentou que sua gravidez destruiria o futuro de Erick, esmigalhando aspirações de uma vida inteira.

Você está perdida para o mundo e seu pai não lhe estenderá a mão. Ouça o que eu digo. Você não tem escolha. — Afirmou-lhe ele com uma delicadeza perversa. — A não ser que você queira renunciar a essa criança.

Vander Pope propusera a Isadora dois caminhos, mas nenhum deles levava a Erick. Ela poderia recorrer a um aborto imediato e prosseguir com sua vida, renunciando a Erick e aos planos que fizeram juntos. Isadora arregalou os olhos e renegou veementemente a hipótese de se desfazer do filho, como quem se desfaz de um objeto qualquer. Hiram fingiu compreender o instinto maternal que aflorara da italianinha e, aproveitando-se ainda mais de sua fragilidade, ofereceu-lhe uma segunda opção.

Erick jamais a perdoará por tê-lo desviado de seu caminho, privando-lhe de um futuro de conquistas e realizações em prol de um filho que ele não deseja. Ele não é capaz de abandoná-la, mas saiba que se ficarem juntos, meu filho estará apenas cumprindo um papel. Você o verá definhando lentamente, arrastando-se por um cotidiano de arrependimentos. Com o tempo, ele depositará suas frustrações no filho que carrega e seu coração será tomado pela amargura típica daqueles cujos sonhos jamais saíram do plano das ideias. Mas você pode escolher Isadora. Se realmente está disposta a levar essa gravidez até o fim, eu não lhe abandonarei. Seu pai não lhe quer mais. Ele não vai assumir uma filha que se perdeu. Por isso, você será enviada aos cuidados das freiras do convento de Santa Rita de Cássia e lá poderá ter seu filho em paz. Depois do nascimento, eu cuidarei de vocês dois. Contudo, vou precisar de algo em troca.

VIII

Isadora deixou-se levar pela covardia labiosa de um homem que jamais pensou em considerar que seu sangue também corria nas veias daquela criança indesejada. A italianinha concordou em escrever uma carta por meio da qual a mesma rompia o relacionamento com Erick, pedindo para que o mesmo não a procurasse novamente. Coube-me a desprezível tarefa de entregar a carta ao destinatário.

Erick encontrava-se acamado e faltavam apenas dois dias para sua viagem à capital, onde embarcaria em um navio com destino ao velho continente. A surra que levava de Giovanni rendera-lhe uma costela trincada e por isso o médico recomendara repouso absoluto. Quando seu pai me incumbira da tortuosa tarefa de ser o portador da carta que lhe causaria uma profunda desilusão, ele não me contara o plano em suas minúcias. Disse-me apenas que Galeano Bonanova renegara a gravidez da filha e a expulsara de casa. Diante da atitude do pai, coube a ele estender a mão à pobre moça, cuidando para que a mesma tivesse uma gestação tranquila e saudável. Contou-me que Isadora concordara de bom grado com a ida para o convento de Santa Rita de Cássia, uma vez que seu pai lhe virara as costas e a mesma não tinha a intenção de obrigar Erick a assumi-la, pois sabia que tal atitude lhe custaria o futuro que o mesmo planejava para si. Assumi tudo aquilo como verdade absoluta, pois eu não havia deixado de desejá-la, mesmo sabendo que a mulher que eu amava estava grávida de meu melhor amigo.

Menti ao entregar-lhe aquele envelope lacrado, dizendo que me encontrara pessoalmente com Isadora e que ouvira de sua boca todas as afirmações escritas naquelas poucas linhas.

Erick, Escrevo-lhe para pedir que me esqueça. Esqueça tudo o que vivemos, pois somos jovens demais para depositarmos nossas vidas nas mãos um do outro. Não há futuro para nós. Vá viver sua vida e me deixe viver a minha. Isadora B.

Erick releu aquelas linhas inúmeras vezes antes de dizer qualquer coisa. Ainda me lembro da profundidade de seu olhar, tragando a dor que brotava de palavras trêmulas. Ele não acreditou de imediato na veracidade de um rompimento aparentemente imotivado. Quis saber como havia sido nossa conversa e o que a teria levado a lhe enviar uma carta como aquela. Erick fez menção de se levantar da cama para ir ao encontro de Isadora, mas a dor no corpo retesava seus movimentos, minando-lhe as forças. Tentei ajudá-lo e o acompanhei até a loja de tecidos. Eu sabia que ele não encontraria quem procurava, mas não me atrevi a lhe contar a verdade. Não queria que soubesse onde Isadora se encontrava. No caminho, Erick me relatou em detalhes a última conversa que tivera com Hiram. De acordo com ele, seu pai lhe revelara que conhecia os meandros de seu relacionamento com a italianinha, pois seus capangas o vigiavam constante. Questionado pelo filho sobre a gravidez de Isadora, Vander Pope argumentou que tudo não passava de um arдил entre pai e filha para ludibriar o herdeiro de uma das mais abastadas famílias de Esplendor. Hiram afirmou, com invejada veemência, que conversou com Galeano e que este lhe pediu dinheiro para afastar sua filha de Erick. Acrescentou que Isadora também estivera em seu escritório para uma conversa regada a insinuações e ironias. Hiram ofereceu-lhe uma boa quantia em dinheiro e ela confessou que a gravidez era falsa.

Ela está mentindo meu filho. Mentindo sobre tudo. Sua intenção era mesmo a de engravidar, pois desse modo poderiam forçar um

vínculo com nossa família, mas como não aconteceu, Isadora e o pai estão exigindo dinheiro para lhe deixarem em paz.

Erick recusou-se a acreditar nas alegações de Vander Pope. Por esse motivo é que Hiram me pediu para interferir diretamente, pois Erick jamais duvidara da legitimidade de nossa amizade. Ele não imaginava o papel que eu estava desempenhando por detrás daquela postura de amigo fiel. Vander Pope resolveu tirar proveito da pureza do filho, julgando que se a carta de Isadora chegasse até ele pelas mãos de seu único amigo, o mesmo acabaria se rendendo. Erick acreditaria naquele embrulho tortuoso, ainda que em um primeiro momento o mesmo lhe parecesse absurdo.

Benito nos informou que Galeano e os filhos haviam partido naquela manhã. Erick insistiu em saber o paradeiro de Isadora, mas o italiano não quis se prolongar. Disse-nos que o irmão aparecera com uma grande quantia em dinheiro e que os três fizeram as malas e partiram sem maiores explicações. Bateu a porta na nossa cara e não mais atendeu aos chamados de Erick. Benito fizera exatamente o que foi combinado entre ele e Hiram Vander Pope, mas percebi em sua voz um rastro de arrependimento como se tudo o que desejasse fosse voltar no tempo e evitar que seu irmão e a família viessem para o Brasil.

Erick me encarou com um misto de aflição e incredulidade, seus olhos angustiados buscando em mim uma resposta que pudesse lhe arrancar do peito o sentimento de profunda opressão que desfigurava suas feições. Naquele instante, foi-me dada a oportunidade de redenção. Subitamente me dei conta de que estava jogando com o destino de duas pessoas de inegável importância para mim. Isadora havia se tornado uma obsessão que consumia meus pensamentos dia e noite. Bastavam poucas palavras para sedimentar o fim do relacionamento entre Erick Pope e Isadora Bonanova. Pestanejei e uma sequidão retesou minha voz. O coração disparado retumbava dentro do peito, pois sabia que aquele momento era decisivo e único. Inspirei profundamente e forcei-me

a prosseguir. Eu não desistiria de meu objetivo, mesmo sabendo que Isadora perdera-se nos braços de meu melhor amigo. Erick ouviu de minha boca, de forma pausada e pesarosa, que Isadora me confessara todo o esquema arquitetado para ludibriá-lo. Disse-lhe que mal pude repreendê-la como merecia tamanha minha decepção ao vê-la desdenhar de tudo o que aconteceu entre eles. Lágrimas brotaram de seus pequenos olhos esverdeados e Erick travou o maxilar em uma tentativa de controlar suas reações. Sibilou que o deixasse em paz.

Voltarei para casa Edmund. Sozinho.

IX

Quando me lembro do passado, pergunto-me como fui capaz de tamanha dissimulação. Jamais agi daquela maneira novamente, pelo menos não até Juliana aparecer em nossas vidas. Isadora ameaçou se matar caso eu não concordasse em aceitar a menina em nossa casa. Ela realmente acreditava que Juliana era a filha que tivera com Erick. A doença manifestara-se brutalmente, distorcendo a realidade de tal forma que Isadora não se dava conta do interregno que nos separava do passado.

Assim que meu amigo viajou para a Capital, descobri o endereço do convento onde a italianinha fora colocada e parti ao seu encontro. O convento de Santa Rita de Cássia fora erguido ao pé de uma encosta. Uma construção de pedra em estilo renascentista originalmente utilizada como residência de uma família de nobres europeus, cuja ascendência fincara raízes no país nos tempos áureos do Brasil império. Portas e janelas de jacarandá, com dobraduras e puxadores forjados em ferro inglês. Um imenso vitral austríaco fracionado em quatro partes peneirava a luz que inundava o átrio desnudo de móveis e adornos. Uma conventual confinada em um hábito que parecia sufocá-la recebeu-me na porta, mas não permitiu minha entrada de imediato. Argumentei falsamente que fora enviado por Hiram Vander Pope, um benfeitor cuja fama precedia o nome e que havia acabado de doar à instituição uma generosa quantia em dinheiro para que a mesma abrisse Isadora em suas dependências com total discricção. A interna me deixou esperando no átrio por quase meia-hora, e quando retornou estava acompanhada da madre superiora. Uma mulher macilenta, de grande estatura e profundos vincos na testa. Era cega de um dos olhos. A senhora inquiriu-me secamente e com evidente desconfiança a respeito de minhas reais intenções na visita requisitada. Inspirei profundamente e afirmei que Vander Pope enviara-me para conversar

com Isadora e certificar-me das condições de sua instalação, e também para dar-lhe uma notícia importante. A madre me esquadrinhou dos pés à cabeça enquanto decidia se acreditava ou não em mim. Por fim, me pediu para segui-la em silêncio. Atravessamos um salão no qual se encontrava um cadeiral monástico e um grande retábulo em mármore Carrara, encerrando painéis em baixo-relevo no altar-mor. Percorremos um corredor adjacente ao pequeno claustro, demarcado por arcadas cujos pilares de sustentação traziam em suas bases o mesmo acabamento marmóreo utilizado em outros ambientes da construção. A madre caminhava à minha frente, arrastando a indumentária que parecia ter vida própria. Ao final do corredor, dobramos à esquerda e entramos em uma saleta pouco iluminada. Havia uma escada em espiral no centro do cômodo e um crucifixo pendurado em umas das paredes. Minguados feixes de luz esfaqueavam o ambiente e podíamos enxergar a poeira suspensa no ar. Um corredor estreito nos aguardava após o último degrau. Antes de destrancar a porta do quarto onde Isadora fora alojada, a madre superiora encarou-me com firmeza e me disse que esperaria ao pé da escada.

— Seja breve e mantenha a porta aberta.

— Porque a estão mantendo trancafiada? — Perguntei intrigado. — Devemos isolar a maça podre para que não estrague as

demaís.

Dizendo isso, a senhora se afastou e pude ouvir o farfalhar do molho de chaves pendurado junto à cintura à medida que descia o caracol escalado. Abri a porta lentamente e o rangido das dobradiças enferrujadas denunciou minha presença. Isadora estava sentada em uma cadeira de metal e segurava um objeto que não distingui de imediato. O mobiliário do catre resumia-se a uma cama estreita, uma cômoda de madeira escura, a cadeira onde se encontrava e uma tina com água. Havia uma janela gradeada e uma cortina puída com uma estampa floral bastante desbotada. Quando me viu, sorriu placidamente e foi como se uma lança afiada atravessasse meu

coração. Uma dor aguda inundou meu peito. Aproximei-me e distingui uma boneca de louça em seu colo. Isadora passou a mão pelos cabelos negros da boneca e sorriu novamente. Profundas olheiras margeavam seus olhos. Haviam se passado quatro dias desde que chegara àquele lugar, mas a melancolia que a envolvia sugeria muito mais tempo.

Os sintomas da psicose manifestaram-se já nos primeiros dias de estadia no convento. Durante aquele encontro, Isadora demonstrou uma profunda apatia e não perguntou por Erick sequer uma vez. Era como se estivesse alheia à realidade que a cercava e aos motivos que a levaram até lá. Ela apenas sorria e meneava a cabeça positivamente para tudo que eu lhe dizia. Na ocasião, julguei apenas que estivesse anestesiada emocionalmente, preferindo guardar para si a desilusão que lhe afogava a alma em um mar de sentimentos revoltos. Ficamos pouco tempo juntos, mas prometi que a visitaria sempre que possível. Contei-lhe que seu pai e irmão haviam deixado Esplendor e que, aparentemente, ninguém tinha conhecimento do paradeiro deles. Sua tia Helena mandara lembranças e disse que iria vê-la, mas Benito mantinha-se relutante em aceitar o desenrolar dos acontecimentos que quase lhe custaram o resultado de uma vida inteira de trabalho.

Vander Pope e Olga Maria viajaram para o Rio de Janeiro junta - mente com Erick, a fim de acompanhá-lo até o porto. Hiram recusou-se a me dizer para onde Isadora havia sido levada. De acordo com o mesmo, a paixão que me consumia tornava-me um aliado precioso, mas de confiabilidade volátil. Exigi que me dissesse o que fizera com ela, mas Vander Pope insistia em me manter na ignorância.

— Espere até Erick estar cruzando o atlântico Edmund. Quando eu voltar do Rio de Janeiro, conto-lhe tudo.

Mas eu não fui capaz de aguardar um dia sequer. Procurei pelos Bonanova em uma manhã nebulosa na esperança de que Benito

pudesse me contar o que desejava saber. Entretanto, o homem se recusou a falar comigo. Helena, por sua vez, recebeu-me na porta dos fundos com certo receio e me disse que seu marido lhe contara toda a história. Isadora havia sido enviada ao Convento de Santa Rita de Cássia e lá permaneceria durante os meses de gestação.

A pobre menina foi persuadida a acreditar que lhe deixarão ficar com a criança. Ela não tem ideia do que a espera...

Vander Pope planejava entregar o neto para adoção, apagando assim qualquer rastro que pudesse atrelar o bastardo ao sobrenome de que tanto se orgulhava. Percebi genuína angústia nas palavras de Helena. Seus olhos amendoados estavam marejados de lágrimas. Enquanto conversávamos, a mulher esfregava as mãos uma contra a outra sem cessar. Expliquei-lhe que minhas intenções para com Isadora eram as melhores possíveis. Eu queria ajudá-la já que o homem que a engravidara não se mostrou disposto a assumir as consequências de seus arroubos. Pelo menos era essa a ideia que Hiram passara do filho a todos os envolvidos. Helena pediu para dizer à sobrinha que ela não a abandonaria. Que estava maquinando um jeito de ajudá-la, amolecendo o coração de Benito a fim de que o mesmo concordasse em receber a jovem novamente em casa.

Isadora me perguntou o que eu estava fazendo ali. Surpreendime com a pergunta, já que estar ao lado dela era para mim algo natural e necessário. Respondi-lhe que, ao contrário de Erick, eu não a deixaria à mercê da própria sorte. Pedi que confiasse em mim. Isadora me encarou com olhos vazios. Aproximei-me dela uma última vez e toquei seu rosto com o dorso da mão. Subitamente a italianinha me segurou pelo braço e suplicou baixinho.

— Não vá embora. Por favor...

Naquele instante tive a certeza de que jamais nos separaríamos. Ajoelhei-me à sua frente e beijei suas mãos com delicadeza. — Prometo a você que volto. Prometo a você.

X

Ao voltar de viagem, Vander Pope requisitou minha presença em seu escritório. Disse-me que já havia tomado conhecimento de minhas ações e que, ao contrário do que eu pudesse estar supondo, ele não se opunha ao meu intento de me aproximar de Isadora.

Não sou seu pai, mas conheço-o o suficiente para saber que Shume assumiria semelhante postura caso soubesse das intenções do filho. Ele jamais permitiria que alguém de sua família se envolvesse com uma moça de origem tão equivocada. Contudo, suas traquinices não me dizem respeito. Só lhe peço uma coisa Edmund, aconteça o que acontecer, nunca revele a ninguém os pormenores do segredo que partilhamos. Erick não deve saber nunca que a italiana estava mesmo grávida.

Eu a visitava todas as semanas, tendo Helena como companhia em algumas ocasiões. Valendo-se mais uma vez da influência sedimentada pela fortuna que lhe abria portas, Hiram intercedera junto à direção do convento a fim de que não houvesse oposição aos nossos encontros. Contudo, não nos era permitido muito tempo. Isadora era mantida trancada em seu quarto e vez por outra um médico a visitava. Uma freira sexagenária fora designada para cuidar dela e lhe fazer companhia em rápidas caminhadas noturnas, após o horário de recolhimento das internas mais jovens. A italianinha era considerada um estorvo ao bom funcionamento da instituição, além de um péssimo exemplo para as noviças. Por esse motivo é que fora instalada o mais longe possível das dependências noviciarias.

Nos encontros seguintes, Isadora assumira uma postura de alienação e distanciamento. Observava-a pairar os olhos em um ponto fixo qualquer e não se distrair com mais nada. Limitava-se a responder minhas perguntas e a brincar com a boneca. Mas a primeira vez em que realmente me assustei com seu

comportamento, foi quando ela me chamou de Erick. Chegara ao convento em uma tarde de sábado, para mais uma visita de meia hora. Assim que abri a porta do quarto, Isadora correu ao meu encontro e me abraçou fortemente.

— Eu tinha certeza de que você não me deixaria Erick — Afirmou-me ela olhando fixamente em meus olhos.

Um calafrio percorreu minha espinha. Beijou-me em seguida. Um beijo demorado e sôfrego. Isadora estava exultante. Tocou meu rosto com as mãos, contornando meus lábios com a ponta dos dedos. Sentamo-nos em sua cama e ela conduziu minha mão direita até sua barriga. Eu não compreendia sua atitude, mas resolvi não contrariá-la.

— Nosso bebê será uma menina. Uma menina linda meu amor!

Linda como Juliana.

— Juliana?

— A boneca. Dei-lhe o nome de minha mãe. E nossa filha tam-

bém se chamará Juliana. O que acha?

Concordei em silêncio, certo de que ela não estava em seu juízo perfeito.

Em uma de nossas conversas, Isadora me contou que a boneca de porcelana fora presente de sua mãe, Juliana Bonanova. A única lembrança que restava dela. Após sua morte, Isadora escondera a boneca do pai para evitar que o mesmo a vendesse ou trocasse por algo que julgasse mais útil.

Fui procurar por Helena assim que saí do convento. Sentamo-nos nos degraus da escada de incêndio anexa ao prédio da loja e a mesma me disse que visitara a sobrinha dias antes e que Isadora demonstrara desequilíbrio mental. Perguntou-lhe onde estava sua mãe e lhe pediu para dizer às freiras que não queria mais tomar banho. Helena conver- sou com a freira encarregada de ajudá-la e a

mesma lhe confessou que Isadora estava se comportando de forma pouco ortodoxa.

Ela não quer mais tomar banho. Não nos deixa tocar em sua barriga e vive dizendo que está esperando a visita da mãe.

Isadora já se encontrava no quarto mês de gestação. Helena e eu éramos as únicas pessoas no mundo a nos preocupar com o seu bem-estar e com o futuro da criança. Por esse motivo é que nos aproximamos o suficiente para confiarmos plenamente um no outro quando o assunto era Isadora. Helena nutria pela sobrinha um sentimento maternal e estava lutando para convencer o marido a aceitá-la em sua casa após o parto. Benito Bonanova não era má pessoa, mas como a maioria dos homens de sua época e origem, ele não aceitava muito bem os fatos. O Banco Mercantil, em atendimento a um pedido torpe de Hiram Vander Pope, ameaçara tomar-lhe a loja de tecidos, e ainda que Benito desconhecesse o agente que orquestrara a manobra, o italiano ressentia-se com a sobrinha por acreditar que sua atitude leviana desencadeara uma sucessão de desgraças na família. Helena cogitava a hipótese de assumir a criança como sua.

— Estou tentando convencê-lo a receber Isadora em casa novamente. Mas não posso permitir que a criança seja entregue para adoção. Isadora não suportará uma coisa dessas Edmund.

— O que está acontecendo com ela? — Perguntei-lhe esperançoso de que Helena me dissesse que tudo não passava de um colapso emocional.

Helena juntou as mãos à cima da boca e arqueou as sobrancelhas.

— Preciso lhe contar uma coisa. — Disse-me depois de um suspiro.

— O que é? Por favor, não me esconda nada.

— Estive conversando com Benito a esse respeito e ele me contou

que a mãe de Isadora também sofria de perturbação mental. Não consegui evitar a surpresa que gelou meu sangue. — Entenda —

Helena segurou minha mão com firmeza — Não

estou dizendo que Isadora está doente ou que herdou os mesmos problemas psicológicos da mãe. Mas não podemos negar que ela está perturbada.

— Isso é assustador. — Balbuciei.

Helena meneou a cabeça e desviou os olhos para o lado. Não queria demonstrar fraqueza, mesmo não sendo capaz de conter as lágrimas. Depois de um instante, ela se virou para mim e questionou meu envolvimento com Isadora.

— Você é só um garoto Edmund. Não tem obrigação de suportar tudo isso. Porque está se envolvendo tanto nessa história? Sorri apaticamente e não fui capaz de responder-lhe com franqueza. Disse-lhe apenas que Isadora se tornara a razão de meus dias desde que a vi pela primeira vez.

— Acho que amadureci uma década nos últimos meses.

— Não sei o que é amar assim Edmund. Não me entenda mal, sou feliz com Benito, mas não conheço esse tipo de amor que você diz sentir. — Helena segurou minha mão com delicadeza.

— Talvez seja melhor que não saiba Helena. Amar desse jeito é morrer um pouco a cada dia.

Isadora continuou a demonstrar o mesmo comportamento distorcido durante os meses que se seguiram. Ela não deixava que as freiras a tocassem, pois tinha medo de que abrissem sua barriga e lhe tomassem o bebê, e vez por outra reagia com violência. Certo dia, levei para ela um caderno e um estojo com lápis e giz de cera. Helena julgou ser uma boa ideia, pois Isadora precisava se distrair. Eu tinha a esperança de que ela pudesse expressar seus sentimentos na forma de desenhos ou talvez transformar o caderno em um diário, exteriorizando a magoa que a perturbava. Mas Isadora nos surpreendeu mais uma vez, ao rabiscar a parede ao lado de sua cama, desenhando bonecos por toda a parede, rostos

arredondados, e cruzeiros no lugar da boca e dos olhos. Se chegássemos mais perto, percebíamos que os primeiros rabiscos eram nomes. Isadora escrevera os nomes dos membros de sua família, de Benito e Helena, de Erick e eu. Seu nome também fora rabiscado em diversos pontos da parede. Depois, ela cobriu a maioria dos nomes com desenhos de bonecos. A mãe superiora me contou que Isadora conversava sozinha e quando lhe perguntavam com quem ela falava, a mesma dizia que estava conversando com mãe.

Vocês não estão vendo?! É minha mãe. Está aqui para me proteger e vocês não vão conseguir tirar o bebê de mim.

Viajei para o Rio de Janeiro à procura de ajuda médica. Levava comigo o endereço de um consultório psiquiátrico localizado em Botafogo nas proximidades do que era conhecido como Hospício Nacional dos Alienados. O médico, indicação de um amigo da escola cujo avô fora vítima de uma doença degenerativa, recebeu-me com ceticismo, pois me achava jovem demais para ser protagonista da história que lhe relatei brevemente por telefone dias antes.

— E você é o responsável por essa moça? — Perguntou-me após o término de meu resumo inicial.

— Se o senhor quer saber se sou o pai da criança, adianto que não sou o responsável. Mas estou irremediavelmente ligado à moça que me trouxe até aqui.

Joaquim Nazário Neves lançou-me um olhar circunspecto e exigiu maiores detalhes sobre o comportamento de Isadora e a sucessão de fatos que a colocaram em tal estado. Tratava-se de um homem de meia-idade que ostentava um vasto bigode e uma barriga proeminente. Não pude deixar de reparar no relógio de bolso que trazia nas mãos quando me recebeu, pois sua atenção dirigia-se ao objeto a cada cinco minutos de conversa. Eu já estava preparado para lhe fornecer detalhes de relevante importância, sem, contudo, mencionar o verdadeiro papel que desempenhara nos bastidores

daquela tragédia folhetinesca. Sentia-me profundamente envergonhado por ter sido maestro de tamanha dissimulação. A leviandade de meu caráter corroia-me ferozmente a cada vez que me encontrava com Isadora e enxergava a loucura refletida em seus olhos abatidos e vazios. Expliquei-lhe pausadamente que as perturbações da italianinha começaram já nos primeiros dias de exílio conventual e que no último mês seu comportamento tornara-se agressivo e arredio. Mencionei também a doença da mãe. Ao final de meu relato, o Dr. Neves explicou que não seria prudente tecer suposições sem antes examinar Isadora. Concordei prontamente e me comprometi a arcar com todas as despesas relativas à viagem do mesmo. Ele titubeou, mas acabou concordando em me acompanhar de volta a Esplendor.

O médico passou uma tarde no convento na companhia de Isadora, observando seu comportamento e conversando com ela. Por fim, chegou à conclusão de que Isadora poderia estar sofrendo de um colapso nervoso causado pela sucessão de infortúnios sofridos e cujo ápice consistia em ter sido abandonada pelo rapaz que tanto amava e a quem confiou sua honra. De acordo com ele, as alucinações referentes à mãe não passavam de uma espécie de subterfúgio, um porto seguro que a italianinha criara para se proteger da magoa que carregava. Ela não deveria ser contrariada, pois poderia colocar em risco sua saúde e a vida do filho. Infelizmente, não era possível ministrá-lhe calmantes por conta da gravidez. Recomendou repouso e me disse que não havia muito a ser feito no momento. Deveríamos esperar até o nascimento da criança.

XI

Isadora Bonanova deu a luz a uma menina, seis meses após a partida de Erick para Portugal.

Dias antes eu havia recebido uma carta de meu amigo, um breve relato de sua nova vida e da experiência acadêmica em seus desdobramentos iniciais. Erick mencionara Isadora ao final da carta, dizendo que ainda não havia superado a desilusão sofrida e que lhe custara muito acreditar que a mesma mancomunara-se com o pai a fim de infringir-lhe um golpe. Enviei-lhe um telegrama, no qual afirmava secamente não ter notícias da italianinha.

Por insistência de meu pai, viajei com este para o Rio de Janeiro com o objetivo de me matricular em um curso de Direito. Álbano Hans Shume batera o martelo quanto à carreira profissional de seu único filho a tempo suficiente para que não houvesse controvérsias. Evidente que minhas aspirações pessoais não lhe importavam, e naquela época eu não tinha ânimo para engendrar uma batalha de egos e insurgir-me contra ele para defender o que realmente me interessava. Meu fôlego e esforços estavam voltados para Isadora. Há muito que não desenhava e minhas aspirações foram relegadas a um plano desconhecido. Portanto, eu não me encontrava em Esplendor na noite em tudo aconteceu.

Isadora acordara no meio da madrugada, suando frio e chamando pela mãe. Os bonecos que rabiscara na parede ganharam vida, graças a sua mente perturbada. Eles investiam contra ela, sorrindo com escárnio e lhe xingando de vagabunda. Uma dor excruciante causava tremeres. Com muito esforço, conseguiu erguer-se da cama e apoiar-se na cômoda abaixo da janela. Afastou as cortinas e urrou para o mundo lá fora. Seus gritos ribombaram através da escuridão noturna, carregados pela brisa úmida que se desfazia em gotículas de orvalho sobre o parapeito das janelas cerradas. Isadora

urrava para que os bonecos a deixassem em paz. A freira que dormia no quarto ao lado despertou sobressaltada e disparou cambaleando ao encontro da italianinha. Encontrou-a envergada sobre a cômoda, um líquido viscoso escorrendo de suas pernas. Tentou ampará-la, insistindo para que se deitasse e respirasse profundamente, mas ela não deixou que a tocasse. Isadora enxergou cruces no lugar dos olhos e da boca da pobre mulher. Em um acesso de ira a italianinha desvencilhou-se da freira, empurrando-a violentamente contra uma cadeira. Isadora bramiu que não se aproximassem, pois ela não permitiria que lhe tirassem o bebê. Depois, disparou para fora do quarto, segurando a barriga na penumbra do corredor até o topo da escada em caracol. Uma vertigem roubou-lhe a respiração por um átimo, turvando sua visão. Os joelhos vacilaram e Isadora pisou em falso.

Recebi o recado enviado por Helena assim que cheguei de viagem. Corri para o hospital e encontrei Isadora desacordada. Havia perdido muito sangue e os médicos ainda não sabiam se a mesma conseguiria sobreviver, mas caso conseguisse, jamais poderia engravidar novamente. A queda da escada lhe rendera um corte profundo na testa, uma pancada na cabeça e uma torção no pulso esquerdo. Debrucei-me em um dos lados da maca onde se encontrava e chorei de forma silenciosa. Isadora ainda não sabia, mas sua filha não sobrevivera. A menina nasceu com o cordão umbilical enroscado no pescoço. Helena me contou que o bebê morrera asfocado antes mesmo do parto. Um anjinho de pele translúcida e cabelos negros. Hiram Vander Pope enviara um de seus capangas para saber notícias de Isadora e da criança. Tentei expulsar o calhorda a ponta pés, mas fui contido por um médico e um faxineiro.

Diga ao seu patrão que o diabo ouviu suas preces uma última vez!
— Vociferei com ira para o pau-mandado que a espreitava do corredor.

Sepultamos a criança nas primeiras horas do dia seguinte. Voltei ao hospital e o médico que a socorrera anunciou, com pesar e

relutância, que Isadora estava desenganada. — *Vá se despedir meu rapaz.* — Aproximei-me vagarosamente de seu leito e segurei sua mão. Re- parei em suas pálpebras arroxeadas, na boca ressequida e languida, o cabelo espalhado pelo travesseiro adornando-lhe o rosto como uma moldura envelhecida e descascada. Senti-me pequeno de repente. Uma criatura miúda por dentro e por fora. Decidi então contar-lhe a verdade. Isadora não poderia morrer sem saber o que havia se passado. Ela estava inconsciente, mas não me importava que não pudesse me ouvir. Conte-lhe absolutamente tudo. As manobras orquestradas para afastá-la de Erick e a morte de sua filha. Falei também de meu amor por ela. Dos sonhos que vislumbrei para nós e do meu desejo de fazê-la feliz. Horas mais tarde, de forma inexplicável e inesperada, a italianinha começou a demonstrar sinais de recuperação. Uma semana depois, Isadora já estava se alimentando com a ajuda de sua tia Helena. Ela não disse uma palavra ao despertar. Apenas chorava baixinho e nos direcionava olhares inexpressivos. Benito Bonanova concordara em receber a sobrinha novamente em sua casa. Helena esforçara-se muito para convencer o marido da inegável responsabilidade que possuíam em relação à italianinha. Isadora fora abandonada pelo pai e se encontrava profundamente fragilizada pela perda da filha. Mudei-me para o Rio de Janeiro dias depois de sua saída do hospital. Helena prometerame notícias semanais. Estávamos esperançosos e confiantes em uma melhora.

Em uma tarde cinzenta, enquanto arrumava uns livros na estante de meu novo quarto, encontrei o primeiro desenho que fizera de Isadora guardado entre as páginas de *O Primo Basílio*. Há muito que não desenhava e um desejo premente começou a tomar forma. Saí sem rumo pela cidade, percorrendo ruas estreitas até me deter em frente ao pórtico da Escola Nacional de Belas Artes. Uma construção neoclás- sica localizada na antiga Travessa do Sacramento, no centro do Rio de Janeiro. Infelizmente, o prédio foi demolido em 1938. Ouça bem Daniel, eu não tenho a intenção de narrar os pormenores de minha formação artística, mas preciso deixar claro que, a cada passo dado em direção ao interior daquela construção magnífica o

curso de Direito e tudo o que o envolvia ia ficando distante e irresgatável. Dias depois, recebi um telefonema de Helena Bonanova dizendo-me que Isadora havia piorado.

Isadora perambula pela casa feito um zumbi. Não fala uma palavra sequer! E também não quer comer Edmund. Então pensei em ligar e lhe pedir para trazer aquele médico aqui novamente. O que você acha?

O Dr. Neves solicitou que trouxéssemos Isadora até seu consultório a fim de que fossem feitos exames médicos específicos. Enviei dinheiro a Helena e lhe expliquei como proceder. Reservei um quarto em um hotel próximo à pensão onde me encontrava. Quando me mudei para o Rio de Janeiro, meus pais insistiram para que eu ocupasse a casa que a família possuía na Capital. Contudo, a necessidade latente de me desvencilhar das amarras familiares, me fez optar por um lugar onde eu pudesse ter um pouco de paz e intimidade. Fui buscá-las na estação ferroviária, em uma manhã poeirenta e de luminosidade débil. Há meses que não nos víamos e quando meus olhos encontraram os seus, um repique eufórico comprimiu meu coração. Isadora estava murcha, apática e visivelmente perturbada. Sulcos arroxeados margeavam seus olhos cujo brilho de outrora já não podia mais ser notado. Helena me abraçou com ternura, me agradecendo pela ajuda. A italianinha permanecia um passo atrás, observando o que se passava ao seu redor de forma anestesiada. Aproximei-me dela e dei-lhe um beijo na bochecha. Isadora pendeu a cabeça levemente para o lado e tocou o lugar onde a beijei com o dorso da mão. Encarou-me com firmeza e esboçou um sorriso enviesado. Isadora ficou em observação por cerca de uma semana. Nas horas em que a italianinha passou sob cuidados médicos, sendo submetida a testes psicológicos e bioquímicos, eu me encarreguei de distrair Helena. Levei-a para almoçar em uma confeitaria na Rua do Ouvidor. Conversamos um pouco sobre Benito, e como o comerciante estava encarando aquela situação. Helena me contou que o marido

dedicava-se em tempo integral aos afazeres da loja a fim de desviar a atenção do problema que sua sobrinha havia se tornado.

— Benito tenta ignorá-la ao ponto de fingir que ela não existe.

— Sinto muito Helena. De verdade. Sinto por todos nós que de alguma forma nos envolvemos nesse enredo deprimente.

Helena suspirou e sorriu com indulgência.

— Isadora não é a razão de nossos desvios. O casamento tem dessas coisas Edmund. Um cotidiano sem alegria nos envenena o coração. Mas sei que tudo seria muito diferente se eu pudesse lhe dar filhos.

— É isso o que Isadora se tornou para você? Uma filha?

— De certa forma. Olho para ela e vejo muito de mim mesma. — Seus olhos contraíram-se em resposta a emoção sentida pelas lembranças não exteriorizadas.

Joaquim Nazário Neves nos convocou para uma conversa formal. Isadora aguardava pacientemente, sentada em uma cadeira de metal no centro de um cômodo iluminado por intensos raios solares, esfaqueando o recinto através de enormes janelas de madeira que cobriam grande parte da parede atrás dela. Brincava com sua boneca de porcelana, resmungando palavras quase inaudíveis.

Fomos informados de que Isadora havia desenvolvido um quadro psicótico irreversível, provavelmente causado por um trauma profundo, aliado a uma pré-disposição por conta do histórico familiar.

Na primeira vez em que eu a examinei, Isadora apresentava um quadro de paranóia desorganizada, com delírios a respeito da mãe já falecida e um comportamento agressivo e distante. Naquele momento, preferi não me precipitar em um diagnóstico alarmante, pelo menos não sem antes examiná-la corretamente. Ademais, Isadora estava enfrentando uma gravidez difícil e tudo poderia não passar de um colapso nervoso. Infelizmente, ela só piorou com o

tempo. Está indife- rente ao mundo externo e apresenta alucinações e delírios de cunho persecutório. Não podemos ignorar ainda a herança deixada pela mãe. — Helena e eu escutávamos em silêncio. Não nos atrevíamos a olhar diretamente um para o outro, mas nos procurávamos de soslaio, surpresos e aterrorizados. — Existe um termo novo, cuja utilização não me agrada muito, mas que está sendo adotado pelas correntes de vanguarda. Esquizofrenia. Já ouviram algo a respeito? — Respondemos negativamente. — Uma denominação criada por um psiquiatra suíço que se preocupa muito mais com nomenclaturas do que com o estudo sério e aprofundado da demência. Isadora está doente. E a psicose é algo que se carrega por toda uma vida. Infelizmente os recursos são muito limitados. Existem alguns medicamentos, fármacos psicoterapêuticos cuja introdução ainda é recente, mas o melhor tratamento ainda consiste em encerrar o paciente em um ambiente adequado e restritivo.

O psiquiatra sugeriu que a internássemos no Hospício Nacional de Alienados.

Existe uma ala específica para casos como o de Isadora. O Pavilhão de Observação é um local destinado a assistên- tes e estudos de psicopatologia. Ela será bem tratada e terá acesso a terapias inovadoras e testes de novos fármacos.

Ficamos anestesiados por instantes que nos pareceram infindáveis, ruminando mentalmente a palavra hospício. Por fim, Helena explodiu em um acesso de choro que nos pegou de surpresa, obrigando-me a reagir. Tentei acalmá-la enquanto o médico solicitava à sua secretária um copo com água e açúcar. Encarou-me suplicante, implorando para que eu lhe sacudisse até acordá-la daquele pesadelo tenebroso. Cogi- tamos procurar por outras opiniões, pois relutávamos veementemente em aceitar a ideia de internar a italianinha em um hospício. Mas Isadora teve uma crise violenta em sua última noite de estadia na Capital, o que fez com cedêssemos ao que nos recomendara o Dr. Neves.

XII

Isadora permaneceu confinada no Hospício Nacional durante um ano, cinco meses e quatorze dias. Tirei-a de lá assim que consegui me estabilizar financeiramente e arranjar uma casa para nós. Eu havia cogitado a hipótese de abandonar o curso de Direito para me dedicar em tempo integral às atividades da Escola de Belas Artes, mas quando tomei a decisão de me casar com Isadora decidi adiar uma resolução definitiva com relação à minha carreira profissional. Sabia que precisava de uma profissão mais sólida, pois quando minha família descobrisse minha união com a italianinha, meu pai não pouparia esforços para atrapalhar minha vida, privando-me dos regalos financeiros de um quotidiano abastado. Havia o aluguel de um pequeno apartamento que ganhei de meu avô materno quando completei dezoito anos. Uma pequena quantia com a qual poderíamos contar. Aos poucos ia me desligando de minha família, relutando cada vez mais em aceitar a ajuda financeira que meu pai me enviava todo mês. E com o intuito de me firmar com as próprias pernas, eu trabalhava com afinco durante o dia, estagiando em um renomado escritório de advocacia, graças a uma descarada intervenção de Albano Hans Shume. Ao cair da tarde, dirigia-me discretamente para a Escola Nacional de Belas Artes para participar de algumas atividades noturnas direcionadas aos alunos regulares. Naquela época eu era apenas um ouvinte indubitavelmente interessado e cujo trabalho artístico, retomado aos poucos nos últimos meses, provocou interesse em um dos professores. Certa vez, fui convidado para participar de uma exposição amadora organizada por alunos, o que fez com que outros membros do corpo docente se interessassem pelos meus esboços.

Aluguei um casarão de aspecto lúgubre no Cosme Velho, próximo ao Largo do Boticário. O imóvel fora objeto de uma lide que se arrastara por anos e as condições em que se encontrava justificavam

o preço irrisório do aluguel. Casei-me com a italianinha em uma manhã de terça-feira, sob as bênçãos de um padre caquético em uma igrejinha aos pés do Morro da Dona Marta. Helena foi nossa única testemunha. Encomendara para Isadora um vestido perolado com brocados nos punhos e na gola. Uma fita rendada adornava-lhe a cintura e os cabelos loiros, cortados na altura dos ombros, foram trançados com esmero pela tia, que acrescentou pequeninos ramos de flor de laranjeira nos gomos da trança e no buquê.

O período de internação não ajudou em nada. Ao contrário, Isadora ainda se encontrava com a mesma apatia emocional, tangenciando a própria vida. Felizmente, ela já não me chamava mais de Erick. Quando lhe pedi em casamento, em uma de minhas visitas ao hospício, Isadora passou a mão pelos meus cabelos e beijou-me a boca com delicadeza. Sorriu para mim e pela primeira vez em muito tempo, vislumbrei a doçura que me encantara quando nos conhecemos. Desejei diminuí-la ao tamanho de uma boneca para poder guardá-la em uma caixa, protegendo-a de tudo e de todos. Aquele sorriso me deu a certeza de que estava fazendo a coisa certa. Eu a amava apesar de tudo. A loucura que a desvairara não foi capaz de nos afastar. Sabia que Isadora não se sentia da mesma forma, mas acreditava piamente que poderia amar por nós dois. Olhou-me direto nos olhos e perguntou se eu a amava.

Sei que está massacrada. E que não será fácil para nenhum de nós, mas não há nada que não faça por você. Eu a amarei para o resto da vida Isadora. Não é algo que eu possa controlar. E isso não depende da sua resposta. Mas prometo que se me aceitar, nunca mais ficará sozinha. Quero cuidar de você.

Isadora me disse sim.

— Sim. Você pode cuidar de mim. Cuida de mim Edmund. Cuida de mim...

O primeiro ano de casamento foi sem dúvida o mais estranho e surreal de toda a minha vida, até agora. Isadora não permitia que

eu a tocasse, mas não chegava a ser agressiva. Apenas se retraía quando sentia que meus gestos poderiam nos conduzir a um momento mais íntimo. Aprender a conviver sob o mesmo teto requer paciência e com- prometimento até a raiz dos cabelos. E isso não é nada se comparado aos agravantes que Isadora apresentava. A italianinha passava os dias acompanhada de sua boneca de porcelana, perambulando pela casa e pelo jardim que possuíamos no quintal. Um emaranhado de plantas mal cuidadas, erva daninha sobrepujando os muros de pedra que delimitavam a propriedade.

Certa noite, ao abrir a porta de entrada, fui arrebatado por um cheiro apetitoso, uma mistura de temperos que me atraiu diretamente para cozinha. Isadora estava parada ao lado do fogão, totalmente con- centrada na preparação do que me pareceu ser uma sopa. Olhei para o lado e avistei uma pequena cesta com pão, colocada no centro da mesa posta para o jantar. A boneca de porcelana estava sentada em uma cadeira. Três almofadas foram empilhadas sob o brinquedo, na tenta- tiva de deixar a boneca ao nível da mesa.

— Ainda bem que chegou. Nós já estávamos prestes a comer sem você. — Afirmou-me ela quando me viu parado no umbral da porta.
— Nós, quem?

Isadora revirou os olhos e retirou a panela do fogo.

— Juliana e eu. A coitadinha está morrendo de fome, mas não queria comer sem você.

Isadora serviu duas conchas de sopa para boneca. Suspirei profundamente e a observei conversar com o brinquedo, infantilizando a voz e tentando fazer com que ela comesse um pedaço de pão. Aproximei-me devagar e toquei seu braço, mas fui ignorado. Chamei seu nome com carinho, tentando fazer com que se virasse para mim.
— Isadora. Querida, olhe para mim. — Ela continuou a conversar com a boneca, insistindo para que comesse o pão. — Isadora, ela é só uma boneca. Uma boneca, Deus do céu!

— Não! — A italianinha bramiu raivosamente, uma mistura de lágrimas e cólera brotando de seus olhos arregalados. Inspirei o ar com vagareza, tentando me acalmar. Subitamente, Isadora jogou-se em meus braços e disparou a chorar. Abracei-a com força, sufocando seus gritos em meu peito. Ela tremia dos pés à cabeça, cravando as unhas em meus braços. Isadora lamentou a morte da filha e num acesso de lucidez, apanhou a boneca e arremessou-a violentamente contra o soalho caveirado. O brinquedo espatifou-se. O rosto da boneca ficou desfigurado. Soltou um rugido doloroso e desabou no chão. Levantei-a com cuidado e a carreguei para o quarto. Já na cama, Isadora deitou-se e abraçou os joelhos. Enroscou-se tanto que pareceu dobrar-se em duas. Acariciei seus cabelos, tocando de leve seu rosto. Estava trêmula e gelada. Segurou-me pelo punho quando fiz menção de me afastar. Permaneci com ela até adormecermos. Foi a primeira vez que dormimos juntos. Em todos os sentidos.

Dedos frios me acordaram de madrugada. Isadora estava sentada ao meu lado, olhando-me fixamente enquanto acariciava meu rosto. Tocou meus lábios com delicadeza, primeiro com os dedos e depois com a boca. Prendi a respiração e deixei que ela se acomodasse. Beijou-me novamente. Retribuí de forma cautelosa, pois sabia que poderia afugentá-la ao menor gesto. Não dissemos nada. Não havia necessidade. Gemidos sequiosos no lugar de palavras, suas cochas langorosas recebendo-me sem restrições. Horas depois, ao acordar já com o dia claro, percebi que estava sozinho na cama. Isadora estava no quintal olhando a esmo para folhagem ressequida. Beije seu ombro e ela não se esquivou. Encorajado, abracei-a como quem precisa sentir concretamente o objeto de sua felicidade para se certificar de que não está sonhando. A italianinha virou-se para mim com os olhos marejados de lágrimas.

— Se um dia você acordar e eu não estiver mais aqui, saiba que não tive escolha.

— Do que está falando?

— Eles estão à espreita. Estão sempre me vigiando e um dia vão me levar embora. Sei que vão.

Mordi o lábio inferior e não me atrevi a perguntar—lhe sobre o que ela estava falando. Eram apenas delírios contra os quais não podia-

mos lutar. A doença causava-lhe alucinações de caráter persecutório, fazendo com que se sentisse constantemente vigiada.

Uma necessidade premente de adaptação embalava nosso convívio diário, tecendo uma espécie de véu que abrandava a realidade na qual estávamos inseridos. Isadora desabrochou o gosto pelas plantas e começou a cultivar rosas no quintal. Pediu-me que lhe comprasse uma nova boneca de porcelana. A italianinha ditava o ritmo de nossa intimidade e eu não me sentia no direito de forçar-lhe a nada. Procuravame sempre no meio da madrugada, despertando-me com um carinho qualquer. Dormíamos em quartos separados na maior parte do tempo, mas quando estávamos juntos, eu desejava ardentemente que a mesma se acostumasse a me ter sempre em sua cama. Vez por outra, Isadora ficava absorta em seu universo particular e passava dias sem me dirigir uma única palavra. Acostumei-me a observá-la de longe, realizando tarefas rotineiras enquanto conversava sozinha. Quando estava nesse estado, ela não conseguia focar a visão e não me olhava nos olhos.

Certa tarde, ao sair do escritório onde estagiava para me dirigir à Escola de Belas Artes, uma visita indesejada surpreendeu-me na portaria do prédio. Álbano Hans Shume obstruiu minha passagem.

— Pai?

— Se a montanha não vai a Maomé...

— Mas o que está fazendo aqui?

— Ora! O que é isso Edmund? Há meses que não nos vemos e é

assim que me recebe?

Pigarreei e sorri desconcertado.

— Desculpe-me. Estou surpreso.

— Tenho negócios a resolver com o seu chefe, mas confesso que

poderia ter enviado um subalterno. O que quero dizer é que vim até aqui para ver como você está.

Um silêncio constrangedor interpôs-se entre nós por um instante.
— Você tem uns minutos para conversar com seu pai? Vamos a um lugar mais calmo.

Vacilei rapidamente, disposto a declinar o convite, pois havia marcado um encontro com um professor na Escola de Belas Artes. Meu pai percebeu a relutância e insistiu para que fossemos jantar.
— Não posso voltar para casa sem notícias suas, Edmund. Sua mãe não me deixaria passar do vestibulo. — Gargalhou com uma pitada de cinismo. Suas presas salientes, mais amarelas que o restante da arcada dentária, conferiam-lhe um aspecto animalesco.

Relaxe os ombros e concordei. Seria melhor conversar logo com ele e despistá-lo de forma convincente. Acomodamo-nos em um restaurante português na Avenida Rio Branco. Sempre me senti desconfortável quando ficava sozinho com meu pai. Uma raposa em gestos e fala, com uma língua afiada incitando-me a dizer a verdade em todas as ocasiões em que minha intenção era mentir. Albano não fez rodeios. Disse-me que foi me procurar no apartamento dado por meu avô e descobriu que o imóvel estava alugado. Quis saber onde eu estava morando, se ainda continuava enfiado em uma pensão qualquer. Não o encarei ao responder que estava vivendo com um amigo em um apartamento próximo à faculdade. Ele quis saber o endereço. Desconversei, pedindo-lhe notícias de minha mãe. Albano sorveu uma generosa dose de conhaque e molhou os lábios com a ponta da língua enquanto me observava com olhos felinos. Eu havia cometido um erro fatal. Não deveria ter mudado de assunto, ainda que não fosse capaz de elaborar uma esquiva adequada. Sabia que meu casamento não poderia ser mantido em segredo perpétuo, mas minha intuição me dizia que não era o momento de revelar minha atual condição. Dias depois, ao tomar conhecimento de meu casamento com Isadora — a imigrante italiana mentalmente desequilibrada, sem família ou precedentes honráveis — Albano Hans Shume sentiu um formigamento adormecer-lhe o braço esquerdo. Engulhos e falta de ar obrigaram minha mãe a mandar que chamassem um médico. Não é difícil imaginar o que aconteceu a seguir. Fui renegado por todos aqueles que se compadeceram da tristeza que minha mãe incorpo-

rou assim que soube de toda a história. Perdi o emprego no escritório de advocacia. Álbano quis anular o casamento quando descobriu que Isadora era mentalmente incapaz. Primeiro tentou sumir com ela. Isadora recebeu a visita de um capanga em uma tarde de fina garoa. Por sorte cheguei a tempo e reconheci o calhorda. Atraquei-me com ele e apanhei um pouco, mas consegui expulsá-lo. Não estávamos mais seguros no casarão do Cosme Velho. Reuni minhas economias e nos mudamos para uma pensão próxima ao porto.

Se pudéssemos antever o que nos espera, de nada valeriam as promessas feitas no rastro do desespero. A três meses de minha formatura no curso de Direito, eu estava desempregado e possuía como única fonte de renda o aluguel do pequeno apartamento em Botafogo. Meu pai alardeara a morte do filho pelos quatro cantos de Esplendor, proibindo minha mãe de se aproximar de mim. Minhas irmãs temiam que a repercussão de meus atos causasse irreparáveis nódoas na reputação que as precedia nos salões da Capital. Fui sepultado em vida, mas não sem antes travar com meu pai um embate de proporções homéricas que me rendeu uma cicatriz no supercílio direito que não mais se nota.

Abalei-me certa manhã até a Escola de Belas Artes a fim de encerrar o vínculo firmado em alguns cursos. Não tinha ânimo para alimentar meus devaneios artísticos e por isso decidi interromper minhas aulas. O professor Jean Pierre Dumont, um artista francês arraigado no Brasil a mais de dez anos e por quem eu nutria imensa admiração, recebeu-me em sua sala para uma conversa a portas fechadas. Disse-me que não aceitava minhas escusas e que jamais permitiria o abandono da dádiva que aflorava de minha alma, fazendo com que minha percepção de mundo se traduzisse em arte, pura e simplesmente. Mas o desgosto que se abatera sobre mim extirpava qualquer inspiração. Não havia motivação para continuar a percorrer um caminho que não me levaria a lugar algum.

Você está enganado. Seu talento o fará cruzar o oceano.

E foi então que Pierre Dumont me fez uma proposta tão absurda quanto irrecusável. Ele havia sido convidado para passar uma

temporada em Paris, lecionando na *Academie Julien*, uma escola de arte francesa que se apresentava como uma alternativa para a formação dos candidatos à carreira artística que não conseguiam ingressar na famosa *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts*. Tratava-se de um ateliê que professava o ensino privado, permitindo o ingresso de mulheres e estrangeiros nos cursos oferecidos. Propôs-me uma relação de pupilagem, pois acreditava no meu potencial e detestava desperdícios. Conversamos por horas. Expliquei o que se passava comigo e também os impedimentos relacionados à saúde mental de Isadora.

Você estará no centro do mundo Edmund. A cidade dos iluministas, palco das grandes descobertas. Tenho certeza de que sua esposa encontrará tratamentos inovadores em Paris. Pense nisso.

Um mês depois, em abril de 1920, embarcamos para o velho mundo. Não cheguei a me formar. Despedi-me de minha mãe por meio de uma carta de duas páginas. Nunca mais voltei a vê-la com vida. Este é mais um dos arrependimentos que me corroem por dentro. Fui fraco ao aceitar a separação que meu pai impusera a nós.

Anos antes, a França havia sofrido perdas irreparáveis em virtude dos conflitos advindos da Primeira Grande Guerra, computando 1,4 milhão de mortos e desaparecidos e 3 milhões de feridos. A classe intelectual envolvera-se diretamente e o número de escritores franceses mortos durante a guerra ultrapassou 400 nomes. A desolação atingira todas as classes sociais, irrompendo muralhas aparentemente intransponíveis e incutindo na mente dos que se encarregaram de vivenciar o pós-guerra, o desejo de reconstrução e reavaliação de costumes e práticas.

Paris nos recebeu de braços abertos e gargalhadas escandalosas. A efervescência artística propagava-se pelo ar em uma mistura de aromas que desafiava minha capacidade descritiva. Fiquei inebriado. Muito do que se viu surgir nos anos vinte teve como cenário a Cidade Luz. Paris foi palco de rupturas diretamente influenciadas

pelos horrores vivenciados durante a guerra. Transformações estéticas, artísticas, até mesmo a moda reinventou-se de forma desafiadora. Todos os caminhos pareciam desembocar em uma inevitável quebra de costumes e a conseqüente adoção de paradigmas libertários e contestadores. Uma intensa emanção de ideias sem convergência premeditada que fez com que o mundo enxergasse os anos vinte vividos em Paris como "anos loucos". Mas eu não pude vivenciar intensamente a "loucura" daquela época, pois outra loucura, muito mais real e perturbadora, assombrava minha vida. Isadora precisava de ajuda e exigia atenção.

Três anos mais tarde recebemos um telegrama de Helena. Ficara viúva e sozinha, pois não tivera filhos e não havia parentes próximos. Benito Bonanova fora soterrado por uma estante apinhada de tecidos que caíra sobre ele enquanto o mesmo se dependurava na extremidade para organizar a mercadoria. Convidei-a para se juntar a nós em Paris. Seria uma companhia maravilhosa para Isadora. Helena vendeu a loja de tecidos e viajou ao nosso encontro. Trouxe-nos notícias da família Pope e do escândalo fraudulento em que Hiram Vander Pope se envolvera, juntamente com um senador corrupto que tentara auferir ganhos ilícitos com as obras de expansão da cidade do Rio de Janeiro. Contou-nos ainda que quatro meses antes de morrer, Benito recebera uma carta de Giovanni, por meio da qual o sobrinho informava que o pai havia sido assassinado a facadas, em uma briga de bar na cidade de São Paulo.

Isadora foi submetida a inúmeros tratamentos. Terapias inovadoras prometiam-nos o paraíso, mas tudo o que conseguíamos era destruído pelo desequilíbrio que aflorava de sua mente doentia. Com a chegada de Helena, senti-me livre para me dedicar aos estudos e ao trabalho que desempenhava ao lado de Pierre Dumont, pois Isadora passou a exigir menos a minha presença e atenção. Na *Académie* tive a oportunidade de conhecer artistas emblemáticos, como Tarsila do Amaral e o francês Henri Matisse. Tarsila me convidara a voltar para o Brasil e participar do movimento modernista cujo início fora marcado pela Semana de Arte Moderna.

Mas no final das contas, nenhum de nós participou do evento. Anos mais tarde Tarsila do Amaral acabaria se tornando uma das principais representantes do modernismo brasileiro. Não participei da Semana de 22 por dois argumentos muito simples e consistentes: não me julgava apto para figurar como partícipe de uma tertúlia caracterizada pela ruptura e renovação de linguagem e que prometia gravar seus desdobramentos para sempre no cenário artístico brasileiro. Ademais, não era possível deixar minha esposa sozinha. Mas isso não é importante, pois prometi que não me aprofundaria nos meandros de minha carreira artística. Talvez um dia Daniel, se a vida nos permitir uma conversa amistosa, e caso seja do seu interesse, conto-lhe um pouco de minhas aventuras parisienses.

Começamos a vislumbrar melhoras significativas em Isadora com o uso de medicamentos ainda em fase de testes. As crises tornaram-se menos frequentes e ela já não se mostrava tão arredia. Retornei ao Brasil dezessete anos mais tarde. Uma vida inteira havia se passado e eu não sabia mais o que era pertencer à família Hans Shume. O funeral de minha mãe colocou-me frente a frente com o passado. Minhas irmãs, casadas e com filhos, mostraram-se pouco dispostas a reatar o vínculo que nos uniu um dia. Álbano Hans Shume encarou-me por um longo instante e até hoje não sei dizer se o que vi em seus olhos foi desprezo, culpa ou simplesmente uma mistura de sentimentos que nem ele mesmo sabia que era capaz de sentir. Trocamos poucas palavras sobre o testamento e ele me informou que minha mãe havia me deixado alguns imóveis de pouca expressão comercial localizados em Esplendor.

O palacete também é seu. Foi um pedido feito no leito de morte.

Ao regressar a Paris, Helena veio me contar que Isadora afirmara ter sido visitada por Erick. Um calafrio agourento melindrou meus movimentos. Helena argumentou que se tratava de um delírio, uma ilusão como tantas outras. Mas não havia como ter certeza. Nunca mais tivera notícias de Erick Vander Pope. Não sabia onde estava e o que fizera da própria vida. Decidi então que voltaríamos para o Brasil

e nos instalaríamos no casarão de minha infância e juventude. Os médicos que acompanhavam Isadora argumentaram que não seria prudente arrancá-la da rotina estabelecida à duras penas, mas algo dentro de mim gritava para que retornássemos ao lugar onde nos conhecemos. Seríamos felizes no Brasil. Combinamos então, uma forma de envio dos remédios aos quais ela estava acostumada e mudamos de cenário mais uma vez. Mudamo-nos para fugir de um fantasma que poderia ser apenas uma ilusão, mas que caso se apresentasse de carne e osso, não nos encontraria à sua espera.

Aquela altura eu havia me tornado um artista respeitável. Fui convidado para lecionar em um ateliê de pintura e também na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Reavivamos o palacete do bairro da Boa Vista pouco a pouco. Isadora demorou a se costumar com sua nova casa. O jardim fora colocado à sua disposição, assim como o restante do casarão, com aposentos que não eram utilizados há décadas. Escolheu o quarto no torreão. Helena instalou-se no quarto ao lado. Coloquei meu ateliê na biblioteca e me esparramei por outros aposentos, adormecendo quase sempre no sofá da sala, depois de madrugadas exaustivas de trabalho e reflexão. Anos se arrastaram numa rotineira complacência, interrompida vez por outra, por minhas viagens a trabalho.

Quando Lucinda Pope desapareceu na floresta que margeia o palacete de sua família, lugar onde tantas vezes me aventurei na companhia de Erick em uma época de sonhos e aspirações juvenis, eu me encontrava em uma dessas viagens. Fora convidado a participar de um vernissage em Porto Alegre e acabei estendendo minha ausência por quase um mês. Sempre que viajava sozinho, Isadora ficava sob os cuidados de Helena e de um casal de empregados contratados para nos ajudar na manutenção do palacete meses depois de nosso retorno ao Brasil. Helena tornara-se indispensável em nossas vidas. Talvez um dia eu lhe conte os pormenores da relação que construímos, eu e ela. Não lhe digo nada agora, porque você ainda é muito jovem e a maturidade é indispensável para compreensão de certos aspectos da vida humana.

Nunca me esqueci daquele corpinho frágil, repousando placidamente sobre a cama de Isadora. Cabelos negros emoldurando um rosto angelical. Ao chegar de viagem, encontrei o palacete imerso na imensidão azulada do crepúsculo vespertino. Jamais poderei lhe explicar fielmente o que se passou no palacete naqueles dias. Sei apenas o que Helena me contou assim que nos encontramos. Ela estava à minha espera na porta de entrada. Percebi em seu rosto uma angústia que parecia sufocá-la. Contou-me tudo.

Ele esteve aqui. Erick esteve aqui e Isadora perdeu o juízo. Depois de tantos anos! Ela ficou transtornada Edmund. Temi pela vida dela. Estávamos no jardim e ela o reconheceu no momento em que o mesmo se aproximou de nós. Quarenta anos não foram capazes de apagá-lo de sua mente. Eles conversaram e eu fiquei ao lado dela o tempo todo. O ressentimento que pairou entre eles, a dor que os consumiu em palavras sobre um passado tão distante, nunca pensei que presenciaria aquele encontro. Depois que ele se foi, Isadora saiu correndo de casa e desapareceu por horas. Quando retornou, estava toda suja e desgredada. Trazia nos braços uma criança desacordada. Uma menina.

Ouçá Daniel, não me atreverei a pedir que compreenda. Ninguém seria capaz de tamanha façanha.

Partimos para o Rio de Janeiro e de lá para Paris. O encontro com Erick Pope desencadeara em Isadora a mais profunda e tortuosa crise. Ela ficou desnorteada por muitos meses e os remédios não conseguiam fazer com que voltasse a realidade. Ao fugir de casa, depois de um encontro tortuoso com o passado, a italianinha saiu a esmo pela cidade e acabou nas redondezas do palacete Pope, cenário do acontecimento que viria a mudar radicalmente o rumo de muitas vidas. Encontrou uma garotinha na floresta, ferida e desacordada. Isadora cuidou dela, vigiando-lhe o leito dia e noite. Quando despertou, depois de alguns dias em coma, a menina não sabia dizer qualquer coisa de si mesma. Perdera a memória em virtude de uma forte pancada na cabeça. Isadora tomou-lhe nos

braços e chorou copiosamente. — *Minha menininha. Minha pequena Juliana.*— Ao ouvir-lhe dizer tais palavras rendi-me a ela mais uma vez. Massacrado pela culpa que me consumia sem piedade, deixei que Isadora acreditasse no delírio que se materializava diante de si, como uma oportunidade de resgatar o passado e viver o que não lhe foi permitido.

Dediquei a Isadora o melhor de mim. Tudo de bom que cultivei como ser-humano. Meus sonhos e conquistas, a vontade de viver e sentir-me amado. Durante anos acreditei que meu amor e dedicação poderiam fazer com que Isadora se sentisse melhor. E mesmo hoje, depois de tudo o que aconteceu, ainda consigo olhar para ela e afirmar, sem o menor resquício de dúvida, que a amo profundamente. Sei que amar assim não é saudável, pois não sabemos o quanto de nós é o outro. O quanto de nós há no outro. Amar assim é lamentável. Uma simbiose de tudo um pouco.

Adotamos a menina e demos a ela o nome de Juliana. E os anos que se passaram até chegarmos a este momento foram demasiadamente intensos, aflitivos e ludibriantes. Juliana jamais recobrou a memória. Nunca se lembrou de sua verdadeira origem ou de qualquer coisa que pudesse fazer com que questionasse a vida que levava. Os primeiros meses que se seguiram à sua chegada em nossas vidas foram os piores que já vivi. A consciência tornou-se uma carrasca impiedosa que me torturava sem trégua. Isadora agia como se Juliana sempre houvesse existido entre nós, mas a sombra do mal que havíamos feito pairava sobre minha cabeça como a lâmina de uma guilhotina. Não raro desejei voltar atrás e reparar o absurdo cometido. Mas ao saber da morte de sua mãe, percebi que o destino selara nossos caminhos e os desvios de trajetória que nossas escolhas acarretariam.

A jovem que se encontra agora em um leito de hospital, lutando para sobreviver a uma doença massacrante da qual ela provavelmente não se livrará, aquela criatura tão doce e delicada que não passa de um vislumbre do que fora a poucos anos, quando

rodopiava pelos cantos da casa vestida de bailarina, irradiando vivacidade, calor e promessas de futuro, aquela menina linda é sua irmã. Ela é sua irmã Daniel. E a vida se encarregou de lhes aproximar novamente, da forma mais cruel possível.

Quando descobrimos que ela estava doente e compreendemos a gravidade da situação, empreendi uma verdadeira jornada à procura de tratamentos que pudessem nos dar alguma esperança. E foi então que tomei conhecimento da existência de um médico norte-americano, professor em Harvard, que está à frente de um tratamento inovador para leucemia.

— Leucemia? — Perguntou Daniel com um resquício de voz. — Câncer no sangue. Um tipo extremamente agressivo. Esse médico, doutor Edward Donnall Thomas, está prestes a realizar o primeiro transplante de medula óssea da história da medicina, e Juliana está inscrita como voluntária para participar do experimento. Fui ao seu encontro nos Estados Unidos e o convenci a aceitá-la como sua paciente. Ao ouvi-lo dizer que cuidaria de Juliana, senti por um brevíssimo instante, não mais que cinco segundos, o surgimento de uma sensação que há muito não preenchia meu coração. Senti alegria Daniel. Alegria. Mas como disse, não durou muito. O doutor Donnall Thomas me explicou que o sucesso do transplante dependeria da compatibilidade entre doador e paciente. Não pretendo me enveredar por explicações de cunho técnico-científico. O que você precisa compreender é que naquele momento, o destino estava me dando mais uma rasteira. Juliana estava doente e eu havia acabado de saber que a cura mais promissora para o mal que a afligia dependia apenas de uma questão de lastro sanguíneo. Os possíveis doadores do material a ser transplantado deveriam ser parentes de sangue. A essa altura acredito que já deva ter formulado suas próprias conclusões.

Regressei para França com uma ideia fixa e minha decisão tomada. Voltaríamos ao Brasil e de alguma forma eu faria com que você e seu pai fossem capazes de relevar o ódio que sentiriam quando a

verdade viesse à tona e compreendessem que era necessário agir rápido para salvar Juliana. Mas as coisas não aconteceram como planejei. Você acabou sabendo de tudo da pior maneira. Não sei como, mas Isadora descobriu o que fiz a ela quando ainda éramos muito jovens e inconsequentes. Isso a fez sucumbir de uma vez por todas à loucura que a atormenta desde a mocidade.

Juliana está desenganada. E quantas vezes desejei parar o tempo e retroceder os ponteiros até que dias inteiros pudessem ser revividos novamente. Mas o tempo não para Daniel. O tempo não para.

Batidas na porta da frente extirparam Daniel do transe narcótico causado pelas revelações que acabara de ouvir. Já era noite alta e a energia elétrica ainda não havia retornado. Daniel enxugou o misto de suor e lágrimas com a manga da camisa enquanto tentava concatenar a explosão de pensamentos que colidiam em sua cabeça num acesso de lucidez conclusiva. Olhou para Edmund completamente exaurido. Novas batidas obrigaram-no a se levantar. Edmund acompanhou-o e ambos caminharam em silêncio em direção à porta de entrada empunhando lamparinas.

— Edmund Hans Shume. — Afirmou secamente o homem que se colocara à frente do comboio da polícia. Sua pronúncia carregada evidenciava o estrangeirismo, que para ele era motivo de orgulho. Trazia uma lanterna posicionada diretamente para o rosto de Edmund.

— O que querem aqui há essa hora? — Inquiriu Edmund com os olhos fechados em resposta à luz que o cegava. — Já lhes disse tudo o que há para dizer.

O inspetor Lancelin Honório Callado colocou-se à frente do agente que encabeçava a comitiva. Retirou o chapéu e encarou Daniel por um átimo, antes de revelar o motivo da visita. Ele trazia o paletó embolado em uma das mãos e suas calças estavam sujas até a altura dos joelhos.

— Senhor Shume. O senhor está preso sob a acusação de assassinato.

— E quem foi que morreu? — Edmund arregalou os olhos, aturdido.

— Erick Vander Pope.



I

Não houve tempo para que Edmund raciocinasse a respeito do que acabara de escutar. Um trovão cortou o céu de alcatrão e o barulho que se seguiu chamou a atenção de todos.

— Isadora. — Edmund e Daniel entreolharam-se com aflição. — Há mais alguém na casa Sr. Shume? — Inquiriu o inspetor Callado, dando um passo à frente e levantando o olhar para o topo da escadaria que podia ser vista do rol de entrada.

— Minha esposa está lá em cima. Preciso ir até lá.

— Vamos todos então. — Respondeu o inspetor.

Edmund assentiu e engoliu em seco. A comitiva policial entrou no casarão.

— Venham comigo. — Edmund gesticulou para que o seguissem e todos começaram a subir a escadaria de mármore negra e corrimão trabalhado em ferro e cobre.

— *Wait a moment.* Espere!

Daniel retesou o passo no segundo degrau ao ouvir o agente Hoover ordenando que esperasse.

— Precisamos conversar boy.

O rapaz, que até o momento esquivara-se de seu olhar certo, inspirou uma grande quantidade de ar e voltou-se para ele com receio do que viria a seguir. Parado no meio do rol fracamente iluminado por meia dúzia lampiões, Wallace Hoover esquadrinhou-o dos pés à cabeça enquanto secava o suor do rosto com um lenço retirado do bolso interno do paletó. Daniel travou o maxilar e permaneceu estático, segurando no corrimão e olhando fixamente para o homem que contribuía de forma decisiva para o desenlace de todo aquele enredo odioso e rocambolesco. Hoover limpou as lentes de seus óculos de armação arredondada e começou a falar, esforçando-se para regularizar as batidas de seu coração e não deixar que a euforia da descoberta do cadáver de Erick Vander Pope

enevoasse seu raciocínio, fazendo com que se perdesse em precipitações e desvarios.

— Então você veio verificar se a história que lhe contei era mesmo verdade. *I told you boy. All true.* Mas fico feliz em saber que reencontrou sua irmã, ainda que moribunda. *You know boy, life can be cruel.* Muito cruel.

O rapaz mordeu o lábio inferior para segurar as palavras que brotavam de sua garganta. Um misto de ódio e repulsa faziam com que o mesmo desejasse investir contra Hoover, agredindo-o fisicamente e descarregando nele toda a sua raiva. Mas o rapaz sabia que deveria refrear suas emoções. Ele trazia o relógio no bolso da calça jeans e a cada segundo que passava ali, parecia que o objeto se agigantava e aumentava de peso, ficando cada vez mais evidente ao faro felino daquele homem desprezível.

— Há quanto tempo sabia da verdade? — Inquiriu-lhe Daniel entredentes.

— Obtive a comprovação de minha teoria dias após fecharmos nosso acordo. *Do you remember right?* Lembra-se do acordo que fizemos rapaz? Sua palavra foi empenhada e estou aqui para cobrar. Quero o relógio. *Now!*

— O relógio não está comigo. — Afirmou-lhe tentando imprimir em sua voz uma firmeza incontestável. Intimamente, Daniel torcia para que o agente não resolvesse revistá-lo. Ele jamais tivera a intenção de entregar-lhe o relógio.

Hoover balançou a cabeça negativamente e retirou da cintura um revólver de pequeno porte. Daniel vislumbrou o brilho de um objeto de metal em meio à penumbra noturna, e ao ouvir o clique do gatilho um arrepio agourento percorreu sua espinha dorsal.

— Não brinque comigo *boy.* — O agente segurava a arma engatilhada com a mão direita, acariciando-a levemente com a outra mão, sempre coberta pela luva de couro de crocodilo.

Daniel esforçava-se mentalmente para encontrar uma maneira de se esquivar daquele homem e sair dali o mais rápido possível. Ele sabia que precisava alimentar cada célula de seu corpo de coragem e astúcia, pois era o único jeito de escapar. Queria correr até o hospital para encontrar sua irmã. Seu pai precisava saber que

Lucinda estava viva. Cecília precisava saber que ele a amava. Um filete de suor escorreu em sua testa. Daniel havia tomado uma decisão. Desceu o primeiro dos dois degraus que o separavam do chão. Olhou de soslaio para a luz bruxuleante do lampião colocado sobre uma pedra de mármore, na extremidade do corrimão. Calculou que teria cerca de meio segundo entre derrubar o lampião e saltar sobre o agente na tentativa de imobilizá-lo. E foi o que fez. O rapaz golpeou o objeto com o braço esquerdo e pulou na direção de Wallace Hoover, que não premeditara o ataque e fora pego totalmente de surpresa. O choque dos corpos fez com que o revólver fosse arremessado para longe, mas não sem antes disparar uma vez. Daniel ergueu-se rapidamente e passou correndo através da porta escancarada. Ele não se atreveu a olhar para trás.

— *Stupid boy!* Estupido! Estupido!

O agente levantou-se com dificuldade, e olhou a esmo para os lados na tentativa de localizar a arma. Ele bufava raivoso e de sua boca minava saliva.

II

Edmund estava nervoso e suas mãos tremiam. Demorou quase meio minuto tateando os bolsos da calça para encontrar a chave do quarto de Isadora.

— Por que trancou sua esposa no quarto? — Perguntou-lhe o inspetor com estranheza.

— É uma longa história. Mas acredite, foi necessário.

O fornecimento de energia elétrica ainda não havia sido regularizado e o casarão encontrava-se parcialmente iluminado por lampiões e velas de diversos tamanhos. Ao abrir a porta do quarto, Edmund foi o primeiro a entrar e deparar-se com o motivo do barulho que os levara até lá. Isadora havia arremessado uma cadeira contra um imenso vitral colorido que dava para o lado leste da construção. De lá se podiam avistar muitas ladeiras, extensos quintais, e ao longe as luzes da Vila dos Esquecidos, cuja miséria dos moradores transformara-se em revolta, criminalidade e contribuíra para proliferação do consumo de entorpecentes.

Fachos de luz prateada esfaqueavam o ambiente e a brisa fria que adentrava pelo vão do vitral estilhaçado passeava pelo vestido perolado que Isadora estava usando. O tecido leve e fluido amoldava-se com perfeição ao seu corpo esquelético e vulnerável. Ela estava de pé em frente à janela, coluna ereta, braços retos largados ao lado do tronco e os olhos fixos na escuridão da noite. Os antebraços estavam sujos de sangue e havia também um corte na testa e outro na face esquerda, frutos dos estilhaços do vidro que se espatifara.

Por um átimo Edmund teve a impressão de que estava diante de uma visão. Uma cena de um filme rodado em preto e branco onde a protagonista contempla o vazio e não se dá conta de que está sendo observada. Tudo parecia acontecer em câmera lenta. Os homens entraram no quarto. Callado e seus guardas permaneceram

próximos à porta, mas Edmund caminhou em direção à esposa, detendo-se a alguns passos da mesma. Ela não se movia e também não respondia ao chamado do marido que pronunciava seu nome de forma cautelosa, pois sabia que não era prudente forçar qualquer tipo de reação. Ele já enfrentara outras situações como aquela e supôs que a italiana estivesse no meio de um ataque esquizofrênico. Subitamente, Isadora começou a movimentar-se bem devagar, balançando o corpo em movimentos pendulares, para frente e para traz. De seus lábios brotava uma melodia quase inaudível. Edmund percebeu que ela estava cantando.

— Fiquem aqui. — sussurrou o inspetor para os guardas, ordenando que permanecessem junto à porta. Callado aproximou-se de Edmund e tocou seu ombro direito.

— O que está acontecendo?

— Por favor, inspetor, não faça movimentos bruscos. Não faça nada que possa assustá-la. Ela está em transe.

— Em transe?

— Minha esposa é uma mulher muito doente. Deixe-me lidar com ela.

— Sr. Shume — Callado molhou os lábios com a língua e colocouse à frente do pintor — Encontramos os restos mortais de um homem lá fora no seu quintal, e tudo leva a crer que se trata de Erick Vander Pope. Há uma corrente de ouro com um pingente onde estão gravadas as iniciais E V P e também os restos de um passaporte. Está ilegível, mas há uma foto.

— Isso é um absurdo! Não tenho notícias de Erick há mais de trinta anos!

Isadora continuava a cantarolar baixinho, aproximando-se lentamente do parapeito da janela quebrada.

— Sou forçado a lidar com as evidências. O esqueleto que acabei de desenterrar não me diz qualquer coisa a respeito da própria morte, mas há um depoimento.

— Depoimento? — Edmund estreitou os olhos em sinal de genuína confusão mental. Nesse momento o barulho do disparo da arma de Wallace lhes chamou a atenção. Isadora silenciou-se e olhou para o marido.

— O que foi isso? — Perguntou o pintor.

Callado fez um gesto para que a dupla de policiais que os acompanhava chegasse mais perto.

— Padilha, vá verificar o que está acontecendo e localize o agente Hoover.

O policial assentiu com a cabeça e afastou-se em silêncio.

— Quanto a você Romero — O inspetor retirou de um dos bolsos da calça um lenço embolado e o entregou ao oficial — ligue para a delegacia e solicite reforços. Chame o IML e entregue isso ao encarregado da perícia. — O inspetor apanhara o cordão de ouro encontrado junto aos restos de Erick e o guardara cuidadosamente, envolvendo-o no lenço de tecido. — Precisamos retirar a ossada daqui antes que essa tempestade que está se acumulando sobre nossas cabeças resolva cair de uma vez só.

Uma voz trêmula e embargada surpreendeu-os assim que o segundo policial saiu do quarto.

— Eu o matei. — Afirmou Isadora, com seu olhar de safira desfocado e nebuloso.

— Matei.

LORENA DE MACEDO

— Eu o matei.

— Eu. Matei.

Callado segurou a respiração e encarou o pintor à procura de explicações.

— O que você está dizendo querida? — Edmund aproximou-se meio passo.

— Não! — Isadora ergueu o braço na tentativa de barrar a aproximação do marido. — Não. Não.

— O que ela tem? — Callado começara a se preocupar com a situação.

Isadora aproximou-se ainda mais do parapeito da janela. — Ela não sabe o que está dizendo inspetor. Está confusa e muito abalada.

A italiana fechou os olhos e acariciou a face direita com o dorso de uma das mãos. Sorriu e suspirou profundamente, recordando-se de

um momento prazeroso.

— Ele me beijou e disse que não havia me abandonado. — Querida, afaste-se da janela. Venha até aqui. Venha. — Foi um acidente Edmund. Um acidente. Ele queria levar Juliana. Ele me disse que ela não era minha filha.

A cada palavra dita pela italiana, Edmund perdia-se mais e mais em um labirinto de interrogações aparentemente sem sentido. Ele sabia que há dez anos, quando Isadora se apoderara de Juliana, Erick

Vander Pope lhe fizera uma visita inesperada. Edmund encontrava-se em uma viagem de trabalho e quando retornou Helena contara-lhe que Erick aparecera no jardim do casarão e surpreendera Isadora. Depois dessa visita, a italiana saíra a esmo pela cidade, retornando horas mais tarde com uma criança nos braços.

— Foi um acidente.

Isadora estava em pé sobre o beiral da janela. O vento soprava mais forte e levantava a barra de seu vestido, mas ela não se importava.

Uma sensação de liberdade plena apoderou-se de sua alma, arrancando de seu coração toda magoa que a levava a destruir os desenhos de seu marido momentos atrás. Fechou os olhos novamente

e encheu o peito de ar. Na memória, lembranças do momento em que

o vira pela última vez. Erick Vander Pope. O rapaz por quem se apaixonara na juventude e de quem engravidara com apenas dezesseis

anos. Isadora fora corajosa o bastante para se entregar ao homem que

julgara ser o amor de sua vida e igualmente ingênua ao ponto de acreditar que poderia ser feliz ao lado desse homem. Mas ainda que a estrada percorrida por ela não tenha sido a que sonhou para si, o destino se compadecera de sua mente perturbada e não permitiu

que
caminhasse sozinha. Edmund Hans Shume estivera ao seu lado
durante
quarenta anos. E por ela foi capaz de renegar a família, enfrentar
uma
vida de acessos psicóticos e sequestrar uma criança.
— Ela vai pular. — Sibilou o inspetor. — Vou me aproximar pelo
outro lado bem devagar. Ela não vai perceber. — Callado começou a
se
movimentar lentamente enquanto Edmund tentava distrair a mulher.
— Querida, olhe para mim. Está tudo bem Isadora. Tudo bem.
Subitamente a italiana virou o rosto na direção do marido e o
encarou como há muitos anos não fazia. E foi então que Edmund
pres-
sentiu o pior. Ele soube que aqueles olhos de medusa jamais
voltariam
a procurá-lo. A troca de olhares não durou mais que cinco segundos,
mas foi o suficiente para lhe causar uma dor visceral.
— Isadoraaaaaaaaa! — Gritou ele quando a esposa deixou que
seu corpo despencasse janela abaixo.
Callado estava há poucos centímetros e suas mãos chegaram a
alcançar um pedaço da fita de renda que arrematava o laço do
vestido,
na altura da cintura.

III

Por volta de onze horas da noite, Daniel estacionou a Ford de Albertino na portaria do Hospital Santa Clara. Momentos antes, ele saía pela rua dirigindo de forma desvairada, como se os segundos estivessem se esvaindo junto aos grãos de areia de uma ampulheta gigante. Daniel esfolou a lateral direita da caminhonete no portão da casa de Edmund, derrubou lixeiras e quase atropelou uma dupla de amigos boêmios que atravessava um cruzamento, em frente a um salão de baile. Pensamentos fragmentados convergiam em sua mente atordoada pelas revelações que o pintor lhe fizera, e era inevitável vislumbrar a reação de seu pai ao saber de toda verdade.

A recepcionista de plantão informou-lhe que o horário de visitas já havia se encerrado. Daniel encarou-a com olhos vermelhos e insistiu para que o deixasse entrar. Seu coração subia pela garganta e ele começou gesticular freneticamente e a dizer coisas sem sentido. A recepcionista, uma quarentona corpulenta e míope, segurou-o pelo braço e o conduziu até o banco mais próximo. Disse-lhe que buscaria um copo d'água para acalmá-lo e solicitou que se sentasse e aguardasse. Mas Daniel estava disposto a se encontrar com a irmã. Esperou até que a enfermeira se afastasse e correu em direção ao elevador. Ela não o viu se esgueirar pela parede fria do corredor principal, e ao se deparar com a recepção vazia e silenciosa, não se preocupou em verificar se o rapaz que deixara aguardando havia ido embora realmente ou se ignorara o término do horário de visitas. Deixou que a noite se encarregasse de ocultar possíveis desacatos de ordem inofensiva.

Após sair do elevador, Daniel demorou cerca de meio minuto para dar o primeiro passo. À sua frente abria-se um largo corredor margeado do lado esquerdo por três macas vazias e enfileiradas. As paredes haviam sido pintadas de branco e azul e no rodapé, em

alguns pontos, notava-se o desgaste da pintura e discretas manchas de infiltração. Lâmpadas amarelas conferiam ao ambiente uma atmosfera antiga, mitigando a frieza transmitida por um lugar como aquele. Ele sabia o número do quarto. Edmund lhe dissera mais cedo. Passos lentos em direção à terceira porta da direita. À medida que se aproximava, o rapaz se perguntava o que iria dizer a ela. Como seria olhar para Juliana e enxergar a menina que não vira crescer? A garotinha que um dia lhe chamara de irmão e que se enroscava nas pernas de sua mãe todas às vezes que se sentia implicada por ele. Como encará-la e não enxergar em seus traços toda doçura e beleza da mãe que compartilharam na infância? Daniel deparou-se com a porta entreaberta. Pela fresta pôde enxergar parcialmente uma figura vulnerável estendida sobre a cama de metal. Juliana estava sentada, o rosto virado na direção oposta e o braço esquerdo estendido ao longo do dorso. Daniel inflou seus pulmões como se estivesse se preparando para soltar um grito poderoso, mas ao invés de gritar o rapaz simplesmente abriu a porta e entrou no quarto. Dois olhos de jabuticaba madura o encararam com languidez. Um esboço de sorriso salpicou de seus lábios ressecados. Juliana cobria a cabeça com o lenço que ele lhe dera de presente. Seu rosto estava marcado por escoriações arroxeadas na altura das têmporas e atrás das orelhas. Em volta do nariz, e também abaixo dos olhos, pequenos vasos sanguíneos dilatavam-se formando riscos vermelhos em sua pele translúcida e sem pêlos. Subitamente o rapaz sentiu que havia mais alguém ali. Uma presença que ele não notara de imediato.

— Estou fazendo companhia a ela. Helena me pediu que ficasse. — Cecília deu um passo à frente, desvencilhando-se da penumbra que pairava em um dos cantos do quarto, iluminado apenas por um abajur colocado em uma mesinha de metal ao lado da cama da paciente. Daniel não entendia o que Cecília estava fazendo ali.

— Ela foi levada até a delegacia. Pouco depois de minha chegada, o inspetor Callado esteve aqui à procura do Sr. Shume, mas ele já havia saído para buscar a esposa em casa. A senhora Bonanova

ofereceu-se para acompanhá-lo até a delegacia. — Cecília balançou a cabeça de forma discreta, evidenciando que não poderia mais continuar a lhe dar explicações. Pelo menos não na frente de Juliana.

— Fico feliz que tenha vindo. Foi meu pai quem lhe mandou aqui? — Juliana falava e respirava com dificuldade. Horas antes ela havia vomitado sangue e suas pálpebras azuladas pesavam cada vez mais.

Daniel travou o maxilar antes de responder.

— Queria ter lhe trazido flores. — O rapaz mordeu o lábio inferior e desviou o olhar para o cateter inserido no braço da irmã. — Isso dói muito?

— Já me acostumei. — Um forte suspiro antes de continuar — não sinto muita coisa agora.

— Ministraram um sedativo, mas ela não está querendo dormir. — Disse-lhe Cecília.

— Não quero fechar os olhos agora. Não agora.

Daniel compreendeu que não havia muito tempo. Juliana estava morrendo e pelo seu aspecto, ela não sobreviveria a mais um amanhecer. Ele decidiu então que precisava ir ao encontro de seu pai para trazê-lo até ela. O rapaz enxugou a coriza que precede o choro com o dorso de uma das mãos.

— Posso trazer uma pessoa para lhe ver?

— Quem?

— Meu pai.

LORENA DE MACEDO

A garota fechou os olhos por alguns segundos.

— Por quê?

Não havia como responder àquela pergunta. No momento em

que a vira estendida sobre o leito de hospital, Daniel decidira que não lhe contaria nada. Ele não revelaria sua verdadeira identidade, ainda que precisasse fazer um esforço sobre-humano para se conter.

Ele não tivera tempo de processar tudo o que Edmund lhe confienciara. Uma enxurrada de sentimentos abarcava-lhe a alma, e naquele momento Daniel sentia uma imensa tristeza, profunda e inexorável.

— Porque — ele titubeou um pouco, jogando a cabeça para trás na tentativa de evitar as lágrimas — porque acho que ele gostaria de te conhecer.

Cecília tocou seu braço para confortá-lo. Ela havia percebido no rosto de Daniel que o mesmo confirmara suas suspeitas acerca da origem de Juliana.

— Vá buscá-lo o quanto antes. Eu fico aqui com ela.

Daniel aproximou-se um pouco mais da irmã. Tocou sua mão e sentiu a frieza de sua pele. Os dedos longos o fizeram lembrar-se do que sua mãe costumava dizer.

Lucinda, você tem dedos de pianista. Longos e finos, como os meus. Um sopro de brisa adentrou pela janela.

— Estou com frio. — Juliana começou a tremer.

Cecília apanhou um cobertor que estava dobrado sobre o assento de uma poltrona. Mas ao puxar a coberta, uma boneca de pano caiu no chão.

Daniel engoliu em seco ao ver o objeto. Cecília apanhou a boneca e ambos se entreolharam.

— Que linda boneca! — Elogiou Cecília.

— Tia Helena me deu de presente. Já faz muito tempo.

Sua mente foi sacudida por um estalo quase audível e Daniel começou a vislumbrar uma solução. Em seu bolso, o relógio jazia oculto, pronto para ser usado. Sentiu o objeto estufado sob o jeans. Estava se mostrando, suplicando para que se lembrasse de que tudo poderia se resolver com uma simples viagem no tempo.

— Preciso lhe dizer algo antes de ir. — Daniel virou-se para Cecília e segurou suas mãos entre as dele. Sua garganta estava seca e a falta

de desenvoltura travava-lhe a língua.

Cecília apertou seus dedos com força e aproximou-se meio passo.

Encarou-o com um sorriso acanhado.

Estou apaixonado por você. — Pensou ele.

Um suspiro de ambos os lados. Ela sabia que Daniel estava prestes a lhe dizer algo importante.

— Quero que saiba que... — O rapaz mordeu o lábio para conter um leve tremor — Você precisa saber que... — Mas Cecília não deixou que o mesmo terminasse. Ela ergueu suas mãos e beijou-lhe as palmas delicadamente. Um arrepio percorreu o corpo do rapaz.

— Eu já sei. — Seus olhos e o tom de sua voz disseram a ele que ela já sabia de seu amor.

— Agora vá buscar seu pai. Depois conversamos.

Daniel agradeceu-a por estar ali e saiu apressado.

IV

Helena Bonanova perdera-se em pensamentos enquanto contemplava o pior café que já tomara na vida. Ela não conseguiu passar do primeiro gole. A bebida esfriara dentro da caneca de porcelana barata, oferecida por um policial recém-chegado à equipe e que estava de plantão na noite em que a mesma resolvera abrir seu armário de esqueletos para revelar um grande segredo. Pensava em Juliana, sua linda bailarina. Helena jamais se iludira quanto à doença da menina, mas isso não a demovia das preces diárias que fazia em seu nome. A mulher só rezava desta forma por outra pessoa, Isadora. Cogitou se àquela altura o corpo de Erick Vander Pope já teria sido desenterrado. Será que Isadora já estaria sabendo de sua traição? Helena imaginava que a italiana não conseguiria expressar seus sentimentos ao saber que seu crime havia sido descoberto. Mas ainda que Isadora fosse culpada pela morte do cientista, sua condição psíquica certamente seria levada em consideração no ato de sua prisão e também no decorrer de um possível julgamento criminal. Helena fora obrigada a dar seu depoimento, pois não poderia deixar que Edmund pagasse por um crime que não cometera. Afinal, este sempre fora o motivo pelo qual ela tornara-se cúmplice de Isadora naquela história macabra. Fizera uma escolha em nome de Edmund, ao ajudar a encobrir o assassinato do cientista. Na verdade, a ideia havia partido de Helena, já que Isadora não possuía firmeza emocional para raciocinar friamente acerca do que fizera. Helena amava Edmund sem restrições. Sempre fora assim, e ela jamais se permitiu vislumbrar algo diferente.

A senhora desviou a atenção do café e reparou em suas mãos enrugadas. Dorsos salpicados de manchas escuras, pintas e sardas. A idade avançada cobrava-lhe o preço de uma vida de poucas alegrias, mas ainda era possível enxergar por detrás daquele

semblante de 68 anos, traços de uma beleza frugal. Casara-se cedo com um homem dezessete anos mais velho. Benito Bonanova apiedara-se dela ao conhecê-la ainda menina na lida rural. Sua família trabalhava de sol a sol em uma fazenda de café no interior de São Paulo. Filha mais velha de uma prole de quatro rebentos, Helena ficara responsável por cuidar dos irmãos quando a mãe faleceu após o parto do caçula. Seu pai, um beberrão semianalfabeto e sem escrúpulos, rendera-se facilmente à proposta que Benito lhe fizera em troca da mão de sua primogênita. Ela nunca mais teve notícias dos irmãos.

O inspetor Callado custou a acreditar na história que a mesma lhe contara mais cedo, sentada naquela cadeira desconfortável da qual agora não conseguia se levantar. Seus joelhos trêmulos encontravam-se sob a mesa, envoltos por uma meia-calça grossa e escura. Cabelos desbotados, presos em um coque arrematado por uma presilha de madrepérolas, presente de Edmund. Helena Bonanova nunca pensou em se desvincular do sobrenome de seu falecido marido. Sua viúves prematura libertou-a para descobrir um mundo que jamais pensou existir, mas ela não se deixou levar pelas perspectivas que a juventude lhe trazia à porta. Helena apaixonou-se por Edmund de forma irreversível, e para ela vergonhosa. Foram anos de labuta para resistir a um sentimento que lhe queimava a carne e desvirtuava o juízo. Mas a resistência foi quebrada em uma noite de desapontamentos e loucura. E durante muito tempo compartilharam o mesmo leito, sucumbindo à solidão que suas almas experimentavam. Edmund nutria por ela um afeto incontestável, respeitando-a como mulher e amando-a como a uma amiga que por vezes se prestava ao papel de consoladora. Isadora passava a maior parte do tempo submersa em um turbilhão de devaneios e jamais agira como esposa e companheira. E foi nos braços de Helena que o pintor encontrou afeto, calor e gozo.

Callado bateu duas vezes na porta da sala de interrogatórios antes de entrar. Ele sabia que ela ainda estava lá e não queria que se

assustasse com a sua chegada repentina. Estava abatido e carregava nos ombros o peso de dois cadáveres.

— Senhora Bonanova.

Helena fitou-o com olhos vazios.

— Não trago boas notícias.

Callado aproximou-se devagar, lábios secos e paletó encardido.

Puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da mulher.

— Não acredito que lhe serviram esta porcaria. — Comentou ao reparar na chávena repleta de café frio.

Helena começou a sentir que seus pés estavam inchando dentro dos sapatos de salto baixo. Um desconforto súbito passou a incomodá-la. Remexeu-se na cadeira e esfregou as mãos uma contra a outra.

Callado aguardou que se acomodasse à sua presença e ao fato de que

ele lhe trazia notícias ruins.

— Encontramos a ossada de Erick exatamente onde disse que estaria.

— Isso é um alívio.

— Edmund está aqui na delegacia e quer conversar com você. — Ele está aqui? — Perguntou-lhe ela, confusa e desconfiada. —

Aconteceu um fato novo e receio que deva deixá-lo lhe contar.

Helena balançou a cabeça negativamente e tentou esboçar uma nova pergunta, mas foi interrompida pelo rangido da porta. —

Helena... — Edmund estava lá e parecia que o mesmo havia sido atropelado por um rolo compressor.

Entreolharam-se por um longo período sem nada dizer. O pintor aproximou-se e Callado cedeu seu lugar para que se sentasse junto a

ela e deixou a sala para lhes dar privacidade. Ele segurou suas mãos e

as beijou com delicadeza. Helena prendeu a respiração por um átimo.

Edmund acariciou seu rosto e ela começou a chorar. Um choro

discreto

e isento de qualquer amargura. Uma demonstração de alívio extremo.

Como se seu espírito estivesse se libertando de grilhões violentos e suas escaras começassem a cicatrizar.

— Minha querida. — Edmund cerrou os olhos e beijou sua boca. Apenas um leve roçar de lábios. Sua voz embargada denunciava a gravidade da situação.

— Ela se foi. Isadora está morta.

Helena Bonanova arregalou os olhos estupefata. Jamais imaginara que a notícia trazida por Edmund referia-se à morte da italiana.

— Por que não me contou o que aconteceu Helena. Por que me esconder uma história dessas? Nós nunca tivemos segredos um para o

outro. Eu não entendo, não entendo...

Helena suspirou profundamente e apertou as mãos de Edmund com força.

— Você ainda quer ouvir a história toda? Posso lhe contar agora. — Faça isso Helena. Conte-me tudo.

— Mas me diga primeiro, como ela morreu?

Edmund molhou os lábios com a ponta da língua e inflou o peito de ar.

— Deixou-se levar pela loucura. Pulou da janela do torreão.

Violentas saraivadas de chuva e vento assolavam o telhado da delegacia. Um pique de luz ameaçou deixá-los no escuro.

Aguardaram por um momento até que a energia elétrica se estabilizasse. Helena limpou as bochechas úmidas com um lenço de tecido que trazia no bolso de seu casaco antes de iniciar o relato.

Não sei se vai compreender, mas confesso que não me importo mais. Cometemos um crime horrroso há dez anos ao sermos cúmplices de um sequestro e já não sei se os sentimentos que nos motivaram são legítimos o bastante para nos absolverem de nossos pecados no dia do juízo final. Só o que sei é que precisei esconder o cadáver de um homem, arrastá-lo no meio da noite sobre a relva

molhada, cavar um buraco profundo o suficiente para que nenhum animal resolvesse desenterrá-lo e agir como se tudo não passasse de um pesadelo, do tipo que nos chacoalha a madrugada inteira e do qual não conseguimos nos desvencilhar com facilidade. Quando Erick apareceu pela primeira vez no jardim do casarão, você não se encontrava em casa. Isadora e eu estávamos cuidando de algumas plantas e o caseiro rastelava as folhas secas que cobriam o caminho de pedras até o portão do lado leste. Lembra-se que a primeira coisa que fiz quando você retornou de viagem foi lhe contar tudo isso? Isadora e o cientista conversaram em minha presença por um longo tempo. Pedi a ele que fosse prudente em suas palavras e o mesmo ficou desconcertado ao me ouvir dizer que ela não era mentalmente saudável. Foi um encontro torturante. Ela o acusou de abandono, dizendo que o mesmo não fora verdadeiro em seus sentimentos. Erick também se deixou levar pela mágoa que carregava consigo. Acusou-a de ter se aproximado dele por interesse e lhe disse que o fato de ter se casado com você só corroborava a ideia de que a italiana não passava de uma vigarista. Foram muitas as ofensas, mas em alguns momentos pude enxergar nos olhos e gestos de ambos a vontade de se abraçarem e sucumbirem a um sentimento maior. Erick foi embora ao cair da noite, deixando a italiana exaurida e transtornada. E sabemos bem o que nos custou o desdobramento desse encontro. Aproveitando-se de um descuido meu, Isadora saiu sozinha pela cidade e vagou a esmo por cantos obscuros até chegar ao palacete da família Pope. Imagino que ela tenha encontrado Lucinda logo após o acidente da menina. Trouxe-a para casa ainda desfalecida e com a ideia fixa de que a garotinha era a filha que tivera com o cientista. Erick retornou dois dias depois, quando as primeiras luzes do crepúsculo vespertino começavam a colorir o céu. Perguntou se você estava em casa e diante da minha negativa, pediu para ver Isadora. E foi então que percebi ali o fio a ser puxado para desfazer o novelo de despautérios que Isadora começara a tecer. Imaginei que Erick poderia demovê-la da ideia fixa de que a menina era sua filha. Expliquei o que estava acontecendo e supliquei para que agisse com extremo cuidado. Ele deveria chamá-la ao juízo, mostrando-lhe que Lucinda não a pertencia. Mas Erick

não agiu como pensei que o fizesse. Ao ver a sobrinha-neta no colo da italiana, o cientista tentou retirá-la à força. Foi tudo muito rápido e confuso. Isadora vociferou que não permitiria que ele lhe tomasse a menina e enfiou um punhal em sua jugular. Até hoje não entendi como aquela arma foi parar em seu domínio, mas sabemos que Isadora costumava esconder facas sobre o travesseiro para se proteger das alucinações esquizofrênicas que a perseguiam sem dó. Quando entrei no quarto já era tarde demais. Erick estava estirado no chão e uma poça de sangue começava a se formar sob seu corpo inerte. Isadora debruçara-se sobre ele e acariciava seu rosto. Lucinda nada vira ou ouvira, pois estava inconsciente. Fiquei paralisada por longos minutos, observando aquela cena horripilante. Mas foi o vislumbre das consequências que me impeliu a agir rápido. No dia anterior ao assassinato, um oficial norte-americano com insígnias do serviço secreto apareceu no casarão à sua procura. Trocamos meia-dúzia de palavras e ele não passou da soleira da porta. Estava acompanhado de um policial que lhe servia de intérprete e me disse que viera lhe procurar para saber notícias de um velho amigo. Tive medo de que Isadora aparecesse e deixasse transparecer a presença de Lucinda e por isso despachei-o rapidamente, dizendo que você não se encontrava. Mas eu sabia que não poderia evitar outra investida da polícia com a mesma firmeza. Enquanto contemplava o cadáver de Erick Vander Pope, seu rosto apareceu em minha mente e naquele instante tive a certeza do que deveria fazer. Se você soubesse da morte de Erick iria querer assumir a responsabilidade pelo acontecido. Tenho certeza de que jamais permitiria que Isadora fosse acusada. E eu também não poderia permitir tal coisa, já que me sentia culpada por julgar que Erick fosse capaz de retirá-la de um dos piores surtos psicóticos que já sofrera na vida. Então agi rápido. Chamei o caseiro e lhe ofereci uma boa quantia para que se tornasse meu cúmplice. Não foi muito difícil convencê-lo já que o pobre-coitado precisava de dinheiro para pagar dívidas de jogo. Ele me ajudou a retirar o corpo do casarão e arrastá-lo até o local do sepultamento. Cavamos juntos e em silêncio, cabendo a ele a maior parte do serviço. Tentei conversar com Isadora para descobrir até que ponto ela compreendia o que

havia feito. Mas para ela era como se nada tivesse acontecido. Tempos depois regressamos à Paris e a lembrança daquela noite acomodou-se no recanto mais profundo de minha alma. Contudo, um mês atrás fui procurada pelo caseiro. Ele ficou sabendo de nosso retorno e me procurou para pedir mais dinheiro. Encontramo-nos em um botequim e conversamos rapidamente. Jamais imaginei que o veria novamente. Tenho minhas economias, mas a quantia que ele me pediu era muito alta. Adiantei-lhe um pouco e ele me deu prazo para conseguir o restante. Não tinha a intenção de lhe contar nada disso, pois acreditava que iríamos viajar aos Estados Unidos o quanto antes, e toda essa história escabrosa ficaria para trás.

— Essa é a história toda? Não há mais nada? Nenhum outro segredo, por menor que seja?

— Sim. Isso é tudo.

— Ah Helena. Você não faz ideia do quanto me dói escutar tudo isso. Dói muito saber que lhe condenei a uma vida miserável. Eu jamais poderia ter aceitado que se doasse tanto por nós.

— Não diga isso Edmund. Você nunca me obrigou a nada. Quando aceitei seu convite há anos atrás para me juntar a vocês em Paris eu sabia que não havia mais nada para mim no Brasil. Você conhece a minha história e sabe que nunca mais tive notícias da minha família de sangue.

O pintor correu os dedos sobre suas bochechas, delineando rugas profundas na altura das maçãs do rosto.

— Mas eu não fui capaz de te amar como você merecia.

— Você me amou como podia Edmund. — Suspirou ela profundamente.

— O inspetor Callado me deu voz de prisão pela morte de Erick.

— Ele não acredita em mim. Pensa que estou lhe protegendo. E foi o que fiz durante todos esses anos, ainda que você não soubesse.

— Isadora contou-nos que ela o matou. Antes de se suicidar, ela nos disse tudo.

Helena deixou escapar um sorriso.

— Então a italiana sabia bem o que havia feito.

Edmund não respondeu. Apenas puxou-lhe pelo pescoço e amparou seu rosto junto ao ombro.

V

Daniel encontrou um bilhete junto à porta de entrada da casa de seu pai. Ele havia saído do hospital sob uma forte chuva e dirigira com dificuldade até o sobrado, tentando controlar o nervosismo que desvirtuava sua atenção. A tempestade obrigou-o a ir mais devagar. No bilhete Alexander lhe dizia que estava à sua espera no palacete do Largo das Mansões. Um calafrio percorreu sua espinha, mas ele preferiu não interpretar a sensação como um sinal de mau agouro, já que precisava encontrar o pai e levá-lo até o hospital o mais rápido possível. Contudo, Daniel ainda não havia decidido como contar a ele que sua filha estava viva, e dentre todas as opções formuladas mentalmente durante o caminho até o palacete, de uma coisa Daniel estava certo: ir direto ao ponto e contar-lhe tudo de uma vez só. Não havia como evitar o choque que seu pai sentiria ao saber de toda a verdade, mas Juliana estava morrendo e por isso era preciso ser direto, falar sem rodeios e sem medo de que a notícia viesse a lhe causar um ataque cardíaco.

Os portões do palacete estavam escancarados, mas não convidativos. Àquela hora da noite o casarão dos Pope mais parecia um espectro encoberto por um manto de sombras noturnas que planavam soberanas, visto que na rua nenhum poste de iluminação estava funcionando e da casa não se via qualquer sinal de energia elétrica. Daniel estacionou a caminhonete sob a marquise de entrada. Desceu e sacudiu-se todo na inútil tentativa de secar um pouco da roupa que vestia. Tentou abrir a porta, mas percebeu que estava trancada. Bateu com a mão empunhada e gritou pelo pai. Não houve resposta. Um trovão clareou o céu no exato momento em que o rapaz apoiava-se contra o vidro de uma janela, buscando enxergar o interior do casarão. A claridade temporária o ajudou a perceber uma movimentação no lado de dentro.

— Pai! — Chamou mais uma vez.

— Estou aqui dentro filho. — Uma voz gritou em resposta. — Dê a volta e entre pela área de serviço.

A estranheza daquela voz causou-lhe desconforto. Não era seu pai quem havia gritado. Daniel engoliu em seco e chamou mais uma vez, pois queria ouvir a voz novamente para se certificar do que acabara de suspeitar.

— O que disse pai?

— Venha até aqui filho. Entre pela porta da cozinha. Ele estava certo. Não era seu pai quem respondera ao seu chamado.

Subitamente um rosto lhe veio à memória e uma garra imaginária travou sua garganta.

Ele está aqui. — Concluiu com apreensão e seu coração começou a bater mais rápido.

Daniel não sabia realmente se seu pai estava lá dentro, ou se tudo não passava de um blefe arquitetado no lastro do desespero para ludibriá-lo. Pensou em chamar a polícia, mas logo desistiu da ideia, pois não havia tempo. Se ele realmente estivesse certo em suas suspeitas, seu pai estaria agora nas mãos de um homem que não media esforços para conseguir o que desejava. O rapaz inflou o peito de ar e coragem e decidiu arriscar. Entrar no palacete e enfrentar o que viesse ao seu encontro, pois perder a única pessoa que ainda lhe restava da família que conhecera definitivamente não era uma opção. Mas antes de dar o primeiro passo, Daniel retirou o relógio do bolso e se certificou de que o mesmo estava devidamente carregado com a última cápsula da substância utilizada para fazê-lo funcionar. Fitou os ponteiros uma última vez, jurando a si mesmo que a máquina do tempo, o objeto que lhe traria a redenção ao lhe devolver a vida que lhe fora arrancada, jamais cairia em mãos erradas.

Decidiu então agir rápido e surpreender o inimigo. Foi até a carroceria da caminhonete e apanhou um facão meio enferrujado e sujo que carregava junto às ferramentas de jardinagem.

Empunhando a arma branca, contornou o casarão pelo lado direito, cuidando para não ser visto do interior da casa. Ele não iria entrar pela área de serviço, conforme pedira quem estivesse se passando por Alexander, mas sim por um pequeno alpendre lateral cuja

entrada desembocava no salão oval onde se encontrava o piano de sua mãe. Daniel forçou a entrada, tentando não chamar atenção. A porta não estava trancada, mas o golpe empenhado para desemperrá-la acabou por provocar um tremor nos vitrais e o barulho foi inevitável. Esgueirou-se por uma pequena fresta, facão junto ao peito e joelhos vacilantes. Um engulho tomava conta de seu estômago. Nunca na vida sentira tanto medo. Tateou a parede à sua esquerda procurando equilibrar-se em meio à penumbra chispada de prata e azul. Movimentava-se lentamente, cuidando para não tropeçar em nada que pudesse denunciar sua localização. Havia alguns móveis velhos espalhados pelo salão e o piano de cauda encontrava-se na outra extremidade do cômodo. A cada passo dado, uma retumbada cardíaca avisava-o de que o perigo o rondava. *Ele já deve ter se dado conta de que as coisas não estão saindo exatamente conforme o planejado.*

Do lado de fora da casa, rajadas de vento serpenteavam por entre as árvores, silvos agourentos cantando a madrugada fria que se desfazia em água. Um estrondo abalou suas estruturas. Daniel virou-se rapidamente e vislumbrou o piano ao longe. Alguém batera com força em suas teclas. Ele prendeu a respiração e aguardou, mas o barulho não se repetiu. Contudo, Daniel sentiu que não estava sozinho no salão. Um ruído seco denunciava que algo se movia a poucos metros. O rapaz deu dois passos curtos para frente e olhou a esmo para os lados. A respiração entrecortada estava ficando cada vez mais alta. Cogitou puxar as cortinas do janelão que cobria boa parte da parede. O ruído estava ficando cada vez mais próximo. Decidiu então que precisava clarear o ambiente para enxergar o que estava se aproximando e conseguir se defender. Daniel empunhou o facão com uma das mãos e com a outra puxou com toda a força um amontoado de panos empoeirados e puídos. Tudo veio abaixo no segundo puxão e raios azuis peneirados pelo vitral penetraram no salão, dando a ele uma nova perspectiva do todo. Daniel golpeou o ar em um gesto involuntário, esforçando-se para não gritar. Uma ratazana tão grande quanto um gato passou correndo à sua esquerda. Não havia ninguém no seu encalço.

Inferno! — Sussurrou para si mesmo.

Tentou normalizar a respiração e se introduziu no rol.

— Welcome home boy. — Uma voz recebeu-o do primeiro andar, acitrinada, irônica, inconfundível.

O rapaz ergueu os olhos lentamente e vislumbrou duas formas humanas no patamar da escadaria principal. Uma lamparina azeitada fora colocada no chão, mas não iluminava o suficiente para que enxergasse com nitidez os rostos que o observavam. Mas ele sabia de quem se tratavam. Alexander encontrava-se sentado em uma cadeira de assento estreito e espaldar reto, as mãos cruzadas e amarradas sobre o colo, canelas atadas aos pés dianteiros da cadeira. Estava amordaçado.

— Pai! — Daniel disparou na direção da escada.

— Stop! Pare aí mesmo! — Gritou Hoover com o revólver empunhado na direção de Alexander. — Não se precipite boy. Don't be stupid.

O rapaz deteve-se antes de alcançar o primeiro degrau.

— Está tudo bem pai?

— Tudo o que pedi a ele foi um pouco de cooperação. Mas ele se recusou. Agora sei de onde vem a sua estupidez boy.

— Ele não tem nada haver com isso Hoover. Deixe-o ir e vamos conversar.

O agente soltou uma gargalhada crispada.

— Now you wanna talk! Eu te disse que poderíamos resolver tudo de forma limpa, mas você se negou.

Alexander sangrava de uma pancada na cabeça. Hoover o golpeara quando o mesmo se recusou a compactuar com seu plano de atrair Daniel para o palacete.

— Por favor, deixe-o ir.

— We had a deal, e tudo o que precisava fazer era cumprir com o nosso acordo. Mas você tentou bancar o esperto. What a fool! — Outra gargalhada desprezível.

— O relógio está comigo. Meu pai não tem nada haver com isso — Retrucou Daniel com raiva, desejando que suas palavras se transformassem em flechas e o atingissem de forma mortífera.

— Engano seu. Este idiota está envolvido até a raiz dos cabelos. He lied to me. Quando estive aqui pela primeira vez, neste país de

merda, seu pai mentiu para mim ao dizer que Erick estava morto e que a última notícia recebida era uma carta da Universidade de Berlim comunicando o falecimento do cientista. Uma bela dupla de mentiro- sos é o que vocês são!

Alexander respirava com dificuldade e o filete de sangue que escorria de sua testa chegou ao olho direito, atrapalhando sua visão. Hoover observou seu prisioneiro por um breve instante e Daniel aproveitou a distração para avançar um largo passo.

— Tell me boy, porque não contou a seu pai que a filha está viva? Nesse instante um sopro de brisa gelada irrompeu de um vão da porta de entrada onde antes havia um vitral filigranado, e apertou a nuca de Daniel. O rapaz não tivera coragem de contar ao pai suas sus- peitas em relação à Juliana. E agora aquele homem odioso estava se encarregando de revelar-lhe tudo da pior maneira possível.

— O que disse a ele? — Sibilou o rapaz visivelmente transtornado.

— The truth. Somente a verdade. Afinal de contas, ele precisava saber o que lhe ofereci em troca do relógio. Então contei a ele que Juliana é a filha caçula que desaparecera na infância.

Daniel suspirou profundamente, relaxou os ombros e abaixou o facão.

— Pai, me perdoa. Não pude lhe contar nada disso antes porque não tinha certeza. Mas agora eu já sei de tudo. Edmund me contou a história toda.

Alexander fechou os olhos remexeu-se na cadeira, soltando gemidos abafados pela mordaca.

— Não comece com isso! Não me importa o que aconteceu com vocês. I do not care. — Pronunciou com uma vagareza desdenhosa.

— Não me interessa se aquela menina é sua irmã ou se é filha do diabo. Vamos resolver isso agora! Suba até o sétimo degrau, coloque o relógio no chão e se afaste bem devagar.

Daniel tentava raciocinar com clareza. Se fizesse o que o agente mandava, ele jamais teria a chance de regressar no tempo e mudar o curso da história de sua família, evitando o desaparecimento de Lucinda. Olhou para seu pai mais uma vez. Se escolhesse salvar o relógio, o agente o mataria sem piedade. Havia apenas uma cápsula. Apenas uma viagem no tempo. Ele não poderia viajar duas vezes.

Não poderia salvar o pai.

Um pensamento ocorreu-lhe rapidamente.

Se eu conseguir evitar o sumiço de Lucinda, será que ainda nos encontraremos nesta mesma situação?

Mas não havia tempo para raciocinar a respeito dos infinitos enredos que poderiam acontecer caso Daniel reescrevesse a história. Era preciso ignorar hipóteses e encarar o presente.

— Você não tem escolha boy. A não ser que queira ver seu pai quebrar o pescoço. — Hoover segurou com firmeza no espaldar da cadeira e ameaçou empurrá-la escada abaixo.

— Espere! Vou lhe dar o que quer.

Daniel avançou com extremo cuidado até o degrau indicado. Retirou o relógio do bolso e o apertou fortemente antes de soltar. Prendeu a respiração e buscou o pai com os olhos.

— Vai ficar tudo bem. Tudo bem. — Afastou-se até o centro do rol e esperou.

Hoover molhou os lábios com a ponta da língua e começou a descer a escada, empunhando a arma na direção de Daniel. Ele estava sedento pelo objeto e mal conseguia disfarçar a satisfação à medida que chegava mais perto. Agachou-se e apanhou o relógio com a mão deficiente. Olhou através do visor e os ponteiros estáticos lhe pareceram agulhas afiadas capazes de tecer o destino do mundo.

— Finally. — Suspirou e ergueu a mão. Olhos petrificados, deslumbrados diante da perspectiva de brincar de Deus.

Daniel apenas observava, tentando arquitetar uma saída que lhe permitisse salvar o pai e recuperar o relógio. Mas a solução apareceu de forma inesperada e sem que o mesmo tivesse tempo de processar as consequências. Alexander pendera o corpo para frente forçando a própria queda. A cadeira despencou escada abaixo, atropelando o agente que estava no meio caminho. Hoover chocou-se violentamente contra o chão e por pouco não bateu a cabeça em uma armação de ferro escorada rente ao corrimão da escada.

Óculos, revólver e relógio foram arremessados em direções opostas. Dois pés da cadeira se quebraram. Alexander batera o tórax com muita força no corpo do agente e não estava conseguindo respirar. Daniel aproximou-se rapidamente do pai, trêmulo e estupefato. A

cena durou poucos segundos, e ele custava a acreditar no que o pai havia acabado de fazer. O rapaz chamava seu nome enquanto tentava desamarrar suas mãos. Mas antes ele o liberou da mordança. — Respire pai! Respire!

Alexander arqueava ferozmente, revirando os olhos e expelindo saliva.

— Que loucura pai!

O agente demorou alguns minutos para se mover. Primeiro começou a se remexer como um bicho asqueroso, gemendo e praguejando. Depois se colocou de joelhos e cuspiu uma borra de sangue. Seu rosto latejava e ele logo percebeu que havia quebrado o nariz. Finalmente Daniel conseguiu desamarrar o pai e o estirou sobre o piso de mosaico. Alexander gemia baixinho e não se movia, mas a respiração começou a dar sinais de melhora.

— Não feche os olhos pai. Não feche os olhos. — Rogava-lhe o filho, Tateando-o à procura de algum ferimento mais grave.

Hoover apoiou-se na perna direita e tentou puxar a esquerda para se reerguer, mas uma dor dilacerante minou seu movimento. A perna esquerda estava quebrada em algum ponto. Inspirou o ar com dificuldade e foi se arrastando até o umbral da antessala. Apoiando-se na parede, o agente buscou forças na ira que estava sentindo para ignorar os ferimentos e se reerguer. Ele precisava encontrar sua arma. Precisava encontrar o relógio.

Daniel levantou a cabeça do pai alguns centímetros. Seus olhos estavam embaçados de lágrimas e de sua boca começou a escorrer um filete de sangue.

— Por favor, por favor, não me deixe agora. Por favor, pai. Por favor... — Suplicou-lhe desesperado.

— Desgraçados. — Hoover havia encontrado o revólver e agora o empunhava na direção de Daniel e Alexander. Estava recostado no corrimão da escada e fazia um esforço sobre-humano para se equilibrar em uma perna só. O cano da arma oscilava entre pai e filho. Ele destilava um misto de sangue e veneno, e de seus olhos chispavam faíscas de ódio.

Subitamente, o agente sentiu o toque frio de um metal contra sua nuca.

— Largue a arma. Bem devagar. — Uma voz encorpada elevouse sobre seus ombros, ordenando que ele se desarmasse.

Daniel mantinha-se imóvel, amparando Alexander em seus braços.

— Largue a arma. — Callado havia surpreendido a todos e agora apontava um revólver para Wallace Hoover. No dia anterior pela manhã, o inspetor recebera uma carta da Agência de Investigação Norte-Americana, em resposta à consulta realizada meses atrás, quando da chegada de Wallace Hoover a Esplendor. O documento oficial informava que o agente especial Wallace B. Hoover havia sido exonerado do cargo que ocupava na agência acerca de um ano, após ter sido submetido a um processo disciplinar interno de trâmite sigiloso. A carta, redigida em três parágrafos curtos, terminava com a declaração de que o ex-agente não possuía qualquer vínculo com a Agência de Investigação Norte-Americana a partir do momento de sua exoneração. Não havia, portanto, nenhuma missão a ser cumprida, nem em Esplendor, ou em qualquer outro lugar do mundo.

— Não se meta. — Retrucou Hoover.

— Não me obrigue a atirar.

Hoover virou-se para o inspetor e encarou o cano da arma.

— Você entende o que está fazendo? Entende que está obstruindo uma investigação internacional?

— Entendo que você não é mais quem diz ser.

Hoover sorriu de forma debochada.

— Não vou desistir inspetor. Não agora. — Virou-se e atirou.

Meio segundo depois, um novo tiro atravessou a noite e a nuca de Wallace Hoover.

VI

Alexander Pope foi levado para o mesmo hospital em que sua filha se encontrava. O tiro disparado por Hoover passara a centímetros de distância da orelha direita de Daniel. Lancelin Honório Callado respondera com um tiro à queima roupa que atravessou o crânio do exagente —, aniquilando-o sem piedade. Depois de colocar o pai na ambulância e se certificar de que o mesmo não corria perigo de morte, Daniel largou-se na calçada do palacete e começou a chorar. Callado sentou-se ao seu lado e apertou seu ombro. Como era de se esperar de um homem de poucas palavras, ele não disse coisa alguma durante vários minutos, apenas esperou que o rapaz desaguasse o susto que acabara de sofrer e equilibrasse os nervos. Daniel apertou os olhos e repetiu a si mesmo que tudo havia acabado.

— Acabou. Acabou. — Ia normalizando a respiração à medida que falava.

— Acabou Daniel. — Callado apertou seu ombro mais uma vez. — Acabou.

Momentos depois o inspetor lhe esclareceu que Wallace B. Hoover agira o tempo todo por conta própria.

— Quando ele apareceu por aqui há dez anos, o delegado chefe recebeu um comunicado oficial e também um telefonema pessoal do então secretário de segurança do Estado do Rio de Janeiro, por meio do qual o mesmo lhe esclarecera que uma dupla de agentes vinculados ao serviço secreto Norte-Americano havia desembarcado no Brasil e estava se dirigindo a Esplendor por conta de uma investigação de caráter secreto. Mandaram-nos cooperar sem restrições, e ainda que isso me incomodasse profundamente, foi o que fiz na época. Eu nunca me senti à vontade na presença daquele homem. Para falar a verdade, sempre achei que suas atitudes ultrapassavam o mero interesse profissional. Muitas vezes me

imaginei socando aquela cara cínica até que perdesse os sentidos, mas confesso que não pensei que chegaria a matá-lo. — Callado acendeu um cigarro, deu a primeira tragada e continuou — Mas quando Hoover apareceu pela segunda vez, portando apenas um papel timbrado supostamente expedido pela Agência de Investigação Norte-Americana e por meio do qual a mesma lhe atribuía ordens de dar continuidade à missão iniciada anos atrás, um letreiro luminoso piscando a palavra cuidado em letras garrafais acendeu-se em meu cérebro. Não dividi minhas suspeitas com ninguém, pois sabia que não iria adiantar. O delegado-chefe é estúpido demais para compreender que nem tudo é o que parece. Se suas bolas estiverem sendo massageadas a contento, ele não é capaz de perceber um elefante dentro da sala. E como não tenho mais idade e nem paciência para argumentar contra imbecilidades, procuro evitar aborrecimentos e fazer meu trabalho na surdina. Decidi encaminhar um documento à CIA com o pretexto de esclarecer algumas questões pertinentes à missão de Wallace Hoover. Procurei por um antigo colega que era professor de inglês e pedi que redigisse o texto. Eu mesmo me encarreguei de datilografar o ofício em papel timbrado e com todas as insígnias necessárias. Também fui responsável por falsificar a assinatura do delegado. A resposta chegou ontem pela manhã. Consegui interceptar o documento graças à ajuda da secretária da DP que me deve uns favores. Minhas suspeitas estavam corretas Daniel. Wallace B. Hoover havia sido desligado da Agência há mais de um ano. Não sei o que o motivava, mas por vezes me pareceu que ele nutria verdadeira obsessão pela família Pope. Talvez um dia você possa me contar o que realmente aconteceu aqui. Enfim, decidi deixá-lo pensar que eu não sabia de nada. Dar-lhe corda para se enforçar. Eu queria chegar ao fundo de toda a história, compreender porque aquele homem estava mentindo, porque havia voltado para cá depois de tanto tempo. E para descobrir tudo isso eu precisava deixar que agisse livremente. Então retive a informação obtida e me comportei como se não soubesse de sua verdadeira condição. Mas o agente desapareceu logo após localizarmos o cadáver de Erick Vander Pope e confrontarmos o pintor. Voltei à delegacia e não o

encontrei. Suspeitei então que ele estivesse à sua procura. Telefonei para casa de seu pai, mas ninguém atendeu. Na floricultura, Albertino me disse que você não aparecia há dois dias. Então resolvi arriscar e vir diretamente para cá.

— Nem sei como te agradecer inspetor.

— Eu só fiz o meu trabalho Daniel. Quando sua irmã desapareceu e eu não fui capaz de encontrá-la, prometi a mim mesmo que jamais falharia daquela forma novamente.

Callado suspirou e jogou longe o toco de cigarro. Ergueu-se e estendeu a mão para ajudar o rapaz a fazer o mesmo.

— Venha comigo. Vou levá-lo até seu pai. Você não está em condições de dirigir.

— Obrigado inspetor. Mas preciso fazer uma coisa primeiro.

Daniel enxugou os olhos com a manga da camisa e começou a caminhar para o interior do palacete. Ele precisava encontrar o relógio que Hoover deixara cair quando foi atingido por Alexander.

A bailarina faleceu quando os primeiros raios da alvorada invadiram o quarto onde se encontrava internada. Os vidros da janela refratavam uma claridade incandescente, desrespeitosa, que ousava banhar de brilho e cor as faces das testemunhas. À sua volta encontravam-se

UMA JANELA NO TEMPO

Edmund e Helena que foram liberados pelo inspetor Callado para irem até o hospital, uma enfermeira quarentona e o médico que cuidara de Juliana desde a sua chegada ao Brasil. Daniel e Cecília aguardavam no corredor. O rapaz mantinha-se estranhamente calmo e contido. Quando a enfermeira saiu do quarto e lhes comunicou o falecimento, Cecília apertou os olhos com força e segurou a respiração por um átimo. Mas Daniel não reagiu como ela esperava. Ele apenas assentiu com a cabeça e a encarou brevemente. Cecília o envolveu em um abraço forte e reconfortante, imaginando que sua aparente indiferença estivesse lhe custando um esforço sobre-humano. E Daniel realmente estava se esforçando para não deixar

que emoções conflitantes o desviassem de seu propósito, uma ideia fixa que se repetia mentalmente: voltar no tempo e evitar que sua avó presenteasse a irmã com a boneca de pano. Ele havia encontrado o relógio e o próximo passo era por em prática o plano que julgava perfeito.

O rapaz compreendera que o elo entre os acontecimentos pretéritos que culminaram no sumiço de Lucinda originavam-se na existência do brinquedo. Se a boneca não existisse, Lucinda não se embrenharia na floresta atrás do irmão. Se não houvesse brinquedo a ser procurado, sua irmã não o seguiria. Nada poderia ser mais simples do que evitar que a boneca caísse nas mãos da menina. Ele sabia exatamente quando deveria retornar. Lucinda ganhara a boneca no dia do seu aniversário de três anos. E era essa a ocasião em que o buraco no tempo deveria ser aberto. Ele estava lá. Não se recordava em detalhes da ocasião, mas estava lá, participando da experiência cuja vivência lhe permitiria concertar o rumo das coisas.

Alexander não chegou a ver a filha com vida. Não houve tempo. Ele chegara ao hospital desacordado e após exames minuciosos, constataram um ombro deslocado, duas costelas trincadas, múltiplas escoriações e uma lesão na cabeça. Mas ele sobreviveria.

— Você quer entrar? — perguntou-lhe ela.

— Não. É melhor que eu não a veja.

Cecília franziu o cenho em sinal de confusão.

— Por quê?

Daniel desviou o rosto para o lado e não respondeu. — Por que acha melhor não vê-la? — Pressentindo que o rapaz

estava maquinando algo, Cecília inquiriu-o novamente.

Daniel suspirou resignado, pois sabia que não adiantaria tentar omitir-lhe o que quer que fosse.

— Não posso deixar que nada me influencie agora. Preciso me concentrar.

— O que está planejando fazer?

— Eu vou voltar no tempo Cecília. Vou trazer ela de volta. —

Afirmou-lhe ele com o olhar vidrado no seu. Daniel não vacilara em suas palavras e ela sentiu que de nada adiantaria questioná-lo.

— Você sabe o que eu penso sobre isso. Não vou tentar te convencer do contrário, pois sei que está determinado. Vejo em seus olhos o quanto acredita que pode mesmo mudar o curso da vida. Mas você sabe que tenho muito medo.

— Não precisa ter medo.

— Tenho tanto medo de que você se machuque. — Cecília abraçou-o novamente e Daniel enterrou o rosto em seu pescoço inspirando um cheiro adocicado, uma mistura de pele e perfume. Desejou que aquele momento se prolongasse no tempo, mitigando tudo ao redor e anulando as dores da alma. Seu corpo estava exausto, mas a mente permanecia focada naquela que julgava ser uma miraculosa solução para todos os seus problemas. Daniel desvencilhou-se do abraço de Cecília com delicadeza e relutância.

— Talvez um dia você possa escrever esta história.

Cecília assentiu e apertou suas mãos. Depois, beijou-lhe os lábios sem pressa.

— Será o meu primeiro romance.

Daniel sorriu com ternura.

— Preciso ir agora.

— Não demore. E não faça nada que lhe custe mais do que pode suportar.

O rapaz afastou-se resoluto, buscando o rosto da jovem uma última vez antes que as portas do elevador se fechassem entre eles.

VII

Era possível entrever as copas das barracas a cada cruzamento transposto. Semanalmente, às sextas-feiras pela manhã, a Rua do Canário era completamente tomada por horticultores, granjeiros e consumidores que ali realizavam a mais antiga feira de Esplendor. Os primeiros feirantes despontavam ainda de madrugada, com suas carrocerias aboletadas de todo tipo de produto rural. Cheiros, cores e sabores misturavam-se e confundiam-se, formando uma miscelânea que desafiava os sentidos. O som das aves que cacarejavam e debatiam-se nas gaiolas, sem consciência do destino fatídico que as aguardava, misturava-se à verborragia visceral dos vendedores que cantavam a plenos pulmões o valor de seus cultivos.

Daniel concluía que o palacete dos Pope era o melhor lugar para abrir o buraco no tempo, pois fora lá o aniversário de três anos de sua irmã. Decidira então que iria caminhando, já que não estava muito longe. Ele gostava de caminhar e da distração que a movimentação urbana lhe proporcionava. Precisava desviar o pensamento da morte de Juliana e ignorar completamente o fato de que o pai estava encerrado em uma cama de hospital com fraturas múltiplas por todo o corpo. O rapaz serpentou por algumas barracas, desviando-se de investidas insistentes de feirantes que não economizavam argumentos na árdua missão de vender o próprio “peixe”. A tempestade que caíra sobre a cidade durante a madrugada deixara resquícios, mas o manto acobreado que agora se espalhava sobre os telhados encarregava-se de afogear o clima e petrificar as roupas nos varais.

O casarão dos Pope parecia menos cavernoso sob a luz diurna, mas ainda sim pouco convidativo. Tantos desencontros tiveram como testemunhas mudas paredes e móveis marcados pelo descaso e esquecimento. Múltiplos enredos que se atropelaram, entrelaçando-

se nas pernas de seus protagonistas como tentáculos de uma criatura submersa no lodo de seus próprios dejetos.

Daniel deteve-se por um instante em frente à fonte das três fadas. Ele jamais gostara daquela alegoria e não entendia o porquê de uma coisa tão feia ter sido colocada bem no meio do pátio. Certa vez, Lacrimosa lhe dissera que a fonte fora construída a pedido do patriarca da família, Hiram Vander Pope, que julgara ser a mansão o símbolo de uma suposta superioridade afirmada através de meios escusos e inescrupulosos corroborados pela fortuna acumulada. Daniel fechou os olhos e deixou que a brisa acariciasse seu rosto. Enterrou os dedos no cabelo e começou a caminhar. O interior da casa estava banhado por uma luminosidade morna. Olhou para a cadeira quebrada em um canto do rol e também para a mancha de sangue sobre o piso de mosaico que formava a figura de uma roda dos ventos em tons de cinza e azul. O silêncio que se propagava pelo ar advertia-o do que estava prestes a acontecer. Subiu os degraus da escada principal em silêncio, caminhando como se correntes de aço envolvessem suas canelas. Minutos depois, chegou ao quarto que ocupara na infância. Próximo à janela havia um colchão velho estirado sobre um estrado carcomido e na outra extremidade um armário antigo com as portas escancaradas e três cabides pendurados. Daniel retirou o relógio do bolso, abriu o compartimento interno e se certificou de que a cápsula com a substância radioativa estava devidamente instalada e pronta para uso. Em seguida, sincronizou os mecanismos de data e hora: 24/09/1945 – 17:30. Ele não se recordava da hora exata em que o parabéns havia sido cantado, mas lembrava-se de um fim de tarde iluminado, cheio de alegria e cor.

Deitou-se sobre o colchão envolto por camadas de pó e esperou que seu coração se aquietasse. Precisava se desvencilhar de qualquer pensamento que pudesse lhe causar distração. Ao longe o repique de uma goteira foi escolhido para lhe servir de âncora. Concentrou-se no barulho e enegreceu os olhos. Imagens disformes começaram a povoar sua mente. O rosto de sua mãe foi o primeiro a aparecer.

Depois, vieram Alexander e Lacrimosa. Carmélia sorriu para ele e seus olhos umede- ceram. O rapaz esticou os braços e sentiu o relógio pesar em seu pulso esquerdo. Sentiu o metal aquecer e os ponteiros começarem a girar. Estava acontecendo. O buraco iria se abrir a qualquer momento e ele precisava de serenidade, concentração e foco para que sua consciência fosse conduzida até o ponto no passado em que desejava regressar. Daniel sentiu um formigamento nos dedos das mãos e uma pressão nos tímpanos. Uma espiral de luz foi surgindo diante de si. Imagens turvas, desfocadas, borrões que se movimentavam lentamente e cuja forma ele não conseguia distinguir com clareza. Primeiro visualizou o jardim do palacete, cores vivas, intensas, e novamente formas desfocadas orbitando à sua frente. Não havia som. A luminosidade do crepúsculo banhava de dourado o gramado verde e bem cuidado. Aos poucos a atmosfera começou a se definir. Havia uma mesa retangular comprida, repleta de doces, e decorada com flores e laços coloridos. Balões e serpentinas foram espalhados pelo chão à sua volta. Ele passou a dis- tinguir claramente a forma dos objetos. Tentou mover um pequeno arranjo de flores que estava sobre a mesa, mas sem sucesso.

Não tenho muito tempo. Não tenho tempo. Concentre-se. Voltou-se para um pequeno urso de pelúcia colocado sobre a mesa de doces como enfeite. Concentrou-se e tentou pegá-lo. O urso começou a ser erguido lentamente. Daniel conseguiu jogá-lo ao chão.

Preciso encontrar a arca.

Recordara-se de que, durante as festas, sua mãe costumava guardar os presentes de aniversário em uma arca de madeira colocada no jardim. O rapaz virou-se para o lado e lá estava ela, abarrotada de mimos. A boneca de pano havia sido embrulhada em papel celofane e um laço imenso adornava o embrulho.

Concentre-se e pegue a boneca.

Aos poucos Daniel começou a distinguir sons à sua volta. Risadas, gritinhos, conversas paralelas e uma música ao fundo. Avistou

Lucinda a poucos metros. Estava rodeada de outras crianças. Usava um vestido vermelho e sapatos de verniz. Parecia uma boneca.

Não se distraia. Pegue a boneca.

Daniel apanhou o embrulho e arrastou-o sobre o gramado em direção a uma mureta coberta de sempre-viva. Ele precisava fazer um esforço sobrenatural para mover o objeto, mas conseguiu chegar ao destino pretendido depois de uns segundos. Sua intenção era cavar um buraco e enterrar a boneca. Mas ele não conseguiu mover o solo. A energia psíquica, sua consciência, estava se enfraquecendo rapidamente.

O tempo está se esgotando. O que eu vou fazer?

E foi então que avistou uma cisterna antiga, parcialmente encoberta por ervas daninhas. Daniel arrastou o brinquedo até lá. Seu tempo estava acabando e ficava cada vez mais difícil interferir na matéria. O ambiente à sua volta começava a se distorcer e os sons iam ficando cada vez mais distantes.

Estou voltando.

Ele ergueu a boneca até a beirada da cisterna.

Está acabando.

Daniel já podia visualizar o próprio corpo estirado sobre o colchão. Concentrou-se e impulsionou seu último movimento. Jogou a boneca no poço.

Os primeiros engulhos foram sentidos antes mesmo que ele abrisse os olhos. Daniel ergueu-se rapidamente e vomitou sobre a passadeira arraiolo estirada ao lado da cama. Pressionou as têmporas com a palma das mãos na tentativa de conter a enxaqueca que brotava acima das pálpebras. O quarto parecia afunilar-se e ele teve a impressão de que iria ser esmagado pelas paredes. Inspirou uma grande quantidade de ar e jogou a cabeça para trás, evitando outra golfada. Seu corpo tremia levemente e aos poucos se deu conta de onde estava. O colchão antigo não mais existia. Daniel encontrava-se sobre uma cama de solteiro, lençóis limpos e travesseiros cheirando a lavanda. O quarto estava mobiliado, paredes pintadas, cortinas limpas e parcialmente abertas. Halos de luz, vermelhos e violáceos, evidenciavam a poeira suspensa no ar.

Era fim de tarde e Daniel percebera que as coisas haviam mudado. Ele interferira no passado e agora um novo presente se descortinava à sua volta.

Ergueu-se lentamente e caminhou até a porta. A cabeça latejava e mil nós comprimiam seu estômago. Olhou para o pulso e constatou que o relógio havia desaparecido.

Onde está?

Deparou-se com o corredor vazio e silencioso. Daniel percorreu a passos lentos a galeria de quartos até o patamar do primeiro andar. Havia vida no palacete, movimento, cheiros e som. Subitamente ele ouviu uma voz atrás de si.

— Você dormiu a tarde inteira, querido. Achei que não fosse mais acordar hoje.

Lacrimosa o encarou com ternura.

Daniel titubeou abobalhado.

— O que... — Gaguejou um pouco antes de prosseguir — O que a senhora está fazendo aqui?

Lacrimosa franziu o cenho e encostou o dorso de umas das mãos sobre a testa do rapaz para sentir sua temperatura.

— Está com uma cara horrível. Está tudo bem?

Daniel umedeceu os lábios com a ponta da língua e segurou as mãos da senhora. Seus olhos estavam turvos de emoção.

— É tão bom te ver! — Abraçou-a com força, mas antes lhe beijou a face duas vezes.

Lacrimosa correspondeu ao abraço, sem, contudo, entender o porquê daquela demonstração de afeto. Afinal de contas, o rapaz a encontrava sempre em casa, todos os dias.

— Onde estão os outros? Minha mãe, onde está? — Inquiriu-lhe ansioso.

— Eles ainda não retornaram do hospital e é provável que sua mãe durma por lá. Você sabe que ela não aceita ajuda. Já tentei fazer-lhe companhia, revezar as noites de vigília, mas Carmélia acha que já estou muito velha.

— Hospital? O que estão fazendo lá? — Ele pressentiu que algo

estava errado.

— Querido, tem certeza de que está bem? Você está suando frio. Acho que está com febre.

Daniel a encarou com firmeza e refez a pergunta pausadamente.

— Lacrimosa — liberou uma lufada de ar e continuou — porque meus pais estão em um hospital? E onde está Lucinda?

A senhora meneou a cabeça negativamente, olhos aflitos e oscilantes a escutar Daniel dos pés à cabeça.

— Não é hora para brincadeira. Você bem sabe que sua irmã foi internada novamente.

O rapaz sentiu os joelhos vacilarem. Desvencilhando-se de Lacrimosa, Daniel começou a transpor os degraus da escada principal segurando-se no corrimão para não se desequilibrar. Seu corpo ainda estava fraco e marteladas retumbavam em sua cabeça. Antes de sair, virou-se e buscou a senhora uma última vez.

— Foi muito bom te ver assim tão bem Lacrimosa.

Mandou-lhe um beijo pelo ar e desapareceu porta a fora.

Carmélia estava jogada sobre uma poltrona baixa de assento profundo. Pernas dobradas, braços cruzados e a cabeça pendendo para o lado esquerdo. Olhos vazios, fixos em um ponto qualquer da parede azul clara. Ela não conseguia para de pensar no infortúnio de estar ali, ao lado do leito da filha caçula. Acerca de dois anos, quando a doença de Lucinda viera à tona, Carmélia agarrou-se com unhas e dentes à fé que julgava possuir. Não blasfemou contra Deus, contestando a desgraça que se abatera sobre sua família. Ao contrário, munuiu-se de todo otimismo e amor que possuía em seu coração para lidar com a situação da melhor maneira possível. Mas as internações de Lucinda foram ficando cada vez mais frequentes e prolongavam-se por semanas. Naquele dia, depois de presenciar a filha se contorcer e desfalecer em virtude de uma falta de ar, Carmélia percebeu que sua família estava se deteriorando. O médico lhe dissera que não havia mais nada a ser feito. Lucinda morreria nos próximos dias. Nunca antes na vida ela chorara tanto. Nem mesmo quando descobriu que sua filha estava com câncer. Mas

agora sua alma massacrada lhe avisava que era preciso se despedir de sua menininha.

Daniel entrou no quarto de supetão, assustando a mãe e a enfermeira que monitorava os aparelhos ligados à Lucinda. A irmã estava inconsciente e respirava com a ajuda de uma máquina. Ele mal acreditou quando seus olhos avistaram Carmélia. O coração parecia escalar a garganta.

— Isso é jeito de entrar aqui filho?!

O rapaz aproximou-se da mãe. Fez menção de tocar seu rosto, mas a corrente elétrica que percorreu sua espinha retesou-lhe o gesto. Carmélia o encarou, aturdida.

— Filho, está tudo bem?

Sem nada dizer, Daniel apertou-a contra o peito com sofreguidão, sem conseguir conter as lágrimas. Aquele encontro provocara-lhe uma sensação surreal, difícil de ser definida. A saudade que sentia da mãe viera à tona e ele não pretendia largá-la tão cedo. Apertou-a com mais força e chorou sem medo de parecer ridículo. Carmélia começou a chorar também, julgando que as lágrimas do filho fossem o resultado da carga de sofrimento que carregava nos últimos tempos. Lidar com a doença de Lucinda consistia em um desafio para todos eles. Choraram abraçados por alguns minutos que lhes pareceram infindáveis. Daniel sentiu as batidas de seu coração e o calor que emanava de sua pele. Ela estava mais magra do que se lembrava, ossuda e profundamente abatida.

Daniel suspirou e procurou seus pequenos olhos amendoados. Segurou seu rosto e o encarou com uma ternura nunca antes sentida. Ele queria guardá-la dentro do peito.

— Eu te amo meu filho. Nunca se esqueça disso. O rapaz beijou-lhe a palma das mãos.

— O que está acontecendo mãe? Porque Lucinda está aqui?
Carmélia enxugou o rosto e engoliu em seco para conter um

soluço.

— O médico esteve aqui hoje mais cedo. Disse-me que não há mais nada a ser feito. Ao que parece, o câncer está ganhando a guerra meu filho.

Um bip irritante chamou sua atenção. Daniel aproximou-se da maca e escrutou a vítima terminal de uma doença devastadora. Na última vez que a vira, em uma realidade ainda não alterada, Lucinda respondia pelo nome de Juliana e se encontrava naquele mesmo hos-

pital, sobrevivendo aos momentos finais de uma vida que lhe cobrara

a conta de erros alheios. Ele tocou sua mão e cerrou os lábios, tentando conter o choro. Uma explosão de questionamentos afogueava

sua mente mergulhada no caos.

A doença sempre vai existir. Não importa o que eu faça. Lá fora o dia transformara-se em noite e as primeiras estrelas começavam a salpicar o céu, como miçangas prateadas em cetim de seda pura.

VIII

Daniel chegou à casa de Cecília por volta das sete horas da noite. O tempo estava parado e úmido. Não havia brisa a acariciar sua pele, eriçando os pelos do braço. Ainda sim um calafrio o arrebatou quando o mesmo tocou a campainha. Do lado de dentro percebia-se uma luz amarelada e um ruído que ele julgou ser da televisão. Daniel deixara o hospital completamente desnorteado e a única pessoa com quem poderia conversar a respeito do que estava acontecendo era Cecília. Precisava contar a ela que conseguira mudar o curso das coisas, que sua mãe estava viva e que apesar de todo o esforço para evitar o acidente da irmã ainda na infância, Lucinda não escaparia da doença.

— Quem é? — Perguntou-lhe uma voz feminina.

— Senhora Vieira? É Daniel Pope. — Respondeu o rapaz julgando que se tratava da avó de Cecília.

A porta se abriu segundos depois e uma senhora de cabelos completamente brancos o encarou com olhos inquisitivos.

— Posso lhe ajudar rapaz?

Daniel sorriu.

— A senhora não está me reconhecendo?

A avó de Cecília franziu a testa vincada.

— Já nos conhecemos?

— Senhora Vieira, sou eu, Daniel Pope.

— Desculpe, mas acho que não o conheço. A cabeça já não está me fazendo favores e pode ser que eu tenha me esquecido de você.

— Tudo bem. Estou procurando Cecília. Ela está?

A senhora o encarou assustada.

— Está procurando minha neta? Você a conheceu?

Daniel balançou a cabeça em sinal de concordância.

— Sim. — Respondeu simplesmente, estranhando o rumo que aquela conversa estava tomando.

— Venha. — A senhora fez um gesto para que entrasse. Ela o conduziu até a sala de estar abarrotada de móveis e adornos, dentre os quais um conjunto de sofá de veludo vermelho, uma mesa de centro repleta de revistas e moldes para crochê e uma estante de madeira escura onde fora colocada a televisão. Bibelôs espalhados pelo cômodo ajudavam a contar história daquela família.

— Sente aqui rapaz. — Indicou-lhe uma poltrona de tecido cujo espaldar fora adornado por um caminho de crochê. — Diga-me, você também estudou no grupo escolar Mãe Maria? Foi lá que conheceu Cecília, não foi? Tenho tanta saudade daquela época.

— Não senhora. Eu... — Daniel não sabia o que responder — Eu não a conheci no colégio.

— Onde então? Ah, já sei, vocês fizeram aulas de natação juntos no clube recreativo, certo? Meu marido, que Deus o tenha, costumava levá-la até lá três vezes por semana. Cecília adorava nadar, ainda que sentisse muito frio.

Daniel começou a se dar conta de que aquela nova realidade havia modificado também a vida da família Vieira.

— Senhora Vieira, onde está Cecília? Preciso muito falar com ela. A mulher levou as mãos à boca em um gesto de alarme.

— Você não soube rapaz?

— Saber o que? O que aconteceu?

— Imaginei que todos soubessem. Saiu até no jornal.

— Senhora Vieira, o que saiu no jornal?

A mulher ergueu-se do sofá e caminhou até a estante onde se encontrava a televisão. Abriu uma gaveta e retirou o que lhe pareceu um álbum de fotografia. Sentou-se novamente no sofá de dois lugares e pediu a Daniel que se acomodasse ao seu lado. Abriu o álbum e retirou um recorte de jornal envelhecido. Desdobrou-o com as mãos trêmulas e o repassou ao rapaz. A manchete dizia: Menina de onze anos morre depois de ser atropelada em bairro aparentemente tran- quilo de nossa cidade.

Um repique cardíaco cegou sua visão.

— Você está bem rapaz?

Daniel não respondeu. Apenas inspirou uma grande quantidade de ar e esperou que seus olhos se desanuviassem.

— Cecília está... — Ele não conseguia pronunciar a palavra — Ela está...

— Sim. Minha menina faleceu aos onze anos, vítima de uma imprudência. Este homem — a senhora apontou para foto estampada no jornal logo abaixo do relato — este homem atropelou minha querida. Ela estava brincando no quintal com uma amiguinha e deixou a bola escapar. Foi correndo para rua apanhar o brinquedo e não se deu conta da aproximação do automóvel.

— E quando foi isso? — Perguntou-lhe Daniel quase sussurrando.

— Foi no verão de 1946. Dia nove de fevereiro. Era uma tarde de sábado.

Outro repique no coração. Dessa vez mais forte.

Daniel olhou para o rosto do homem que a atropelara e teve a impressão de que já o conhecia.

— Este homem não me é estranho.

— Ele se chama Januário Lima. Sabe rapaz, demorei muito tempo para aceitar que não foi culpa dele. Eu não presenciei o acidente, mas testemunhas disseram que Cecília surgiu correndo na frente do carro. O coitado ficou desnorteado e nunca se perdoou pelo o que aconteceu.

A senhora Vieira suspirou com saudosismo e folheou o álbum.

— Veja só este rostinho. — Indicou uma foto da menina sorrindo, cabelos ao vento e aqueles grandes olhos verdes a fitá-lo com inocência.

— Ele costuma deixar flores em seu túmulo.

— O homem que a atropelou?

— Isso mesmo. Ele trabalha como porteiro do cemitério da planície. É lá que ela está.

O som de uma vinheta anunciou o início da tele-novela. A senhora fechou o álbum e o devolveu à gaveta.

Daniel levantou-se e pigarreou. Precisava sair daquela casa o quanto antes, pois sabia que não conseguiria conter por muito mais tempo o grito de desespero que pressionava sua garganta.

— Obrigado por me receber.

— Volte quando quiser rapaz. É muito bom conhecer os amigos de infância da minha menina.

Quando a porta se fechou atrás de si, Daniel olhou a esmo para rua sem saber para onde ir. A realidade vivenciada nada mais era do que o resultado de uma intervenção no passado de sua família, fazendo com que a vida de todos ao seu redor se modificasse para sempre. *Eu não compreendo.* — Saiu vagando pelas ruas da cidade, perdido em pensamentos, imagens repetitivas que lhe atormentavam de forma impiedosa. O rosto de Cecília naquela foto. O rosto da jovem que conhecera na fase adulta. A mulher que amava e que não mais existia.

O que foi que mudou? Porque ela morreu?— Decidiu então ir até o cemitério e confrontar o túmulo na tentativa de compreender em que ponto sua intromissão no passado acarretara a morte de Cecília. Januário Lima recebeu-o logo na entrada. Localizado no bairro Santa Helena, o cemitério da planície fora fundado no início do século XX. Seu verdadeiro nome era São Sebastião, mas todos o chamavam de cemitério da planície por conta de sua localização. Ao avistar um rapaz se aproximando lentamente àquela hora da noite, o porteiro esfregou os olhos para afastar o sono, suspeitando tratar-se de uma alma penada. Os anos de lugubridade passados entre caminhos estreitos margeados de lápides e flores murchas fizeram dele um homem de muitas superstições. Ele nunca se perdoou pelo atropelamento da menina. Na época do acidente, o mesmo já trabalhava no cemitério e acompanhou de perto o sepultamento da criança.

Daniel estava visivelmente cansado, em virtude da extensa caminhada empreendida entre a casa de Cecília e o cemitério da planície.

— O que quer aqui há essa hora? — Perguntou-lhe o homem.

— Januário Lima?

— Sim. Mas quem quer saber?

— Meu nome é Daniel Pope e estou aqui para visitar um túmulo. O porteiro sorriu com sarcasmo.

— Impossível rapaz. O horário de visitação já acabou faz tempo. — Respondeu Januário secamente, e já ia fechando a portinhola incrustada no portão de ferro batido quando o rapaz o surpreendeu.

— Preciso ver o túmulo de Cecília Vieira.

— O que foi que disse garoto?

— Cecília Vieira. O senhor sabe quem é.

Os olhos de Januário, esbugalhados e vermelhos, saltaram através do vão da portinhola. Segundos depois destrancou o cadeado e puxou a pesada corrente que pendia de uma alça metálica anexa ao portão. Destravou a engrenagem manual e abriu uma pequena fresta, apenas o suficiente para que o rapaz entrasse.

— Por favor, não me peça explicações. Preciso ver o túmulo de Cecília Vieira, mas ficaria muito agradecido se me arrumasse um copo d'água.

Januário o esquadrinhou dos pés à cabeça, recebendo o mesmo tipo de olhar. Estava usando uma espécie de boina, mas percebia-se a calvície pela falta de costeletas. Trajava um casaco marrom-escuro que o ajudava a esconder a barriga saliente. Costas um pouco encurvadas, dedos grossos e curtos. Um grande nariz com a ponta arredondada. Lábios finos e trincados. Um homem sofrido. O porteiro não disse uma palavra. Afastou-se por um breve instante e ao retornar trouxe consigo uma caneca de latão cheia de água fresca.

— Tome.

Daniel agradeceu e bebeu tudo em dois grandes goles.

— Venha. Vou levar você até o túmulo da menina Cecília. — O porteiro direcionou o feixe da lanterna diretamente no rosto de Daniel.

Caminharam em silêncio, percorrendo vielas de calçamento lodoso e trançando por entre lápides rasteiras e mausoléus ricamente marmorizados. A lápide de Cecília era discreta e muito bem cuidada. No breu noturno Daniel não conseguiu visualizar detalhes, mas percebeu um vaso de flores frescas colocado sobre a pedra de mármore negro. O rapaz agachou-se e tocou a pedra fria. Januário permaneceu em pé empunhando a lanterna.

— Você é da família? — Perguntou-lhe o porteiro.

— Não sei explicar o que sou, ou o que fui. — Daniel fechou os olhos e percorreu a lápide com a ponta dos dedos, trêmulas e vacilantes. Não entendia o que havia dado errado. Ele havia anulado a existência da boneca de pano, mas acidentalmente anulara também

o futuro de Cecília.

— Sei quem você é, e também o que fez. — Afirmou o rapaz depois de um tempo.

Januário iluminou o rosto de Daniel.

— Você sabe?

— A avó de Cecília me contou. Acho até que já lhe conheço antes, mas não consigo me lembrar de onde.

— A morte dessa menina acabou comigo. Nunca mais fui o mesmo. Não consegui superar.

— A senhora me disse que você não teve culpa.

Januário não respondeu. Se Daniel pudesse ver, teria percebido que lágrimas rolaram de seus pequenos olhos incrustados naquele rosto redondo.

— Era uma tarde de verão. Eu estava voltando do mercado por um caminho costumeiro. A menina surgiu do nada e pulou na frente do carro.

O comentário do porteiro provocou em Daniel um estalo mental que o fez se lembrar de onde o conhecia.

“Foi no verão de 1946. Dia nove de fevereiro. Era uma tarde de sábado.”

O rapaz levou as mãos à cabeça e encarou Januário completamente aturdido.

— É você! Você é o homem que encontrou a boneca.

— Do que está falando rapaz? Que boneca?

— Nove de fevereiro de 1946. É o dia em que minha irmã desapareceu. O dia em que esqueceu a boneca no mercado. Um homem a encontrou e foi até nossa casa devolver. Você é esse homem. É você! Deus do céu! Agora eu entendo...

Daniel gesticulava com um misto de euforia e atordoamento.

— Não sei do que está falando.

— Me diz uma coisa... — Aproximou-se do porteiro e segurou seus braços — Quando aconteceu o atropelamento?

— Você quer saber o horário?

— Sim! Isso mesmo.

— Não me lembro ao certo, mas foi durante a tarde.

— Então é isso. Ao anular a existência da boneca, eu acabei inter-

ferindo no curso de acontecimentos diretamente ligados ao brinquedo. Você não deveria estar passando em frente à casa de Cecília naquele momento. Você deveria estar a caminho da minha casa para entregar a boneca que minha irmã esqueceu no mercado. Tudo está se encaixando. A vida de Cecília depende da existência da boneca. — O rapaz se afastou de Januário e encarou a lápide. — E o mais irônico disso tudo é que independente do que eu venha a fazer, o destino se encarregará de conduzir a história com o mesmo fatalismo de todos os possíveis caminhos a serem seguidos. Minha irmã sempre estará doente, em qualquer realidade.

Daniel saiu correndo por entre os túmulos, sem esperar que o porteiro o acompanhasse.

A lucidez que clarifica a obscuridade de sepulcros mentais explodiu em fochos de elucidação, dominando-o com voracidade. Os buracos no tempo que abrisse em outra vida deixaram de existir no momento em que mudou o curso dos acontecimentos. Se ele permitisse que aquela realidade se sobrepusesse sobre as demais, Lucinda Maria Pope jamais se transformaria em Juliana B. Shume, mas ainda assim ficaria doente aos doze anos de idade. Ainda teria câncer e sua morte ainda aconteceria. Ela seria encerrada em uma cama de hospital e morreria sob os olhos incrédulos e revoltosos de sua família. Muitos ainda fulguraram em sua mente naquele momento de inevitável reflexão. O rapaz olhou uma última vez para o retrato de sua mãe colocado sobre o piano e percebeu que sua decisão estava tomada. Momentos antes, Daniel compreendera o que deveria fazer e saiu correndo do cemitério rumo ao Largo das Mansões para procurar o relógio. Havia cinco cápsulas intactas. Afinal de contas, na realidade em que se encontrava agora ele não as havia utilizado. Cinco viagens no tempo. Cinco novas oportunidades de recomeço.

Cecília Vieira não poderia existir apenas em suas lembranças de uma vida paralela, modificada pela ânsia de controlar o que não pode ser controlado. E mesmo sabendo que o futuro do amor que sentiam um pelo outro era tão incerto quanto qualquer tipo de escolha, Daniel resolveu arriscar. Afinal, ele não podia imaginar um mundo em que Cecília não existisse.



Carmélia Pope pensou ter ouvido um ruído abafado, de pés descalços contra os degraus de carvalho da escada que conduzia ao segundo andar do palacete de sua família. Abandonando os preparativos para o jantar, a mulher se esgueirou silenciosamente por um corredor adjacente ao rol de entrada e que, àquela hora da

noite, costumava ser iluminado por um pequeno abajur, cuja cúpula trabalhada em porcelana pintada peneirava uma luz bruxuleante, projetando sombras disformes na parede oposta. Deteve-se por um instante a alguns passos do umbral da sala de estar para observar a cena que se desmanchava em gestos contidos entre dois homens sentados à beira da lareira crepitante. Halos de luz azulada peneirados pelos vitrais coloridos da abóbada que se erguia soberana no centro do teto, ajudavam a compor a atmosfera enigmática. Envolvido pelo sentimento de ansiedade que caminha junto à incerteza, seu marido conversava com uma visita inesperada e de origem nebulosa, que chegara há não mais que duas horas e cuja fragilidade da presença, potencializada pelos trajes puídos e pela carga de sentimentos reprimidos que carregava nos ombros como dois grandes sacos de cimento, transmitiram a ela um desejo de acalento desde o primeiro instante em que o vira. Carmélia certificou-se de que não havia ninguém se aventurando nos degraus da escada. Mas seus instintos maternos a fizeram subir até o quarto de seus filhos para verificar se os mesmos estavam exatamente como os havia deixado: dormindo placidamente em suas camas quentinhas. Em um olhar de relance, pensou ter visto facho de luz escapando por debaixo da porta do quarto de seu primogênito, um garotinho que atendia pelo nome de Daniel, mas que não gostava de ser chamado de garoto e de nenhum outro adjetivo pronunciado no diminutivo. De repente um barulho vindo da ponta esquerda do corredor pescou-lhe a atenção e ela se voltou para o quarto da filha. Carmélia encontrou Lulu encolhida no meio da cama abraçando as pernas, juntamente com a boneca de pano que não lhe negava companhia. Um chorinho sentido turvava-lhe a visão.

— O que houve pequenininha?

A menina ofereceu-lhe um bico gigantesco, e se não fosse pela previsibilidade de seus gestos minuciosamente conhecidos pela mãe, poderia ter alarmado seriamente qualquer outro que viesse ao seu encontro. Carmélia aninhou a filha no colo e lhe perguntou novamente o que havia acontecido. Lulu resmungou algo ininteligível enquanto esfregava os olhos com o punho fechado. Carmélia beijou-lhe a testa e afagou os cabelos escuros que ficavam ainda mais

negros em contraste com a pele alva. Subitamente, a menina se desvencilhou dos braços da mãe, desceu da cama e apontou para o minúsculo aquário colocado em uma mesinha na outra extremidade do quarto. Só então Carmélia percebeu que o peixinho da filha, conhecido como Solitário, havia morrido. A mulher aproximou-se do aquário e suspirou resignada.

— Ele morreu? Morreu mesmo mamãe? Não vai mais nadar? Não vai mais comer?

Carmélia tomou a filha nos braços e ambas sentaram-se novamente na cama.

— Pequeninha, os peixes tem uma vida curtinha. Deus quis assim.

— Ao terminar a frase, Carmélia se arrependeu de colocar Deus no meio da conversa, pois sabia que Lulu não hesitaria em lhe fazer perguntas enredadas, que muitas vezes lhe exigiam retrospectos mentais à procura de boas respostas.

— Deus quis que os peixes vivessem pouco? Porque alguns animais vivem menos que outros?

Lulu havia parado de chorar, e seus pequenos olhos de jabuti-caba fitaram a mãe, bem abertos e receptivos à explicação desejada. Carmélia suspirou mais uma vez enquanto tentava resgatar alguma coisa das aulas de catecismo que tivera na adolescência. Lembrou-se rapidamente dos vestidos rodados que usava na missa de domingo e de como os garotos da paróquia adoravam brincar de bolinhas de gude bem perto de onde as moças se reuniam para conversar, a fim de que a inocente brincadeira de criança servisse de subterfúgio para investidas de ordem hormonal. O conteúdo que se escondia por debaixo das saias das mulheres era tema de indubitável interesse entre os exemplares do sexo masculino ainda em fase de formação.

— Deus tem um plano para todos os seres. Cada um de nós vem ao mundo com um objetivo. E quando acabamos de fazer o que nos foi determinado, Deus nos chama de volta. Para ficar ao seu lado.

— Deus não gosta de ficar sozinho.

— Não querida. Ele não gosta. Por isso é que se cerca de anjos de todos os tipos, formas e cores.

A pequenina franziu a testa em sinal de confusão.

— Solitário virou anjo?

— Isso só você pode me dizer. — Carmélia desistira de ressuscitar os ensinamentos religiosos de renomada cátedra, pronunciados pausadamente por um clérigo mumificado que insistia em começar seu discurso dominical com uma cacofonia de pigarros arrancados das profundezas de suas entranhas. Preferiu recorrer à intuição, que no seu caso, caminhava junto à fé.

— Solitário foi um bom amigo para você?

LORENA DE MACEDO

— Sim, mamãe. O melhor de todos os peixes. — Lulu abriu os braços e desenhou um arco no ar, pronunciando a frase com vagareza.

— Então agora Solitário virou um anjinho e está ao lado do Pai. E é assim que os anjos nascem, pequenininha. Se você se comportar bem em vida, se amar sua família e não fizer mal a ninguém, quando morrer Deus irá ao seu encontro e vai transformá-la em um lindo anjo de asas bem compridas e brilhantes.

Lulu ponderou por alguns segundos e depois soltou uma gargalhada sapeca.

— Um peixe de asas deve ser engraçado.

A mulher fitou aquele rostinho arredondado, enternecida pela doçura de seu comentário, e por um átimo enxergou a si mesma através daquele sorriso de janela.

— Muito engraçado, querida. Muito engraçado.

A escritora o encarou com apreensão. Era impossível disfarçar a ansiedade.

— E então, o que achou?

Daniel correu os olhos mais uma vez pelas páginas amassadas e cheias de anotações.

— É assim que pretende começar o livro?

— Sim. Esse vai ser o começo da história.

— Está perfeito.

Cecília largou-se em uma poltrona e retrucou com descrença.

— Não existe perfeição Daniel. Acho que você não gostou.

O rapaz ajoelhou-se à sua frente e ainda segurando as páginas iniciais do romance, tomou-lhe a face e beijou-lhe com paixão.

— Ninguém melhor do que você para escrever a história da minha família.

— Ainda que eu não acredite nesse negócio de viagem no tempo?

Daniel sorriu e concordou. Ele decidira jamais contar-lhe que em algum momento, no tempo e espaço de suas vidas e ainda que por apenas algumas horas, Cecília não passara dos onze anos de idade. Não era prudente revelar-lhe que ele conhecera um mundo onde ela não existia. Um mundo no qual Cecília Vieira não chegaria a se tornar a mulher que agora estava diante dele, linda, radiante, cheia de sonhos e promessas de futuro.

Cecília jogou-se contra ele, abraçando-o com força. Daniel se desequilibrou e ambos acabaram sobre o tapete. Beijaram-se por longos minutos, entremeando sorrisos.

— Já escolheu o título? — Perguntou-lhe ele ainda no chão.

— Estou aceitando sugestões.

Daniel suspirou profundamente e uma ideia lhe veio à cabeça.

Resolveu então arriscar um palpite.

— Uma janela no tempo. O que acha?

Cecília franziu o nariz em sinal de desaprovação. Ambos sabiam que ela não se convenceria tão fácil. Mas haveria tempo para que juntos escolhessem um título. Tempo para que novos caminhos, traçados sob o escopo das escolhas já feitas, os conduzissem ao futuro que hoje lhes parecia tão frágil e inimaginável. Tempo para que novos buracos fossem criados e janelas escancaradas para um horizonte que nem mesmo a máquina do tempo seria capaz de desvelar.

Para conhecer o catálogo e mais sobre a editora acesse:

www.editoraliterata.com.br

[www.facebook.com/ editorialiterata](https://www.facebook.com/editoraliterata)

www.twitter.com/literataeditora

editoraliterata@gmail.com